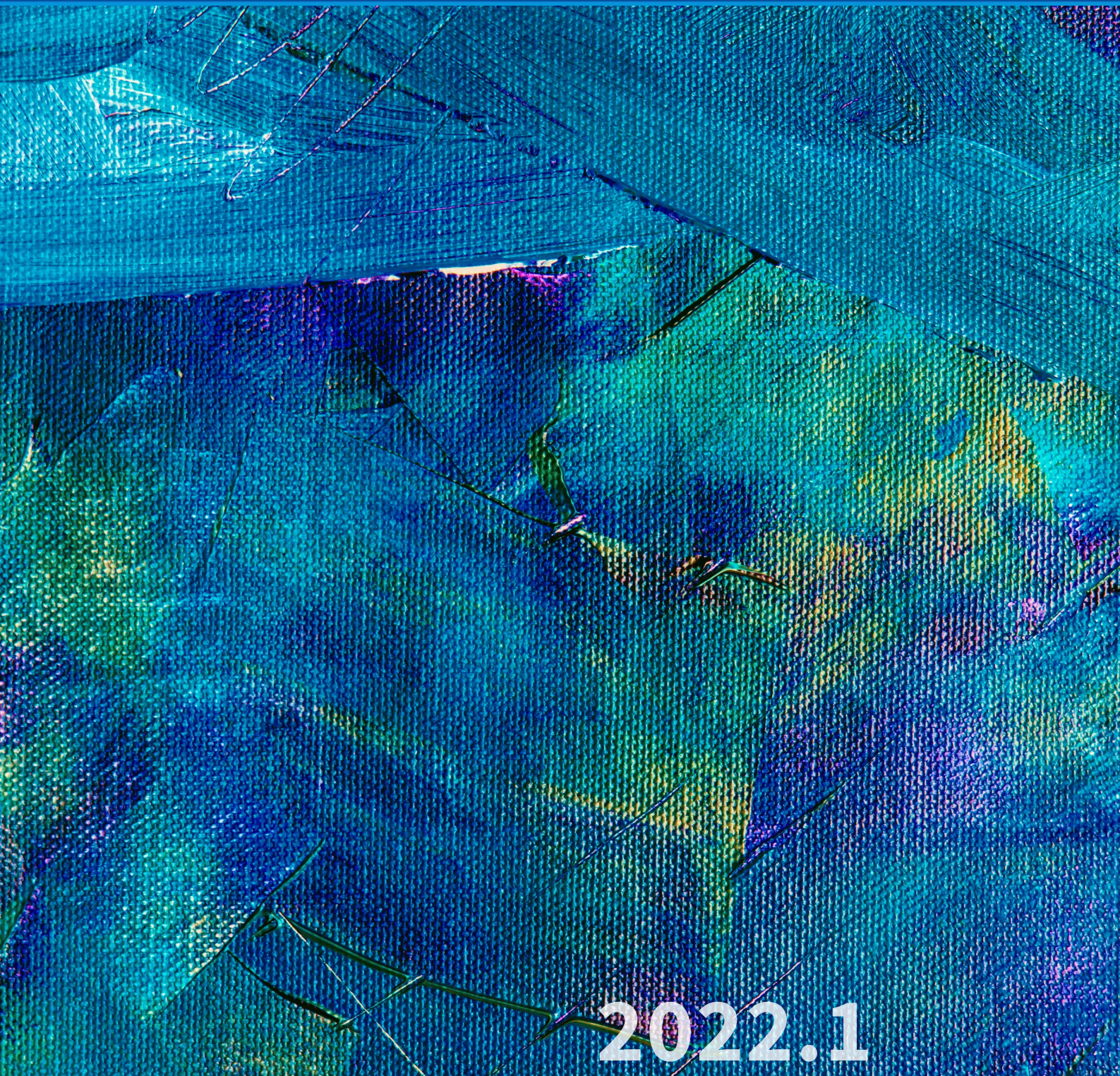


E&S

Revista Extensão & Sociedade da UFRN

VOL. 13 nº 01 | ANO 2022.1 | ISSN 2178-6054



2022.1

PROEX
Pró-reitoria de Extensão

UFRN



Revista de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

José Danel Diniz Melo

Reitor

Henio Ferreira de Miranda

Vice-Reitor

Graco Aurélio Camara de Melo Viana

Pró-Reitor de Extensão

Edvaldo Vasconcelos de Carvalho Filho

Pró-Reitor Adjunto de Extensão

Equipe Editorial

Nereida Soares Martins

Editora Gerente

Sara Priscila Revoredo de Paula Mota

Editoras

Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador

Helton Rubiano de Macedo

Editores de Seção

Celso Donizete Locatel

Editor Convidado

Afra Gabriela da Silva

Juliana Bulhões Alberto Dantas

Pâmela Catarina Ribeiro Silva

Revisão Textual

**Projeto Gráfico
Diagramação**

Pâmela Catarina Ribeiro Silva

Conselho Científico

Alessandro Augusto de Barros Façanha
Ana Manhani Cáceres Assenço
Arthur Breno Stürmer
Balduino Guedes Fernandes da Cunha
Danielle de Góis Santos
Dany Geraldo Kramer Cavalcante e Silva
Désio Ramirez da Rocha Silva
Diana Lemes Ferreira
Edna Martins
Elaine dos Reis Soeira
Fabian Arley Posada Balvin
Flávia Roldan Viana
Francisca Geny Lustosa
Guilherme Bemerguy Chêne Neto
Henrique Rodrigues Marcelino
Janaynna Ferraz
Jeferson Antunes
Jonaldo André da Costa
José Massao Miasato
Kisna Alves
Kleber Cavalcante de Sousa
Márcio Blanco Chávez
Maria Maroni Lopes
Maria Stella Galvão Santos
Maria Thereza Micussi
Melissa Medeiros Braz
Miriam Della Posta de Azevedo
Mônica Marques Carvalho Gallotti
Pedro José Santos Carneiro Cruz
Pétala Tuani Candido de Oliveira Salvador
Rafael de Araújo e Viana Leite
Ramofly Ramofly Bicalho
Ricardo Diego Rimenez Gurgel da Fonsêca
Rita Helena do Espírito Santo Borret
Rita Louzada
Rodrigo dos Santos Diniz
Rosana Rosana Amora Ascari
Theresa Christina Barbosa de Medeiros
Thiago Emmanuel Araújo Severo
Thiago Lustosa Jucá

S U M Á R I O

02 EDITORIAL

07 SESSÃO DE ARTIGOS

08 REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM GESTÃO E NEGÓCIOS POR MEIO DO PROJETO OXIGÊNIO

25 CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA FRENTE AOS MARCOS LEGAIS

46 RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS: O DESAFIO DO LETRAMENTO LITERÁRIO EXTRAESCOLAR

64 DESENVOLVIMENTO PARTICIPATIVO DE SISTEMA AGROFLORESTAL

77 PROJETO EDIHUM: TEORIAS E PRÁTICAS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19

96 RELATOS DE EXPERIÊNCIA

- 97** ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE E TRANSEXUALIDADE: A ATUAÇÃO DE UM PROFISSIONAL DO NASF FRENTE A UMA DEMANDA DE SAÚDE MENTAL
- 115** LITERATURA EM DIÁLOGO COM OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS): RELATO DE EXPERIÊNCIA
- 129** QUALIPSI - CURSO PREPARATÓRIO PARA O MESTRADO EM PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
- 142** EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E AUDIOVISUAL: OFICINA DE MÍDIAS DIGITAIS
- 156** EDUCAÇÃO SEXUAL DE JOVENS NA PANDEMIA COVID-19: REDE SOCIAL INSTAGRAM NAS AÇÕES EXTENSIONISTAS
- 169** SUPORTE BÁSICO DE VIDA PARA LEIGOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
- 178** USO DA GAMIFICAÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE AGRAVOS EM SAÚDE PÚBLICA COM ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
- 193** AS FERRAMENTAS DIGITAIS APLICADAS AO PROGRAMA DE EXTENSÃO “APROXIME-SE” DO CAED/UFMG - EDIÇÃO 2021: RELATO DE EXPERIÊNCIA
- 207** SEMANA DE DOAÇÃO DE LEITE HUMANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EVENTO DE EXTENSÃO NO FORMATO REMOTO
- 222** QUALIFICAÇÃO PARA O CUIDADO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM RELATO DE CURSO REMOTO DE EXTENSÃO
- 235** PROJETO DE HUMANIZAÇÃO EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE DISCENTES DE GESTÃO HOSPITALAR

EDITORIAL

A edição de 2022.1 contempla os leitores com 5 artigos e 11 relatos de experiências, trazendo ao conhecimento público reflexões valiosas e exemplos de práticas exitosas de extensão desenvolvidas em 13 diferentes Instituições, nas áreas de Educação, Meio Ambiente, Saúde e Tecnologia e Produção.

A Revista “Extensão & Sociedade” mais uma vez oportuniza a divulgação da extensão universitária num contexto importante, de ampliação revigorada de ações e pautas temáticas atuais, em virtude da inserção curricular extensionista nas Instituições de Ensino Superior brasileiras. Desejamos uma boa leitura!

Nereida Soares Martins
Editora-chefe

ARTIGOS



REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM GESTÃO E NEGÓCIOS POR MEIO DO PROJETO OXIGÊNIO

REVITALIZATION OF THE STUDY CENTER IN MANAGEMENT AND BUSINESS THROUGH THE OXIGÊNIO PROJECT

REVITALIZACIÓN DEL CENTRO DE ESTUDIOS EN GESTIÓN Y NEGOCIOS A TRAVÉS DEL PROYECTO OXÍGENO

ALYSSON ANDRÉ RÉGIS OLIVEIRA¹, ALLISSON SILVA DOS SANTOS², ALINE ARAÚJO FEITOSA DE OLIVEIRA³, GEIZYELLEN OLIVEIRA DOMINGOS⁴

RESUMO

Desde sua constituição, em 2017, o Núcleo de Estudos em Gestão e Negócios (NEGN) passa por uma rotatividade de atores, principalmente de estudantes. Este trabalho teve por objetivo apresentar o processo de fortalecimento da identidade do NEGN da Rede Rizoma, do Instituto Federal da Paraíba. O plano metodológico foi dividido em cinco etapas, sendo elas: (a) levantamento e atualização dos integrantes do Núcleo; (b) reunião de apresentação do núcleo para os novos integrantes; (c) atuação junto à comunidade local; (d) planejamento do NEGN e (e) atuação de algumas frentes de trabalho nas vertentes das práticas extensionistas. Foi perceptível uma mudança nos eixos da vida profissional e acadêmica dos seus participantes, trazendo a prática do curso de Administração para a realidade deles.

Palavras-chave: núcleo de estudos; gestão e negócios; revitalização.

ABSTRACT

Since its establishment in 2017, the Núcleo de Estudos em Gestão e Negócios (NEGN) has undergone a rotation of actors, mainly students. This work aimed to present the process of strengthening the identity of the NEGN of the Rede Rizoma, from the Instituto Federal da Paraíba. The methodological plan was divided into five stages, namely: (a) survey and update of the Core's members; (b) meeting to introduce the nucleus for the new members; (c) working with the local community; (d) planning of the NEGN and (e) performance of some work fronts in the areas of extension practices. A change in the axes of the professional and academic life of its participants was noticeable, bringing the practice of the Administration course to their reality.

Keywords: study center; management and business; revitalization.

¹ Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² Mestrando em Administração com ênfase em Finanças e Métodos Quantitativos pelo Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA da UFPB.

³ Bacharelanda em Administração pelo IFPB. Atuante em projetos de extensão pelo Núcleo de Estudos em Gestão e Negócios (NEGN).

⁴ Bacharelanda em Administração pelo IFPB. Atuante em projetos de extensão pelo Núcleo de Estudos em Gestão e Negócios (NEGN).

RESUMEN

Desde su creación en 2017, el Núcleo de Estudos em Gestão e Negócios (NEGN) ha experimentado una rotación de actores, principalmente estudiantes. Este trabajo tuvo como objetivo presentar el proceso de fortalecimiento de la identidad de la NEGN de la Rede Rizoma, del Instituto Federal da Paraíba. El plan metodológico se dividió en cinco etapas, a saber: (a) relevamiento y actualización de los integrantes del Núcleo; (b) reunión para presentar el núcleo de los nuevos miembros; (c) trabajar con la comunidad local; (d) planificación del NEGN y (e) ejecución de algunos frentes de trabajo en las áreas de prácticas de extensión. Se notó un cambio en los ejes de la vida profesional y académica de sus participantes, trayendo a su realidad la práctica de la carrera de Administración.

Palabras clave: núcleo de estudios; administración y negocios; revitalización.

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Estudos em Gestão e Negócios (NEGN) da Rede Rizoma, vinculado ao Instituto Federal da Paraíba (IFPB) - Campus João Pessoa, preza, em sua essencialidade, pela indissociabilidade da tríade ensino-pesquisa-extensão. Essa tríade possibilita aos atores envolvidos novas formas pedagógicas de reprodução, produção e socialização de conhecimentos. Com as atividades propostas pelo NEGN, é possível construir um cenário pautado no fomento de uma prática interdisciplinar em gestão e negócios.

A indissociabilidade da tríade ensino-pesquisa-extensão é reiterada nos princípios da extensão universitária, a saber: interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, impacto na formação do estudante e impacto e transformação social. Cada um dos elementos da tríade possui estruturas, normas e práticas próprias, que podem estar associadas entre si (GONÇALVES, 2015). Nesse sentido, por meio das ações do NEGN, além de promover benefícios à comunidade, reduzindo a distância entre a universidade e a comunidade, o núcleo insere a vivência de atitudes cidadãs na formação profissional de seus integrantes, cujos saberes tornam-se significativos à medida que contribuem para a superação das desigualdades sociais.

Com o intuito de contribuir com a citada tríade, estudantes e docentes uniram-se para criar o NEGN. A partir de então, projetos de relevância social, acadêmica e pessoal têm sido incorporados na rotina dos integrantes do núcleo e de seus parceiros sociais. Os projetos de extensão possuem maior representatividade do total de projetos executados pelo NEGN e estão ligados principalmente a ambientes pertencentes à economia solidária.

Desde sua constituição, em 2017, o NEGN perpassa por uma rotatividade de atores, principalmente de estudantes, visto que, quando se tornam egressos da instituição de ensino, são mais suscetíveis a perder o vínculo que tinham com o núcleo. Mas a perda do vínculo não é uma regra, pois existem estudantes egressos no núcleo que são integrantes com uma nova identidade: a de parceiros sociais. Com a saída de egressos do NEGN, faz-se necessário a entrada de novos estudantes para que as atividades continuem sendo desempenhadas.

Com a rotatividade de atores, percebeu-se a necessidade de estimular a consolidação da identidade do NEGN por parte dos membros envolvidos. Ressalta-se que estes possuem características diferentes, como: idade, tempo de participação no núcleo, área de formação e grau de escolaridade. Nesse sentido, o objetivo central deste trabalho é apresentar o processo de fortalecimento da identidade do Núcleo de Estudos em Gestão e Negócios da Rede Rizoma, do Instituto Federal da Paraíba, potencializando suas práticas extensionistas.

O trabalho é socialmente relevante pelo fato de tornar a instituição de ensino, por meio da revitalização da atuação do NEGN, mais próxima da comunidade (relação dialógica e transformadora entre o IFPB e a sociedade) por meio das práticas extensionistas e de pesquisa, oferecendo os serviços comunitários aos atores sociais presentes nos territórios nos quais o campus João Pessoa vem atuando com sua política de extensão. É válido destacar que o NEGN possui, em sua estrutura, uma vertente de prestação de serviços comunitários e ações representativas de incubação que contribuem com a filosofia do empreendedorismo social e solidário, gerando uma alternativa que congrega diversas experiências e modelos sociais para o desenvolvimento econômico. Por meio do núcleo, os discentes aproximam-se da sociedade e têm a oportunidade de vivenciar a aplicação de saberes de sua futura profissão.

Com o papel de estabelecer um diálogo com a comunidade local, o NEGN gera transformação social, trocas de conhecimento e promoção da equidade por meio das ações que promove. Dessa maneira, as atividades do NEGN surgem do desafio de manter um elevado padrão do desenvolvimento social e da melhoria da qualidade de vida das pessoas e de estabelecer um vínculo direto com os o(s) Projeto(s) Pedagógico(s) do(s) Curso(s) Bacharelado em Administração e Técnico Integrado de Contabilidade. Com o desenvolvimento dos projetos, há o impacto acadêmico e social na formação dos estudantes, dos servidores e do público beneficiado, seguindo a missão institucional estipulada no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) quando cita, especificamente: “[...] na perspectiva de contribuir na formação de cidadãos para atuarem no mundo do trabalho e na construção de uma sociedade inclusiva, justa, sustentável e democrática” (PDI do IFPB, 2014-2019, p. 12).

Cabe realçar as diretrizes estratégicas da rede IFPB, que orientam proporcionar a institucionalidade necessária ao desenvolvimento dos eixos Ensino, Pesquisa Científica e Tecnológica, Inovação Tecnológica, Extensão e Cultura e Pós-Graduação no IFPB, com destaque para a diretriz “Modernizar e consolidar procedimentos de gestão da política de pesquisa, inovação e pós-graduação e mecanismos de articulação entre as políticas de ensino, pesquisa e extensão” (PDI do IFPB, 2014-2019, p. 84). Com a identidade do NEGN fortalecida, espera-se que toda a comunidade local seja beneficiada, tanto pela qualificação técnica das organizações sociais (formais e informais) envolvidas nos territórios quanto na formação da comunidade, por meio do desenvolvimento do passo a passo metodológico, elaborado para este estudo. As atividades que foram desenvolvidas são pautadas pelo diálogo, resgate de conhecimentos e reflexões, que podem propiciar o desenvolvimento de ideias para o alcance da finalidade das ações implementadas pelo núcleo de estudos.

O presente trabalho, dividido em cinco seções (sendo a primeira a introdutória), trata da execução de um projeto de extensão. A segunda seção aborda teoricamente a estrutura dos núcleos de estudo e a relação com a tríade ensino-pesquisa-extensão. A terceira seção trata dos procedimentos metodológicos. A quarta disserta sobre os resultados obtidos, e a quinta aborda as considerações finais que ressaltam as implicações da prática extensionista desenvolvida.

A TRÍADE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO E OS NÚCLEOS DE ESTUDOS

A educação é tida como relevante para o crescimento de uma nação e para a diminuição da desigualdade social. Nessa perspectiva, o ensino superior é uma modalidade essencial, pois é capaz de alterar a maneira de pensar e agir do indivíduo, e representa um meio para alcançar melhor qualidade de vida. O ensino superior tem debatido a importância da tríade ensino, pesquisa e extensão dentro e fora da sala de aula. A indissociabilidade denotada por esses três elementos é o que define a atuação, trabalho ou execução conjunta (MONTEIRO, 2021).

A tríade ensino, pesquisa e extensão promove práticas enriquecedoras para todos os envolvidos e permite que os indivíduos perpassem pelo processo de aprendizado, de produzir novos conhecimentos, de mudar a realidade local e de resolver problemas do cotidiano (XAVIER et al., 2020). A indissociabilidade desta tríade possui o intuito de fomentar as atividades desenvolvidas no meio universitário, contribuindo na formação de cidadãos críticos e profissionais. Essa indissociabilidade consegue manifestar a busca da unidade entre a teoria e a prática, almejando o rompimento do contexto tradicional de segmentação e separação de práticas pedagógicas (MARQUES; VIEIRA, 2020).

De acordo com a legislação, o tripé formado pelo ensino, pesquisa e extensão é o eixo básico da Universidade Brasileira e não pode ser dividido (AZEVEDO et al., 2020). O Artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988 assegura que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Essas funções básicas requerem igualdade no tratamento por parte das instituições de ensino superior, do contrário, irão violar o preceito legal. Independentemente disso, esses três pilares são formas de desenvolver capacidades profissionais com ênfase à comunidade. Ou seja, traz uma visão mais crítica dos problemas da sociedade para aumentar a conscientização entre os novos profissionais sobre as necessidades mais eminentes. Compreende-se que os citados pilares, quando aplicados em harmonia e presentes na formação acadêmica do estudante, refletem diretamente na sociedade

Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão – pressupõe-se neste princípio que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas ao processo de formação de pessoas (Ensino) e de geração de conhecimento (Pesquisa). Na relação Extensão-Ensino, a diretriz de indissociabilidade coloca o estudante como protagonista de suas formações técnica e cidadã. Na relação Extensão-Pesquisa, visando à produção de conhecimento, a Extensão Universitária sustenta-se principalmente em metodologias participativas, no formato Impacto na formação do estudante (IFFAR, 2019, p. 63).

A qualidade e o sucesso dos profissionais que são formados pelas universidades dependem, em grande parte, do nível de interação e da articulação entre esses três pilares de conhecimento multidimensional. O princípio da integração entre os elementos da tríade em pauta reflete uma concepção de um desempenho acadêmico de qualidade capaz de favorecer uma autorreflexão crítica, a autonomia prática teórica e o significado da responsabilidade social oferecida pela aproximação entre a Universidade e a comunidade em questão. Moita e Andrade (2009) consideram que esses três elementos possuem uma perspectiva ternária interpretada como uma “santíssima trindade” com igual importância e íntima unidade. A indissociabilidade orienta a produção universitária de qualidade, visto que afirma como indispensável a tridimensionalidade do fazer universitário autônomo, competente e ético.

Na relação ensino, pesquisa e extensão, amplia-se o conceito de aula para além do tempo formal na instituição, para todo tempo e espaço, dentro ou fora da instituição. Assim, a pesquisa e a extensão configuram-se como princípios educativos em cursos de todos os níveis e modalidades. Por isso, devem constituir-se em trabalho específico e sistemático em resposta às necessidades que emergem na articulação entre o currículo e os anseios da comunidade (IFFAR, 2019, p. 54).

Em termos conceituais, o ensino representa as atividades ligadas ao aprendizado dos estudantes, como: aulas de campo, laboratórios, monitoria, seminários etc. O ensino é constituído por processos de transmissão e retroalimentação de conhecimentos, em que os professores e estudantes recebem papéis cruciais no processo formativo, pelo qual esses últimos devem ser ativos na construção de um aprendizado significativo. A extensão promovida por universidades é um processo que vai até a sociedade, incorporando diversos eixos sociais com o objetivo de promover o produto gerado pelo ensino e pela pesquisa. Os projetos extensionistas capturam os problemas e conhecimentos da sociedade, levando-os à universidade. Dessa forma, a prática extensionista é formada por um ambiente de troca entre sociedade e universidade, garantindo o desenvolvimento entre as partes (RAYS, 2003).

É por meio da extensão universitária que surge o diálogo, a aproximação e o entendimento entre sociedade e comunidade acadêmica, com o objetivo de gerar conhecimentos perante às atividades acadêmicas e os processos formativos (MONTEIRO, 2021). A prática da extensão é capaz de integrar as dimensões ecológica, ambiental, social, econômica e cultural (YAMAGUCHI, 2021). Por último, a pesquisa envolve atividades decorrentes da necessidade de gerar e disseminar conhecimentos, podendo ser de natureza básica ou aplicada (RAYS, 2003).

Enfatiza-se que as universidades envolvem elitização, formação intelectual, ciência e tecnologia para o desenvolvimento cultural, social, econômico e ambiental, mas também é um ambiente que precisa promover responsabilidade social e o conhecimento produzido e identificar os impactos deixados em todas as áreas da vida e da sociedade (RIBEIRO, 2019). A implementação do princípio de indissociabilidade assume a execução de projetos coletivos estabelecidos na comunidade e a integração de diferentes conhecimentos profissionais para garantir a assimilação dos problemas de uma maneira geral, eficiente e decisiva. A noção de

competência profissional pelo olhar integrador e articulador sistêmico, implica não só o domínio de conhecimento acumulado e suas aplicações de ponto imediato, mas também do processo de contextualização de como é produzido, sistematizado e realizado para permitir a transformação social.

Para que a instituição de ensino brasileira pública cumpra sua função de servir à coletividade, é preciso sair de seus muros e buscar a sua inserção na sociedade em geral, analisando, discutindo e integrando os diferentes problemas existentes. Dessa forma, a contextualização da realidade é feita dentro e fora da academia (ARAUJO et al., 1998). É por meio do ensino, da pesquisa e da extensão que os profissionais recebem uma formação mais efetiva para exercício de suas atividades (BARBOSA, 2020).

Tais direcionamentos levam-nos ao amplo conceito de educação que envolve campos diferenciados, da educação formal, informal e não formal. A educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, mediante os sistemas de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. A educação informal é aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização, nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube etc.) (GOHN, 2010).

A educação informal incorpora valores e culturas próprios, de pertencimento e sentimentos herdados. Os indivíduos pertencem àqueles espaços segundo determinações de origem, raça/etnia, religião, etc. São valores que formam as culturas nativas de pertencimento dos indivíduos. Contrariamente, a educação não formal não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, havendo intencionalidades no seu desenvolvimento. O aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. Já a educação formal caracteriza-se, em princípio, como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados (GOHN, 2010).

A participação nos núcleos de estudos é fundamental para a formação. É por meio das atividades deles que se pode inserir-se, de fato, no meio acadêmico, seja por meio do trabalho desenvolvido nas pesquisas do núcleo (ida a campo, entrevistas, análise de dados, entre outros), seja pela integração entre os alunos de graduação e pós-graduação, além da participação em eventos, criação de artigos, apresentação de trabalhos, entre outras atividades. A experiência, apesar das lacunas existentes, demonstra que é possível, sim, distender uma formação por meio da integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão, que interage como uma via de mão dupla. Enquanto núcleos de estudos levam a assistência e conhecimento às comunidades por meio de atividades de ensino e extensão, estas, por sua vez, constituem-se como fontes de pesquisas que, no que lhe concerne, retroalimentam o ensino.

Os núcleos acadêmicos são capazes de gerar experiências de transformação social e de favorecer a capacitação da geração que contribuirá com o avanço da ciência (SANTOS, 2020). A participação em núcleos de pesquisa possibilita ao estudante um contato privilegiado com a produção acadêmica e um olhar crítico sobre as temáticas discutidas. Já em núcleos de extensão, o

objetivo é criar um elo entre a comunidade e a universidade. Com a extensão, a instituição leva à comunidade os saberes desenvolvidos em seus espaços e presta um auxílio à população, seja ela por meio de atendimento gratuito, orientação, ou por outros meios. Assim, as comunidades retribuem, compartilhando os conhecimentos que são detentoras e atuando em prol da defesa da educação.

Além disso, é por meio das aprendizagens sustentadas pelo ensino que, para além do saber-fazer, o educando alçará o nível de desenvolvimento psíquico relativo a muitos outros saberes. Conhecimento, desenvolvimento de capacidades intelectuais e ensino são fenômenos inter-relacionados, e, neste sentido, o ensino escolar, em todos os níveis, deve estar orientado ao desenvolvimento desses processos. Obviamente, o ensino pressupõe muito mais que a aula, entretanto, é importante reafirmá-la como um dos espaços imprescindíveis na promoção da aprendizagem.

A Rede Rizoma e seus Núcleos de Extensão e Cultura fazem parte da política de Extensão e Cultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. O trabalho em rede tem o intuito de potencializar as relações sociais existentes entre os atores envolvidos frente às ações sociais desenvolvidas de forma coletiva e com objetivos comuns. Pode-se entender que o contexto da Rede Rizoma é materializado por meio dos núcleos de estudos, que são espaços escolares reais e virtuais (da zona rural às redes sociais), abertos, conectáveis e descentralizados, reversíveis e versáteis às demandas sociais e produtivas.

Eventos que ocorrem naturalmente em núcleos de estudos são as entradas e saídas de membros, visto que os estudantes possuem uma jornada dentro da instituição de ensino, que compreende o período que estão matriculados em cursos da instituição. Quando novos membros adentram nos núcleos, deve existir o processo de revitalização, pois saberes novos e complementares estão sendo incorporados, e os líderes acadêmicos devem se preocupar em manter os integrantes satisfeitos com as atividades acadêmicas. Dessa forma, os projetos devem ser prazerosos e estimulantes, para que as intenções de saída desses novos entrantes diminuam (ROSA et al., 2019).

Os processos de produção de conhecimentos e ensino possibilitam que alunos e professores interfiram diretamente e indiretamente sobre a realidade social a partir de necessidades identificadas. Esses processos reconhecem a prática social como um imprescindível critério valorativo do que se produz, tanto em relação aos conhecimentos, bens e serviços, quanto em relação às capacidades desenvolvidas nos formandos. Nesses processos, o professor desempenha o papel insubstituível de ensinar, encaminhando os alunos em assimilações cada vez mais complexas do acervo científico-cultural e metodológico-técnico, que são necessários aos domínios da realidade da qual faz parte como ser social, e sobre a qual irá intervir. Desse modo, o bom ensino é aquele que promove a construção de conhecimentos convertidos em capacidade de atuação.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

As indicações metodológicas que orientaram esta prática extensionista buscaram fortalecer a identidade do Núcleo de Estudos em Gestão e Negócios da Rede Rizoma, melhorando suas atividades, que são guiadas por meio dos princípios da aprendizagem com autonomia e com o desenvolvimento de competências organizacionais e comunitárias. Essas competências desenharam um caminho metodológico que privilegia a prática pedagógica contextualizada, colocando os membros do processo frente a situações problemáticas que possibilitaram o exercício contínuo da mobilização e articulação dos saberes necessários para a ação e a solução de questões inerentes à natureza do trabalho neste segmento. Frente à rapidez com a qual o ser humano absorve e transmite conhecimento, seria insustentável prosseguir com uma metodologia na qual os estudantes se mantivessem na posição de ouvintes inertes, alimentando-se apenas dos conceitos rígidos apresentados por um professor.

A pesquisa e extensão universitária exerce um papel muito importante, visto que funciona como um elo integrador entre o desempenho técnico e científico, bem como, o desenvolvimento da vida profissional dos estudantes. Diante do que foi exposto, o contexto metodológico inicial proporcionou, aos atores sociais envolvidos, a vivência de situações contextualizadas, gerando desafios que levaram a um maior envolvimento, instigando-os à opinião, à decisão, ao debate e à construção – com autonomia – do seu desenvolvimento social. Permitiu também a oportunidade de trabalhar em equipe, assim como o exercício da ética, da responsabilidade social e da atitude empreendedora.

Os procedimentos que foram utilizados centraram-se na atividade reflexiva e interativa dos atores sociais, resgatando suas concepções como: representações, saberes, vivências e experiências sobre o objetivo do conhecimento. Foi utilizado o método dialógico da autonomia/dependência e de inserção do sujeito no conhecimento. Essas ações contribuem de forma impactante na formação do estudante, tendo em vista que ele se torna mais propício a enxergar a realidade com um olhar crítico e com vários ângulos, além de encarar a comunidade em geral como um fator importante no processo de formação acadêmica.

Com esse contexto metodológico, o plano de trabalho deste estudo foi dividido em cinco etapas, sendo elas: (a) levantamento e atualização dos integrantes do Núcleo (novos e veteranos); (b) reunião de apresentação do núcleo para os novos integrantes (objetivo, projetos concluídos e em andamento, etc.); (c) atuação junto à comunidade local (levantamento das necessidades), buscando o fortalecimento de suas atividades; (d) planejamento do NEGN (nova etapa de atuação) e (e) atuação de algumas frentes de trabalho nas vertentes das práticas extensionistas. Todas as etapas foram executadas no ano de 2020.

Os resultados se comprovam diretamente por meio das atividades realizadas ao longo do projeto, que visavam o crescimento interno do núcleo de estudos. As etapas norteadoras do projeto Oxigênio foram: os momentos de formação do NEGN e a socialização realizada junto aos novos membros. A primeira foi, por meio das formações sobre: 1) Extensão e Cultura; 2) Rede Rizoma e Núcleos de Extensão; 3) Economia Solidária e Incubação de EES; 4) Plataforma Lattes; e 5)

Plataforma Brasil e Comitê de Ética. Já a realização da socialização, se deu por meio de reuniões de apresentação sobre o NEGN, mostrando aos novos membros a sua identidade, objetivos, linhas de atuação, experiências de vida dos veteranos e apresentação dos projetos de pesquisa e de extensão já realizados pelo núcleo.

As estratégias de acompanhamento e avaliação durante a execução da proposta foram ligadas aos indicadores de resultados, tendo como propósito a identificação de problemas potenciais antes que ocorram, sendo balizados a partir de: a) consolidação da equipe de atuação do Núcleo; b) números de reuniões realizadas para a validação de propostas elaboradas do constructo do projeto; c) reuniões de avaliações (individuais, coletivas e das ações) para possíveis ajustes ao longo da execução das atividades propostas; d) acompanhamento das Metas/Atividades por meio de registros fotográficos, listas de frequência dos bolsistas e voluntários, bem como listas de presença das reuniões realizadas.

Todas as ações desenvolvidas neste trabalho indicaram bons resultados e demonstraram a capacidade dos atores envolvidos em desenvolver ações amplas e com resultados concretos e explícitos. Os benefícios decorrentes deste trabalho surgiram a partir do fortalecimento e multiplicação das ações implementadas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para que o objetivo de fortalecer a identidade do Núcleo de Estudos em Gestão e Negócios da Rede Rizoma fosse alcançado, o coordenador precisou, inicialmente, recrutar e selecionar novos componentes. Ele também precisou contactar membros antigos e questionar se ainda possuíam interesse e disponibilidade para participar das atividades do NEGN. No total, oito novos membros foram selecionados, e sete antigos permaneceram. Dessa forma, somando esses números ao coordenador, o NEGN consolidou 16 integrantes em sua estrutura de pessoal.

Para alcançar os novos membros, o coordenador do núcleo divulgou, em suas aulas do Curso Superior de Bacharelado em Administração do IFPB, a oportunidade de participar ativamente de projetos de pesquisa e extensão e relatou resumidamente o histórico do NEGN. A partir dessa divulgação, estudantes começaram a entrar em contato com o coordenador para saber mais informações e, após isso, afirmaram que gostariam de se tornar participantes. Além dos estudantes do IFPB, diversos parceiros sociais são membros do núcleo (pessoas tanto de natureza física quanto jurídica, de caráter externo à instituição).

Diante da definição do novo quadro de componentes, os novos foram adicionados ao grupo do WhatsApp, e os membros antigos que não tinham interesse e/ou disponibilidade para continuar com as atividades organizacionais foram excluídos. A partir disso, foi agendada uma reunião online com todos os integrantes, para apresentar o NEGN e explicar os passos iniciais que o projeto Oxigênio iria percorrer, diante do cronograma estabelecido. Além disso, esse encontro representou a oportunidade de todos os envolvidos se conhecerem. As reuniões aconteceram apenas no

formato on-line, pois o cenário pandêmico ocasionado pela COVID-19 esteve presente durante a execução de todo projeto.

As reuniões, realizadas via Google Meet, aconteceram no período noturno, pois a maioria dos membros tinha disponibilidade para participar ativamente nos horários da noite. Os encontros ficaram gravados para que os ausentes pudessem assistir em um momento posterior. Dessa forma, todos os integrantes puderam se apropriar de todas as atividades e planejamentos do núcleo.

A fim de atender aos objetivos do projeto, alguns encontros foram preenchidos com formações e rodas de diálogos com profissionais qualificados. Esses encontros foram realizados com o intuito de preparar e instruir todos os integrantes do núcleo, buscando a coesão sobre o uso das plataformas digitais pertinentes às atividades extensionistas e de pesquisa. Dessa forma, essas instruções reforçam a importância da tríade ensino-pesquisa-extensão, pelo qual busca alinhar a teoria com a prática e estabelece o contato dos integrantes com o mundo da pesquisa e da extensão (MARQUES; VIEIRA, 2020).

O catálogo de formações oferecidas aos integrantes com o apoio de terceiros pode ser observado no Quadro 1, acompanhado de objetivos a serem alcançados pelos espectadores. Ao todo, foram seis formações assistidas durante o projeto. Dois registros fotográficos das capacitações também podem ser observados nas Figuras 1 e 2.

Quadro 1 – Capacitações oferecidas aos integrantes do NEGN

Capacitação	Objetivos
Plataforma Lattes	Identificar as funcionalidades do Currículo Lattes; Compreender os módulos de preenchimento do Currículo Lattes; Criar e atualizar Currículo Lattes quando necessário; Reconhecer a importância do Currículo Lattes para a organização e propagação de informações científicas; Utilizar o Currículo Lattes atualizado para participação em projetos vinculados ao IFPB.
Plataforma Brasil	Compreender a teoria por trás da submissão de projetos de pesquisas na Plataforma Brasil, de acordo com a Resolução CNS 466/2012; Criar e atualizar o cadastro na Plataforma Brasil; Compreender os aspectos práticos da Submissão de propostas de pesquisas à Plataforma Brasil; Identificar Parecer do Comitê de ética em Pesquisa.
Economia Solidária	Definir a Economia Solidária e seus princípios; Introduzir questionamentos sobre a Economia Solidária; Explicar marcos históricos e jurídicos da Economia Solidária; Compreender modalidades de empreendimentos de Economia Solidária.
Pesquisa e Extensão	Definir e diferenciar a pesquisa e a extensão; Identificar elementos da pesquisa e da extensão; Compreender como participar dos projetos de pesquisa e de extensão vinculado ao IFPB.
Rede Rizoma	Compreender as características da Rede Rizoma; Aplicar as características da Rede Rizoma no cenário prático.
NEGN: identidade, objetivos e linhas de estudo	Estabelecer o primeiro contato com o NEGN; Compreender os objetivos do NEGN; Compreender as linhas de estudo do NEGN.

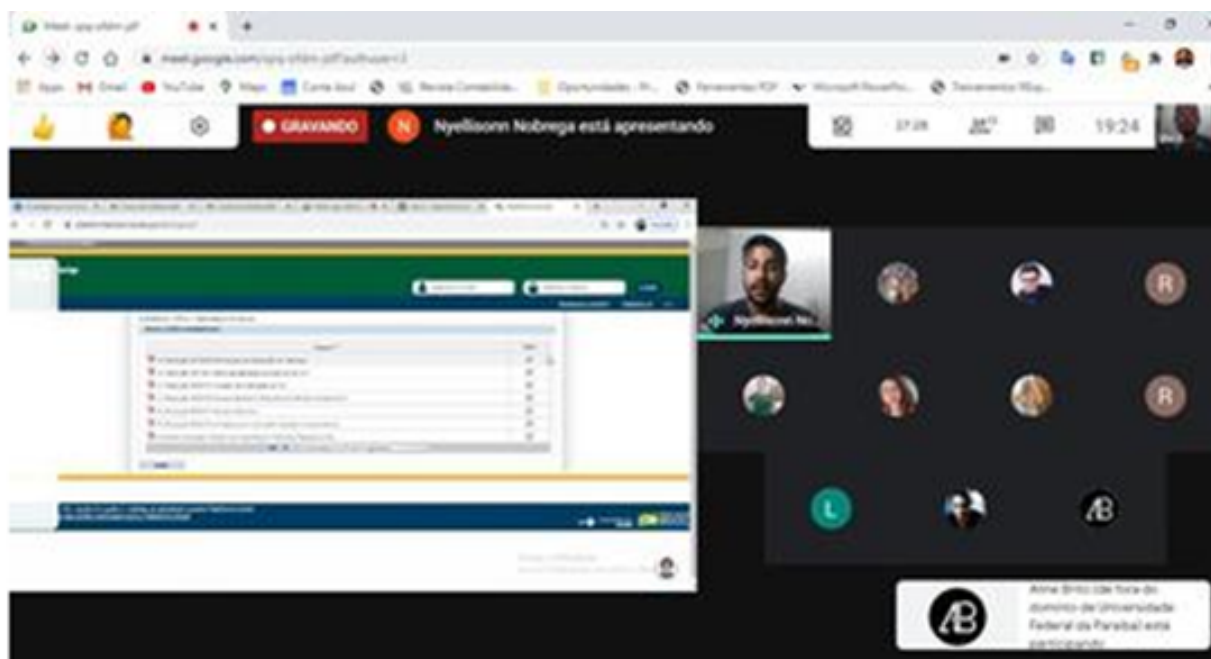
Fonte: autoria própria (2020)

No contato ensino, pesquisa e extensão, o conceito de aula é formatado para além do tempo formal na instituição, dentro ou fora da instituição. Assim, atividades de pesquisa e de extensão transformam-se em princípios educativos e devem ser formados em trabalho específico e sistemático em resolução às necessidades de articulação entre o currículo e os anseios da comunidade (IFFar, 2019). Essas formações foram essenciais para a realização das atividades do núcleo, conforme planejado.

Paralelamente às atividades introdutórias do NEGN, os membros tiveram a oportunidade de participar do planejamento estratégico do núcleo, definindo missão, visão, valores, objetivos e metas. Os membros se dividiram em quatro Grupos de Trabalho, denominados: Desenvolvimento Humano, Recursos Internos, Comunicação e Relacionamento e Modelos de Negócio e Projetos. Objetivos e metas a serem alcançados pelos grupos de trabalho foram traçados com o espaço temporal de alcance até dezembro de 2022.

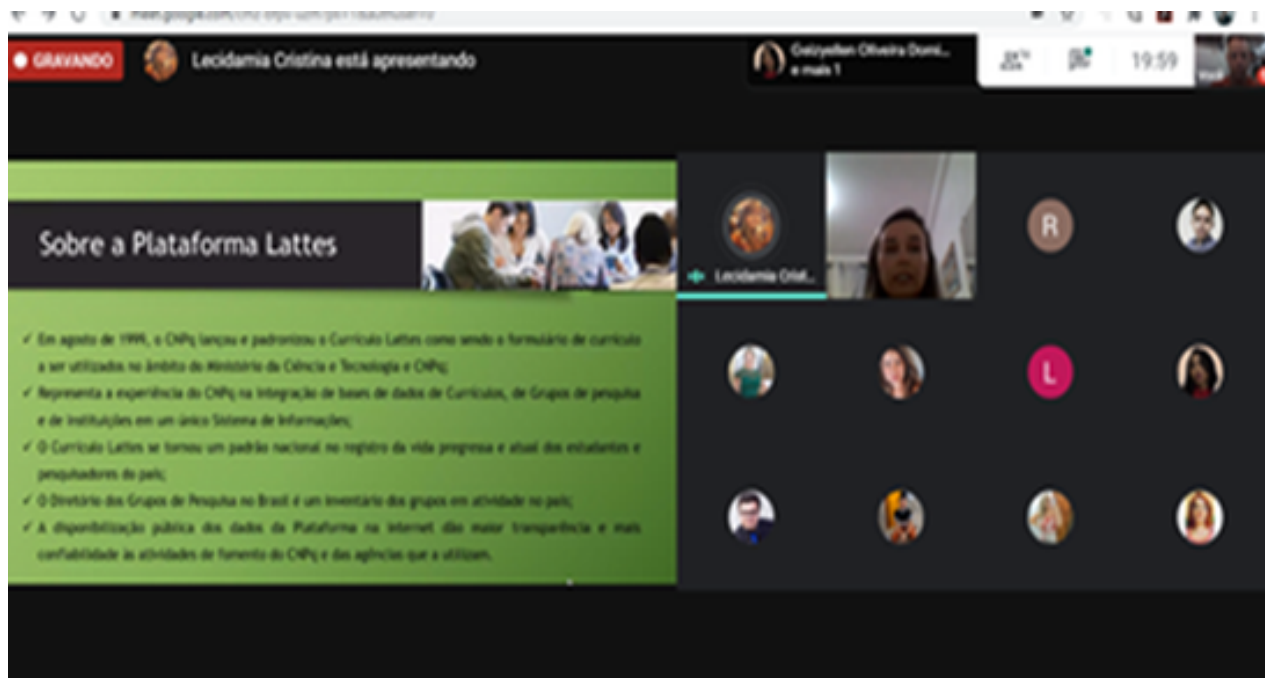
A divisão desses quatro grupos internos, veio a partir da necessidade de uma maior organização e familiaridade dos indivíduos com as atividades em que existia uma maior afinidade por parte dos integrantes. Logo, era necessária uma divisão planejada e igualmente justa, de modo que, só assim seria possível atender às metas estipuladas no planejamento estratégico. Dessa forma, a divisão e as atividades desenvolvidas por cada GT - Grupos de Trabalhos, foi de encontro à visão de Monteiro (2021), sobre a importância do processo formativo, de encontros acadêmicos coletivos, e da construção do conhecimento, por meio do contexto real que perpassa pelos indivíduos.

Figura 1 – 1º Registro de capacitação oferecida aos integrantes do NEGN



Fonte: autoria própria (2020)

Figura 2 – 2º Registro de capacitação oferecida aos integrantes do NEGN



Fonte: autoria própria (2020)

Além das atividades vinculadas ao projeto Oxigênio, outro projeto de extensão estava sendo executado pelos membros, com o objetivo de concretizar três etapas do processo de incubação¹ (pré-incubação, incubação e desincubação) em um Empreendimento Econômico Solidário de João Pessoa, Paraíba. Dessa forma, ressalta-se que, enquanto os membros se ambientavam com o NEGN, já executavam atividades extensionistas vinculadas à principal linha de estudo do núcleo: Economia Solidária. Tais práticas vão de encontro à perspectiva de Yamaguchi (2021), pelo qual há a integração das dimensões ecológica, ambiental, social, econômica e cultural.

Essas práticas condizem com a fala de Araújo et al. (1998), de que a instituição de ensino brasileira precisa sair de seus muros e buscar a sua inserção na sociedade em geral, analisando, discutindo e integrando os diferentes problemas existentes. No decorrer do projeto Oxigênio, alguns depoimentos sobre a participação do NEGN foram capturados de novos e antigos integrantes. As falas ressaltam a importância do NEGN para a prática de pesquisa e extensão:

O NEGN me fez conhecer novos horizontes! Me apaixonei pela extensão! (Membro novato 1).

¹ O processo de incubação é formado por três etapas: (a) pré-incubação – fase de conhecimento do grupo e construção; (b) incubação – traduz-se como produto das abstrações percebidas na pré-incubação; (c) desincubação – configura-se num movimento de constatação de que o empreendimento está com condições de independência.

O NEGN já abriu portas para mim mais rápido do que eu poderia imaginar! Depois que entrei no núcleo comecei a ter outra visão do curso de Administração, até porque eu estaria colocando os conteúdos da faculdade em prática. Além de já ter percebido uma mudança significativa na minha vida acadêmica e profissional. Sou muito grata ao NEGN e espero ainda contribuir muito no grupo. (Membro novato 2)

Pelas falas dos integrantes novatos do NEGN, mesmo com menos de um ano de participação, é perceptível que há uma mudança nos eixos da vida profissional e acadêmica dos membros, trazendo a prática do curso de Administração para a realidade deles. A extensão é considerada pelo membro novato 1 como uma paixão em sua vida, o que denota a validade da prática extensionista pelos envolvidos. Logo, a falados integrantes condizem com teoria de Ribeiro (2019), nos impactos deixados em todas áreas, sejam elas: pessoal, acadêmica e social.

Ressalta-se que os princípios da extensão universitária envolvem interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, impacto na formação do estudante e impacto e transformação social. (GONÇALVES, 2015). Dentre os elementos destacados pelo autor, o impacto na formação do estudante foi o elemento mais ressaltado pelos novos membros. A seguir, depoimentos de membros antigos, com mais de três anos de participação nas atividades do NEGN, são citados:

O núcleo foi muito importante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. O NEGN é trabalho em equipe, troca de conhecimentos e dedicação. (Membro veterano 1)

O NEGN foi o começo de tudo, onde descobri o mundo da pesquisa e da extensão e consegui aplicar boa parte do que aprendi no curso de Administração. A extensão nos traz saberes que a academia demoraria anos para apresentar. O contato direto com a comunidade que o NEGN traz através da extensão é fantástico. (Membro veterano 2)

As falas dos dois membros veteranos também ressaltam o impacto na formação do estudante, mas também condiz com a indissociabilidade da tríade ensino-pesquisa-extensão (GONÇALVES, 2015). Além disso, demonstra um aspecto de relevância social relacionado ao contato direto com a comunidade, pelo qual o NEGN é responsável por ofertar consultorias, treinamentos, assessorias etc. Esses achados demonstram o quão sólidas as atividades do NEGN são perante as atividades realizadas. Além disso, essas falas demonstram o quanto foi importante revitalizar o núcleo com a entrada de novos membros, visto que outros indivíduos podem ter experiências similares. Com isso, podemos dizer que, o projeto em sua devida essência consolidou aspectos extensionistas, como trazido por Santos (2020), em que os núcleos de extensão transformam os indivíduos que fazem parte do grupo, e geram experiências tanto educacionais como sociais, dentro dos espaços em que estão sedimentados.

Com as etapas de planejamento executadas, o NEGN amadureceu sua identidade, diante da contribuição de partes interessadas (discentes, docentes, parceiros sociais, sociedade etc.). Foram promovidas melhorias no núcleo, que podem ser identificadas diante do planejamento

estratégico efetuado: aumento do número de capacitações executadas para os membros e a sociedade em geral; papéis bem definidos para cada integrante do núcleo; comunicação ativa e contínua nas redes sociais do núcleo; identificação de necessidades do núcleo; aumento no número de submissão de projetos em órgãos de fomentos à extensão e pesquisa; aumento do número de atendimento de comunidades locais de trabalho e seus problemas sociais, entre outras melhorias. Tais resultados reforçam a perspectiva de Barbosa (2020) quando as práticas da extensão e pesquisa promovem uma maior efetividade nas atividades desenvolvidas e na aprendizagem.

Vale salientar que houve um maior equilíbrio em relação à quantidade de membros, na composição do núcleo, entre discentes, docentes e parceiros sociais. Esse equilíbrio é importante, pois cada indivíduo possui experiências e conhecimentos diferentes, diante da educação formal e não formal que cada um possui. Além disso, esses atores possuem o papel de fortalecer institucionalmente a cultura local e as relações de parcerias sociais (articulação em rede). Por fim, como mencionado por Rosa et al. (2019), o aprendizado promovido pelos projetos de extensão deve ser acima de tudo, prazeroso, enriquecedor e estimulante, de modo que a participação de todos possa alcançar os objetivos do projeto de maneira assertiva, da mesma forma que o projeto Oxigênio atingiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar o processo de fortalecimento da identidade do NEGN da Rede Rizoma, do Instituto Federal da Paraíba, potencializando suas práticas extensionistas. Desta forma, foi possível entender que a atuação do NEGN junto ao processo educativo dos seus participantes foi um fator primordial, principalmente pelo know-how que o núcleo possui, ou seja, uma competência essencial nas práticas de gestão e negócios. Assim, conclui-se que foi perceptível uma mudança nos eixos da vida profissional e acadêmica dos seus participantes, trazendo a prática do curso de Administração para a realidade deles, com o impacto em suas formações, contemplando a indissociabilidade da tríade ensino-pesquisa-extensão.

Além disso, a potencialização das ações do núcleo demonstrou um aspecto de relevância social relacionado ao contato direto com a comunidade, uma vez que o NEGN é responsável por ofertar consultorias, treinamentos, assessorias etc. Esses achados demonstram o quão sólidas as atividades do NEGN são perante as atividades a serem realizadas. Além disso, os dados demonstraram o quanto foi importante revitalizar o núcleo com seu planejamento interno.

De forma particular, as ações extensionistas pautadas neste estudo (olhar para dentro do núcleo com o estabelecimento do plano estratégico e com a realização do conjunto de capacitações) contribuíram com a elaboração de outros projetos para apoiar as iniciativas da pesquisa e da extensão. Cabe frisar que parece nítida e concreta a contribuição formativa na trajetória das ações abordadas neste estudo. Tal sensibilidade pedagógica prima pelo reconhecimento e a valorização do conjunto de conhecimentos historicamente

construídos pelos participantes do núcleo, bem como das pessoas que fazem parte das comunidades atendidas por ele.

Em relação a recomendações de estudos futuros, a abordagem mais aprofundada de aspectos já investigados na pesquisa e a abrangência de todos os participantes do NEGN com um tratamento puramente qualitativo da percepção dos respondentes, utilizando-se das técnicas dos grupos focais e das entrevistas em profundidade, para a coleta de dados, poderiam encaminhar a estudos mais profundos. Trabalhos interessados pela cultura da política de extensão voltada para o gerenciamento e atuação dos núcleos de estudos presentes na instituição poderiam alcançar a compreensão sobre determinadas práticas desenvolvidas pelos seus participantes. Por outro lado, pesquisas futuras focando a história dos núcleos de extensão na instituição formariam outro campo de investigação que carece de atenção, no tocante à potencialização das práticas extensionistas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Manoel M.; WIZNIEWSKY, José G.; TSUKAHARA, Roberto T.; F A prática da indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão na universidade. **Revista Brasileira de Agrociência**, v.4, n.3, p. 177-182, 1998.

AZEVEDO, Joyce Karoline Neves; SALES, Julianna Mendes; MENEZES, Iasmim Lima; FIGUEIRÊDO JÚNIOR, Ernani Canuto; MARINHO, Sandra Aparecida. Perfil docente do Campus VIII da Universidade Estadual da Paraíba: ensino, pesquisa e extensão. **Research, Society And Development**, v. 9, n. 9, p. 1-16, 21 ago. 2020. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7266>

BARBOSA, Joyce Ellen Pereira. Ensino, pesquisa e extensão universitária: a indissociabilidade dessa tríade como método na formação do bacharel em direito. **Revista Estudantil Manus Iuris**, v. 1, n. 1, p. 38-42, 6 ago. 2020. Editora da Universidade Federal Rural do Semi-Arido - EdUFERSA. <http://dx.doi.org/10.21708/issn2675-8423.v1i1r9205.2020>.

GOHN, Maria Glória. **Educação Não Formal e Cultura Política**. São Paulo: Cortez, 2010.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Perspectiva**, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795x.2015v33n3p1229>

IFFar. **Plano de Desenvolvimento Institucional do IFFAR (2019 a 2026)**. Disponível em: <<https://www.iffarroupilha.edu.br/sobre-o-iffar/documentosiffar>> Acesso em: 27/04/2021

IFPB. **Plano de Desenvolvimento Institucional do IFPB (2014-2019)**. Disponível em: <<https://www.ifpb.edu.br/praf/assuntos/documentos-praf/area6/plano-de-desenvolvimento-institucional-pdi-2015-2019.pdf/view>> Acesso em: 31/07/2020.

MARQUES, Maristela Beck; VIEIRA, Josimar de Aparecido. Indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão na prática profissional do ensino médio integrado à educação profissional. **Scientiatec**, v. 7, n. 1, p. 187-202, 16 abr. 2020. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.35819/scientiatec.v7i1.4131>.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p. 269-280, ago. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782009000200006>.

MONTEIRO, Jaeder Araujo. Aspectos da gestão escolar e da tríade ensino, pesquisa e extensão. *Revista On Line de Política e Gestão Educacional*, p. 52-67, 2 jan. 2021. **Revista Eletrônica Política e Gestão Educacional**. <http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v25i1.13913>.

RAYS, Oswaldo Alonso. Ensino-Pesquisa-Extensão: notas para pensar a indissociabilidade. **Revista Educação Especial**, v. 1, n. 21, p. 1-10, 2003. Universidad Federal de Santa Maria.

RIBEIRO, Raimunda Maria da Cunha. Universidade Pública: mapeamento das políticas de ensino, pesquisa, extensão e inovação. **Práxis Educacional**, v. 15, n. 33, p. 421, jul. 2019. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Edicoes UESB. <http://dx.doi.org/10.22481/praxisedu.v15i33.5298>.

ROSA, Bruna Nery; MILHOMEM, Antônio H. Costa Sousa; MORAES FILHO, Iel Marciano de; SANTOS, Osmar Pereira dos; FRASCA, Laylla Luanna de Mello de M.; FIDELIS, Ariana. Florescimento organizacional e rotatividade. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 2, n. 2, p. 76–80, 2019. Disponível em: <<https://revistasfasesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/152>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SANTOS, Fernanda Batista Oliveira; CARREGAL, Fernanda Alves dos Santos; SCHRECK, Rafaela Siqueira Costa; DINIZ, Thiago Frederico; SIMAN, Andréia Guerra; BRAGA, Luciene Muniz; MATOZINHOS, Fernanda Penido; BARBOSA, Jaqueline Almeida Guimarães. Strengthening teaching, research and university extension through Academic Leagues. **Brazilian Journal Of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 3439-3447, 2020. <http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv3n2-175>.

XAVIER, Victória Sincorá; NASCIMENTO, Wilka Vitória Granjeiro do; BRITO, Yasmim Gomes Alves de; VILARIM, Yago Victor Taurino; BARBOZA, Mariane Gomes; OLIVEIRA, Paulo Guilherme Vasconcelos de. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DE ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA AMPLIAÇÃO DO CONHECIMENTO E SUSTENTABILIDADE. **Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial - Três Lagoas**, v. 2, n. 2, p. 314-325, out. 2020.

YAMAGUCHI, Klenicy Kazumy de Lima. Liga acadêmica “o ensino de química no contexto amazônico”: interface entre Ensino, Pesquisa e Extensão. **Caminho Aberto: revista de extensão do IFSC**, n. 14, p. 87-95, 2021. Disponível em: <<https://ojs.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/2976>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA FRENTE AOS MARCOS LEGAIS

CURRICULARIZATION OF THE UNIVERSITY EXTENSION AGAINST THE LEGAL
FRAMEWORK

CURRICULARIZACIÓN DE LA AMPLIACIÓN UNIVERSITARIA CONTRA EL MARCO
JURÍDICO

FERNANDA EMANUELA FERREIRA¹, RAFAEL AGUENA², GABRIELA PERDONÁ³,
DANIEL SCHEFFER⁴, THIAGO SOARES⁵, MAURICIO ANDRADE DE LIMA⁶

RESUMO

Este estudo propõe a análise do cenário da curricularização da extensão no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, considerando os marcos legais vigentes que orientam a gestão da extensão universitária. O delineamento metodológico traz um estudo de caso, de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e objetivos descritivos. Para obtenção de resultados foram utilizados dados primários por meio de entrevistas semiestruturadas e dados secundários por meio de análise documental e bibliografia pertinente ao tema. Os resultados da pesquisa indicam que o IFSC apresenta suas normativas institucionais alinhadas aos marcos legais federais ao que tange a curricularização, porém indicam que há necessidade de reconhecimento do IFSC pela sociedade por meio da extensão.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Curricularização. Marcos Legais. Planejamento. Avaliação.

ABSTRACT

This study proposes the analysis of the extension curriculum scenario at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Santa Catarina, considering the legal frameworks that guide the management of university extension. The methodological design brings a case study, qualitative approach, applied nature and descriptive objectives. To obtain results, primary data were used through semi-structured interviews and secondary data through documental analysis and bibliography pertinent to the subject. The adequacy to the processes that support the extension curriculum is necessary so that the IFSC can attend to the federal legal framework in effect until 2024, the term of the National Education Plan.

Keywords: University Extension. Curricularisation. Legal Frameworks. Plan. Evaluation.

¹ Mestre em administração pela Unisul. Assessora de Assuntos Internacionais do IFSC.

² Mestrando em administração pela Unisul.

³ Mestranda em administração pela Unisul. Coordenadora do Núcleo de Educação a Distância (Nead), Tubarão-SC do IFSC.

⁴ Mestrando em administração pela Unisul. Engenheiro Civil no IFSC.

⁵ Doutor em Administração pela UFSC. Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração na Unisul.

⁶ Doutor em Engenharia de Produção pela UFSC.

RESUMEN

Este estudio propone un análisis del escenario de la curricularización de la extensión en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Santa Catarina, considerando los marcos legales vigentes que orientan la gestión de la extensión universitaria. El diseño metodológico aporta un estudio de caso, con enfoque cualitativo, de carácter aplicado y objetivos descriptivos. Para la obtención de los resultados se utilizaron datos primarios mediante entrevistas semiestructuradas y datos secundarios mediante análisis de documentos y bibliografía relevante al tema. Los resultados de la investigación indican que la IFSC presenta su normativa institucional en línea con los marcos legales federales en materia de curricularización, pero indican que existe la necesidad de que la sociedad reconozca la IFSC a través de la extensión.

Palabras clave: Extensión Universitaria. Plan de estudios. Marcos legales. Planificación. Evaluación.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012). Corroborando com a definição do FORPROEX, a Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018, publicada pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, fortalece o conceito de extensão, dada pelo FORPROEX em 2012, quando entende que a extensão na educação superior brasileira é interdisciplinar, integrando-se no ensino, pela matriz curricular, e na pesquisa aplicada, fazendo com que, por meio da construção e aplicação do conhecimento, ocorra transformação no processo de formação do indivíduo, contemplando a interação entre instituições de ensino superior e a sociedade.

Paula (2013), em seu estudo sobre o conceito da extensão universitária, defende que esta é o que de forma permanente e sistemática convoca a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social, que aproxima a produção e a transmissão de conhecimento de seus efetivos destinatários, cuida de corrigir as interdições e bloqueios, sendo que esses fazem com que a apropriação social do conhecimento, das ciências e das tecnologias seja desigual. Nesse sentido, colaborando com a ideia de atingimento à sociedade, Carbonari e Pereira (2007) defendem que as ações extensionistas mantêm uma articulação entre os setores públicos, produtivo e o mercado de trabalho, e desta forma contribuem para que o aluno desenvolva, durante o processo de aprendizagem, a criticidade própria concernente à formação cidadã.

Recentemente, após discussões e aprofundamentos na seara da extensão universitária, diante da necessidade de estabelecer diretrizes fortes e concretas que pudessem conduzir as ações, foi publicada a Resolução nº 7/2018/CNE/MEC, regulamentando o que dispõe a Meta 12, Estratégia 7 do Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005/2014.

Considerando os marcos legais cronologicamente elencados, integra-se no contexto do IFSC, objeto deste estudo, outro marco legal importante que mudou a configuração da Educação Profissional, Técnica e Tecnológica brasileira, a Lei nº 11.892/2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. No texto da Lei (Artigo 2º, § 1o), os Institutos Federais são equiparados às universidades federais, para efeito de incidência das disposições que regem a regulação, avaliação e supervisão das instituições e dos cursos de educação superior (BRASIL, 2008).

Desta forma, o objeto deste estudo, o IFSC, enquadra-se integralmente às políticas públicas aqui descritas em virtude desta equiparação, e com base nestes marcos legais, cria suas próprias normativas e documentos norteadores como orientação para a conceituação e execução da extensão no âmbito universitário. Neste processo de amadurecimento sobre como integralizar a extensão no processo de curricularização e na construção do conceito de extensão, o IFSC instituiu normativas que pudessem orientar os atores envolvidos na gestão da extensão na instituição. Os documentos institucionais trazem direcionamento à gestão da universidade, porque tem capacidade de delinear a política universitária e os objetivos a serem alcançados por meio dos quatro processos importantes da universidade: ensino, pesquisa, extensão e gestão (HERLING et al, 2013; RIBEIRO, 2012).

A curricularização da extensão é o processo de inclusão de atividades de extensão no currículo dos cursos de graduação. Essa inclusão considera a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão como tripé da educação. No Brasil, as ações de integração entre o ensino e extensão (IEE) universitários são comumente chamadas de curricularização da extensão, que representa a inserção das ações de extensão nos Projetos Pedagógicos e Matrizes curriculares dos cursos de graduação ou pós-graduação (GAVIRA; GIMENEZ; BONACELLI, 2020).

As normativas institucionais do IFSC são elaboradas e aprovadas por órgãos consultivos, deliberativos e normativos, como o Colegiado de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE, sendo este órgão de atuação normativa e consultiva e o Conselho Superior, este como órgão máximo da instituição, tem atuação deliberativa e consultiva.

Assim, o IFSC, para atender ao que tange o PNE (2014-2014) em sua Meta 12 e Estratégia 12.7 e para atender as demandas do SINAES, no que tange a dimensão 2, que traz a avaliação sobre Políticas para Ensino, Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão, programou em 2014 a readequação do seu Regulamento Didático Pedagógico - RDP. Nesta readequação foi inserida, obrigatoriamente, a carga horária de 10% do total de horas em atividades de extensão universitária de todos os currículos dos cursos superiores do IFSC.

O processo de readequação teve início em 2015, e encontra-se em andamento até 2024, prazo do PNE (2014 – 2024), quando todos os currículos dos cursos superiores deverão conter a extensão universitária inserida na grade curricular (curricularização da extensão), ou seja, no mínimo 10% da carga horária do curso deve estar registrada como extensão nas unidades curriculares.

Diante do exposto, considerando os recentes marcos legais, os quais foram impositivos com as IES e as normativas institucionais elaboradas, a proposta principal deste estudo consiste na análise do contexto atual da curricularização da extensão universitária, a fim de verificar o caminho percorrido até o fim do ano de 2019, completando quatro anos do início do processo de curricularização no IFSC.

A análise consiste no levantamento dos dados registrados na Plataforma Nilo Peçanha – PNP em referência aos cursos superiores do IFSC, os dados registrados no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA Extensão, os marcos legais vigentes, as normativas do IFSC e as entrevistas semiestruturadas com participantes previamente selecionados. O estudo apresenta a proposição de ações para aprimoramento da prática da curricularização da extensão do IFSC, orientada ao atingimento da meta descrita no PNE até 2024, prazo máximo do plano, para auxílio das atividades da Pró-Reitoria de Extensão e Relações Externas – PROEX.

Diante do conteúdo exposto, verifica-se que há necessidade de entender a extensão universitária e sua integração nos currículos dos cursos superiores no IFSC, considerando as recentes mudanças na esfera educacional, surgindo assim a seguinte pergunta de pesquisa: como se constituiu o processo de curricularização da extensão universitária no IFSC frente aos marcos legais?

O objetivo geral do trabalho consiste em analisar o cenário da curricularização da extensão no IFSC, considerando os marcos legais vigentes na educação brasileira. Para o atingimento do objetivo geral do estudo, foram estabelecidos três objetivos específicos, sendo eles: 1) evidenciar os marcos legais no contexto da extensão universitária brasileira; 2) descrever o conceito e a prática da curricularização da extensão no IFSC; 3) propor ações para o aprimoramento da prática da curricularização da extensão na instituição.

MARCO TEÓRICO

O questionamento de Young (2014) sobre o que os alunos deveriam saber ao deixar a escola é ainda corroborado com outra questão do próprio autor: o que ensinar na escola? As perguntas relativas ao currículo estão longe de ser diretas e claras – e isso é dificultado pelo fato de que todo mundo acha que tem respostas para elas, especialmente em relação ao currículo escolar. Aqueles que detêm o poder político em geral não reconhecem a autoridade do conhecimento dos especialistas em currículo. Essa falta de reconhecimento é parcialmente por nossa culpa: há pouco acordo entre os especialistas em currículo sobre qual deveria ser o objeto de sua teoria (YOUNG, 2014).

Para Litwin (2006), os currículos devem atender a compreensões e práticas profissionais desde o início dos estudos. Defende o autor que o contato precoce com o meio de atuação permite o reconhecimento e a visualização dos problemas em questão, assim como a participação prática junto a um professor incentiva as compreensões e intervenções incentiva a ação e instiga ao desafio.

Nessa direção, a concepção ético-política que deveria nortear o esforço para pensar a transversalidade entre extensão, pesquisa e ensino sustentaria uma concepção “avançada” de universidade e, por conseguinte, seria capaz de estabelecer de maneira mais adequada, ou seja, dialógica e conflitiva, a relação entre universidade e sociedade (DALMOLIN; VIEIRA, 2015).

Young (2014) ainda retrata sobre a teoria do currículo, dizendo que há dois significados quando se incide que o currículo tem papel normativo: um deles é referente à norma e regra que orientam a construção destes documentos e outro refere-se ao fato de que a educação sempre implica em valores morais sobre a sociedade. Sobre a interdisciplinaridade, Paviani (2008) argumenta que ela nasce da necessidade de realizar a formação do ser humano em sua integralidade, não sendo apenas um ato de vontade ou decisão externa.

Silva (2009) apresenta um panorama das teorias do currículo, aborda a origem do campo do currículo, detalha as teorias tradicionais, críticas e pós-críticas do currículo. Partindo de uma concepção curricular caracterizada como artefato sócio-histórico-cultural, Lopes (2011) descreve a origem do termo e das formas de utilização educacional do termo. Lopes e Macedo (2011) descrevem as relações de poder e estabelecimento dos territórios como formas de se articular o currículo aos espaços e lugares, fazendo com que as comunidades disciplinares e epistêmicas auxiliem na consolidação de um documento que é ao mesmo tempo determinante e determinado, influenciado e influenciador. O currículo como construtor de identidades emerge, pontuando sua influência e poder de aculturação dos que com ele se envolvem (LOPES, 2008).

A extensão universitária, ao proporcionar a comunicação-ação entre IES e outros segmentos da sociedade, retoma com o estudante a criticidade de seu papel profissional, imerso em um contexto do qual ele nunca saiu, mas que passou a ser significado cientificamente como outro lugar, geralmente chamado de comunidade ou sociedade, como se estes fossem outro universo, não o mesmo que a própria conjuntura da universidade (FORPROEX, 2012).

PERCURSO METODOLÓGICO

As escolhas dos pesquisadores para o delineamento metodológico partiram de premissas de alguns autores especialistas em metodologia. A natureza da pesquisa é apresentada como aplicada. Na escolha do objeto de estudo foi definido o estudo de caso único, considerando que se trata de investigação em instituição de ensino superior, sendo objeto o IFSC, na abordagem de assunto contemporâneo, a extensão universitária, e no contexto da vida real, tratando-se das recentes normas legais estabelecidas no Brasil. A abordagem metodológica neste estudo foi considerada qualitativa e descritiva quanto ao objetivo da pesquisa, pois é caracterizada pela condição de descrever a complexidade de determinado problema, analisa a interação de certas variáveis, compreende e classifica processos dinâmicos vividos por grupos sociais em situações reais. A delimitação do tempo considerada na pesquisa é transversal.

Sobre a coleta de dados, foram utilizados dados primários e secundários. Os dados primários consistiram na realização de entrevistas semiestruturadas, com participantes previamente elencados, compondo o rol que pode subsidiar dados para a contribuição à pesquisa. Como dados secundários, foram utilizadas bibliografias sobre o tema central dessa pesquisa, assim como a pesquisa documental baseada em leis, decretos, portarias e resoluções publicadas pelo governo federal ao que concerne à educação brasileira. Para a realização da pesquisa foram utilizadas também as normativas institucionais do IFSC, de forma documental, as quais contribuem com a gestão da extensão.

Quadro 1 – Rol de participantes da pesquisa

Identificação do participante	Cargo	Tempo de Exercício no IFSC	Formação
Sujeito 1	Gestor I	28 anos	*Licenciatura em Matemática *Mestrado em Engenharia de Produção *Doutorado em Engenharia de Produção
Sujeito 2	Gestor II	25 anos	*Graduação em Engenharia Mecânica * Mestre em Engenharia Mecânica
Sujeito 3	Gestor III	8 anos	* Graduação em Jornalismo e Sociologia * Mestrado em Ciências Sociais * Doutorado em Ciências da Comunicação
Sujeito 4	Gestor IV	4 anos	*Graduação em Geografia
Sujeito 5	Coordenadora de Curricularização	2 anos	* Graduação em Moda
Sujeito 6	Coordenadora de Extensão Campus I	3 anos	* Licenciatura em Letras * Mestrado em Educação * Doutorado em Educação
Sujeito 7	Diretora de Campus Campus II	10anos	* Licenciatura em Letras * Mestrado em Linguística *Doutorado em Linguística
Sujeito 8	Professor Campus III	9 anos	*Graduação, Mestrado e Doutorado em Engenharia Mecânica
Sujeito 9	Professor Campus II	3 anos	*Graduação e Mestrado em Administração
Sujeito 10	Professor Campus II	9 anos	*Graduação em Moda *Mestrado e Doutorado em Design
Sujeito 11	Aluno Campus III	-	-
Sujeito 12	Participante extensionista	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Sobre a coleta de dados, foram utilizados dados primários e secundários. Os dados primários consistiram na realização de entrevistas semiestruturadas, com participantes previamente elencados, compondo o rol que pode subsidiar dados para a contribuição à pesquisa. Como dados secundários, foram utilizadas bibliografias sobre o tema central dessa pesquisa, assim como a pesquisa documental baseada em leis, decretos, portarias e resoluções publicadas pelo governo federal ao que concerne à educação brasileira. Para a realização da pesquisa foram utilizadas também as normativas institucionais do IFSC, de forma documental, as quais contribuem com a gestão da extensão.

Isto exposto, a pesquisa utilizou-se da triangulação, que surge da combinação de perspectivas e de métodos de pesquisa apropriados para levar em conta o máximo possível de aspectos do mesmo problema. Considerando que a pesquisadora utilizou referências bibliográficas sobre o assunto e referências documentais registradas em forma de leis, decretos, portaria e resoluções sobre o tema, também realizou entrevistas semiestruturadas com rol de participantes previamente elencados e fez uso de sistema integrador da gestão universitária para obter dados quantitativos e qualitativos sobre o ensino superior da instituição, criou-se a triangulação para instrumentalização da pesquisa.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Diante das respostas dos sujeitos entrevistados, foi possível obter informações para construção dos principais resultados da pesquisa, possibilitando a discussão diante de referenciais teóricos pertinentes e marcos legais vigentes sobre a curricularização e extensão universitária. O quadro 2 apresenta a dimensão conceitual da extensão, por conseguinte será apresentada a discussão.

Quadro 2 - Quadro de apresentação e discussão dos principais resultados da Dimensão Conceitual da extensão universitária

Dimensão	Grupo Respondente	Objetivo da abordagem do questionamento	Principais Resultados
Conceitual	<p>Grupo Alta Gestão (Participantes 1, 2 e 3)</p> <p>Grupo Executor (Participantes 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)</p> <p>Grupo Discente (Participante 11)</p> <p>Grupo Comunidade (Participante 12)</p>	<p>Verificar como o grupo entende a extensão diante de sua visão de mundo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Extensão é fusão entre teoria e prática, vivenciando o que se aprende em sala de aula; - Necessidade de reconhecimento do IFSC por meio da extensão (ação que necessita intervenção); - Significância da Educação diante da Extensão e valorização diante do ensino e pesquisa (ação que necessita de intervenção); - Troca de saberes entre academia e sociedade; - Princípios da Extensão ainda não enraizados na cultura das instituições (ação que necessita de intervenção)

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

A dimensão conceitual da extensão universitária teve como objetivo retratar como o grupo respondente a entende diante da sua visão de mundo. O Fórum de Pró-Reitores de Extensão ou Cargos Equivalentes das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – FORPROEXT (2015, p. 2) indica o conceito de extensão como “um processo educativo, cultural, político, social, científico e tecnológico que promove a interação dialógica e transformadora entre as instituições e a sociedade, levando em consideração a territorialidade”. Diante do conceito do FORPROEXT, considera-se o conceito da Extensão Tecnológica, voltada para as especificidades dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - equiparados às universidades à luz da Lei nº 11.892/2008 -, porém diferenciada em aspectos acadêmicos e de atuação na sociedade.

Durante as entrevistas foi possível avaliar que o conceito de extensão, para a totalidade dos entrevistados, diante de uma semântica simplificada, seria a junção entre teoria e prática, tendo a aluno a possibilidade de vivência, de forma real, do conhecimento adquirido em sala de aula. Para isso, Freire (1969) traz o conceito da extensão como o ato de estender, porém não apenas estender em via única, também reconhecer e receber o conhecimento oriundo da outra parte, sendo a sociedade indo além da academia científica.

Quatro dos doze entrevistados trazem a possibilidade de (re)conhecimento das instituições de ensino pela sociedade por meio de estratégias e ações de extensão, pois é agindo e criando elos com a sociedade que esta compreende o papel daquela instituição em seu entorno. Compreende-se, por fim, o que é extensão não em um conceito único e rígido, mas em seu conceito mais abrangente e de possível compreensão semântica. Jezine (2004) expõe que o processo educativo, alicerçado como um dos princípios da extensão universitária, proporciona a relação de saberes e a produção de conhecimento com a realidade social, e isto favorece o vínculo entre a instituição de ensino e a comunidade.

Ainda com relação aos princípios da extensão universitária, o FORPROEX (2012) elenca os cinco princípios da extensão, sendo eles: interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, impacto na formação do estudante e impacto e transformação social, desta forma, um dos entrevistados trouxe a questão de que os princípios basilares da extensão não estão enraizados ainda nas instituições. Isso faz com que o conhecimento sobre o conceito da extensão apresente a problemática de compreensão, visto que os seus princípios não são conhecidos e por muitas vezes não são praticados.

Ottaviano e Rovati (2017) defendem que não se deve buscar o conceito definitivo de extensão ou uma definição normativa abstrata, desvinculada da história da extensão universitária no Brasil e das práticas realizadas, deve-se fazer um esforço para que, ao falar de extensão, possa saber com quem e sobre o que estamos falando. Percebe-se que o currículo e processo de curricularização e a interdisciplinaridade precisam ser trazidos à tona ao mesmo tempo em que se promova a articulação dos marcos teóricos com base no currículo.

Outro entrevistado trouxe, dentro do contexto da conceituação de extensão, uma problemática sobre a pouca valorização da extensão no meio acadêmico. Defende o entrevistado, que ao mesmo tempo que a educação tenta conceituar a extensão e dar lugar de valor para essa, ocorre uma diferenciação do ensino e a pesquisa em detrimento à extensão. Demo (2004) critica a forma como as instituições de ensino praticam e abordam a extensão universitária; defende o autor que a extensão é tratada como o primo pobre, negligenciando o papel e o seu espírito.

A dimensão social teve como objetivo verificar o entendimento do grupo entrevistado sobre a relação social do IFSC e a comunidade do entorno. No quadro 3 estão apresentados os principais resultados e, por conseguinte, a discussão sobre o que foi encontrado diante da literatura referencial pertinente.

Quadro 3 - Quadro de apresentação e discussão dos principais resultados da Dimensão Social da extensão universitária

Dimensão	Grupo Respondente	Objetivo da abordagem do questionamento	Principais Resultados
Social	<p>Grupo Alta Gestão (Participantes 1, 2 e 3)</p> <p>Grupo Executor (Participantes 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)</p> <p>Grupo Discente (Participante 11)</p> <p>Grupo Comunidade (Participante 12)</p>	Verificar o entendimento do grupo sobre a relação social da instituição e a comunidade do entorno	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de melhorar a avaliação das ações de extensão para verificar o real impacto social; (ação que necessita de intervenção); - Necessidade de olhar para o entorno antes das ações serem planejadas; (ação que necessita de intervenção); - Necessidade de divulgar de forma mais eficaz as ações do IFSC para que alcance a comunidade; (ação que necessita de intervenção); - Importância e necessidade de realização de parcerias para aumentar e fomentar as ações de extensão; (ação que necessita de intervenção);

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Arroyo e Rocha (2010) defendem que as ações de extensão universitária, quando se desenvolvem como atos políticos, ou seja, como ações que podem transformar determinada situação social, possibilitam a interlocução entre os saberes e a formação crítica de novos profissionais. O Parecer nº 608/2018/CNE/CES, parecer este que deu origem à Resolução nº 07/2018/CNE/CES, traz em seu texto a importância da institucionalização da prática extensionista, considerando a estrutura universitária, no quesito administrativo e acadêmico (BRASIL, 2018).

Diante das respostas dos entrevistados foi possível identificar que existe a necessidade de criar ferramentas de avaliação das ações de extensão, a fim de conseguir mensurar quais os impactos sociais atingidos por meio da extensão universitária. No processo de curricularização da extensão no IFSC, ao integrar os 10% de carga horária total do curso, em atendimento ao PNE (2014-2024), os núcleos docentes estruturantes precisam indicar a pertinência social da ação, porém o processo

de avaliação posterior não consegue verificar o impacto social no entorno em que a ação foi realizada. Isto também ocorre com as demais ações de extensão do IFSC. Kuba (2018) propõe um modelo de avaliação das ações de extensão do IFSC, contemplando relatório técnico para verificação de impacto na comunidade. Mazon et al (2010) propõe um modelo baseado em uma metodologia multicritério.

Os entrevistados indicam que precisa haver uma melhora da comunicação do IFSC com a sociedade no sentido de divulgação das ações realizadas pela instituição para que a sociedade saiba o que o IFSC faz na extensão universitária, para que demonstre de forma efetiva suas ações; isso também na opinião dos entrevistados, bem como a melhoraria do conhecimento sobre a instituição por parte da sociedade. A população por muitas vezes reconhece o que é uma universidade, porém não conhece os Institutos Federais por serem recentes, datando sua equiparação às universidades em 2008. Muitos cidadãos só reconhecem os Institutos Federais quando é mencionado o antigo termo Escola Técnica. Contribuindo com isso, Rocha (1984) - tendo como base de sua pesquisa o estudo de Freire (1969) - defende que a extensão tem de ser função de comunicação da Universidade com o entorno, possibilitando a “realimentação face à problemática da sociedade, propiciando uma reflexão crítica e revisão permanente de suas funções de ensino e pesquisa” (ROCHA, 1984, p. 60).

Um dos entrevistados, ao ser questionado sobre a dimensão social da extensão no IFSC, levantou a questão das parcerias com empresas ou outras instituições da sociedade civil, defendendo que as parcerias propiciam o aporte orçamentário, intelectual e tecnológico nas ações de extensão. A ainda contribui o entrevistado com a opinião de que a curricularização favorece o estreitamento da instituição com a sociedade. Contribuindo com a fala do entrevistado, a Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU) indica que o orçamento público destinado às ações de extensão não exclui a possibilidade de captação de recursos privados por meio das parcerias com empresas, órgãos e instituições ligadas à temática da ação, assim como as articulações políticas com agências de desenvolvimento. A questão importante não é a origem dos recursos, mas sim a sua utilização de acordo com os princípios (FORPROEX, 2012).

Os próximos resultados a serem discutidos são oriundos da dimensão educacional da extensão universitária. O quadro 4 demonstra os principais resultados encontrados e, por conseguinte, esses serão discutidos diante dos marcos legais e literatura pertinente:

Quadro 4 - Quadro de apresentação e discussão dos principais resultados da Dimensão Educacional da extensão universitária

Dimensão	Grupo Respondente	Objetivo da abordagem do questionamento	Principais Resultados
<u>Educacional</u>	<p>Grupo Alta Gestão (Participantes 1, 2 e 3)</p> <p>Grupo Executor (Participantes 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)</p> <p>Grupo Discente (Participante 11)</p>	<p>Verificar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, entendimento sobre a formação do aluno extensionista e a atuação do professor no processo formativo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Há dissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e no planejamento orçamentário de ações da extensão no IFSC; (ação que necessita de intervenção); - Necessidade de capacitações e mudança de paradigma na atuação docente para enfrentamento às resistências com relação à extensão; (ação que necessita de intervenção); - A curricularização favorece a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; - O papel de mediação e orientação do professor na ação extensionista; - A extensão como condutora para a diminuição da evasão escolar, valorizando o pertencimento do aluno na sociedade, corroborando com a formação integral na prática, discente protagonista na construção de sua própria trajetória.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

O objetivo dos questionamentos feitos aos grupos respondentes da dimensão educacional da extensão era verificar o entendimento sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o entendimento sobre a formação do aluno extensionista e a atuação do professor no processo formativo. Os entrevistados majoritariamente afirmam que há dissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na instituição. Dois dos entrevistados fazem crítica sobre a composição orçamentária diferenciada e separada entre ensino, pesquisa e extensão, cabendo à extensão uma fatia menor do orçamento geral. Indicam os entrevistados que os orçamentos deveriam vir de uma fonte única, integrando as três dimensões da educação.

O princípio da indissociabilidade da extensão entre o ensino e a pesquisa é trazido na recente publicação das Diretrizes para a Curricularização da Extensão na Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que indica que o princípio deve estar presente na articulação entre as pró-reitorias das instituições e nos setores responsáveis, atuando de forma orgânica e integrada no planejamento, execução e na avaliação das atividades ao longo de todo o processo de sensibilização, implementação e efetivação da política de curricularização da extensão na IES (CONIF, 2020). Entretanto Morin (2005) chama a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como o desafio das instituições de ensino do século XXI. O autor ainda critica a dissociabilidade que é iniciada já nos currículos, sendo estes concebidos de forma fragmentada, não contemplando a visão do todo e por fim não se integram ou ao menos se complementam.

Quando questionados sobre a atuação docente na extensão universitária, alguns dos entrevistados trouxeram a questão da resistência à mudança de paradigma da educação que esta proporciona, à medida que alguns docentes precisam realizar ações de extensão. Indicam, os entrevistados, que é necessário ocorrer mais ações do IFSC quanto à sensibilização, primeiramente da importância da atuação docente nas ações de extensão, diante de um papel orientativo, e posteriormente, a sensibilização para a revisão dos currículos para a inserção da curricularização.

Para Santos (2005), a resistência tem que dar lugar às alternativas de pesquisa, ensino e extensão, desta forma organizam-se para o contributo específico da universidade na definição e soluções dos problemas sociais. Imperatore et al (2015) diagnosticam percepções dos professores, indicam a marginalização da extensão nos currículos, a desvalorização da prática extensionista na carreira e remuneração docente, a dificuldade de publicações em periódicos qualificados, orçamento insuficiente para as ações e indiferença por parte de docentes à extensão. Os autores ainda colocam que há uma legião de docentes incrédulos sobre a curricularização que questionam sobre disciplinar a extensão.

Todos os entrevistados colocam o papel do professor na ação de extensão como orientativo, porém dois dos entrevistados, sendo estes docentes, indicam que a concepção de educação e a atuação profissional mudaram após realizarem ações de extensão com os alunos do ensino superior. Um dos entrevistados coloca que viu o amadurecimento dos alunos ao integrarem as ações de extensão do IFSC, pois estiveram em situações reais de trabalho, aplicando o conhecimento adquirido em sala de aula. Freire (1969) coloca que as ações de extensão, atreladas à pesquisa, exigem novos conteúdos de ensino, de níveis diferentes, que demandam novas pesquisas temáticas, superando a concepção estática e ingênua da educação como pura transmissão de conhecimentos (FREIRE, 1969).

Quando questionados sobre o papel do aluno em atuação nas ações de extensão, os entrevistados indicam que a extensão contribui efetivamente para a diminuição de evasão escolar, visto que o pertencimento acaba tomando lugar quando o discente vivencia situações reais sobre o conhecimento adquirido em sala de aula. Este sentimento de pertencimento, segundo os entrevistados, favorece a atuação discente como protagonista nas ações e da sua formação integral.

Calderón (2007) colabora com a percepção dos entrevistados, colocada anteriormente, no sentido que a missão pública da educação superior é a formação de cidadãos científica e profissionalmente competentes, bem como comprometidos com o desenvolvimento social do país. Thiollent (2009) defende que a relação do conhecimento e da ação existe no campo do agir e do fazer, muitas das estruturas do ensino trazem a questão do conhecer para agir ou fazer, assim como agir e fazer para então conhecer. Assim, aquele aluno que experimenta a ação de extensão retroalimenta o próprio conhecer por meio de uma percepção adquirida para além da sala de aula.

Desta forma, a dimensão educacional trouxe a extensão como fator de diminuição de evasão escolar, pois na ação extensionista o aluno identifica seu lugar de prática, valida o pertencimento

ao meio como cidadão, não é mais apenas aluno como receptor, porém também detentor e disseminador de conhecimento. O Parecer 608/2018/CNE/CES traz na abordagem da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão o discente protagonista, no sentido de que deixam (os alunos) de ser apenas meros receptáculos de um conhecimento validado pelo professor para se tornarem participantes do processo, o eixo pedagógico clássico estudante/professor é agora substituído pelo eixo estudante/professor/comunidade (BRASIL, 2018).

O quadro 5 a seguir aborda a dimensão política da extensão universitária no IFSC; serão demonstrados os principais resultados obtidos diante do objetivo principal, que é a verificação sobre o atendimento aos marcos legais federais por parte do IFSC e políticas de fomento para a extensão.

Quadro 5 – Quadro de apresentação e discussão dos principais resultados da Dimensão Política da extensão universitária

Dimensão	Grupo Respondente	Objetivo da abordagem do questionamento	Principais Resultados
Política	<p>Grupo Alta Gestão (Participantes 1, 2 e 3)</p> <p>Grupo Executor (Participantes 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)</p>	Verificar o atendimento por parte do IFSC aos Marcos Legais Federais e políticas de fomento para a extensão.	<ul style="list-style-type: none"> - Há adequação diante das normativas federais às normativas institucionais sobre extensão; - Há um esforço para que as ações de extensão estejam adequadas aos marcos legais; - Houve evolução na forma de fazer extensão à medida que os marcos legais foram evoluindo; <ul style="list-style-type: none"> - IFSC encontra-se à frente de algumas instituições no sentido de adequação às normativas, construção de grupos de trabalho para sensibilização sobre a importância da curricularização; - Orçamento federal destinado para a extensão é insuficiente, o que favorece a dissociabilidade, visto que o orçamento de extensão é menor em relação aos orçamentos de ensino e de pesquisa; (ação que necessita de intervenção)

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Os questionamentos da dimensão política visavam verificar qual a visão dos entrevistados sobre atendimento do IFSC aos marcos legais federais, considerando suas normativas institucionais e as políticas de fomento para a extensão. Os respondentes fazem parte do grupo Alta Gestão e do grupo Executor, ou seja, são respondentes que estão diretamente ligados à tomada de decisão e de execução das ações de extensão e implementação da curricularização na instituição. Nesta dimensão não foram consultados os respondentes dos grupos discente e grupo comunidade.

Todos os respondentes do grupo executor e grupo gestor indicaram entender que o IFSC está muito articulado com os marcos legais federais em relação às suas normativas institucionais. Isto considerando as duas últimas normativas sobre a extensão universitária: a Resolução nº 40/2016/CONSUP/IFSC, que aprova as diretrizes para inclusão das atividades de extensão nos currículos dos cursos de graduação do IFSC e a Resolução nº 61/2016/CONSUP/IFSC, que

regulamenta as atividades de extensão no IFSC. Dois dos respondentes indicam que o resultado alinhado entre normativas institucionais e marcos legais federais deu-se principalmente pelo fato de gestores do IFSC terem participado ativamente das discussões da Resolução nº 07/2018/CNE/CES.

Quatro respondentes indicaram que ao longo do tempo, principalmente após a divulgação da PNEU, publicada pelo FORPROEX em 2012 e após a publicação do PNE (2014-2024), houve uma evolução nas normativas institucionais sobre o tema. Antes disso havia muitas dúvidas sobre como fazer extensão, como os próprios respondentes frisaram. Ainda há dúvidas sobre os processos que englobam a extensão, porém os marcos legais, juntamente com as normativas institucionais, puderam proporcionar um norteamento para a gestão e atuação nas ações de extensão. O resultado indica que as normativas institucionais estão alinhadas com os marcos legais vigentes, principalmente ao que tange as resoluções nº 40/2016/CONSUP/IFSC e nº 60/2016/CONSUP/IFSC com os dois marcos legais federais mais recentes, sendo eles o PNE, sob a Lei nº 14.005/2014 e a Resolução nº 07/2018/CNE/CES (ambos tratam da curricularização da extensão).

Quando questionados sobre o orçamento distribuído para as ações de extensão, não só no IFSC, mas também nas outras instituições federais de ensino superior, nove respondentes indicaram que é insuficiente o aporte orçamentário para abarcar as necessidades de implementação, capacitação e execução de ações de extensão. Um entrevistado indica que o orçamento é suficiente para as ações que ele organiza e participa, porém entende que outras ações necessitam de aportes orçamentários maiores, e ainda contribui com a importância da efetivação de parcerias entre instituições de ensino e a sociedade civil.

No contexto da normatização institucional alinhada à normativa federal e o orçamento destinado às ações de extensão, o Parecer nº 608/2018/CNE/CES traz que a formação do estudante diante da extensão universitária depende também, no âmbito interno das instituições de ensino, do diálogo permanente dos órgãos destinados ao fomento das atividades extensionistas, com os colegiados de graduação e pós-graduação, possibilitando a aplicação das diretrizes e legislações vigentes.

Durante as entrevistas, três dos entrevistados indicaram as Universidades ou os Institutos Federais, assim como as demais instituições de ensino, como organizações complexas. A gestão da tríade ensino, pesquisa e extensão exige a missão de uma tarefa desafiadora, como revela Andrade (2002). O mesmo autor indica as metas da universidade como a geração de conhecimento (pesquisa), transmissão de conhecimentos (ensino) e transferência de benefícios à sociedade (extensão). Jezine (2004) defende que a sociedade não só se beneficia da extensão, ao contrário, ela deixa de ser passiva no recebimento de informações e conhecimentos transmitidos pela universidade e passa a ser participativa, crítica e construtora dos possíveis modos de organização e cidadania.

A próxima dimensão a ser explorada trata da questão institucional sobre os processos de extensão universitária e curricularização. Nesta dimensão, a pesquisadora teve como objetivo

verificar a opinião dos entrevistados sobre a gestão da extensão no IFSC, assim como o processo de curricularização nos cursos superiores da instituição.

No quadro 6 são apresentados os principais resultados encontrados e em seguida é apresentada a discussão pertinente:

Quadro 6 - Quadro de apresentação e discussão dos principais resultados da Dimensão Institucional da Extensão

Dimensão	Grupo Respondente	Objetivo da abordagem do questionamento	Principais Resultados
Institucional	<p>Grupo Alta Gestão (Participantes 1, 2 e 3)</p> <p>Grupo Executor (Participantes 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)</p>	Verificar a gestão da extensão na instituição, considerando as normativas, gestão de fomento, capacitações e atuação dos servidores em projetos e programas.	<ul style="list-style-type: none"> - Apesar de haver capacitações para o tema curricularização há três anos, nem todos os docentes e técnicos administrativos estão capacitados diante das exigências dos marcos legais vigentes; (ação que necessita de intervenção); - Desinteresse e falta de engajamento por parte dos servidores para participação em capacitações e em ações de extensão; (ação que necessita de intervenção); - Visibilidade da extensão a partir da obrigatoriedade da curricularização em cumprimento aos marcos legais; - Crítica quanto ao sistema de cadastramento das ações de extensão ao que tange também as ações de curricularização. O sistema não possibilita a extração de relatório poderia constar os cursos curricularizados e as ações de extensão que cumprem os 10% da carga horária total do curso, conforme estratégia 12.7 – PNE 2014-2024, demonstrando necessidade de customização do SIGAA para atender tal demanda; (ação que necessita de intervenção)

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Os entrevistados indicam que a Pró-Reitoria de Extensão e Relações externas do IFSC, responsável pela divulgação da extensão e implantação da curricularização, tem se empenhado ao longo dos três últimos anos em viabilizar a capacitação de servidores nos 22 câmpus e Reitoria para que conheçam os processos de extensão e principalmente para a sensibilização sobre a implantação da curricularização nos cursos superiores. O Projeto Reitoria Itinerante, viabilizado pela Pró-Reitoria, visava, até o ano passado, percorrer todos os câmpus do IFSC levando capacitações sobre a extensão e possibilitando o encontro entre a comunidade do entorno, presente nas discussões, e a própria comunidade acadêmica. Estas ações possibilitaram que empresas e instituições da sociedade civil pudessem participar de diversas capacitações e reuniões, gerando outras parcerias e viabilizando ações com a comunidade.

Recentemente, a Pró-Reitoria publicou mais um edital que possibilita a capacitação de alunos e servidores, porém também os coloca como protagonistas do processo. O Edital chamado de O fazer extensionista possibilita que alunos e servidores possam apoiar a formação extensionista de outros servidores e alunos por meio de um curso de extensão que poderá contribuir para a

percepção do entorno e arranjo produtivo, em convergência com a estratégia de setores da sociedade. Esta ação também possibilita que os currículos dos cursos ofertados nos câmpus também sejam revisados diante das necessidades locais. Para atender à demanda de capacitação para os processos de Curricularização da Extensão, em atendimento ao PNE (2014-2024), a mesma pró-reitoria realizou o Seminário de Curricularização no primeiro semestre de 2019, que teve a presença do Relator do Parecer nº 608/2018/CNE/CES, que deu origem à Resolução nº 07/2018/CNE/CES, Prof. Gilberto Garcia. Outras oficinas de curricularização foram realizadas nos câmpus durante os anos de 2018 e 2019.

Mesmo com as capacitações ofertadas pela Pró-Reitoria de Extensão e Relações Externas, ao que tange a curricularização e demais atividades de extensão, três dos entrevistados indicaram que seriam necessárias mais ações de capacitação. Dois dos entrevistados, indicaram, porém, que há capacitações ofertadas pelo IFSC sobre o tema, entretanto muitas vezes não há o interesse e engajamento por parte dos servidores em participarem das capacitações.

Outro servidor indica que a extensão ganhou uma visibilidade no IFSC após a obrigatoriedade de cumprimento da carga horária mínima de 10% nos currículos de cursos de graduação. Ele verifica que os coordenadores de curso, professores e os NDEs estão voltados a entender o processo e como se faz curricularização. Neste sentido, sendo a curricularização da extensão no IFSC objeto de estudo de Frutuoso (2020), trouxe uma possibilidade de criação de um site aberto para a comunidade interna e externa do IFSC para instruir os atores no processo de curricularização. O site proposto pelo autor auxilia na construção e adequação dos Projetos Pedagógicos de Cursos superiores e de tecnologia, demonstrando a legislação vigente, vídeos explicativos de como fazer a curricularização, a história da extensão no IFSC e no Brasil e a demonstração de exemplos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da publicação do PNE em 2014, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, objeto deste estudo, institui um cronograma de adequação à normativa legal referida, iniciando o processo de curricularização da extensão nos projetos pedagógicos dos cursos superiores ofertados pela instituição. A partir do cenário posto, surge a pergunta de pesquisa: como se constituiu o processo de curricularização da extensão universitária no IFSC frente aos marcos legais? Para responder à pergunta, buscou-se o objetivo geral da pesquisa, baseado no sentido de analisar o cenário da curricularização da extensão no IFSC, considerando os marcos legais vigentes da educação brasileira.

Para o atingimento do objetivo geral do estudo, foram estabelecidos três objetivos específicos, sendo eles: 1) evidenciar os marcos legais no contexto da extensão universitária brasileira; 2) descrever o conceito e a prática da curricularização da extensão no IFSC; 3) propor ações para o aprimoramento da prática da curricularização da extensão na instituição.

O primeiro objetivo foi atingido por meio da pesquisa com base nos marcos legais vigentes,

visto que não há de se falar em curricularização da extensão sem antes evidenciar o que é a extensão universitária em si. A pesquisadora criou um quadro referencial disposto no item 2.2, no qual retrata o histórico do marco regulatório legal e conceitual.

O segundo objetivo trata da descrição do conceito e a prática da curricularização da extensão no IFSC. Este objetivo foi alcançado por meio da demonstração das normativas e do entendimento da instituição sobre o tema, conforme demonstrado no item 3.2.4. Além da demonstração das normativas institucionais em vigor, a pesquisadora utilizou os depoimentos de sujeitos envolvidos no processo de curricularização da extensão no IFSC, para entendimento sobre a prática da extensão e da curricularização pelo viés de cinco dimensões: conceitual, social, educacional e institucional. A pesquisadora também buscou, neste objetivo, a literatura pertinente, o conceito e a prática da curricularização e da extensão como um todo, para contrapor as evidências levantadas pelos sujeitos respondentes na entrevista semiestruturada.

Para o terceiro objetivo, com base nos marcos legais brasileiros vigentes sobre a extensão, com base nas respostas dos entrevistados na entrevista semiestruturada, com base nos dados obtidos por meio Plataforma Nilo Peçanha – PNP e no relatório indicado pela Diretoria de Extensão do IFSC, foi possível propor ações para o aprimoramento da prática da curricularização da extensão no IFSC.

Contemplando os três objetivos específicos, foi possível responder à pergunta de pesquisa indicando que a instituição se encontra no caminho viável para a estruturação em cumprimento à meta indicada na estratégia 12.7 do PNE até 2024, contudo há possibilidade de ajustes ao que tange questões de melhoria quanto ao sistema utilizado para cadastramento de atividades de extensão, à capacitação da comunidade interna e externa, comunicação interna e externa, incremento orçamentário por meio de parcerias e aumento de capital humano engajado. Desta forma, após responder à pergunta de pesquisa e indicar o alcance dos três objetivos específicos, foi possível atingir ao objetivo geral da pesquisa, a fim de identificar o cenário atual da extensão universitária no IFSC, diante dos marcos legais vigentes. Portanto, a pesquisadora identifica que a instituição está de acordo com os marcos legais federais, mediante normativas institucionais que vão ao encontro dos marcos regulatórios brasileiros vigentes ao que tange a extensão universitária e sua curricularização.

Para atendimento aos marcos legais, considerando desde a Lei nº 5.540/1968, revogada pela Lei nº 9.395/1996, que indica as diretrizes e bases da educação nacional, até a última resolução publicada em 2018, Resolução nº 07/2018/CNE/CES, o IFSC de fato conseguiu adequar suas normativas para atendimento ao arcabouço legal, indicando o conceito e finalidade da extensão, assim como o processo de inserção curricular, entretanto a instituição está em processo de adequação, o que gera ainda demandas de alinhamento organizacional.

A pesquisa apresentou algumas limitações, a primeira delas foi o fator disponibilidade. Em virtude disso, os sujeitos elencados para a entrevista inicialmente apresentavam-se ao número de 14 entrevistados, porém a pesquisadora conseguiu entrevistar apenas 12, prejudicando as respostas dos grupos comunidade e discente, na qual foi entrevistado apenas um sujeito de cada grupo.

A segunda limitação foi o fator tempo, em que, apesar da pesquisadora ser servidora do IFSC, a mesma não tinha, até então, atuação e relação com as ações da Pró-Reitoria de Extensão e Relações Externas, demandando uma pesquisa prévia sobre todo o processo.

A terceira limitação, tratou-se do SIGAA, pois inicialmente a pesquisadora buscava informações pertinentes ao processo de curricularização do IFSC, porém com base nas entrevistas, três dos doze sujeitos respondentes indicaram que as informações que a pesquisadora necessitaria não estavam cadastrados no SIGAA, módulo extensão. Gentilmente, a Diretoria de Extensão do IFSC, vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Relações Externas, cedeu o relatório que possibilitou a análise proposta.

Para estudos futuros, a pesquisadora propõe a análise do cenário da curricularização no IFSC e em outras instituições da Rede Federal, após o período compreendido pelo PNE, sendo esse de dez anos e após o período compreendido de três anos, ao que propõe a Resolução nº 07/2018/CNE/CES, ou seja, após 2021. A pesquisadora considera pertinente, em estudos futuros, considerar as diretrizes recém estabelecidas em agosto de 2020, pelo Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – CONIF, sendo que este documento leva em consideração a atuação dos Institutos Federais na sociedade, pois mesmo equiparados às universidades à luz da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, a RFEPCT traz, há mais de treze anos, especificidades que devem ser consideradas diante da educação profissional, científica e tecnológica que oferta.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. R. A universidade como organização complexa. **Revista de Negócios**, v. 7, n. 3, p. 15-28, 2002. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/29272/a-universidade-como-organizacao-complexa/i/pt-br>. Acesso em: 05 out. 2020.

ARROYO, D.; ROCHA, M. S. P. Meta-evaluation of a university extension: a case study, **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas) 15, no 2 (julho de 2010): 131–57, <https://doi.org/10.1590/S1414-40772010000200008>.

BRASIL. **Decreto nº 6.495, de 30 de junho de 2008**. Institui o Programa de Extensão Universitária - PROEXT. Brasília-DF, jun. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6495.htm. Acesso em: 08 out. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES n .608, de 03 de outubro de 2018**. Dispõe sobre Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102551-pces608-18/file>. Acesso em 06 out. 2019.

CALDERÓN, A. I. (coord.). **Educação Superior: construindo a extensão universitária nas IES particulares**. São Paulo: Editora Xamã, 2007.

CARBONARI, M. E. E.; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil: do assistencialismo à sustentabilidade. **Educação**, Campinas, p. 23-28, set. 2007.

CONIF- Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. **Diretrizes para a Curricularização da Extensão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Brasília. 2020.

DALMOLIN, B. M., VIEIRA, A. J. H. Curricularização da extensão: potências e desafios no contexto da gestão acadêmica. **EDUCERE: XII Congresso Nacional de Educação**, PUCPR, pp.7186-7201, out. 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20159_9517.pdf. Acesso em: 06 jun. 2019.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GAVIRA, M. O.; GIMENEZ, A. M. N.; BONACELLI, M. B. M. Proposta de um sistema de avaliação da integração ensino e extensão: um guia para universidades públicas brasileiras. **Avaliação (Campinas)**, n. 25. vol. 02, May-Aug, 2020.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 1. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1969.

FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS -. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Maio 2012. Manaus-AM. Disponível em: http://curricularizacaodaextensao.ifsc.edu.br/files/2016/06/7_CONIF_Politica_Nacional_de_Extensao_Forproext_2012.pdf. Acesso em: 08 out. 2018.

FORPROEXT. XIII FORPROEXT – Contribuições. **Fórum De Pró-reitores De Extensão Ou Cargos Equivalentes Das Instituições Da Rede Federal De Educação Profissional, Científica E Tecnológica**. 2015. Disponível em: <http://portal1.iff.edu.br/extensao-e-cultura/arquivo/2016/xiii-forproext-contribuicoes-para-a-politica-de-extensao-da-rede-federal-de-educacao-profissional-cientifica-e-tecnologica-2015.pdf/view>. Acesso em: 30 set. 2020.

FRUTUOSO, T. P.. O processo de curricularização da extensão nos cursos de graduação do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC. 2020. 162 f. **Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.**

HERLING, L. H.; MORITZ, G.; SANTOS, A.; SOARES, T. C.; BACK, R. A inadimplência nas instituições de ensino superior: um estudo de caso na instituição xxx. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, v. 6, n. 2, abril-maio, pp. 126-142, 2013.

IMPERATORE, S. L. B.; PEDDE, V.; RIBEIRO, J. Curricularizar a extensão ou extensionalizar o currículo? Aportes teóricos e práticas de integração curricular da extensão ante a estratégia 12.7 do PNE. In: Colóquio Internacional De Gestão Universitária – CIGU, 15, 2015, Mar del Plata, Argentina. **Anais...** Mar del Plata: INPEAU/UFSC, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/136064>>. Acesso em: 01 out. 2018.

JEZINE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. Área temática de gestão de extensão. **II Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, 2004.

KUBA, C. M. B. Avaliação da Extensão: recomendações de alternativas a partir de uma abordagem racionalista. **Dissertação (Dissertação em Administração Universitária) – UFSC**. Florianópolis, 2018.

LITWIN, E. El currículo universitario: perspectivas teóricas y metodológicas para el análisis y el cambio. **Revista Educación y Pedagogía**, vol. 18, n. 46, Medellín: Facultad de Educación-Universidad de Antioquia, pp. 25-31, 2006.

LOPES, A. C. Políticas de currículo: questões teórico-metodológicas. In: LOPES, A. C.; DIAS, R. E.; ABREU, R. G. de (orgs). **Discursos nas políticas de currículo**. Rio de Janeiro: Quartet, Faperj, 2011. p. 19-47.

LOPES, A. C.. **Políticas de integração curricular**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

LOPES, A. C.; MACEDO, E.. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MAZON, G.; RIBEIRO SERRA, F.; LIMA, M.; SOARES, T. MCDA para avaliar o desempenho de um curso de pós-graduação. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 4, n. 3, pp. 1-11, 2010.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

OTTAVIANO, C. D'; ROVATTI, J. (Org.). **Para Além da Sala de Aula. Extensão Universitária e Planejamento Urbano e Regional**. 1^o ed. - São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017. Disponível em: http://anpur.org.br/public/publicacoes/livros/para_alem_da_sala_de_aula.pdf. Acesso em: 03 out. 2020.

PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 5-23-23, 2013.

PAVIANI, J.. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. Caixas do Sul: Educs, 2008.

RIBEIRO, R. M. da C. Os desafios contemporâneos da gestão universitária: discursos politicamente construídos. **Associação Nacional de Política e Administração da Educação**, 2012.

ROCHA, R. M. G. Extensão Universitária: comunicação ou domesticação? **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 6/7, n. 2/1, p. 53-60, 1983/1984. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/12082>. Acesso em: 04 out. 2020.

SANTOS, B. de S. **A Universidade do Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005. (Coleção questões de nossa época; v. 120).

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia de Pesquisa-ação**. São Paulo: Saraiva, 2009.

YOUNG, M. Teoria do currículo: o que é e porque é importante. **Cadernos de Pesquisa**. v. 44, n. 51, p. 190-202, jan./mar. 2014.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS: O DESAFIO DO LETRAMENTO LITERÁRIO EXTRAESCOLAR

CIRCLES OF NORTHEASTERN READINGS: THE CHALLENGE OF EXTRA SCHOOL LITERARY LITERACY

CIRCULOS DE LECTURA DE NORESTE; EL DESAFÍO DE APRENDIZAJE LITERARIO EXTRAESCOLAR

LARISSA DE PINHO CAVALCANTI¹, LIDIANNE FERRAZ ALVES², MARIA ELAINE PEREIRA MOURATO³, MIRIAN SHIRLEY GOMES DA SILVA⁴

RESUMO

O artigo discute a partir da organização de Rodas de Leituras Nordestinas o papel das atividades de extensão em parcerias com instituições culturais. Para isso, discorreremos sobre a função social do museu (MARZIALE, 2021; SANTOS, 2012) e da extensão universitária (UFRPE), apresentamos a proposta das Rodas de Leituras como práticas de letramento literário (FREIRE, 2015; COSSON, 2006, 2014, 2020) e discutimos os saberes articulados a partir de sua realização. As Rodas de Leitura abriram caminhos para vivenciar a literatura nordestina em seus diferentes gêneros e temporalidades alcançando um público de idades e contextos variados. Ademais, a experiência nos mostrou o apagamento das raízes locais de grandes autores da literatura brasileira e a necessidade de aproximá-los do público leitor amplo.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Letramento Literário; Literatura Nordestina.

ABSTRACT

The article discusses the organization of the Circles of Northeastern Readings, a community outreach project developed in partnership with cultural institutions. First, we discuss the social function of museums (MARZIALE, 2021; SANTOS 2012) and the community outreach programs; next, we introduce the Circles of Readings as practices of literary literacy (FREIRE, 2015; COSSON, 2006, 2014, 2020) and discuss the knowledge promoted by the Circles of Northeastern Readings. The Circles made it possible to experience the Northeastern literature through several genres and times, reaching an audience of various ages and contexts. Furthermore the experience showed us the effacement of the localization of renowned authors in Brazilian literature who need to be taken to the broader readership.

Keywords: Community Outreach Programs; Literary Literacy; Northeastern Literature.

¹ Doutora em Letras - Linguística. Docente Adjunta da UFRPE-UAST.

² Graduanda em Licenciatura Plena em Letras: Português e Inglês pela UFRPE-UAST.

³ Graduanda em Licenciatura Plena em Letras: Português e Inglês pela UFRPE-UAST.

⁴ Graduanda em Licenciatura Plena em Letras: Português e Inglês, pela UFRPE-UAST.

RESUMEN

Basado en la organización de Círculos de Lecturas del Noreste, el artículo discute el papel de las actividades de extensión en alianzas con instituciones culturales. Para ello, discutiremos la función social del museo (MARZIALE, 2021; SANTOS, 2012) y de la extensión universitaria (UFRPE), presentamos la propuesta de Círculos de Lecturas como prácticas de aprendizaje literario (FREIRE, 2015; COSSON, 2006, 2014, 2020) y discutimos los saberes articulados a partir de su realización. Los Círculos de Lectura abrieron caminos para vivir la literatura del Noreste en sus diferentes géneros y temporalidades, llegando a un público de diferentes edades y contextos. Además, la experiencia nos mostró el borrado de las raíces locales de los grandes autores de la literatura brasileña y la necesidad de acercarlos al amplio público lector.

Palabras clave: Extensión Universitaria; aprendizaje literario; Literatura del Nordeste.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta e discute a organização e realização das Rodas de Leituras Nordestinas, ação integrante do Projeto Um Olhar Interdisciplinar para o Cangaço, desenvolvido por meio da parceria entre o Museu do Cangaço de Serra Talhada e a UFRPE-UAST entre maio a julho de 2021. O projeto congregou docentes de diferentes áreas (informática, história, biologia, sociologia, letras e química) para contribuir para a diversificação e fortalecimento das atividades culturais do Museu do Cangaço e da cidade de Serra Talhada.

O subprojeto Rodas de Leituras Nordestinas foi organizado pelas autoras e foi dividido em duas partes. A primeira objetivou a formação específica das discentes monitoras nos estudos de letramento literário e a curadoria do material literário para cada encontro. A segunda parte, a execução propriamente dita das Rodas de Leituras, ocorreu em encontros semanais para leitura das obras de autores/as nordestinos/as sem recorte temático ou temporal específico. As Rodas de Leituras foram desenvolvidas em nove encontros, correspondendo aos nove estados da região e seguindo a rota do cangaço, sempre no mesmo dia da semana e mesmo horário de forma inteiramente on-line.

Na proposta deste artigo, escrito a oito mãos, em primeiro lugar, trazemos as bases teóricas para execução das Rodas de Leitura, a saber a função social dos museus e da extensão universitária na articulação com outras instituições culturais; questões de letramento literário necessárias à concepção e estruturação das atividades das Rodas de Leituras como leituras guiadas e compartilhadas. Por fim, discutimos a realização das Rodas de Leituras salientando o que esta ação possibilitou construir junto a uma comunidade de leitores de prosa e poesia oriunda da Região Nordeste. Ao final, apresentamos nossas considerações finais.

FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU DO CANGAÇO E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Os museus, tradicionalmente associados à memória e à história da humanidade, foram assim concebidos ainda nos séculos XVIII e XIX, quando nações europeias colonizadoras dedicavam-se a colecionar e classificar artefatos furtados de territórios colonizados e seus povos – modelo que acabou por ser adotado pelos países colonizados. Todavia, já no século XX, em meio aos embates sociais e à emergência de um pensamento decolonial, surgem indagações quanto ao papel social e pedagógico dos museus e sua relação com a sociedade.

A partir desses questionamentos e da reorientação dos propósitos dessas instituições para as comunidades em que se inserem, surge a concepção de museus como equipamentos culturais versáteis para o desenvolvimento social, conversando com as diversas linguagens artísticas, culturais e científicas de todas as épocas. Esses espaços constituem, portanto, locais de transformação e propagação da ciência e da tecnologia ou, como a Unesco (2015) delinea, para a difusão da cultura e da educação para a justiça, a liberdade e a paz, propiciando o livre intercâmbio de ideias e conhecimentos. De acordo com Marziale (2021), diante de contextos de censura e conservadorismo, os museus são essenciais como espaços democráticos e polifônicos, essenciais para preservar os princípios democráticos:

Se, antes da eclosão da pandemia, já se evidenciava a necessidade de reafirmação do papel social dos museus, de modo que diversos tipos de museus pudessem, aprendendo com os museus comunitários, atentar para as necessidades de seu entorno, atuando como espaços de resistência em prol da própria manutenção democrática em países ameaçados pela intolerância, durante e após a pandemia, tal reafirmação se faz ainda mais urgente. (MARZIALE, 2021, p. 48)

No Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), existem cerca de três mil museus, porém, ainda pouco compreendidos pela grande parte da população e pouco frequentados em comparação com os países europeus. O Museu do Cangaço, localizado no município de Serra Talhada, à 420km de Recife, capital do estado de Pernambuco, é o maior do gênero do Brasil, guardião da memória do homem sertanejo com grande acervo de imagens, documentos, armas, objetos e utensílios dos cangaceiros, além de biblioteca e sala multimídia.

Mantido pela Fundação Cultural Cabras de Lampião (FCCL), o Museu do Cangaço foi criado em abril de 2000. A história dessa instituição e seu acervo singular fazem do Museu um espaço privilegiado para o ensino e aprendizagem interdisciplinar através de variadas coleções que oportunizam contar os fatos históricos, científicos e culturais a partir de vários pontos de vista. Dessa maneira, o Projeto Um Olhar Interdisciplinar para o Cangaço foi concebido para expandir as atividades já realizadas pelo Museu do Cangaço, promovendo-o como uma instituição necessária de preservação da memória do cangaço com a ajuda e trabalho vindos de parcerias com instituições sociais e educativas como a Universidade Federal de Pernambuco em sua Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

A parceria com a UFRPE-UAST, por sua vez, tem raízes na natureza extensionista das ações educacionais universitárias, congregando docentes de diferentes áreas para a realização de diferentes atividades com a comunidade – em sentido amplo devido à natureza virtual das atividades propostas em meio a pandemia. Em tempos que se questiona o trabalho e o valor da ciência é sempre importante salientar que, no Brasil, a prática da Extensão Universitária coincide com a criação do Ensino Superior, reforçando o compromisso social e a atuação interprofissional com a Sociedade Civil Brasileira a partir de múltiplas ações educativas em contextos populares.

De acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária (2001), a produção do conhecimento, pelo viés da extensão, implica a troca de saberes acadêmicos e populares para a democratização do conhecimento, a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade e uma produção resultante do confronto com a realidade. Dessa maneira, as ações desenvolvidas pela Extensão devem integrar de maneira dialógica os saberes acadêmicos:

Por articular esses saberes, sem hierarquizá-los, a Extensão proporciona uma melhor formação humanística, técnica e profissionalizante, ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento da consciência cidadã, social e política dos sujeitos envolvidos nas ações educativas. Dessa maneira, a comunidade discente torna-se protagonista de sua formação técnica, ao desenvolver as competências necessárias à atuação profissional, assim como de sua formação cidadã, permitindo que se reconheça como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. (UFRPE, s/d, p. 2)

Nesse contexto, é de particular importância para a UFRPE-UAST desenvolver atividades a partir desse espaço como incentivo para formação interdisciplinar continuada de docentes, para o estabelecimento do museu como recurso pedagógico ou, ainda, disseminar a cultura e ciência em espaços outros. Fica evidente, portanto, como o Projeto Um Olhar Interdisciplinar para o Cangaço faz convergir interesses educacionais da UFRPE-UAST e culturais do Museu do Cangaço.

Ao realizarmos o levantamento das histórias das atividades desenvolvidas pelo Museu do Cangaço, identificamos sua relação com a literatura no formato da Festa Literária de Serra Talhada (FLIST) – o que abriu espaço para uma ação educacional de incentivo à leitura e ao conhecimento da literatura nordestina. Além disso, a demanda ainda atual de atividades de formação de leitores e de leitores de textos literários no cenário local e nacional (Instituto Pró-Livro, 2020), bem como do quadro de inúmeras e intrínsecas dificuldades para formação de leitores (PORTO; SILVA; RETTENMAIER, 2015), foram motivadores para a proposição do subprojeto Rodas de Leituras Nordestinas. Assim, além de dar visibilidade à própria literatura nordestina em sua diversidade de autorias, gêneros e temporalidades, as Rodas constituiriam um espaço de construção de interpretações e leituras da palavra e de mundo, como já concebeu Paulo Freire.

LETRAMENTO LITERÁRIO E A AS RODAS DE LEITURA PARA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Como dito anteriormente, a proposta das Rodas de Leitura Nordestinas no âmbito de um projeto interdisciplinar de extensão foi norteada pela parceria com lideranças e instituições das comunidades, tal como o Museu do Cangaço, e pela identificação de oportunidades, demandas, necessidades locais, visando a integração e a autonomia das comunidades. Neste último aspecto, retomamos os dados da 5ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, lançada em 2020, que apontam uma queda de cerca de 4,6 milhões de leitores, entre 2015 e 2019, principalmente entre jovens e adultos (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

Esse quadro nos faz mencionar a aprovação, em 2018, da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) por meio da Lei n. 13.696. Conhecida como Lei Castilho, essa lei é mais um esforço para reconhecer a leitura e a escrita “como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as condições para exercer plenamente a cidadania” (BRASIL, 2018). São metas da PNLE, a democratização do acesso ao livro pelas bibliotecas públicas, o fomento da formação de mediadores de leitura, e o desenvolvimento da economia do livro – evidentemente em conflito com projetos de taxação de livros mais recentes na história nacional.

Compreendemos, portanto, como é fundamental o diálogo entre universidade e outras instituições sociais para diversificar as possibilidades de acesso e de vivência da leitura, tornando-a uma atividade voluntária além de uma atividade escolar. Afinal, ler não é somente decodificar palavras em letras ou orientar a identificação de informações na superfície do texto, mas uma atividade que envolve processos cognitivos, variáveis sociais e questões afetivas relativas à própria atividade leitora e aos que se lê.

De acordo com Porto, Silva e Rettenmaier (2015), os gargalos na formação leitora no Brasil formam cinco grandes eixos: formação de professores e sua qualificação para mediação de leitura; práticas de mediação de leitura; acervo bibliográfico; recursos tecnológicos/leitura on-line; e novos letramentos decorrentes de novas materialidades de escrita e de leitura. Nos concentramos aqui, principalmente, na questão da mediação da leitura e da elaboração de suas práticas. Esses autores pontuam que, somada à seleção cuidadosa e adequada de textos, é importante que a leitura seja mediada por um educador, não para a fruição da leitura, mas para a compreensão e a interpretação de um texto – comparado ou não com outro.

Os estudos sobre leitura e leitura literária realizados por Cosson (2006, 2014, 2020) pontuam que, na escola, predominam aulas de literatura voltadas para a história da literatura e para a biografia de escritores/as e poetas, em detrimento da leitura do próprio texto literário. Para o autor, todavia, ler literatura exige uma condução diferenciada, pois ler literariamente não é uma consequência natural da aprendizagem da escrita. Por isso, “o letramento literário tem por objetivo desenvolver a competência literária, usando, como meio, experiências literárias diversas e diversificadas, e buscando, como resultado, a ampliação e aprimoramento do repertório literário do aluno” (COSSON, 2014). Ainda nessa obra, o autor explora as diferentes possibilidades de práticas de leitura, desde a leitura silenciosa, passando pela leitura em voz alta, pela memorização de textos (para fins de debate ou dramatização, por exemplo) até chegar à leitura compartilhada.

É particularmente à leitura compartilhada que Cosson (2006, 2014, 2020) se dedica, buscando aproximar docentes e educadores das diversas formas de planejar e mediar a leitura compartilhada dos textos literários. Para o autor, essa experiência permite debater emoções, impressões, pressuposições e questionamentos que surgem a partir do contato efetivo com o texto literário. Para efetiva participação do leitor nessas trocas, Cosson (2006) primeiro desenvolve duas possibilidades de trabalho com leitura literária para escolas, denominadas sequência básica e expandida. As sequências possuem quatro etapas gerais: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Vale salientar que a proposta de letramento literário de Cosson (2014, 2020) está fundamentada na narratologia e na estética da recepção, por isso, sua metodologia se concentra em três etapas (pré-textual, textual e pós-textual) e está estruturada a partir do diálogo entre autor, leitor, texto e contexto – com ênfase nos três últimos. A partir dessa sistematização, Cosson (2014) menciona três das práticas de leitura que propõe (para contextos escolares): a leitura protocolada, a leitura comentada e a leitura reflexiva.

A leitura protocolada consiste em planejar pontos de pausas específicas na leitura do texto para que o público leitor (no caso das escolas, estudantes) possa interagir gradualmente com o que foi lido – uma estratégia que funciona melhor para textos em prosa com alguma extensão como contos ou romances. A leitura comentada, então, implica em produções textuais posteriores à leitura e à análise do texto literário (como resenhas ou discussões a partir de pontos específicos do texto), podendo ser usada tanto para textos em prosa quanto poesia. A leitura reflexiva, por sua vez, parte de uma série de questionamentos sobre o texto a partir do texto e do contexto.

As propostas de Cosson (2006, 2014) são todas organizadas para a escola, que ainda centraliza as práticas de leitura e escrita de crianças e adolescentes. Todavia, é possível adaptar os princípios da leitura compartilhada para outros contextos, principalmente aqueles em que os textos sejam desconhecidos do público leitor ou, ainda, com diferentes níveis de desenvolvimento de letramento entre participantes. Para isso, o trabalho em rodas de leitura para extensão universitária retoma diretamente a ideia de círculos de cultura de Paulo Freire (2015), no sentido de adotar o diálogo e a criticidade como motrizes de suas etapas.

O círculo de cultura freireano é um espaço diferenciado de aprendizado com princípios no diálogo, na participação para troca mútua de conhecimentos, no respeito ao outro e no trabalho coletivo. Fundamentado na pedagogia libertadora e problematizadora, os círculos de cultura de Paulo Freire se organizam de maneira que não há um condutor ou transmissor de saberes, mas um mediador que estimula discussões e reflexões sobre alguma realidade ou algum objeto. Assim, por meio do diálogo e das discussões, não cabe a este organizador ou mediador a tarefa de dar respostas, mas “a de coordenar, jamais influir ou impor” (FREIRE, 2015, p. 8). Os Círculos, portanto, levam à autonomia intelectual por meio da troca de experiências e conhecimentos:

Falamos de discussão, e este é um ponto capital para o aprendizado, pois segundo esta pedagogia a palavra jamais pode ser vista como um “dado” (ou como uma doação do educador ao educando), mas é sempre, e essencialmente, um tema de debate para todos os participantes do círculo de cultura. (WEFFORT apud FREIRE, 2015, p. 8)

A proposta das Rodas de Leituras Nordestinas bem como a formação das discentes monitoras foram construídas em função da possibilidade de provocação e de liberdade para construção coletiva dos saberes pelas diversas pessoas participantes, independente de seus contextos e formação escolar/acadêmica. Assim, apesar do convite a docentes e a poetas para as Rodas, seus papéis foram orientados para a mediação e a condução, em detrimento de um posicionamento de docente ou de palestrante. Com isso, evitamos guiar os leitores-participantes para uma única interpretação do texto ou dar respostas definitivas às inquietações literárias, e favorecemos a autonomia de seus participantes para a leitura e para a interpretação do texto literário. Assim como Freire (2015, p. 116) já pontuava para os círculos, as Rodas de Leituras Nordestinas: “Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo”.

A base freireana foi planejada também para abranger a construção coletiva de saberes sobre os textos e, por consequência, propiciar o letramento literário dos participantes individualmente: as compreensões coletivas e as habilidades individuais vão sendo desenvolvidas em uma relação dialética. Dessa maneira, apesar de os turnos de fala bem delimitados das reuniões on-line que não se sobrepõem como na dinâmica presencial, seria possível fazer com que as falas de diferentes participantes se apoiassem e expandissem umas às outras, dando origem a outras discussões a partir dos aspectos temáticos e formais dos textos selecionados.

Havendo debatido a concepção de letramento literário e a organização de seu trabalho para fins extensionistas, devemos abordar, em seguida, a curadoria dos textos a serem lidos a partir de uma compreensão ampla de literatura nordestina e a realização das Rodas de Leituras.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

Os objetivos delineados para as Rodas de Leitura eram popularizar e discutir obras de prosa e poesia, canônicas e não canônicas, de autores e autoras da região Nordeste. Inicialmente, as Rodas foram concebidas como encontros quinzenais, organizadas por um roteiro semiestruturado para incluir obras de cada estado nordestino e ainda permitir contribuições dos participantes durante seu desenvolvimento. Tal desenho foi reestruturado quando nos unimos às três discentes monitoras para o projeto e ouvimos suas perspectivas acerca da proposta. Dessa maneira, ficou definido que iríamos fazer encontros semanais entre os meses de maio e julho de 2021. Em outras épocas, as Rodas seriam presenciais, mas, por questões de preservação da saúde coletiva, todas as etapas do projeto foram desenvolvidas nas plataformas do Google: inscrição via formulário, disponibilização de materiais em uma Sala de Aula do Google e envio por e-mail e via redes sociais do link para as reuniões semanais.

Após estudarmos as possibilidades de leituras literárias, definimos que organizaríamos os textos para compartilhamento e, dentre esses, apenas alguns seriam lidos nas Rodas. Para cada Roda, compilamos os textos em um arquivo pdf com capa e folha de rosto da identidade visual das Rodas de Leituras Nordestinas para compartilharmos com quem participasse. Todas as cartilhas eram disponibilizadas na Sala de Aula do Google, que se tornou um grande repositório do material multimídia das Rodas. Organizada em nove tópicos, correspondentes aos estados do Nordeste, ordenados conforme a rota do cangaço (Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas, Sergipe, Bahia e Rio Grande do Norte, notadamente marcando a presença do cangaço, seguidos de Maranhão e Piauí por último devido ao menor envolvimento). Para controle de presença e emissão de certificados, organizamos um formulário Google com dados básicos e com a pergunta “O que você achou da Roda de Leitura?” ao final. Assim, teríamos também a avaliação de participantes e convidados/as de cada Roda acerca do desenvolvimento das discussões e dos textos lidos – uma ação importante para a avaliação do projeto pela própria comunidade.

No que diz respeito a quem participa dos projetos de extensão, é sempre importante que a comunidade seja a principal beneficiada. No caso do projeto Um Olhar Interdisciplinar para o Cangaço, o público esperado seria oriundo do próprio Museu do Cangaço e da Fundação Cultural Cabras de Lampião, da UFRPE-UAST e do Sertão do Pajeú de modo amplo. Por isso, tomamos o cuidado de escolher um horário de transição entre as atividades cotidianas (final da tarde) durante a semana, quando a maior parte das pessoas encontra-se no núcleo urbano das cidades do Sertão e com melhor acesso à internet. Por outro lado, era preciso ter cuidado com o horário das atividades da graduação em Letras na UFRPE-UAST, das quais participavam as organizadoras das Rodas.

Havendo apresentado o desenho estrutural das Rodas, na sequência apresentamos uma curta discussão acerca da literatura Nordestina e dos recortes e seleções operados para compor o material de leitura das Rodas.

Literatura no nordeste: por quais veredas?

O primeiro passo para selecionar que textos seriam lidos, foi entender que participantes de Rodas de Leituras semanais teriam pouco tempo disponível para ler um grande volume de textos ou textos extensos, por isso, optamos por privilegiar gêneros curtos em prosa (contos, crônicas e similares) e diferentes manifestações poéticas. Além dos textos compilados em arquivo pdf, organizamos também links para vídeos de poetas ou leituras dos escritores, entrevistas ou obras complementares disponíveis on-line a serem disponibilizados com o material de leitura para cada Roda.

No que diz respeito às leituras literárias propriamente ditas, fizemos uma primeira busca sobre autorias importantes para a literatura do Nordeste em livros de antologias e sites como Bienal de Pernambuco ou Check-in Virtual. Essa pesquisa nos permitiu conhecer nomes históricos e canônicos da literatura Nordestina

a exemplo de: João Cabral de Melo Neto (PE), Ariano Suassuna e Augusto dos Anjos (PB), Nísia Floresta (RN), José de Alencar e Rachel de Queiroz (CE), Graciliano Ramos e Lêdo Ivo (AL), Raimundo Sousa Dantas e Tobias Barreto (SE), Ferreira Gullar e Aluísio Azevedo (MA), Da Costa e Silva e Francisca Miriam (PI) e Castro Alves e Jorge Amado (BA).

Por havermos estabelecido como objetivo principal das Rodas aproximar o público das outras literaturas do Nordeste e diante do predomínio de nomes históricos masculinos e brancos dentre os mais célebres do Nordeste, foi acordado com as monitoras que iramos além da literatura canônica e das obras de grandes escritores/as e poetas da literatura brasileira – exceto quando necessário salientar suas raízes nordestinas. Assim, buscamos olhar também para as obras de autoria de mulheres e de pessoas negras, frequentemente obscurecidas mediante uma política editorial e uma história da literatura elitista e racista e da própria literatura popular nordestina.

No que diz respeito às tradições literárias nascidas no Nordeste, observamos que elas são frequentemente apagadas ou preteridas no quadro da literatura brasileira, sendo-lhe conferida uma roupagem folclórica (SILVA, 2009), apesar de suas atuais contribuições à literatura na região, decidimos olhar, sempre que possível para a literatura popular. Compreendendo literatura popular como “aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na particularidade das suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico” (SILVA, 1988, p. 116-117), levamos para as Rodas autores que em suas propostas estéticas e formais produzissem cordéis, repentes, glosas, toadas – o que se fez notar em quase todos os estados.

Essas escolhas tornaram ainda mais árdua a tarefa de curadoria das leituras para cada encontro da Roda: não se tratava somente de buscar e conhecer a literatura de cada estado, mas acessar obras e fontes obscuras até para pessoas desses locais. Vale salientar, por exemplo, a ausência das autorias femininas das antologias da literatura de cordel:

(...) Durante muito tempo, os sentimentos, as visões do mundo, as aspirações femininas foram recalcados na escrita, e, salvo algumas exceções, foi talvez na oralidade e no âmbito doméstico que a voz feminina pôde dar sua contribuição artística e poética. A ausência feminina na autoria dos folhetos impressos deve-se em parte às funções que deveriam ser exercidas pela mulher numa sociedade patriarcal de passado colonial, em que se evidencia o silêncio e a reclusão tanto no cenário público da vida cultural quanto no registro das histórias da nossa literatura (QUEIROZ, 2006, p. 13).

Esse mesmo apagamento é notável em fontes amplas de acesso, como o site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel que apresenta vinte e sete cordelistas homens como os grandes cordelistas dos séculos XIX, XX e XXI. Neste mesmo site, as quarenta cadeiras acadêmicas também não trazem nomes de poetisas, elegendo apenas cinco mulheres para fazer parte do grupo seleta (SANTOS, 2009, p. 8).

Por outro lado, quando pensamos nas demais literaturas, observamos que a presença da mulher é ainda pouco divulgada ou anunciada. Florêncio e Santos (2020) afirmam que nas fases mais importantes da história da Literatura Brasileira (Romantismo de 1854 a 1881 e Realismo de 1881 a 1892), nenhuma mulher alcançou destaque entre os cânones da nossa literatura. Além disso, em uma pesquisa, Dalcastagnè (2012) mostra que de 1990 a 2004, eram de autoria masculina 72,7% das obras publicadas, ao passo que a porcentagem de autorias afrodescendentes não chegava a 30%.

Um aspecto importante para a organização das Rodas de Leituras Nordestinas é a pandemia de covid-19. A pandemia e diferentes decretos de lockdown no estado de Pernambuco também limitaram o acesso aos acervos públicos do Museu do Cangaço e das bibliotecas (municipal e da UFRPE-UAST). Portanto, foi preciso recorrer às fontes disponíveis on-line ou disponibilizadas por colegas docentes participantes do projeto e de carreira acadêmica. Abaixo, oferecemos um esquema de poetas e escritores/as cujas obras foram selecionadas para constarem no material das Rodas de Leitura.

A seleção das leituras se deu tanto pela disponibilidade (nos limites da legalidade) das obras ou dos textos, quanto dos resultados das buscas realizadas pela equipe de organização das Rodas. Como é possível observar, intercalam-se autores históricos e contemporâneos, de gêneros diversos e diferentes propostas estéticas. O objetivo de fazer constar, entre os textos das Rodas, os nomes consagrados da literatura brasileira era justamente reforçar suas origens nordestinas, frequentemente apagadas por meio de nomenclaturas como “poetas modernistas” ou “geração de 45”. Além disso, o percurso histórico permitiu salientar figuras como Maria Firmino Reis (primeira mulher e mulher negra romancista publicada no Brasil).

Por questões de espaço, não nos é possível entrar em detalhes sobre a relevância ou da pertinência de cada texto lido ou das possibilidades de leituras de cada autor/a ou poetas citados/as acima, mas fazemos algumas rápidas observações quanto à organização da proposta. Notadamente, para os estados de Pernambuco, da Paraíba, Ceará foi possível fazer um levantamento mais robusto de fontes da poesia popular, enquanto estados como Rio Grande do Norte e Sergipe, por exemplo, ofereceram menos resultados nas buscas. Por outro lado, no Rio Grande do Norte, foi possível abordar as literaturas dos povos originários através da poesia de Graça Graúna – uma literatura notadamente ausente nos resultados de buscas para outros estados. Particularmente, para os estados de Pernambuco e da Bahia, coletamos poucos textos e poucas autorias em virtude da orientação temática (literatura popular), no primeiro caso, e da presença da escritora e poeta Lívia Natália, no segundo. A seguir discorreremos sobre o convite para mediação das rodas e seu desenvolvimento propriamente dito.

Rodas De Leituras: Fazendo O Círculo

Durante o planejamento do percurso de leituras das Rodas e organização dos materiais, foi possível pensar na mediação realizada por colegas de docência, os quais por sua experiência e dedicação ao estudo das obras literárias poderiam fazer provocações e propiciar reflexões a partir dos textos considerando a proposta do letramento literário coletivamente articulado. Outrossim, com a diminuição das distâncias comunicacionais e a realização on-line das Rodas, outra possibilidade que se concretizou foi a participação de escritores/as nordestinos/as – como citaremos para os estados da Paraíba, da Bahia e do Piauí.

No planejamento da primeira Roda, portanto, optamos por convidar o discente recém-formado do curso de Letras da UFRPE-UAST e também poeta popular, Cícero Ângelo, para conduzir o encontro. Como resultado do diálogo entre o convidado e as monitoras, a Roda de Leituras Pernambucanas foi composta por poemas de vários poetas populares de Pernambuco, homens e mulheres com ênfase na vivência do Sertão. Considerando já nesta primeira Roda o intuito de dar visibilidade às mulheres, a abertura consistiu na reprodução de um vídeo¹, em que a poeta Francisca Araújo, do município de Iguaraci, declama “O que é a Poesia”. Outros autores escolhidos para esta Roda foram Vinícius Gregório, Andrade Lima e, por excelência, Dedé Monteiro.

Na discussão das leituras, com as perguntas motivadoras das monitoras-mediadoras e as falas do poeta Cícero Ângelo, foi possível abordar não somente os temas e as especificidades formais de cada poema, questões de autoria e diálogo entre poetas nas tradições da poesia popular, mas suas propostas estéticas e formas de registro – tanto para o processo da composição escrita quanto para a declamação. A potência da declamação da poesia popular do Cícero Ângelo durante a Roda de Pernambuco também facilitou a experiência da oralidade e da sonoridade do texto poético – um aspecto comentado pelo próprio poeta a partir de questionamentos das pessoas na Roda. Nos comentários de resposta ao formulário, ecoaram comentários como “Contextos muito atuais e característicos abordados nos poemas mencionados. Foi maravilhoso!” e “A cultura Pernambucana é muito rica, de modo particular a poesia popular, pois ela está bem próxima de nossa realidade, por isso deve ser estudada e divulgada.”.

A veia forte da literatura popular se estenderia também para a Roda da Paraíba, mediada pela professora doutora da UFRPE-UAST e poeta paraibana Maria do Socorro Almeida. A professora de literatura montou seu percurso pautado, por um lado, em poetas da literatura popular do estado, com menção a Jessier Quirino por sua notoriedade, e, por outro, em autorias femininas a exemplo de Dôra Limeira e Janaína Azevedo. A segunda Roda começou com uma rápida surpresa para a convidada, com as monitoras apresentando um poema da própria Socorro Almeida. Ao iniciar sua fala condutora, a professora define o tom da conversa propondo uma reflexão ampla sobre o encantamento que a literatura e a poesia suscitam, salientando a universalidade e a potência dessa arte.

¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cq8wrmPd_ks

Do sofrimento do sertanejo na poesia de Leandro Gomes de Barros, a professora fez ouvir a voz da mulher na literatura na Roda da Paraíba, com a leitura também dos textos de Dôra Limeira, cuja prosa vem provocar inquietações sobre a sexualidade da mulher, sobre a marginalização de suas vivências e silenciamento de sua voz. Em um percurso orgânico, mesclando tempos e estilos, a mediadora também abriu espaço para os diálogos intertextuais na sua curadoria, com a retomada de outras obras do cânone da literatura brasileira e nordestina – a exemplo da Canção do Exílio de Gonçalves Dias, em seu próprio poema “Puxinanã outra canção do exílio”; ou do poema Quadrilha de Drummond de Andrade e do texto Os três mal amados de João Cabral de Melo Neto com o conto As Mulheres da Quadrilha de Janaína Azevedo. A abordagem pungente da vivência de mulheres estimulou comentários como “Sempre bom ver que podemos trazer através da poesia histórias, recordações, boas lembranças, incertezas, lições, reflexões de vida.” e “a roda de leituras possibilitou o acesso a autores e produções literárias significativas no universo da literatura paraibana.”.

Olhando de modo mais atento para as questões de letramento literário e leitura compartilhada, vale salientar que nessas duas primeiras rodas as relações entre texto e contexto foi realizada de modo quase natural, sendo a maioria das pessoas participantes oriundas do sertão e também mulher. Outra dinâmica interessante para a condução das rodas foi a exploração das palavras empregadas nos textos lidos, podemos citar, em particular, as discussões sobre o “galo de campina” na Roda de Pernambuco e a palavra “Puxinanã” na Roda da Paraíba. Para entender os sentidos que um texto propõe construir com quem lê é preciso conhecer as diferentes relações propostas pelas palavras, de modo que as monitoras estavam sempre alerta, fornecendo no chat da plataforma, as definições dicionarizadas a partir das quais as pessoas na Roda poderiam fazer as suas construções de sentido localizadas nos textos lidos.

Para a Roda de Literatura Cearense, inicialmente foi planejada a leitura de uma escritora nordestina que, apesar de consagrada e com obras adaptadas inclusive para televisão, continua pouco lida nas escolas: Rachel de Queiroz. Ao analisarem as crônicas sugeridas, as monitoras conseguiram estabelecer um diálogo temático entre Rachel de Queiroz e as poesias de Bráulio Bessa, outro poeta cearense contemporâneo de renome. A leitura de uma das crônicas de Rachel de Queiroz levou várias participantes a dialogarem sobre como enxergar o envelhecimento e como as mulheres são julgadas ou esquecidas com o passar dos anos, em uma sororidade velada pelo esclarecimento propiciado pelo literário. O tom da Roda, em contrapartida, não permaneceu melancólico, pois a poesia de Bessa é otimista e leva a um discurso de renovar e recomeçar bem recebido e discutido.

Com a contribuição dos participantes da Roda anterior, incluiu-se no roteiro a leitura de Patativa do Assaré, grande nome da literatura popular do Nordeste, e Jarid Arraes – mulher negra e cordelista. Assim, quando de sua realização, o percurso das leituras da Roda Cearense tornou-se obra coletiva tanto na organização quanto na execução. De fato, participantes observaram que “Tudo é um aprendizado, cada idade nova é necessária para evoluirmos independente de quando

iremos realizar nossos desejos e vontades. Foi ótimo! Tudo muito construtivo e reflexivo!”.

Em seguida, na Roda de Alagoas, convidamos a professora Valquíria Moura, então vinculada à UFRPE-UAST, alagoana e cuja vivência na teoria da literatura e conhecimento dos textos poéticos de seu estado muito acrescentaram ao planejamento e execução da Roda. Sem abdicar da relevância de Graciliano Ramos para a literatura do estado, a professora nos conduziu, primeiro, por poesias de populares que em diálogo com outras produções do cânone reconstruíram a memória literária de Alagoas. Todavia, as leituras de Alagoas que mais movimentaram as discussões foram as obras das poetisas mulheres como Anilda Leão e Ariete Vilela, e dois autores canônicos (Jorge de Lima e Lêdo Ivo), escolhidos para pontuar no mapa da história da literatura ainda tão presente na escola sua nordestinidade. Na condução das leituras, ouvindo o que as pessoas expunham e como teciam diferentes relações com os poemas selecionados, foi importante salientar, no momento síntese da Roda, o diálogo entre universal e local construído pela poesia.

O movimento próprio da Roda foi percebido por participantes, que disseram “Achei bem diferente das outras leituras das semanas anteriores e amei conhecer as leituras de Alagoas.” e “Foram poemas, sonetos lidos e analisados que trazem reflexões acerca de mudanças que muitas vezes procuramos em nós mesmos.”.

A Roda seguinte, sem convidados para a condução, foi movimentada pelas monitoras e pela poesia popular de João Sapateiro. Embora não tenhamos lido seus textos por serem demasiados extensos, recorremos aos recursos digitais para reproduzirmos um vídeo² em que falava de sua época e dos costumes de sua cidade do interior. Na sequência, selecionamos poetisas e escritores/as que marcaram a crítica social do estado, como Mário Jorge e Núbia Nascimento Marques, bem como aqueles que consolidaram a vida cultural e intelectual do estado após os anos 1980, como Ilma Fontes e Amaral Cavalcante.

Afastando-nos dos estados mais próximos ao sertão do Pajeú, consideramos importante apresentar, a medida que líamos os poemas, a biografia de seus/suas autores/as, situando a obra em um contexto histórico, mas também marcando esses nomes na memória leitora de quem estava presente na Roda. Vale salientar que nas conversas iniciais da Roda houve comentários sobre o desconhecimento geral sobre o estado e sobre sua literatura, dessa forma, nas respostas, há o reconhecimento da contribuição “Uma riqueza de poesia que nasce do simples e é capaz de descrever as belezas de Sergipe.”.

Na Roda de Leituras da Bahia, por sua proximidade com a literatura do estado, convidamos o professor Kleyton Pereira da UFRPE-UAST, o qual, por sua vez, convidou a professora de literatura e poeta premiada Livia Natália para honrar o nosso projeto. Com a presença e a leitura dos poemas dessa poeta, mulher, negra e do candomblé, a Roda de Leituras da Bahia fugiu inteiramente ao cânone de escritores do estado, representado mais expressivamente nas obras de Castro Alves, Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro como divulgado por meio

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0wEdL7xatI4>

da cartilha disponibilizadas na Sala de Aula. Se, no começo, as sinas das mulheres (negras) são abordadas em uma discussão sobre o sangue e os ciclos, ao final da Roda, foi a sexualidade e a sedução da mulher por si mesma quem suscitou debates e reações calorosas. No meio tempo, as vozes e as discussões que Lívia Natália trouxe para a Roda da Bahia tocaram em assuntos fundamentais para a compreensão da realidade racista do Brasil, os quais pela mediação digital do professor Kleyton, resgataram a poesia de Castro Alves e o Navio Negreiro em articulações históricas e literárias. Essa atuação ecoou nas avaliações da Roda: “Muito pertinente mostrar a nossa "sina" ou as nossas "sinas" através desses poemas, vídeo...”

Em seguida, na Roda de Leituras do Rio Grande do Norte, as monitoras optaram por se concentrarem na leitura de poemas da poeta indígena Graça Graúna e fizeram convite à professora e poeta Paula Santana (UFRPE-UAST), amiga da poeta Graça Graúna e estudiosa das culturas e epistemologias do sul global para condução da Roda. Com a descoberta do poeta popular Antonio Francisco, o trajeto de leituras foi definido para começar na poesia popular de protesto contra crimes ambientais, escancarando a fome do ser humano (por meio da exibição de vídeos em que declama o próprio Antonio Francisco, ainda bastante ativo poeticamente) até chegar às profundas e ramificadas reflexões sobre os processos colonizadores da América do Sul.

Em uma fala que mistura pessoa, professora e poeta, Paula Santana leu e falou de poesia, mas também de história e de contradiscursos, salientando dos versos suas vozes de resistência poética e ameríndia na escrita de Graça Graúna. Como resposta, as pessoas da Roda, muitas já discentes de Paula Santana e integrantes de seus grupos de atividade na universidade, pontuaram como a professora foi capaz de apresentar “Um resgate bem explícito e discutido de muita resistência e resiliência!”, o que leva “A gente encontra a si mesmo ali e reconhece muito mais do que somos enquanto brasileiros, mas ainda não sabemos.”.

Tínhamos expectativa de que um professor do estado pudesse nos acompanhar na Rodas do Maranhão, porém o mesmo não ocorreu, em contrapartida, uma estudante egressa da universidade, residente do Maranhão, estava presente nessa roda e muito contribuiu com o debate a partir do que monitoras e professora coordenadora organizaram. Foi possível, então, debater o silêncio cultural apontado na crônica do escritor José Neres que impede a visibilidade de produções artísticas locais e tem por base o consumo das mídias de massa. A sensação de desvalorização do local em função de produtos prontos e acabados de conglomerados foi bastante comentada também em virtude da própria experiência das pessoas presentes em suas localidades. A curadoria de textos trouxe também poemas de Aurora da Graça que permitem aproximar da geografia e das cores locais da capital e, com a mediação da estudante egressa, redimensionar a compreensão da arquitetura e o que ela pode evocar a partir da sensação de pertencimento e de lar. Não poderíamos abrir mão nesta roda de ler Maria Firmina dos Reis, que permanece expoente da leitura de autoria feminina negra no Estado e no Brasil. Escolhemos poemas mais curtos de sua vasta produção e com elas discutimos a lírica dos amores e da superação das frustrações amorosas.

Ao final, apesar de canônico, por sua localização e origem nordestina sempre invisibilizada, trouxemos um poema neoconcreto de Ferreira Gullar. As explorações poéticas da curadoria realizada podem ser conferidas nas avaliações positivas: “foram evidenciados e revistados autores além do cânone literário, que até então não os conhecia.” e “QUERO MAIS.”. Vale salientar que nesta e na próxima Roda, tivemos o menor número de público participante.

Por fim, na Roda do Piauí, buscamos resgatar o que havia sido apagado do conhecimento comum sobre a literatura do estado (tal como o poeta e compositor da Tropicália Torquato Neto). Para isso, contamos com a presença do poeta e coordenador do Projeto Geleia Total, Noé Filho, que não somente discorreu sobre seu fazer literário como também explicou a proposta de revitalização e visibilização do Projeto Geleia Total. A fala de Noé fala não somente da importância de que pessoas conheçam a literatura do próprio estado, mas a conheçam em diversidade e diálogo com outras artes e artistas de identidades diversas. Com número já reduzido de participantes, a Roda ainda produziu comentários como “Enriquecedor, como sempre! Viva o nordeste e a diversidade cultural!”.

No que diz respeito à participação e interação das Rodas, precisamos estar cientes que a participação em reuniões on-line é dotada de suas particularidades, tais como câmeras e microfones fechados de forma predominante e turnos de fala bem delimitados com as contribuições paralelas ocorrendo por escrito no chat. Apesar disso, obtivemos a média de 16 pessoas participantes (além de monitoras e convidadas) e, tanto em função das ideias postas pelas próprias leituras, quanto pelas perguntas motivadoras das monitoras do projeto, durante todas as Rodas se pode construir o debate sobre os textos lidos. Em particular, podemos citar as particularidades e riquezas sobre a vivência no Sertão na Roda Pernambucana em que os próprios participantes declamaram seus poemas, o debate sobre o que significa envelhecer e como a velhice afeta de modo diferenciado a população e a indústria durante Roda de Leitura Cearense, as matrizes coloniais da cultura brasileira e as riquezas escondidas no repertório linguístico e poético o incômodo silêncio que perpassa a produção cultural local em detrimento de uma cultura de massa na Roda Maranhense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a prática da leitura esteja aumentando entre a população jovem brasileira, ainda é preciso reconhecer que o consumo da literatura frequentemente se volta para os grandes índices de vendas, geralmente com títulos internacionais ou autores promovidos pelo mercado editorial não-nordestino. Outrossim, como consequência de fatores que são tanto históricos, quanto econômicos, culturais e políticos, os autores da história da literatura nordestina são invisibilizados em sua origem, canonizados em um panteão higiênico de propostas literárias. Nesse caso, usamos masculino plural para apontar inclusive o apagamento das vozes de mulheres que já pertencem a essa história.

De modo similar, a própria riqueza das literaturas populares são ocultadas e poucos são os nomes e textos de poetas (homens ou mulheres) possíveis de serem resgatados até mesmo em meios digitais. De fato, repertórios inteiros de cordelistas precisam ainda ser digitalizados e tanto as plataformas de secretarias de cultura, academias de letras quanto os repositórios de pesquisas precisam visibilizar as diversas obras e autorias de suas localidades.

Construir um projeto de extensão pautado em leitura e literatura atende a várias demandas sociais e educacionais coincidindo com os propósitos formativos dos museus. O vínculo do projeto a uma instituição que promove culturas e saberes poderia, certamente, auxiliar a divulgação e o engajamento da proposta. Vale salientar que, talvez por falha da divulgação ou por má comunicação entre as instituições promotoras das Rodas de Leituras, não foi observada a participação de pessoas do Museu ou da Fundação Cultural Cabras de Lampião e poucos participantes externos às instituições de nível superior envolvidas – mostrando que uma proposta aberta para a sociedade encontra obstáculos na falta de incentivo à prática de leitura das pessoas cotidianamente. O fato que o público das Rodas diminuiu principalmente nos estados do Maranhão e do Piauí também foi sugestivo de uma rota de leituras alternativas que aproximem, talvez, de modo intercalado, os estados menos conhecidos nas tradições/práticas de leituras literárias do público pernambucano.

REFERÊNCIAS

BIENAL DE PERNAMBUCO. **Autores do Nordeste.** s/d. Disponível em: <http://www.bienalpernambuco.com/autores-do-nordestes/> Acesso em 20. Fev. 2021.

BRASIL. **Lei n. 13.696, de 12 de julho de 2018.** Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. DF, Brasília, 2018. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm Acesso em 15 de jul. 2021

COSSON, Rildo. **O letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Leitura Compartilhada: Uma Prática De Letramento Literário.** Interdisciplinar, v. 33, p. 13-29, jan-jun, 2020. Disponível em: Acesso em:

DALCASTAGNE, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado.** São Paulo: Editora Horizonte, 2012. 208 p.

FLORENÇIO, Roberto; SANTOS, Carlos Alberto. A Mulher Da/Na Literatura Popular Nordeste: Notas Sobre A Misoginia na Literatura Brasileira. **Revista Athena**, vol. 19, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/5242> acesso em: 31 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 2019-2020**. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> Acesso em 15 de jul. 2021

MARZIALE, Nicole Palucci. A importância da reafirmação da função social dos museus: antes, durante e depois da pandemia. Perspectivas de mudança? **O Público e o Privado**, n. 38, p. 24-53, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/4119> Acesso 14 de jul. 2021

Plano Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas. Brasileiras e SESu / MEC. Brasil, 2000/2001.

PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 29 nov. 2021.

PORTO, Ana Paula Teixeira; SILVA, Denise Almeida; RETTENMAIER, Miguel. Formação de leitores no Brasil: um processo de vários nós. **Revista Língua & Literatura**, v. 17, n. 30, p. 1-338, dez. 2015. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/2105/2036> Acesso 15 jul. 2021.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: Percepções do universo feminino na literatura de cordel**. Dissertação. 2006. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6WEK7J/1/disserta__o.pdf Acesso em 31 ago. 2021

SANTANA, Livia. Quem são os escritores do nordeste? Estados literários. **Check-in Virtual**. 2018. Disponível em: <http://www.checkinvirtual.com.br/2018/08/escritores-do-nordeste-estados-literarios.html> Acesso 20 fev. 2021

SANTOS, Paula Assunção dos. A Mesa de Santiago para pensar o futuro. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos (Orgs). **Mesa Redonda de Santiago de Chile**, 1972. Brasília: IBRAM, 2012, p. 9-10.

SANTOS, Vanusa. “Estratégias de (in)visibilidade feminina no universo do Cordel”. **ANAIS DO V ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**. Salvador. 2009, p. 1-16. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19335.pdf> Acesso em 31 ago. 2021

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da literatura**. 8ª ed. Coimbra, 1988

SILVA, Celso. **A literatura popular: silêncios e murmúrios na história da literatura brasileira**. Letrônica, vol. 2, n.2, p. 233-248, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/5534> Acesso em 20 jul. 2021.

UFRPE. **Fórum de Extensão**. Vol. 2. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/F%C3%93RUM%20DE%20EXTENS%C3%83Ov2.pdf> Acesso em: 20 jul. 2021

DESENVOLVIMENTO PARTICIPATIVO DE SISTEMA AGROFLORESTAL

PARTICIPATORY DEVELOPMENT OF AGROFORESTRY SYSTEM PROJECT L

DESARROLLO PARTICIPATIVO DE SISTEMAS AGROFORESTALES

MARIA IVANILDA DE AGUIAR¹, ALLEF MATHEUS HOLANDA LIMA², MESSIAS JOÃO EDUARDO³, MARIA JOSELIA GOMES DOS SANTOS⁴, DANIELA QUEIROZ ZULIANI⁵

RESUMO

A agricultura tradicional praticada no nordeste brasileiro caracteriza-se por desmatamentos e queimadas, constituindo prática degradativa dos recursos naturais. Assim, os sistemas agroflorestais (SAFs) são alternativas a este tipo de produção agrícola, por serem conservacionistas e de baixo custo de implantação. Este artigo apresenta resultados do projeto de extensão “Desenvolvimento participativo de sistemas Agroflorestais: uma alternativa para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar”, desenvolvido em duas comunidades rurais, ao longo de três anos, nas quais foram apresentados conceitos e princípios de SAFs, promovendo-se discussões sobre a necessidade de conservação ambiental e proposta a utilização dos SAFs para tal. Os agricultores conheceram novas experiências e reconheceram nos SAFs uma oportunidade de mudança visando melhorias ambientais, econômicas e sociais.

Palavras-chave: extensão; agrofloresta; agricultura sustentável.

ABSTRACT

Traditional agriculture practiced in northeastern Brazil is characterized by deforestation and burning, constituting a degrading practice of natural resources. Thus, agroforestry systems (AFS) are alternatives to this type of agricultural production, as they are conservationist and have a low implementation cost. This article presents the results of the extension project “Participatory development of agroforestry systems: an alternative for the sustainable production of family agriculture” over 3 years, in which the concepts of SAFs were presented, promoting discussions on the need for environmental conservation and to propose the use of SAFs for this purpose. Farmers got to know new experiences and recognized in the SAFs an opportunity for changes aimed at environmental, economic and social improvements.

Keywords: extension; agroforestry; Sustainable Agriculture.

¹ Doutora em Ecologia e Recursos Naturais - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira.

² Graduando em Agronomia - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira.

³ Graduando em Agronomia - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira.

⁴ Graduando em Agronomia - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira.

⁵ Doutora em Agronomia, solos e nutrição de plantas - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira.

RESUMEN

La agricultura tradicional practicada en el noreste de Brasil se caracteriza por la deforestación y la quema, constituyendo una práctica degradante de los recursos naturales. Así, los sistemas agroforestales (SAF) son alternativas a este tipo de producción agrícola, ya que son conservacionistas y tienen un bajo costo de implementación. Este artículo presenta los resultados del proyecto de extensión “Desarrollo participativo de sistemas agroforestales: una alternativa para la producción sostenible de la agricultura familiar” durante 3 años, en el que se presentaron los conceptos de los SAF, promoviendo discusiones sobre la necesidad de la conservación ambiental y proponer el uso de SAF para este fin. Los agricultores conocieron nuevas experiencias y reconocieron en los SAF una oportunidad de cambios encaminados a mejoras ambientales, económicas y sociales.

Palabras clave: extensión; agroforestería; Agricultura sostenible.

INTRODUÇÃO

O histórico de uso da região semiárida brasileira revela que a utilização intensiva da agricultura e/ou pecuária causa degradação ambiental com elevadas perdas de biodiversidade regional (ALVES et al., 2009). Os sistemas de cultivo tradicionalmente utilizados nessa região são caracterizados pelo desmatamento e queimada de toda a vegetação nativa, seguida de cultivo por dois ou três anos consecutivos. A partir do terceiro ano, essas áreas são deixadas em pousio por aproximadamente 10 anos, sendo geralmente utilizadas para pastejo (ARAÚJO FILHO, 2013). Além disso, a pressão pela maior produção de alimentos tem intensificado o uso dessas áreas, com redução do tempo de pousio, acelerando ainda mais o processo de degradação da região. Surge, então, um cenário desafiador, pois assim como é urgente que se adotem medidas para conter os processos de degradação, é extremamente necessário buscar meios de produção agropecuária que promovam níveis satisfatórios de produtividade e melhorem as condições de vida dos homens e mulheres do campo.

Neste sentido, Fernandes et al. (2018) reforçam a necessidade da adoção de tecnologias sociais que permitam a intensificação, diversificação e a valorização da produção local, aprimorando os mecanismos de abastecimento alimentar; e também a importância de implementar ações que visem uma gestão integrada dos recursos naturais existentes, como o solo, a água e a biodiversidade. Assim, a prática de plantios consorciados, com plantas alimentícias tradicionais, espécies de alto valor forrageiro e arbóreas nativas, permite recuperar ou conservar a cobertura vegetal de uma área sem isolá-la da atividade produtiva. Este tipo de plantio é conhecido na literatura específica como sistemas agroflorestais (SAFs), sendo considerado o estágio mais avançado da agricultura sustentável.

Os sistemas agroflorestais (SAFs) são sistemas caracterizados por consorciar espécies arbóreas (madeireiras e/ou frutíferas) com espécies herbáceas (culturas agrícolas ou pastagem) e vêm sendo desenvolvidos no Brasil de diferentes formas. Os SAFs se enquadram dentro do conceito de agrossilvicultura, que teve sua primeira expansão no Brasil a partir da década de 1970,

quando se destacou à medida que as primeiras teses sobre as vantagens de componentes arbóreos em solos tropicais foram desenvolvidas (YOUNG, 1991 apud ENGEL, 2003).

Os SAFs, por possuírem elementos arbóreos em sua composição, quando bem implantados e manejados apresentam muitas vantagens na manutenção da biodiversidade local, na qualidade do solo (LIMA et al., 2013), na disponibilidade de nutrientes (GOTSCH, 1996) e na redução das modificações climáticas. Os SAFs também promovem a recuperação de corpos d'água e de áreas de produção (LIMA et al., 2013). Os benefícios ecológicos dos SAFs refletem diretamente em aspectos sociais como segurança alimentar e nutricional, por meio do aumento e da diversificação da produção de alimento e/ou da renda por área (OLIVEIRA, DESTÁCIO, LOCATELLI, 2010).

Os benefícios gerados por sistemas agroflorestais ao solo e ao ecossistema afetam de forma positiva a rentabilidade do agricultor, uma vez que existem SAFs como os destacados em Gotsch (1996), que têm como resultado final um saldo positivo no processo de geração da vida, aumentando a qualidade dos solos, o que traz ao agricultor uma maior produtividade.

No entanto, a criação e implantação de sistemas agroflorestais ainda são recentes e existem diferentes possibilidades de modelos, que variam de acordo com as necessidades do produtor, características ambientais locais e componentes escolhidos para o SAF. Padovan (2016), trabalhando com comunidades que implantaram SAFs, percebeu que os principais motivos para baixa adoção de SAFs, mesmo com todos os benefícios proporcionados por esse tipo de sistema, são: falta de conhecimento para trabalhar com SAFs; falta de incentivos adequados dos governos federal e estadual; falta de interesse dos agricultores; resistência a mudanças porque seguem a tradição; falta de assistência técnica qualificada e em quantidade suficiente; e facilidade de lidar com sistemas monoculturais, uma vez que de forma geral as pesquisas foram direcionadas para esses sistemas.

Os SAFs são fortes aliados na criação de uma nova agricultura que permite uma forma do ser humano relacionar-se com o meio ambiente, preservando e recuperando recursos naturais e garantindo a soberania do homem do campo ao longo das gerações. Porém percebe-se que ainda há uma grande necessidade de divulgação das técnicas de implantação, manejo e benefícios dos sistemas agroflorestais para que os agricultores possam conhecer os SAFs, adotá-los e por fim reconhecê-los como vantajosos para as suas produções. As ações de extensão são fundamentais, no sentido de produzir coletivamente conhecimentos relacionados aos SAFs como uma inovação e como uma tecnologia social adaptável a diferentes realidades. Neste sentido, Lima et al. (2013) ressaltam que a crise nas lavouras baseadas em sistemas de derrubada e queima da vegetação para plantios em monocultivos ou pouco diversificados e a crise na pecuária, em algumas regiões, associada a visitas a experiências de sucesso, foram fatores que fizeram os agricultores darem uma oportunidade aos SAFs como forma de recuperação das terras e diversificação da renda.

Acredita-se que a construção participativa de plantios agroflorestais resulta em revalorização dos conhecimentos históricos e articulação aos conhecimentos da equipe técnica a respeito do

manejo produtivo, uso dos recursos locais disponíveis e conservação dos recursos naturais (DESTEFANI et al., 2009).

OBJETIVOS

O presente trabalho tem por objetivo descrever as ações realizadas ao longo de três anos de execução do projeto de extensão “Desenvolvimento participativo de sistemas Agroflorestais: uma alternativa para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar”. O referido projeto visou promover ações que levaram ao desenvolvimento participativo de sistemas agroflorestais como alternativa para produção sustentável da agricultura familiar nos municípios de Redenção-CE e Pacajus-CE e especificamente pretendeu-se: 1) discutir com os agricultores temas relacionados à conservação dos recursos naturais, com foco no solo, na água e na diversidade, promovendo uma reflexão sobre a necessidade de adotar formas de produção agrícola que contribuam com esta conservação; 2) promover troca de experiências entre agricultores por meio de visitas às áreas produtivas e rodas de conversas sobre a transição para formas de cultivo conservacionistas e agrobiodiversos; 3) implantar, de forma participativa, plantios agroflorestais adaptados às diferentes realidades agrícolas; 4) incentivar uma produção sustentável voltada para princípios agroecológicos, minimizando os impactos oriundos da produção; e, 5) contribuir para o aumento da produção, oferta de alimentos e melhoria da renda das famílias.

METODOLOGIA

Neste artigo descreve-se uma sequência de trabalhos desenvolvidos por diversos estudantes ao longo de três anos do projeto de extensão denominado “Desenvolvimento participativo de sistemas Agroflorestais: uma alternativa para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar”. Este projeto faz parte das ações desenvolvidas pelo grupo de ensino, extensão e pesquisa em Conservação de Solo e Sistemas Agroflorestais (CONSAF), ao qual os estudantes estão vinculados. As atividades mencionadas vêm sendo desenvolvidas desde 2016 e até os dias de hoje, porém aqui iremos apresentar resultados das ações até 2019.

O projeto foi idealizado após vivências com agricultores e agricultoras no âmbito das disciplinas de Práticas Agrícolas do curso de Agronomia da Unilab. O projeto foi cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEXT) e a cada ano contou com a participação de discentes bolsistas e/ou voluntários, da professora-orientadora e de professores(as) colaboradores(as). Foram elaborados planos de trabalho que nortearam as ações desenvolvidas junto às comunidades de Piroás, Redenção-CE e de Umari, Pacajús-CE. As ações realizadas foram: 1) Contato inicial com os(as) agricultores(as); 2) Seminários para apresentação e discussões da temática: degradação de recursos naturais, adaptações à escassez de água e diversificação da produção; 3) Exibição de documentários mostrando experiências exitosas com a adoção de sistemas agroflorestais em regiões semiáridas; 4) Acompanhamento do manejo tradicional de roçados; 5) Implantação participativa, acompanhamento e manejo de um

sistema agroflorestal piloto na Fazenda Experimental Piroás (FEP), como modelo de produção na comunidade de Piroás; 6) Visitas a comunidades que mudaram para uma produção mais conservacionista e diversificada; 7) Rodas de conversas com agricultores(as) que adotam sistemas agroflorestais como forma de aumentar a produção, conviver com a escassez hídrica e conservar os recursos naturais; 8) Planejamento participativo para implementação do manejo agroflorestal nas unidades produtivas individuais dos agricultores interessados; 9) Implantação de SAFs nos quintais dos agricultores; 10) Implantação de uma unidade de aprendizagem em SAF sucessional, na FEP; 11) Coleta e distribuição de sementes (nativas, anuais e leguminosas) para os agricultores familiares; e 12) Roda de conversa com os agricultores, explicando a importância da conservação de sementes e a utilidade que cada espécie possui na natureza, ressaltando o papel que elas podem desempenhar em um agroecossistema, com enfoque especial nas espécies utilizadas para adubação verde.

A elaboração do presente artigo teve como fonte de pesquisa os relatórios anuais apresentados pela equipe executora à PROEXT, bem como os demais materiais elaborados pela equipe, constituindo-se em um trabalho descritivo acerca das ações realizadas. A apresentação das ações foi organizada em: ações desenvolvidas com os agricultores; visitas às experiências agroecológicas; e implantação de áreas didáticas experimentais - unidades de aprendizagem (UA). Foi contabilizado o número de agricultores e estudantes atingidos, a equipe executora e as produções acadêmicas geradas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ações desenvolvidas com os(as) agricultores(as)

Após os contatos iniciais com os(as) agricultores(as) e visitas em alguns domicílios, foram realizadas palestras, seguidas de rodas de conversas para discutir sobre a necessidade da conservação dos recursos naturais aliada a produção agrícola, inicialmente com as famílias de agricultores da Piroás e posteriormente de Umari. Em Piroás, os contatos iniciais ocorreram em 2016, sendo realizadas duas palestras nos meses iniciais de 2017. Em Umari foram realizadas três palestras/rodas de conversas durante o primeiro semestre de 2018. Em ambas as comunidades os contatos iniciais se deram pela realização de disciplinas, denominadas Práticas Agrícolas, do curso de Agronomia, voltadas à extensão rural agroecológica realizada ao longo de dois anos, que precederam as atividades do projeto.

Para falar especificamente sobre os cultivos em Sistemas Agroflorestais, além da exibição de conteúdos teóricos foi utilizado um documentário visando mostrar experiências exitosas na utilização deste manejo. O documentário escolhido foi o de título “Agroflorestação: outra forma de fazer agricultura no semiárido”. Após a exibição promoveu-se uma discussão com as famílias dos(as) agricultores(as) sobre a viabilidade da implantação de SAFs no Ceará e seu potencial de produção e conservação dos recursos naturais em Piroás e em Umari. Nestas ocasiões, os(as)

os(as) agricultores(as) presentes tiveram oportunidade de expor suas opiniões a respeito do assunto abordado no documentário e sobre diversos assuntos ligados ao tema, destacando quais espécies arbóreas (frutíferas, medicinais, forrageiras, dentre outros) existem na região e quais usos/destinos finais são dados aos produtos gerados, destacando também as possíveis dificuldades e/ou limitações que poderiam surgir com a prática da agrofloresta. Os principais desafios colocados pelos agricultores nestes momentos eram relacionados ao controle de pragas dos cultivos (a exemplo da “barata do arroz”, em Pitoás), bem como as dificuldades para entenderem como seria o manejo dos consórcios agroflorestais. Na opinião de alguns, as espécies arbóreas “abafariam” os cultivos, não permitindo que eles se desenvolvessem e produzissem satisfatoriamente.

Em Piroás foi também realizado um acompanhamento dos cultivos de arroz e milho das famílias de agricultores(as) para fins de comparação da produção destas mesmas culturas no SAF piloto. Como resultado deste acompanhamento houve a elaboração de dois trabalhos de conclusão de curso (TCCs) e de um artigo sobre a produção das culturas de arroz e de milho e sobre a qualidade de silagem produzida com milho crioulo oriundo dos SAF e dos cultivos tradicionais dos agricultores locais (MATOS et al., 2020).

Em Umari houve visitas a quintais produtivos para verificar e sistematizar, com as famílias dos(as) agricultores(as), a diversidade de espécies mantidas nestas áreas, com o objetivo de discutir sobre a possibilidade de ampliação desta diversidade também para os ambientes de roçados e demais áreas produtivas. Houve também um estudo sobre a composição florística de um fragmento de vegetação nativa da região, sendo os resultados apresentados aos(as) agricultores(as), destacando a indagação “Quais plantas existem nas matas de Umari?” a fim de despertar uma reflexão sobre a importância da conservação de espécies nativas. À medida que cada espécie ia sendo apresentada, os presentes iam destacando as espécies nativas que conheciam e quais usos/utilidades eram atribuídos a elas. Assim, enfatizava-se a importância de conservar as espécies arbóreas nativas, destacando-se a possibilidade de conservá-las dentro das unidades produtivas num sistema agroflorestal, integrando produção e conservação (ARAÚJO FILHO et al., 2010). A coleta e a conservação de sementes e a produção de mudas de espécies nativas também foram temas discutidos com os(as) agricultores(as) em Umari, porque estas sementes e mudas são fundamentais para se iniciarem os plantios agroflorestais. Também foi feita a doação para serem armazenadas na casa de sementes da comunidade, e posteriormente utilizadas pelos agricultores(as) que assim desejarem.

As palestras e rodas de conversas em Umari ocorriam inicialmente na igreja católica local e posteriormente passaram a ocorrer na casa de sementes comunitária (Figura 01). Estes encontros foram parte significativa do projeto, pois era quando se tinha contato com um maior número de agricultores. Em cada encontro não era raro que agricultores que estavam tendo o primeiro contato com a equipe se manifestassem relatando interesse em aprender mais sobre SAF e terem um acompanhamento para implantação destes sistemas em suas áreas.

Figura 01. Realização de atividades na comunidade de Umari, Pacajus-CE, 2019.



Fonte: Autores.

Foram também realizadas ações para início da implantação de SAFs nas unidades produtivas dos agricultores, sendo duas em Umari, uma em Piroás e uma em Capistrano, nas quais foram realizadas com os(as) agricultores(as) o plantio de espécies arbóreas (madeiras, forrageiras, fixadoras de nutrientes, dentre outras), de espécies cultivadas anuais e de adubos verdes, possibilitando incremento de diversidade. As espécies arbóreas introduzidas eram em sua maioria nativas, adaptadas a condições edafoclimáticas da região, além de algumas espécies exóticas (leucena, gliricidia e moringa), que são grandes produtoras de biomassa e têm elevado potencial forrageiro. Em Umari o agricultor acompanhado na implantação do SAF foi o seu Bejamim, que destaca a importância das espécies arbóreas nativas, em especial as produtoras de estacas, como o sabiá. Ele demonstrou grande interesse na implantação e manejo do sistema, sempre relatando à equipe do projeto quais resultados estava tendo quanto a produção, desenvolvimento e ampliação da área de plantio agroflorestal. Esta ação realizada com seu Bejamim teve início em fevereiro de 2018.

Visitando experiências agroecológicas

Os(as) agricultores(as) de Umari realizaram visitas para conhecer experiências agroecológicas exitosas em famílias dos municípios cearenses Choró, Trairi e Itapipoca. Em Choró conheceram a experiência da Associação de Agricultores familiares que cultivam diversas culturas em consórcios agroecológicos, visitando também a propriedade do agricultor João Félix como modelo SAF nesta região. Em Trairi conheceram a experiência da família do seu José Júlio e em Itapipoca a experiência da família da Inácia (Figura 02). Em todas estas visitas realizavam-se as caminhadas pelas áreas produtivas, seguidas de uma roda de conversa na qual os(as) agricultores(as) que estavam sendo visitados(as) relatavam suas experiências, como começaram a trabalhar no contexto da agroecologia, as vantagens, os desafios etc. Os visitantes também expunham suas realidades, experiências e vivências, destacando o que acharam mais interessante e o que poderia dar certo em suas localidades.

Quanto aos intercâmbios, cabe destacar a inspiração que as áreas de produção agroflorestal do senhor Júlio de Itapipoca promoveu em agricultores de Umari, influenciando a composição e o desenho de seus SAFs. Importante destacar também que esta troca de experiências entre agricultores é percebida por eles como significativa, à medida que destacam ser “a participação dos professores e técnicos muito importante; contudo o mais importante ainda é que os agricultores sejam experimentadores, pois são eles que estão no dia a dia do campo e por isso devem encontrar suas próprias formas de praticar a agricultura” (fala do agricultor João Félix, presidente da Associação Comunitária de Agricultores e Agricultoras Rurais do Riacho do Meio, Choró/CE).

Figura 02. Agricultores de Umari em visitas de intercâmbio (2018)



Fonte: Autores.

Implantação e manejo de áreas didáticas experimentais

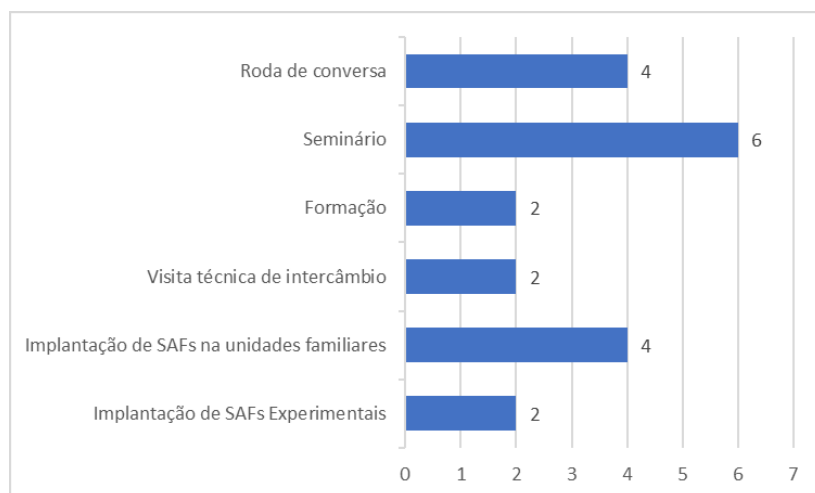
Foi realizada a implantação de um Sistema Agroflorestal experimental, chamado de SAF piloto, na Fazenda Experimental de Piroás (FEP) em uma área de 635 m², na qual foram cultivados milho e arroz, conforme manejo adotado pelos agricultores da região e utilizando sementes doadas pelos agricultores. O componente arbóreo foi formado pela vegetação nativa, que sofreu raleamento, para permitir maior entrada de luz no sistema, com a escolha das espécies a serem cultivadas discutida pelos agricultores. Posteriormente, a área de SAF piloto foi ampliada, sendo realizados alguns experimentos com a cultura de arroz no sentido de verificar quais espaçamentos e níveis de sombreamento eram mais adequados para o desenvolvimento da cultura em SAF na região de Piroás. Em 2019 não foi possível realizar o plantio das culturas anuais comuns da região, pois ocorreram alguns problemas como o alagamento nos períodos mais intensos de chuvas, além de ter sido verificada a deficiência de nutrientes e baixo pH do solo. Pensando em corrigir estes problemas, na área do SAF piloto foram plantadas espécies de adubos verdes: crotalária, feijão de porco, guandu e feijão comum, para produção de biomassa fornecedora de nutrientes para o solo.

Em 2019 realizou-se, na FEP, com o MU-CONSAN/CPLP, a implantação de um SAF baseado na dinâmica da sucessão natural de espécies vegetais. Nesta ação houve também o envolvimento de diversos estudantes do curso de Agronomia, uma vez que ele se constitui em uma unidade de aprendizado (UA) na qual pretende-se desenvolver coletivamente conhecimentos a respeito da implantação, condução e manejo de SAFs sucessionais. Vale destacar que as unidades de aprendizagem em SAF favorecem o processo de formação baseado na Agroecologia e que aliam ensino, pesquisa e extensão, associando formação teórica e atividades práticas (NASCIMENTO et al., 2020; SOUZA et al., 2020), além de serem importantes ferramentas na extensão universitária, com potencialidades para as mais diversas atividades e produção de conhecimento, pesquisa e inovação (SOUZA et al., 2020).

Resumo das ações, público participante e produtos acadêmicos produzidos

A estratégia de interação mais utilizada com os agricultores foi a realização de seminários, seguidos de rodas de conversas (Figura 03), momentos nos quais eram discutidos os temas e conteúdos, bem como as estratégias e técnicas relacionadas ao cultivo em SAFs. A partir destes contatos, realizados de forma mais coletiva, definiam-se algumas famílias que desejavam iniciar a implantação de SAFs em suas unidades. No total foram realizadas quatro ações neste sentido. Foram iniciadas também ações para realização de cultivos em SAFs em duas áreas na FEP, destinadas ao aprendizado coletivo de estudantes, professores, pesquisadores e educadores; promoção de duas visitas técnicas para permuta de experiências entre os(as) agricultores(as); e oficinas de capacitação sobre formação básica em Sistemas Agroflorestais para estudantes de cursos de graduação da UNILAB (Agronomia, Enfermagem e Administração Pública) (Figura 03).

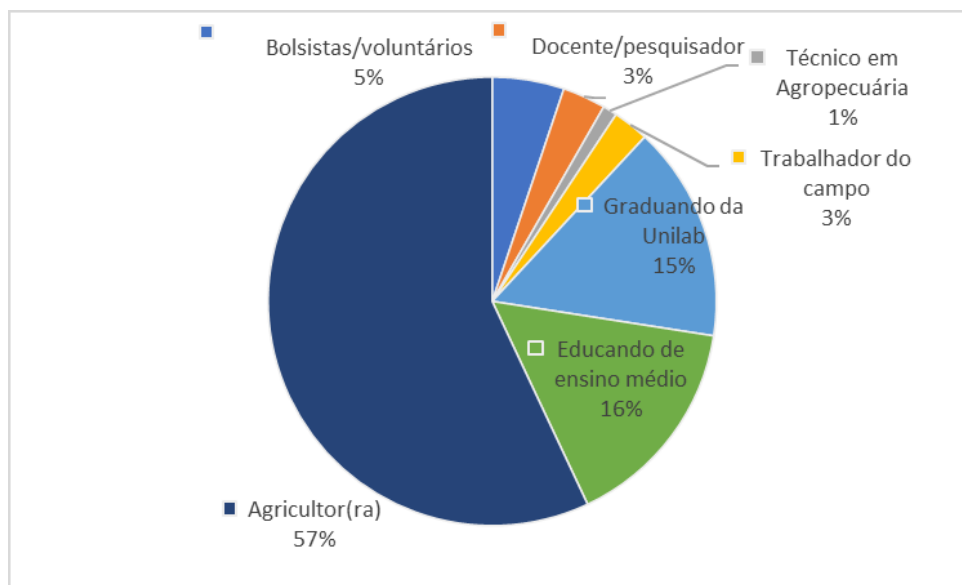
Figura 03. Ações desenvolvidas no âmbito do projeto “Desenvolvimento participativo de sistemas Agroflorestais: uma alternativa para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar” (2017-2019)



Fonte: dados da pesquisa.

Participaram das atividades um total de dez estudantes (bolsistas e voluntários) do curso de Agronomia diretamente envolvidos na execução das atividades, além de cinco docentes do mesmo curso, e um pesquisador da Embrapa Agroindústria Tropical. Destacamos também que foram contemplados diretamente com as ações em torno de 110 agricultores(as), 30 educandos da Escola do Campo Francisca Pinto, 30 educandos de cursos de graduação da Unilab, dois técnicos em agropecuária da Unilab e cinco funcionários de campo da FEP (Figura 04).

Figura 04. Tipo e percentual de participantes das ações do projeto “Desenvolvimento participativo de sistemas Agroflorestais: uma alternativa para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar” (2017-2019)



Fonte: dados da pesquisa.

Como produtos acadêmicos contabilizaram-se: sete trabalhos de conclusão de curso de graduandos da Agronomia; oito resumos simples apresentados em eventos locais, dois resumos expandidos apresentados em eventos locais, dois resumos expandidos apresentados em eventos nacionais e três publicações em periódicos (Tabela 1).

Tabela 1 – Produtos acadêmicos resultantes das ações desenvolvidas no âmbito do projeto “Desenvolvimento participativo de sistemas Agroflorestais: uma alternativa para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar” nos anos de 2017 a 2019.

Tipo	Quantidade	Número de graduandos envolvidos	Número de docentes envolvidos	Meio de divulgação
Resumo simples	08	09	03	Semana Universitária
Resumo expandido	04	07	05	Congresso de Agroecologia/Semana universitária
TCC	07	07	04	Defesa
Artigo em periódico	03	08	06	Periódicos: Cadernos de Agroecologia e Revista verde de Agroecologia e desenvolvimento sustentável

Fonte: dados da pesquisa.

Os resultados apresentados no presente tópico visam destacar os impactos do projeto de extensão tanto no público interno, quanto no externo. Como ação pedagógica, ele permitiu o contato dos discentes com situações reais, possibilitando uma formação holística que irá favorecer a interpretação dos problemas a serem enfrentados no exercício da profissão (SOUZA et al., 2020), além de contribuir para uma formação mais humana e cidadã. Tanto a interação com os agricultores, quanto os conhecimentos adquiridos nas unidades de aprendizagens proporcionam ao educando a capacidade de ser multiplicador das práticas sustentáveis de produção de alimentos (SOUZA et al., 2020) por meio dos SAFs. Por outro lado, o projeto impacta positivamente os agricultores à medida que inicia uma mudança gradual em suas formas de promover a agricultura, reduzindo impactos ambientais e melhorando a qualidade de vida das famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro ano a implantação da unidade didática na Fazenda Experimental Piroás (FEP) possibilitou a interação com os agricultores, permitindo o contato deles com uma forma de fazer agricultura mais sustentável. Com o SAF Piloto, no qual foram utilizadas técnicas de plantio locais associadas ao SAF, produziram-se arroz e milho sem a necessidade do uso do fogo na preparação da área. O segundo ano foi marcado pela apresentação dos SAF a agricultores da comunidade de Umari-CE, percebendo-se grande interesse dos(as) agricultores(as) em aprender sobre SAFs e sobre conservação de recursos naturais. No terceiro ano a implantação de um SAF na comunidade de Umari possibilitou aos agricultores da região ver essa nova forma de agricultura na prática, se conscientizando e absorvendo esse conhecimento por meio da prática, sendo este ano também marcado pela implantação da segunda área de unidade de aprendizagem na fazenda experimental, o que possibilitou grande avanço de estratégias de construção do conhecimento agroecológico em SAF.

É possível perceber que as ações do projeto tiveram por objetivo levar aos(as) agricultores(as) familiares uma oportunidade de ter contato com uma nova forma de fazer agricultura proporcionada pelos sistemas agroflorestais. Além disso, os(as) agricultores(as) tiveram contato na prática com os desafios e vantagens dos sistemas agroflorestais, contribuindo para a troca de conhecimentos entre alunos, professores e agricultores(as) da região.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. J. A. et al. Degradação da Caatinga: uma investigação ecogeográfica. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 22, n. 3, p. 126-135, 2009.

ARAÚJO FILHO, J. A. **Manejo pastoril sustentável da caatinga**. Recife: Projeto Dom Hélder Câmara, 2013.

ARAÚJO FILHO, J. A.; SILVA, N. L.; FRANÇA, F. M. C.; CAMPANHA, M. M.; SOUSA NETO, J. M. S. **Sistema de produção agrossilvopastoril no Semiárido do Ceará**. Fortaleza: Secretaria dos Recursos Hídricos, 2010.

DESTEFANI, A. C. C.; FERNANDES, V. A.; FIGUEIREDO, E.; XAVIER, M. A. **Construção participativa de sistemas agroflorestais: a ATES buscando cumprir o seu papel junto às comunidades assentadas da Chapada Diamantina, Bahia**. In: VII Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais, 2009, Brasília.

ENGEL, Vera Lex. **Sistemas Agroflorestais: conceitos e aplicações**. EMBRAPA publicações. 2003.

FERNANDES, B.; CORREIA J. A.; ANDRADE, N.; MORETZ-SOHN, C.; COSTA, L. Partindo do semiárido brasileiro rumo a Guiné Bissau: uma análise comparativa sobre a agricultura familiar. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

GOTSCH, Ernest. **O Renascer da agricultura**. trad.: Patrícia Vaz. 2. ed. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1996.

LIMA, George Luiz de et al. Implicações socioambientais dos sistemas agroflorestais em unidade produtiva na região do vale do Guaporé mato-grossense. **Rev. Acad. Ciênc. Agrar. Ambient**, Curitiba, v. 11, supl. 2, p. S137-S149, 2013.

MATOS, Davi Moreira et al. Cultivo de milho crioulo para silagem em sistemas tradicional e agroflorestal. **Revista Verde**, v. 15, n. 1, p. 93-99, 2020.

NASCIMENTO, Joelaine et al. Ações territoriais: formação básica em Sistemas Agroflorestais no estado do Ceará. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos de; DESTÁCIO, Mario Celso; LOCATELLI, Marília. **Sistemas agroflorestais-SAFs**. EMBRAPA. Documento 135. 2010.

PADOVAN, Milton Parron. **Desafios em sistemas agroflorestais**. In: X Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais. SAF: aprendizados, desafios e perspectiva. UFMT. Cuiabá-MG, 2016.

SOUZA, Valdeir dos Santos et al. **Produção agroecológica em sistema agroflorestal a partir da extensão universitária**. SEREX 12. Universidade Estadual de Goiás. 2020.

PROJETO EDIHUM: TEORIAS E PRÁTICAS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19

EDIHUM PROJECT: UNIVERSITY EXTENSION THEORIES AND PRACTICES IN THE COVID-19 PANDEMIC PERIOD

PROYECTO EDIHUM: TEORÍAS Y PRÁCTICAS DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA EN EL PERÍODO DE LA PANDEMIA COVID-19

CLÁUDIA REGINA ZILIOOTTO BOMFÁ¹, SILVIO JOSÉ DE MELLO NETTO², JOÃO ALLES CARDOSO³, ANTONIA TAMARA HAAG⁴, ZILA GABRIÉLI ILHA LIMA⁵

RESUMO

O presente artigo aborda dimensões teóricas e práticas da extensão universitária durante a pandemia de COVID-19. Especificamente, a reflexão trata da aplicação do Projeto de Extensão EDIHUM, inserido no âmbito do Programa de Educação Tutorial Ciências Sociais Aplicadas (PET CiSA) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Em 2020, a equipe EDIHUM produziu quatro episódios de podcast, que foram compartilhados com seis turmas de ensino médio, em colaboração com um professor de Geografia da rede estadual. Para avaliar tal empreendimento, o texto lança mão de contribuições da literatura acadêmica sobre noções de educação em direitos humanos e de extensão universitária. O diálogo com tais teorizações reforça a conveniência do uso da teoria de forma pragmática, visando o desenvolvimento autocrítico da comunicação entre Universidade e demais setores da sociedade.

Palavras-chave: extensão; ensino remoto; educação tutorial; educação em direitos humanos.

ABSTRACT

The abstract approached practical and theoretical dimensions about university extension during pandemic time of the COVID-19. The reflexion specifically, approached of accomplishment in the Projeto de Extensão EDIHUM, in Programa de Educação Tutorial Ciências Sociais Aplicadas (PET CiSA) at Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). In 2020, the EDIHUM group made four podcast chapters that were shared with six classes of the High School with contributions from a Geography teacher for the state web. To evaluate these activities, the text uses academic literature about human rights and university extension. The dialogue about the theories reinforce the necessity to use pragmatic theory, looking for self-critical development to communication between University and the other society groups.

Keywords: extension; remote teaching; tutorial education; human rights education.

¹ Doutora docente do Departamento de Ciências da Comunicação (UFSM).

² Graduando do curso de História (UFSM).

³ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História (UFSM).

⁴ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação (POSCOM - UFSM).

⁵ Graduanda do curso de História (UFSM)

RESUMEN

El resumen aborda las dimensiones teóricas y prácticas de la extensión universitaria en el transcurso de la pandemia del COVID-19. Específicamente, la reflexión presenta la aplicación del Proyecto de Extensión EDIHUM, introducido dentro del marco do Programa de Educação Tutorial Ciências Sociais Aplicadas (PET CiSA) en la Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). En 2020, la equip EDIHUM produziu cuatro capítulos de podcasts que fueran partilhados con sés clases de la secundaria, con ayuda de un profesor de Geografía de la red estatal. Para evaluar las actividades, el artículo utiliza contribuciones de la literatura académica sobre las nociones de la educación en derechos humanos e de la extensión universitaria. El diálogo con las teorizaciones refuerzan la necesidad de los usos de la teoría de manera pragmática, buscando el desarrollo autocrítico de la comunicación entre Universidad y los demás sectores de la sociedad.

Palabras clave: extensión; enseñanza a distancia; educación tutorial; educación en derechos humanos.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a experiência do Projeto de Extensão EDIHUM precisa ser entendida no contexto do Programa de Educação Tutorial (PET), uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) financiada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) que estabelece grupos de discentes da graduação orientados por um tutor (BRASIL, 2013). Sua finalidade consiste na busca da melhoria dos cursos e no incentivo a uma formação integral dos participantes, o que pretende ser alcançado a partir de uma metodologia baseada no conceito de educação tutorial e no princípio pedagógico da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2010). Atualmente, são 842 grupos mantidos pelo programa. Um destes é o PET Ciências Sociais Aplicadas (PET CiSA) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), constituído por estudantes dos cursos de Comunicação Social – Produção Editorial, História Bacharelado, História Licenciatura e Meteorologia.

Ao longo dos meses de outubro e novembro de 2020, a equipe de oito integrantes do grupo PET CiSA realizou uma parceria com uma escola estadual de ensino médio do Município de Rosário do Sul, em colaboração com um docente regente da disciplina de Geografia. A ação denominada “Projeto de Extensão EDIHUM: produção de podcasts didáticos relacionados à educação em direitos humanos” objetivou efetivar uma parceria entre universidade e escola, abordando temas sob a perspectiva da educação em direitos humanos, o que, na prática, consistiu na publicação quinzenal de podcasts¹ com cerca de dez minutos cada, acompanhados por uma ou duas páginas de exercícios de reforço.

¹ “Podcasts são programas de áudio que podem ser baixados da Internet ou reproduzidos em serviços de *streaming*. Organizados em uma série de episódios, os *podcasts* podem tratar de diversos temas (...)”. LOUBAĀ, Ana Letícia. O que é podcast? Saiba tudo sobre os programas de áudio online. **Techtudo**. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/12/o-que-e-podcast-saiba-tudo-sobre-os-programas-de-audio-online.ghtml>. Acesso em: 16 de janeiro de 2021.

Os tópicos do podcast foram escolhidos em função das demandas curriculares da disciplina escolar de Geografia, bem como das possibilidades de contribuição e estudo multidisciplinar. Nesse sentido, os quatro podcasts exploraram as seguintes temáticas: queimadas, urbanização mal planejada, revolução verde e mineração.

O presente artigo é fruto dos resultados de pesquisa e de ação extensionista desenvolvidas nesse âmbito por graduandos e graduandas, orientados por uma docente tutora do grupo de Educação Tutorial. Portanto, cabe registrar a experiência desenvolvida com o projeto EDIHUM, apresentar os resultados contemplados pela ação extensionista e ponderar sobre essa vivência. Consideramos que publicizar e publicar esta experiência extensionista, na modalidade artigo científico, é de fundamental importância para dar visibilidade à extensão universitária brasileira, bem como para apontar caminhos a outras práticas extensionistas desenvolvidas no âmbito das universidades e escolas públicas.

Sendo assim, na primeira parte do presente texto detalhamos a metodologia desenvolvida para a aplicação da ação de extensão. Em seguida relatamos os resultados obtidos com a publicação dos podcasts, considerando o número de visualizações, interações e comentários extraídos das plataformas digitais utilizadas. Por fim, construímos reflexões teóricas sobre a extensão universitária e a prática extensionista, dialogando com a bibliografia pertinente às noções de “extensão universitária” e “educação em direitos humanos”. A abordagem dos conteúdos reelaborados se deu dentro de uma perspectiva de educação para os direitos humanos, entendida como forma de cidadania voltada à luta social (WAISELFSZ, 2015). Sob essa perspectiva, o tratamento teórico enfatizou a negligência do Estado brasileiro, a influência das políticas neoliberais e os discursos conservadores improcedentes com a realidade. A importância desses estudos decorre, em especial, do contexto em que nos encontramos de tsunami conservador e neoliberal, pautado no pânico moral, na precarização dos serviços públicos e no discurso obscurantista (OLIVEIRA; SÜSSEKIND, 2019). Ainda no âmbito da pesquisa em extensão, adotamos como estado da arte para a produção deste artigo os autores: Almeida (1991), Botomé (1996), Mondani (2009), Thiollent (2002), Severino (2007), Freire (2013), Waiselfisz (2015), Seffner e Pereira (2018), e Silva, Campani e Parente (2018). Ainda cabe registrar que o projeto obteve recursos do Programa Educação Tutorial PET, MEC, FNDE.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS DA AÇÃO

A equipe responsável pelo projeto Edihum se organizou ao longo de dois meses a partir de uma rotina quinzenal. Os procedimentos efetivados para implementação das ações consistiram em: (1) reuniões semanais com o professor regente; (2) realização de pesquisas individuais, roteirização e gravação em equipe; (3) divulgação do material; (4) elaboração de páginas de exercícios didáticos de reforço do conteúdo.

Assim, no início de cada uma das quatro quinzenas, o grupo se reunia com o professor regente da disciplina escolar de Geografia, momento em que eram levantadas as demandas da grade curricular de conteúdos que iriam ser ministrados. Optamos por agir dessa maneira dialogada, pois foi nosso interesse respeitar o profissional e seu ensino disciplinar, assim evitando agir como se a Universidade fosse a sede do saber que vai até a sede da ignorância (FREIRE, 2013). Então, considerando as opções, a equipe EDIHUM escolhia as temáticas de maior afinidade com os cursos aos quais pertence o grupo PET CiSA, em especial levando em conta assuntos que colegas estudantes de Meteorologia pudessem contribuir. Dessa forma, foram levantadas as quatro temáticas abordadas: queimadas, urbanização mal planejada, revolução verde e mineração. Ainda nesse encontro, era definido quem seria responsável pela produção do episódio daquela quinzena, variando de duplas até quartetos, em função da disponibilidade individual.

Com isso, nossa rotina quinzenal passava para a próxima etapa de estudo do conteúdo. Para esse fim, o grupo realizou pesquisa em fontes de informação, dentre as quais repositórios digitais de acesso livre, artigos científicos relacionados às áreas que compõem o PET CiSA e também a outras disciplinas alheias às nossas formações. Outra fonte usada para a fundamentação do conteúdo produzido pela equipe consistia nos dados disponibilizados digitalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Enfim, tais informações eram compiladas e recortadas na intenção de produzir roteiros de fala, com o limite ideal de oito minutos. Gravamos esses podcasts por meio de aplicativos gratuitos que tínhamos à disposição. Em seguida, tais arquivos de áudio receberam a edição, que levava em consideração cortar vícios de fala, silêncios ou frases interrompidas.

Ainda no sentido de produção, convém comentar sua forma de divulgação. Com o arquivo de áudio pronto, este era inserido em um vídeo para ser publicado na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube, mais especificamente no canal do PET CiSA². A conveniência desse espaço digital se deve à familiaridade da população jovem com o site.

A última etapa de produção quinzenal consistiu na elaboração de exercícios didáticos sob a forma de perguntas de múltipla escolha com base no tema de cada semana, cujo intuito era reforçar as colocações feitas sobre as temáticas, bem como fomentar um momento de autoria em que os próprios discentes poderiam responder com autonomia. Nosso grupo pretendia sempre a construção de questões politizadas e atrativas que chamassem atenção e fossem acompanhadas de imagens. Tais questões eram enviadas num documento digital de texto ao docente, junto de um gabarito. O professor regente, por sua vez, repassava ao alunado o link do vídeo do podcast e o documento de texto com as perguntas, que teriam de ser devolvidas para correção final.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC9YsOgTwb8OH6XpziRqUyOw>. Acesso em: 12 de abril de 2021.

A seguir apresentaremos os dados quantitativos extraídos das duas principais plataformas digitais utilizadas, Youtube e Google Classroom. Depois de algumas ponderações e precauções sobre os dados, serão discutidos três aspectos fundamentais do projeto, com relação à sua adequação: (1) às demandas formais do PET, (2) às noções de educação em direitos humanos e (3) aos conceitos de extensão. Essa verificação de coerência teórica e metodológica tem relação direta com os objetivos específicos ditos anteriormente.

Passemos à quantificação dos resultados dessa interação. Na data de 15 de abril de 2021, em ordem de publicação, os episódios alcançaram 164, 152, 104 e 95 visualizações³ dos vídeos na plataforma do Youtube. Assim, percebe-se certa diminuição do total de apreciações ao longo de seu compartilhamento, entretanto o que preocupa é que a somatória final das turmas computava 192 estudantes, o que significa que nenhum vídeo teve alcance total. Esta constatação pode ter relação com a capacidade de acesso, tempo disponível, falta de atratividade por parte do nosso conteúdo ou desgaste devido ao contexto pandêmico.

Acerca desses valores, importa termos o cuidado de considerar que entre cinco ou dez visualizações foram feitas pelo próprio grupo do projeto, para avaliar e acompanhar o desenvolvimento do trabalho. Além disso, há a chance de que estas publicações tenham alcançado público alheio ao projeto, tornando mais difícil ainda perscrutar o interesse das turmas pelo tipo de material.

O segundo elemento quantificável que merece atenção reside no número de atividades devolvidas pelas turmas. De 192 estudantes, a média de trabalhos entregues, respondidos, foi de 59,82%, ou seja, três quintos de participação. Portanto, computamos ao todo 460 atividades devolvidas, logo 309 não respondidas. Cabe destacar que cada turma apresentou uma taxa de devoluções que se manteve, em geral, constante. Aliás, como exemplo da discrepância entre os dados, destacamos que determinada turma atingiu a taxa de 81% de entregas, ao passo que outra turma chegou a 88% de pendências.

Não realizamos uma leitura integral de todos os trabalhos devolvidos, haja vista que não era nosso escopo. Mesmo assim, um estudo focado numa atividade, em uma das turmas, nos leva a relativizar o otimismo dos números alcançados. O trabalho escolhido, aleatoriamente, obteve 17 respostas e 14 pendências em determinada turma. Dessas entregas, destacamos que cinco delas eram “cópias”, transcrições letra por letra, duas estavam incompletas, realizadas pela metade, e uma estava vazia, era apenas o documento de texto em branco. Ou seja, praticamente metade das devoluções eram inadequadas. O último destaque a ser dado sobre essa atividade específica é que duas pessoas não entenderam o que foi apresentado no podcast, pois suas respostas ignoravam a

³ “O YouTube contabiliza a visualização de um vídeo assim que ele é aberto por um visitante. Não há tempo mínimo para ficar assistindo. Se alguém abrir seu vídeo, a visualização já é contabilizada, mesmo que a pessoa assista por apenas alguns pouquíssimos segundos e desista”. VINHA, Felipe. Como funcionam as visualizações do YouTube? Sete perguntas e respostas. **TechTudo**. 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/02/como-funcionam-as-visualizacoes-do-youtube-sete-perguntas-e-respostas.ghtml>. Acesso em 26 de abril de 2021.

a explicação meteorológica. Esta constatação nos leva a considerar que os espectadores podem não ter assistido e enviado a atividade como forma de conseguir participação ou talvez o método de explicação deva ser melhorado.

Ademais, uma fonte de dados a ser considerada reside na última atividade, que consistiu, especialmente, em três perguntas com o intuito de conhecer o que a turma pensava sobre o projeto. Quando o alunado foi questionado acerca de seu episódio preferido, das 58 respostas 37,9% dos respondentes indicaram o primeiro (queimadas no pantanal), 31% marcaram o quarto (mineração), 24,1% apontaram o terceiro (revolução verde) e apenas 7% disseram que era o segundo (urbanização mal planejada). Essas escolhas eram, geralmente, explicadas pela relevância do tema, sendo que três estudantes argumentaram que é importante conhecer esses assuntos, porque poderiam conscientizar as pessoas. É compreensível que o episódio “queimadas no pantanal” tenha sido um dos mais apreciados, haja vista os inúmeros focos de queimadas que ocorreram em um curto período de tempo durante a ação extensionista.

Ainda nesse exercício, em tom de despedida, solicitamos que sugerissem melhorias no encaminhamento do projeto e as temáticas que gostariam de conhecer melhor. Determinadas sugestões de aperfeiçoamento podem ser agrupadas em quatro categorias: pedidos por uma interação mais humana (30%), novos participantes no podcast, como professores ou entrevistas (30%), demandas por curiosidades e indicações de material (25%) e, por fim, proposta de aprofundamento e mais tempo de podcast (15%). Fica claro que a necessidade do distanciamento social deixou muito evidente o quanto o contato social é necessário para uma melhor aprendizagem. Daí extraem-se as possibilidades de aproximação com as turmas a partir de aulas, vídeos, entrevistas e participação com professores. Além disso, trouxeram vários tópicos de interesse que gostariam que nosso podcast abordasse, aproximadamente 60, que se encaixam, majoritariamente, sob dois grupos de temas: relacionados à ecologia (50%) e à vivência rural (20%). Portanto, convém valorizar a atitude ecológica de tais respondentes, bem como sua curiosidade acerca de temas de seu contexto. Estes são assuntos que dialogam com os três episódios mais votados pelos alunos.

Esses são alguns indicativos úteis para considerar na avaliação de nossa experiência. As visualizações no Youtube, as atividades entregues adequadamente no Google Classroom e as sugestões de melhorias ao projeto são elementos quantificáveis que expressam o número de interações, não sua profundidade ou capacidade de transformação. Nesse contexto de ensino remoto limitado, corre-se o risco de reduzir o processo pedagógico a variáveis computáveis, perdendo o âmbito afetivo, numa representação do ensino remoto que apaga os estudantes. Entretanto, quando perguntados sobre interesses, manifestaram-nos a partir de temas e interações relacionados as suas vidas e preocupações com o meio ambiente. Sendo assim, apesar da ênfase quantitativa dada acima, fica expresso como as turmas idealizam maior contato humano, quando pedem mais interação, entrevistas ou participações especiais.

Adequação às finalidades formais do PET

Explicitada a dimensão dos resultados práticos, importa avançarmos na discussão teórica sobre a experiência. Esperamos com isso relatar e realizar uma autocrítica que resulte em desenvolvimento ao projeto e ao nosso PET. Nesse sentido, reforçamos que os objetivos do Programa de Educação Tutorial, legalmente estabelecidos (BRASIL, 2013), consistem em proporcionar a melhoria dos cursos de graduação, bem como uma formação integral pautada pelo princípio pedagógico da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Vide que “o grupo PET deverá realizar atividades que possibilitem uma formação acadêmica ampla aos estudantes e que envolvam ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 2010). Além disso, a atuação dessas pequenas comunidades depende do conceito de educação tutorial, que valoriza a troca de saberes e aprendizagem coletiva. Abaixo seguem algumas ponderações acerca da influência formativa do projeto realizado.

De início, convém pautar as lições proporcionadas pela implementação desse projeto. Daremos destaque à colaboração do profissional da educação básica, que foi elemento-chave para o desenvolvimento de nosso projeto. Nesse sentido, os diálogos pautados na empatia e respeito profissional possibilitaram perceber e criticar a conjuntura à qual está submetido o professorado, em especial, o sul-rio-grandense. Em primeiro lugar, a desvalorização se expressa pelo salário baixo e atrasado, o que implica, inclusive, no endividamento do sujeito, na contração de dívidas para saldar os compromissos. Ao mesmo tempo, o esforço exigido não é reduzido, muito pelo contrário, sofre-se um acréscimo de carga horária. Sob tais circunstâncias, o corpo docente precisou produzir atividades e corrigi-las em maior escala, pois no regime presencial certas aulas podiam ser voltadas à explicação do conteúdo, algo que se tornou inócuo frente ao desinteresse das turmas.

No âmbito cotidiano, importa destacar ainda que as novas formas de interação com as turmas foram frustrantes. Numa das reuniões remotas semanais, o professor relatou o desgaste emocional gerado pelo pouco retorno de atividades, poucas respostas e poucas presenças em encontros online por chamadas de vídeo com as turmas. Isso explica as constantes tentativas de chamar atenção da turma e a cobrança, essas são formas de “correr atrás dos estudantes”, nas palavras do docente. O trabalho, nesse contexto, passa a depender do uso de plataformas digitais e redes sociais, chegando ao ponto de sobrecarregar canais de uso pessoal. Inclusive merece nota que o professorado não recebe ajuda de custo para a compra e manutenção de material eletrônico adequado como computadores, celulares, câmeras ou microfones, restando-lhe sacar de suas próprias economias.

Com isso, estamos dando destaque aos desafios concretos impostos ao ofício professoral em um determinado cenário. O segmento ocupacional do Magistério enfrenta frustrações financeiras e afetivas relacionadas ao desempenho de suas funções. Isso, porém, não significa um abandono ou uma desesperança, mas a inserção na luta pela educação e pelo exercício laboral digno.

O professor que colaborou com nosso projeto, mesmo em um contexto de tantos obstáculos, que ele não ignora, é exemplo de dedicação e abertura, mantendo sempre uma perspectiva crítica aos entraves da conjuntura política.

Depois desses aspectos formativos dados pela colaboração com o docente, é útil avaliar outras dimensões profícuas da experiência. Tendo em vista que um dos objetivos do Programa de Educação Tutorial consiste na formação integral do grupo de discentes envolvidos, a seguir daremos enfoque nos aspectos educativos implicados na realização do Projeto EDIHUM para o grupo de graduandas e graduandos.

Em primeiro lugar, ganha destaque o papel-chave desempenhado pela pesquisa, entendida como reconstrução de conhecimento (SEVERINO, 2007, p. 25), pois, a cada novo assunto, a equipe responsável se direcionava para uma revisão de literatura, com a intenção de entender as interpretações acadêmicas lançadas contemporaneamente sobre o objeto. A realização desse procedimento envolve busca, seleção, interpretação e reelaboração, determinando as ênfases a serem dadas ao tema. Portanto, a produção do roteiro envolvia uma série de exercícios úteis a uma formação não voltada à memorização, mas à capacidade de reflexão e análise (SEVERINO, 2007, p. 27).

Além disso, convém considerar ainda dois objetivos pretendidos pelo PET: formação cidadã e profissional. Em primeiro lugar, a noção de cidadania foi contemplada pela execução do EDIHUM conforme nossas produções eram críticas às formas de opressão neoliberais, bem como às interpretações anticientíficas. Ao mesmo tempo, uma abordagem profissional também vê proveitos no desenvolvimento do projeto de produção de podcasts didáticos, especialmente para duas das quatro graduações envolvidas. Primeiramente, o grupo de estudantes de História licenciatura ganhou experiência na produção de conteúdo didático acessível e politizado, algo intimamente ligado com seu fazer professoral. Em seguida, discentes do curso de Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial acrescentaram prática na edição de áudios, elemento recorrente em seu ofício. Com esses apontamentos, pretendemos argumentar que este projeto influenciou positivamente na aquisição de uma formação integral, abordando aspectos científicos, profissionais e cidadãos.

Conformidade com as noções de educação em direitos humanos

Outra exigência teórico-metodológica que precisamos levar em conta consiste na relação entre nossa prática e uma educação para uma cultura de direitos humanos. A seguir, para abordar essa perspectiva política e didática, lançamos mão de certas indicações em referencial institucional e textos acadêmicos. Assim que encerrarmos essa discussão, passaremos a considerar sua adequação com nossa experiência.

Uma curta publicação de 2015 teve o objetivo de divulgar a educação em direitos humanos, entendida como forma de empoderar a sociedade civil. Nesse sentido, há dois âmbitos de legitimidade da noção de direitos humanos. O mais amplo diz respeito a uma série de acordos solenes entre países e aprovados pela Organização das Nações Unidas. Enquanto o segundo se expressa na Constituição da República Federativa do Brasil a partir da denominação de direitos fundamentais (WAISELFISZ, 2015, p. 13).

Interessa-nos, especialmente, a perspectiva pedagógica apresentada pelo material, que se afastou de um ensino bancário, domesticador; na verdade a abordagem defende que a “difusão deve ser pautada pelo estímulo à reflexão e, finalmente, favorecer o seu exercício” (WAISELFISZ, 2015, p. 08). Sob esse aspecto, o texto advoga uma aprendizagem que entrelace teoria e prática, que promova intervenções na sociedade. Essa postura decorre da finalidade de consolidar a democracia participativa e seus valores, porque conquistas legais não se sustentam sem a colaboração da sociedade. Assim, essa referência institucional argumentava em favor da construção de uma nova cultura de direitos humanos.

Nesse sentido, não se confunda aqui uma educação em direitos humanos com o ato de decorar artigos das plataformas jurídicas. O que se pretende, na verdade, é uma elaboração democrática que valorize aquilo que Mondani chama de “formação de uma cultura comprometida com a construção de uma sociedade dos direitos humanos” (MONDANI, 2009, p. 69). No entendimento desse autor, a ideia de cidadania “deve ir muito além da necessária, ainda que não suficiente, igualdade jurídico-formal, tendo como horizonte de luta a transformação de uma sociedade rumo a um ideal de conquista da igualdade social com liberdade individual e respeito à diversidade” (MONDANI, 2009, p. 58). Dessa forma, ao assumir como objetivo de nosso projeto uma educação para uma cultura dos direitos humanos, nos colocamos em favor de determinado projeto de sociedade.

Todavia, contextualizando essa disputa de discursos políticos na história brasileira, importa considerar que o Brasil contemporâneo é produto de um passado específico que possui suas peculiaridades. O mundo colonial da América portuguesa foi dominado por homens brancos europeus em detrimento às populações americanas e africanas e, em especial, às mulheres das diferentes etnias. Para Fernando Seffner e Nilton Pereira, tendo em mente a atualização desse passado colonial, ou seja, a persistência de aspectos pretéritos no Brasil contemporâneo, uma educação em direitos humanos precisa ser pautada no combate às formas de machismo, racismo e heterossexismo (SEFFNER; PEREIRA, 2018). Por isso, ponderar sobre uma educação que objetiva uma nova cultura de direitos humanos exige uma atuação enfática contra as manifestações mais perigosas de nossa cultura.

Portanto, ao considerar os aspectos históricos e as orientações pedagógicas sobre uma educação para essa cultura, concluímos a adequação da perspectiva de luta social para nosso projeto. Assim, assumimos a disputa contra o machismo, racismo e

heterossexismo como frentes de atuação importantes para a concretização dos direitos fundamentais. Também ganha importância a disputa pelo Estado, a partir da denúncia de suas formas de omissão. Nesse contexto, os direitos sociais não são presentes óbvios, mas vitórias da mobilização de setores oprimidos da sociedade, ainda que ocorram dentro dos termos da democracia capitalista e com as suas limitações. Nessa grande disputa, o respaldo do direito internacional é uma estratégia importante e nós a adotamos em nossa breve intervenção.

Tendo em vista esse horizonte teórico, passemos à autocrítica. A atuação acadêmica deve ser pautada pela coerência e pela abertura à revisão. Portanto, convém levar em conta nossa contribuição para o objetivo didático assumido, isto é, o desenvolvimento de uma cultura de direitos humanos. Nesse sentido, os temas abordados foram de natureza socioambiental e cada um deles explora diferentes formas de opressão, exclusão e luta social. Mesmo assim, a crítica ao neoliberalismo foi uma constante no material produzido. Tendo em vista que essa perspectiva político-econômica trata do esvaziamento do Estado e da irresponsabilidade social do mercado, problematizá-la consiste numa forma de colaborar com uma cultura de direitos humanos pautada nas conquistas dos movimentos sociais organizados. A seguir, apresentamos os episódios, seus temas e sua adequação à pretendida pedagogia.

Em ordem de publicação, o primeiro podcast produzido tematizou as Queimadas no Pantanal. Neste conteúdo, a equipe responsável combateu de forma científica as mentiras contadas pelo governo central acerca das causas de certas tragédias ambientais ocorridas em 2020. Num sentido similar, o segundo episódio, Urbanização Mal Planejada, lançou críticas ao descaso governamental com serviços e saneamento básicos. Nesse podcast fica notável o valor dado à luta dos movimentos sociais organizados na efetivação dos direitos humanos. Em seguida, a terceira publicação, pautando a Revolução Verde, focaliza sua reflexão na despreocupação governamental com a segurança alimentar do país. Esse aspecto de crítica ao neoliberalismo se deu conforme a equipe atacou o uso de agrotóxicos, o latifúndio excludente e as argumentações demagógicas da elite rural. Enfim, ao tratar dos Impactos da Mineração, o destaque foi dirigido aos danos socioambientais. O grande questionamento realizado pela dupla responsável consistiu no descaso governamental frente à fiscalização e punição dos danos causados pela exploração econômica. Ao realçar a insuficiência das indenizações, a equipe coloca a necessidade de uma tomada de atitude frente ao descaso.

Nesse esforço didático, convém pautar o papel das atividades de exercício. Ao respondê-las, o corpo discente era convidado a refletir e ser criativo diante de determinados problemas, como, por exemplo, “o que você faria sobre as queimadas no Pantanal se estivesse na presidência do Brasil?”. Não queremos ser simplistas e dizer que isso basta para promover um processo de aprendizado construtivista e crítico, nos termos de Freire, mas que lançamos mão de possibilidades que estavam ao nosso horizonte visando a produção de situações didáticas, em certa medida, conscientes e protagonizadas pelo alunado. Assim como procuramos tornar as questões o mais leve possível, para que a extensão não provocasse um maior desgaste. Nesse sentido, atividades mais complexas demandariam um estresse extra para os alunos, que também são

prejudicados com as atividades remotas e com a falta de um ambiente de estudos adequado.

Dessa forma, concluímos pela adequação e possível contribuição para uma cultura de direitos humanos fundada na luta social e na crítica às formas de opressão e omissão estatal. O encaminhamento do projeto foi pautado pelo estímulo à reflexão do alunado, ainda que pouco consideramos a noção de exercício dos direitos de forma concreta e experimental, como sugere nossa referência teórica (WAISELFISZ, 2015, p. 08). Entretanto, dentro das limitações da metodologia e das formas de interação com o corpo discente, entendemos que apresentamos uma série de problemáticas importantes à cultura de luta pela implementação dos direitos humanos.

Reflexões sobre a extensão universitária e a prática extensionista

A última reflexão a receber atenção consiste no julgamento da extensão executada diante da adequação ao corpo teórico abordado. Da mesma forma que estudamos a conformidade da educação em direitos humanos, procederemos à análise da congruência da ação com a categoria de extensão universitária. Isto é, em primeiro lugar levantaremos um panorama histórico do objeto, de modo simultâneo entraremos na discussão teórica e, por fim, estudaremos a continuidade entre a ação e a reflexão.

O tema “extensão” foi muito debatido ao longo das nossas reuniões de projeto, quando houve bastante insegurança por causa da grande pergunta “o que é uma boa extensão?” ou melhor “o que é uma extensão?”. Após algumas leituras e muitos debates começamos a entender melhor sobre os processos que levam a desempenhar uma extensão de qualidade. Nesse sentido, o histórico conceitual da extensão não é muito favorável a uma definição arbitrária e curta sobre o tema, como num dicionário, pois ao longo da nossa história nos deparamos com determinadas vertentes teóricas divergentes sobre o que seria uma boa extensão, sendo as principais delas opostas. Acerca disso, destacamos Freire (2013), de caráter dialógico, que focaliza o protagonismo da população no processo de aprender e agir e, em outro ponto, temos a visão presente na Reforma de 1968 (ALMEIDA, 1991), que parte de uma premissa de prestação de serviço pontual por parte das universidades como forma de esvaziamento político. No entanto, por mais que as duas vertentes supracitadas possam parecer opostas, é irônico que na maioria dos casos esses dois pensamentos acabam guiando boa parte dos projetos extensionistas, nos quais existe um grande apreço pelo que é pensado por Freire, mas que na prática se torna muito mais uma extensão de prestação de serviços ou assistencialismo, o que torna frustrante colocar-se em uma extensão. Durante nossa extensão tivemos muitos momentos em que nos encontrávamos em conflito com a própria formulação de como o projeto deveria ser, muito em decorrência de não podermos contatar diretamente aos alunos, devido a pandemia do COVID-19. Mesmo que nem todas as partes tenham atingido o esperado, nos orgulhamos de perceber que foi feito baseado na melhor forma possível, dentro da vertente teórica que mais nos contempla.

Ao longo do século XX, com os projetos desenvolvimentistas, a federalização de

faculdades e a interiorização da universidade pública no Brasil, novas perspectivas emergem a respeito do ensino superior. A autora Maria de Almeida (1991) aborda, sob um viés marxista, a evolução da noção de extensão na universidade brasileira. Após uma breve referência ao caráter renovador da Escola Nova e de movimentos “liderados por grupos identificados com os problemas sociais” (ALMEIDA, 1991, p. 20), ela explora a Reforma Universitária de 1968, que estabelece a extensão em plena ditadura civil-militar. Em seu entendimento, a instituição dessa prática teve o intuito de neutralizar, eximir e vigiar. Ao direcionar o ímpeto político universitário para ações não radicais, pretendia esvaziar uma politização indesejada do fazer acadêmico. Da mesma forma, ao outorgar certa responsabilidade social à instituição, o governo poderia eximir-se em parte de seus compromissos com a população (ALMEIDA, 1991). Além disso, essa era uma forma do Estado militar manter vigilância atenta sobre sujeitos e organizações, pois agiriam sob a burocracia policialesca. Sendo assim, as práticas extensionistas eram muito adequadas para o regime, manteriam ocupado e vigiado o ativismo político, que estaria voltado para o assistencialismo ao invés da crítica à estrutura. Por tudo isso, a autora classifica a extensão no período militar como uma estratégia individualista, colonialista, conservadora e apassivadora.

Mesmo nesse contexto de pretensões autoritárias, podemos contar com importantes reflexões críticas, e uma delas nos ajudou a pensar neste artigo. Escrito em plena ditadura, a primeira edição do livro de Antônio Joaquim Severino nos oferece uma visão muito pertinente sobre a extensão universitária (SEVERINO, 2007). Para este autor, as três atividades, ensino, pesquisa e extensão, formam um sistema com certa reciprocidade. O ensino exige pesquisa para que seja autônomo e criativo. A pesquisa exige extensão para que o ensino entre em contato com os problemas da sociedade e os assuma como seus objetos. A extensão, portanto, fornece ao ensino politização, à pesquisa relevância social e à sociedade acesso ao conhecimento. Assim, o conhecimento produzido pela universidade “precisa ser disseminado e repassado, colocado em condições de universalização” (SEVERINO, 2007, p. 34). Com esse raciocínio esquemático é possível perceber as relações entre as atividades e ter uma compreensão do que seria o princípio da indissociabilidade do fazer acadêmico.

Avançando cronologicamente, esse quadro político muda quando os agentes populares ganham força e organização. O processo de redemocratização percebe a emergência de intelectuais progressistas no campo da Educação, dentre eles ganha destaque a influência⁴ de Paulo Freire e a discussão que propõe acerca da invasão cultural (FREIRE, 2013). O autor argumenta em, pelo menos, dois sentidos: hierárquico e gnosiológico. Em um primeiro momento, o autor critica a prepotência de quem desconsidera as camadas trabalhadoras em

⁴ Inclusive, a Universidade Federal de Santa Maria, ao estabelecer as diretrizes da extensão, elenca como primeiro valor a “interação dialógica entre universidade e sociedade”. Ver mais em: Política de Extensão da UFSM. **PROPLAN**. 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/proplan/politica-de-extensao-da-ufsm/>. Acesso em: 09 de abril de 2021.

sua humanidade, inteligência e capacidade. Ao lado disso, o autor reiteradamente ataca a noção de que o conhecimento é um objeto a ser entregue, algo que pode ser absorvido só de ouvido. Na verdade, defende que aprender é reinventar, criticar e usar os saberes, não apenas ouvir uma exposição (FREIRE, 2013, p. 20). Assim, ambos argumentos convergem numa extensão que valorize a ação e reflexão dos sujeitos em um processo de crítica de si e do mundo.

Ao teorizar sobre extensão universitária, Michel Thiollent (2002) elenca três dimensões do conhecimento necessárias para o desenvolvimento da prática de forma a abranger os públicos externos à universidade. Thiollent explica que é necessário mais do que somente uma transferência de conhecimento, assim como Freire critica a educação bancária, deste modo busca uma metodologia ideal que tenha como princípios as dimensões crítica, reflexiva e emancipatória. De início, a dimensão crítica remete à problematização dos meios, podendo ser dirigida ao campo das ideias, da vida cotidiana ou profissional. A dimensão reflexiva é puramente a crítica do pensar sobre como se deu a aprendizagem, o porquê, quem nos fez refletir sobre, de onde foram tiradas essas informações, de modo que haja a construção do conhecimento por parte dos próprios participantes. Por último, a dimensão de propósito emancipatório pode ser tratada como o incentivo à autonomia e a transformação do meio pelo próprio sujeito. Assim, face à exclusão econômica e social das camadas trabalhadoras, bem como o sucateamento da educação pública, ganha relevância o papel da extensão universitária auxiliando o educando na obtenção da educação. Essa libertação pode ser aprofundada com a oportunidade de profissionalização a partir do ensino superior e uma consequente ascensão econômica e social pautada na compreensão do sistema opressor.

A não compreensão da obra de Freire (2013) faz com que uma “troca de saberes” seja o suficiente, uma aparência de horizontalidade e a abordagem de conteúdos progressistas satisfaçam o teor dialógico necessário à extensão. Essa visão superficial da obra impede que uma educação libertadora aconteça, um processo de colaboração e intervenção nos problemas reais, em que os sujeitos sejam protagonistas críticos e autocríticos. A perspectiva crítica resume-se, assim, a uma aparência esvaziada.

Outra incompreensão reside em ignorar a reciprocidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, tratadas como eixos independentes a serem cumpridos em momentos distintos. Com isso torna-se preocupante a noção de prestação de serviço pontual, descontinuada, pouco fundamentada, simplista e não baseada em pesquisas. Esses usos decorrem da influência da pretensão assistencialista da extensão na ditadura, mas também de um engano sobre o objetivo da academia. As autoras Silva, Campani e Parente acusam que a autonomia intelectual da universidade acaba, nesses casos, sendo interpretada como falta de responsabilidade social (SILVA; CAMPANI; PARENTE, 2018, p. 99).

Prosseguindo com a discussão sobre as práticas, Silvio Paulo Botomé lança críticas contundentes aos equívocos de entendimento sobre o fazer universitário (BOTOMÉ, 1996). Para o

autor, a universidade perde de vista seu papel institucional toda vez que realiza atividades bem intencionadas, mas que fogem do seu dever. Visando legitimar seu consumo de recursos financeiros, a comunidade acadêmica lança mão de uma retórica de compromisso social, o qual deveria ser efetivado a partir da extensão. Entretanto, essas ações perdem a dimensão profissionalizante e criadora de conhecimento, tornando-se mero “discurso justificador, auto-complacente e alienante, afastado da realidade social e de suas gritantes necessidades” (BOTOMÉ, 1996, p. 60). Assim, perdem de vista transformar a sociedade com pesquisas inovadoras e contundentes, com a expansão do acesso a conhecimentos científicos e colaboração com instituições públicas. Para este autor, a extensão sequer deveria existir enquanto atividade, parte da tríade, na verdade, ela precisa ser uma filosofia que inspira os objetivos da pesquisa, um incentivo para que, durante o ensino, estudantes apliquem os conhecimentos, bem como um fomento para a proposição de cursos, oficinas e outras formas de acesso popular ao conhecimento científico pertinente (BOTOMÉ, 1996).

É, nesse contexto de equívocos e teorizações, que nos entendemos e percebemos fazendo parte de um processo de aprendizado e produção acadêmica. Dentro desse cenário, nem sempre os conhecimentos específicos são de fato importantes para a sociedade como um todo, por mais úteis que sejam para o aprofundamento teórico e metodológico de pontos caros às nossas áreas acadêmicas. Nesse sentido, há a necessidade de filtrar nossos conhecimentos de modo a transformá-los em saberes válidos para o público participante da extensão. Essa seleção pode acabar frustrando muito o processo de criação metodológica da extensão, além de ser problemática a necessidade de “incluir” a população em um conhecimento que não necessariamente está sendo debatido no meio acadêmico. É evidente que a rotina em uma universidade é diferente de uma extensão, mas, por mais que sejam “focos diferentes”, não fica muito difícil dizer que boa parte das dificuldades de se concluir uma extensão com satisfação se dá devido às limitações que são colocadas no nosso meio de formação. Nesses espaços acadêmicos, a troca de experiências, muitíssimo importante em uma extensão, se torna de pouca utilidade, caso essa “experiência” não tenha como base uma leitura mais teórica (SILVA; CAMPANI; PARENTE, 2018). Dessa forma, os valores acadêmicos influenciam as práticas extensionistas também.

Levando em conta o panorama apresentado, temos que a extensão nas universidades brasileiras acaba imersa em diferentes interpretações e orientações, haja vista que decorre dos ímpetus políticos universitários e das formas de controle ditatorial. Além disso, a não compreensão das teorizações resulta em enganos no momento de execução e planejamento. Ao pretender uma extensão desvinculada da pesquisa e do propósito de autoformação, os formatos de ação caem em rotinas irrefletidas e em discursos (auto)legitimadores. Da mesma forma, a não compreensão do que seria um processo de aprendizagem libertador faz das execuções dos projetos uma conversa superficial, um jogo de palavras sem propósito. Esses erros teóricos exigem que tenhamos nossas preferências teórico-metodológicas e queiramos aplicá-las, concretizar o que foi refletido.

No sentido de concluir a discussão teórica sobre extensão, precisamos apontar algumas considerações. De início, fica notável o caráter maleável do conceito, bem como suas possibilidades e seus diferentes enfoques. Enquanto terminologia e objeto de reflexão, é compreensível que possua essa flexibilidade, o que não exige a equipe de selecionar aspectos mais desejáveis dentre as perspectivas. Nesse sentido, com intuito de dar direcionamento de forma pragmática às ponderações do grupo, indicaremos algumas orientações, princípios e entendimentos presentes na bibliografia abordada, de modo a contemplar dimensões do que seriam práticas extensionistas politizadas e adequadas à função institucional da universidade.

Destacamos, em primeiro plano, o fundamento da escolha: a função social da universidade, já que daí decorrem os princípios norteadores do conceito de extensão. Nesse sentido, entendemos que a finalidade institucional da universidade reside na formação de profissionais com base na ciência e na cidadania. Assim, ganha realce a noção de autoformação a partir da contribuição no enfrentamento de problemas sociais, desde que baseada no ato de pesquisar (SEVERINO, 2007). Nesse mesmo sentido, entendemos que uma forma de dar conta dessa perspectiva reside em fornecer acessibilidade ao conhecimento crítico e contribuir com agentes de instituições públicas (BOTOMÉ, 1996). De forma mais metodológica, ganham nossa atenção os valores do aprender como processo gnosiológico de construção do conhecimento a partir de seu uso (FREIRE, 2013), bem como os valores da reflexão, da crítica e da emancipação (THIOLLENT, 2002). Tomados tais parâmetros, poderemos observar mais atentamente nossa prática e transformá-la.

Portanto, o último esforço a ser repensado sobre nossa experiência reside na adequação do projeto às noções de extensão encontradas na literatura acadêmica. Assim, finalizando nossas considerações sobre a vivência, precisamos inseri-la no quadro conceitual da extensão universitária, julgando sua adequação ou distanciamento. Anteriormente, no presente texto, agrupamos alguns elementos que pertenceriam a uma boa extensão, que seriam princípios norteadores. Agora recorremos a tais elementos teóricos para avaliar nossa prática.

Quanto ao primeiro dos valores destacados, a autoformação pela pesquisa (SEVERINO, 2007), entendemos uma adequação teórica. Essa afirmação se deve ao fato de que o projeto de produção de material didático a partir de revisão de bibliografia científica envolve uma reconstrução do conhecimento, um exercício de grande autonomia e autoria. Nesse aspecto, poderíamos ter aprofundado o tamanho da fundamentação teórica, em geral, de três textos acadêmicos a cada podcast. Inclusive, as equipes poderiam se dedicar mais à resolução de problemas reais no momento de produzir seus roteiros, assim, a autoformação estaria ligada ao enfrentamento de problemas da sociedade.

Outro princípio norteador de uma atividade universitária socialmente relevante reside na oferta de acesso ao conhecimento e na contribuição com instituições públicas (BOTOMÉ, 1996). Esse aspecto foi efetivado pela atuação do grupo de petianos e petianas, tendo em vista que, ao reelaborar a produção acadêmica dando-lhe caráter didático, estávamos possibilitando a apreensão de saberes próprios do meio universitário. Ao mesmo tempo, estávamos colaborando com um funcionário de um órgão do Estado

brasileiro no desenvolvimento de seu trabalho. Mesmo assim, reforçamos que poderíamos ter alcançado mais participantes.

Continuando as avaliações sobre o processo, passemos a considerar nossa produtividade. Apenas se referindo ao período de produção de podcasts, podemos dizer que foi um projeto pontual, com duração de dois meses, e que resultou em quatro episódios. De certo modo, é um tempo grande para uma curta quantidade de gravações de dez minutos, 40 minutos de conteúdo em dois meses de trabalho. Ademais, temos que considerar que o público alcançado foi de nove turmas de ensino médio, porém este também é um resultado inferior às possibilidades, haja vista que o mesmo projeto poderia ser realizado com mais professores e mais turmas, ganhando uma repercussão algumas vezes maior. No nível da organização interna, a equipe do projeto, composta por oito integrantes, poderia se organizar para que todos produzissem ao invés de que apenas um trio ou quarteto trabalhasse a cada quinzena. Isso teria dobrado a produtividade em número de podcasts. Outro procedimento a ser aprimorado seria o de consultar especialistas no tema que estivessem ao alcance, como docentes da UFSM, solicitando leituras e advertências sobre interpretações a evitar.

Além disso, no âmbito metodológico, Paulo Freire (2013) possui contribuições importantes para pensar o que seria uma educação libertadora. Esse é o aspecto mais espinhoso, para nós, daqueles até então dispostos no horizonte de uma boa extensão universitária, pois envolve uma constante autocrítica, no sentido de uma práxis ativa. Em suma, não promovemos uma educação que convidasse os educandos e as educandas para um processo gnosiológico, em que estes sujeitos criticassem a si e ao mundo, bem como reconstruíssem o conhecimento conforme intervissem na realidade concreta. Aliás, nosso diálogo foi muitíssimo restrito com o grupo de estudantes. Tivemos a preocupação com a qualidade do produto de áudio elaborado, entretanto a participação do corpo discente escolar foi quase nula. O princípio norteador da extensão universitária contido na reflexão freiriana mereceria um projeto voltado para um público menor e que convidasse os estudantes para uma constante conversa e desenvolvimento da crítica, num processo mais produtivo e ativo.

O último dos elementos orientadores consiste no incentivo à reflexão, à crítica e à emancipação (THIOLLENT, 2002). A reflexão sobre nossa atuação aconteceu, durante e depois do projeto, entretanto ela não foi necessariamente estendida ao alunado sob a forma de convite para que repensassem suas atitudes e práticas. Além disso, o autor defende uma crítica às teorias dogmáticas, à sociedade e aos aspectos excludentes da atuação profissional. Nesse sentido, alcançamos parcialmente os ideais, já que nosso esforço de grupo se pautou por um pensamento político e teórico que trouxemos de outros momentos e vivências, não necessariamente uma pausa para contemplação e reformulação profunda. Há ainda a dimensão da emancipação que marcou presença na experiência do EDIHUM, posto que nossas produções eram pautadas por um questionamento das formas de opressão, haja vista nossa perspectiva sobre educação em direitos humanos. Assim, alguns aspectos

podem ser melhorados, visando os ideais apresentados por Thiollent (2002), dentre eles o convite à reflexão do alunado e uma busca por fundamentação teórica mais crítica.

Dessa forma, as ações de extensão aplicadas neste projeto consideram a importância da teoria no julgamento e planejamento das ações de extensão. Como encaminhamentos oriundos da teorização sobre extensão universitária, ganham destaque (1) assumir problemas para direcionar as revisões de literatura, (2) expandir a abrangência do projeto, (3) envolver o corpo discente num diálogo crítico sobre si e sobre o mundo, (4) fundamentar nosso projeto em teoria mais criteriosamente. São melhorias exequíveis que agregarão muito valor pedagógico para os universitários e secundaristas inseridos nas próximas práticas de extensão do PET CiSA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo pretendeu abordar determinadas dimensões teóricas e práticas relacionadas à extensão universitária no período da pandemia de COVID-19. Sob tal aspecto, não se trata de um discurso de cunho prescritivo, mas sim reflexivo. Portanto, nossas considerações tomaram um tom de autoavaliação cujos critérios foram levantados a partir de bibliografia pertinente. A seguir, apresentamos uma síntese dos resultados e autocríticas.

Em primeiro plano, a apuração numérica do retorno dado pelo corpo discente é um indício fraco do aproveitamento escolar desse projeto. Isso se deve às práticas de cópia de respostas ou entrega de atividades pela metade. Sob esse aspecto, o projeto de 2020 esbarrou nos mesmos desafios do ensino remoto encarados pelo professorado. Ao mesmo tempo, as devolutivas dadas pelo alunado demonstraram também a existência da curiosidade, do interesse e da demanda por interação humana. Nossa equipe não superou o desafio da comunicação, entretanto experimentou uma forma que, com grande demora, estabeleceu expectativas e nos proporcionou conhecer um pouco melhor as turmas envolvidas. Nesse diálogo, os podcasts serviram de canal para uma série de reflexões críticas sobre temas atuais muito relacionados com a luta social pela efetivação de direitos humanos básicos, destacando as omissões do Estado brasileiro. Merece nota, portanto, a politização de nossos esforços, ao lançarmos mão dos direitos humanos para favorecer um projeto de sociedade ao Brasil.

Além disso, entendemos que atingimos certo grau de coerência entre teoria e prática. Com o aprofundamento dos estudos, a teorização permitiu esboçar metodologias mais adequadas ao fazer universitário, dentro do nosso contexto e possibilidade. Afinal, esse é o propósito da fundamentação dos projetos em bibliografia acadêmica. Porém, isso não significa que tomamos essas orientações presentes na literatura sob uma leitura a ser acatada de forma simplista. Na verdade, formulamos entendimentos sobre o que seriam formas adequadas de educação em direitos humanos e de extensão universitária, realizando uma compilação conceitual com ênfases mais ou menos conscientes. Assim, nossa aposta consiste em, a partir dessa autocrítica, melhorar as futuras aplicações do projeto.

Dito tudo isso, convém oferecer nossa contribuição às atividades de extensão durante a pandemia. Dentre aqueles projetos que pensam em práticas educativas escolares, sugerimos que busquem a colaboração frequente com o professorado. Da mesma forma, depois de algum tempo de projeto, peçam melhorias no produto e sugestões de temáticas, explorem essa curiosidade das turmas. Acerca do relacionamento com as turmas, não tenham pressa em tirar conclusões otimistas, pois o ensino remoto dificulta perceber interesse e até mesmo engajamento, devido às más práticas ao entregar atividades. Acima de tudo, reforçamos a conveniência do estudo bibliográfico perspectivando o desenvolvimento do projeto a partir da autocrítica. O fazer acadêmico deve continuar mesmo no contexto de ensino remoto. Mais do que isso, reside aí uma oportunidade de amadurecimento à forma como entendemos o papel da universidade na sociedade em seus diversos contextos. Muito disso depende da reflexão constante entre teoria e prática, bem como entre ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. **A extensão universitária: uma terceira função**. 1991. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1991. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/250758>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BRASIL. **Portaria nº. 343, de 24 de abril de 2013**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. 2013. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, n. 343, p. 39, 18 mar. 2020. Seção 1.

BRASIL. **Portaria nº. 976, de 27 de julho de 2010**. Dispõe sobre a instituição do Programa de Educação Tutorial PET. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. 2010. Brasília, DF, n. 212, p. 40, 18 out. 2010. Seção 1.

BOTOMÉ, Silvio Paulo. **Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MONDANI, Marco. Direitos Humanos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 55-71.

SEFFNER, Fernando; PEREIRA, Nilton Mullet. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 13, p. 14-33, 2018.

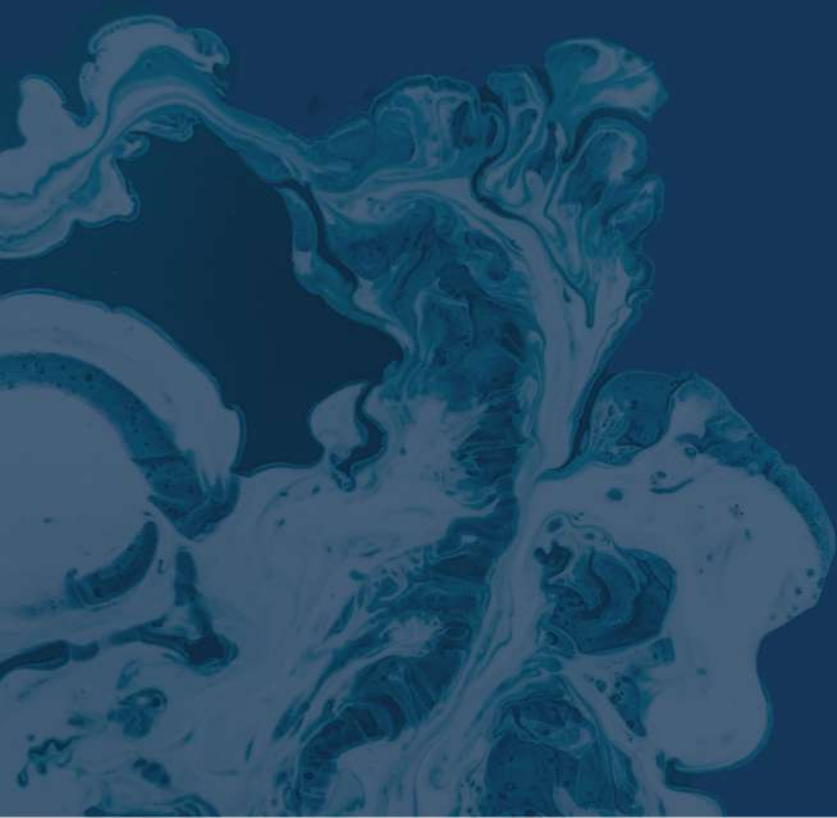
SILVA, Rejane Maria Gomes da; CAMPANI, Adriana; PARENTE, Paulina Maria Mendes. A extensão universitária como pilar epistemológico da indissociabilidade na universidade. In: SILVA, Rejane Maria Gomes da; HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de (Orgs.). **A expansão do ensino superior em debate**. Sobral: Editora Sertão Cult, 2018, p. 95-110.

Severino; Antônio Joaquim. A pesquisa na Pós-graduação em Educação. **Revista Eletrônica De Educação**. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

THIOLLENT, Michel. Construção do conhecimento e metodologia da extensão. **Cronos**, Natal, v. 3, n. 2, p. 65-71, jul./dez. 2002.

WAISELFISZ; Júlio Jacobo. **Mapa da Violência**. Homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA



ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE E TRANSEXUALIDADE: A ATUAÇÃO DE UM PROFISSIONAL DO NASF FRENTE A UMA DEMANDA DE SAÚDE MENTAL

PRIMATY ATTENTION TO HEALTH AND TRANSEXUALITY: THE PERFORMANCE OF A NASF PROFESSIONAL FACING A MENTAL HEALTH DEMAND

ATENCIÓN PRIMARIA DE SALUD Y TRANSEXUALIDAD: EL DESEMPEÑO DE UN PROFESIONAL DE NASF ANTE UNA DEMANDA DE SALUD MENTAL

JÔNATAS ASSIS¹, DANIELE ROCHA²

RESUMO

O trabalho visa a incrementar a referida abordagem na esfera da Atenção Primária a partir do relato de experiência de um profissional da psicologia, componente da Equipe NASF da Residência Multiprofissional em Saúde da Família – FESF/FIOCRUZ, no município de Dias D'Ávila - BA. A partir da experiência, observa-se a importância de atenção às demandas apresentadas pela população LGBTQ+, especialmente às pessoas transgêneras, revisando as políticas públicas voltadas à referida população e o desenvolvimento de novas concepções de cuidado e ações de saúde ofertadas a tal população. Recomenda-se a validação do princípio de equidade, pela postura cultural dos profissionais, equipes e serviços, ao preconizado como direitos nas políticas de saúde, em consideração às vulnerabilidades históricas e culturais e o direito imanente à condição humana dessas pessoas, cidadãos e usuários do SUS.

Palavras-chave: população LGBTQ+; transexualidade; NASF; atenção primária à saúde.

ABSTRACT

The work proposes to increase the referred approach in the field of Primary Attention through the experience of a psychology professional, a member of the NASF from the Multi-professional in Family Health Residence program – FESF/FIOCRUZ, in the city of Dias D'Ávila - BA. Through the experience, it is possible to observe how important it is the attention given to the demands brought by the LGBTQ+ population, especially the transgender people, reviewing the public policies related to the referred community and the development of new conceptions of care and actions offered to these people. It is recommended the validation of the equity principle, by the professionals cultural behavior, the staff and the services to the advocated, as for their rights in the health policies, considering the historical and cultural vulnerabilities and the immanent right to the human condition of these people, who are citizens and SUS users.

Keywords: LGBTQ+ community; transsexuality; NASF; primary attention to health.

¹ Especialista em Saúde da Família pela Fundação Estatal de Saúde da Família (FESF/FIOCRUZ).

² Mestra em Estudos Interdisciplinares pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/IHAC).

RESUMEN

O trabalho visa a incrementar a referida abordagem na esfera da Atenção Primária a partir do relato de experiência de um profissional da psicologia, componente da Equipe NASF da Residência Multiprofissional em Saúde da Família – FESF/FIOCRUZ, no município de Dias D'Ávila - BA. A partir da experiência, observa-se a importância de atenção às demandas apresentadas pela população LGBTQ+, especialmente às pessoas transgêneras, revisando as políticas públicas voltadas à referida população e o desenvolvimento de novas concepções de cuidado e ações de saúde ofertadas a tal população. Recomenda-se a validação do princípio de equidade, pela postura cultural dos profissionais, equipes e serviços, ao preconizado como direitos nas políticas de saúde, em consideração às vulnerabilidades históricas e culturais e o direito imanente à condição humana dessas pessoas, cidadãos e usuários do SUS.

Palavras-chave: população LGBTQ+; transexualidade; NASF; atenção primária à saúde.

CONTEXTUALIZAÇÃO

“Ela tem cara de mulher
Ela tem corpo de mulher
Ela tem jeito
Tem bunda
Tem peito
E o pau de mulher!”
Mulher, Linn da Quebrada.

“Não importa o que eu vista. Quando sonho, são os sonhos de Lili”. A psicanálise ou parte dela concorda com a concepção freudiana de que o sonho é a manifestação de um desejo, um apelo, principalmente quando damos sentido, os interpretamos. A frase inicial desse parágrafo diz sobre a fala da protagonista principal do filme *A Garota Dinamarquesa*, de Tom Hooper, vivida por Lili Elber, mulher assim nomeada pelo ex-soldado Einar Wegener, este, casado com Gerba Wegener, pintora e companheira de Lili Elber, seu ex-marido. Na cena, Lili afirmava o quão difícil era retirar-se das roupas femininas, das maquiagens, do seu corpo, da sua identidade. Que mesmo sob os tons misteriosos dos sonhos, Lili ainda existia.

Lili é a primeira mulher transexual da história da humanidade a submeter-se a cirurgia de resignação da genitália sexual e, assim como o ex-soldado, nomeou-se de Lili Elber Elvenes para falar de sua identidade mais subjetiva. Ouso aqui nomear a personagem real, talhada na usuária ou caso que logo apresentarei. Já a chamo de Lili, espero homenageá-la com o nome da vanguardista, ao mesmo tempo em que protejo sua real identidade apontando ao comum entre ela e Lili: ambas, quando lembram de seus sonhos, são mulheres. O que desejam? O quanto desejam? O quanto o mundo acredita nos seus desejos? O que a Lili que entrou na história da humanidade tem em comum com as Lilis que ainda sonham com os desejos de serem como são e que todos são? Qual lei se imprimirá sobre o desejo de direitos que só aspiram por existir?

INTRODUÇÃO

Inicialmente apresento as narrativas acerca da concepção de transexualidade(s), as políticas de saúde e as legislações importantes. Sendo a introdução composta por dois seguintes tópicos: A transexualidade enquanto um transtorno e O encontro entre políticas públicas LGBTQ+¹ e o Sistema Único de Saúde – SUS, especialmente na Atenção Primária à Saúde – APS. Refletindo em ambos as contingências da realidade brasileira.

Após a introdução, apresento o relato da experiência em atender uma mulher transexual numa Unidade de Saúde da Família – USF, enquanto profissional da psicologia, categoria componente da equipe do Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF² durante o primeiro ano do Programa Integrado de Residências da FESF/FIOCRUZ³, no município de Dias D’Ávila/BA.

Por fim, apresento as aproximações reflexivas, nas discussões e referencial teórico, tendo este último aspecto como fundamental ao exercício e desenvolvimento das ações, pressupostos e manejo à condução à usuária acompanhada, e conseqüentemente seu desfecho enquanto um caso devidamente acompanhado. Ainda neste tópico apresento as minhas dificuldades, angústias, estratégias e anseios diante dos desafios e demandas trazidas pela Lili desta nova história.

A transexualidade enquanto um transtorno

Se buscássemos um CID⁴ para classificar a transexualidade este poderia ser descrito como Transtorno de Identidade de Gênero – TIG, sendo chamado de Disforia de Gênero ou Identidade de gênero cruzado, ou até Transexualismo. Termos parecidos na superficial discriminação do fenômeno⁵ da transexualidade, mas cujos pormenores revelam as posições políticas e de apreensão psicossocial deste fenômeno (WHITBOURNE & HALGIN, 2015).

O Transtorno de Identidade de Gênero é definido como transtorno cujo sujeito transexual “é portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação ou autoextermínio”, conforme Resolução nº 1.482 de 1997 do Conselho

¹ A sigla LGBTQ+ é indicativo da compreensão de múltiplas identidades de gênero existentes, entre elas as representadas nas seguintes letras: L – lésbicas; G – gays; B – bissexuais; T – travestis e transexuais; Q+ – Queer mais para outras possíveis identidades de gênero. Comumente a sigla Q pode ser substituída por I – Intersexo ou Intergênero.

² O NASF deixou ter recursos específicos de financiamento a partir da Carteira de Serviços da Atenção Primária à Saúde Brasileira e da Portaria 2.979/2019.

³ Fundação Estatal de Saúde da Família/ Fundação Osvaldo Cruz.

⁴ Uma categoria nosológica ou diagnóstica, presente na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde – CID.

⁵ Utilizo o termo fenômeno diferente da concepção de um episódio extraordinário. Trato o termo fenômeno na perspectiva da fenomenologia existencial, ou seja, o fato existe como pensamento ou realidade porque o temos a consciência, o sabemos aqui e agora.

Federal de Medicina⁶. A referida resolução determina que o TIG ou transexualismo precisa apresentar os seguintes aspectos para o fechamento de seu diagnóstico: manifestação de desagrado com o sexo anatômico; desejo manifesto de extermínio da genitália e modificação das características corporais visando à obtenção do fenótipo atrelado ao sexo oposto; prevalência do “distúrbio de forma contínua e consistente” por período mínimo de dois anos; e não identificação de demais “transtornos mentais”.

Conforme Whitbourne & Halgin (2015), os autores do DSM-V⁷ têm veementemente lutado contra a concepção e identificação do fenômeno da transgeneridade enquanto TIG. Argumentam que o termo TIG ainda é muito estigmatizante, tendo em vista que se fundamenta no termo transtorno. Que o termo Disforia de Gênero é mais adequado à experiência vivida por pessoas transsexuais, principalmente se estas ainda são crianças ou adolescentes. Entende-se por disforia de gênero todo e qualquer sofrimento, correspondente ou não a incongruência genitália, nitidamente expressa entre a identidade de gênero atribuída por outrem e a autopercepção.

A concepção acima descrita é importante para se pensar se todas as pessoas transsexuais apresentam incongruência genitália, ou seja, se vivenciam a sua identidade de gênero atrelada à constituição de seus órgãos genitais. Ou se todas as pessoas que vivenciam a disforia de gênero a vivenciam enquanto um sofrimento ou transtorno. Conforme os autores Cohen-Kettenis & Pfafflin (2010, apud WHITBOURNE & HALGIN, 2015) e De Jesus (2012,) afirmam que não.

Diante disso é importante ressaltar que os termos anteriores se diferem também do conceito de transexualismo, já que nem todos os sujeitos que vivenciam a disforia de gênero apresentam um sofrimento decorrente da incongruência entre seu gênero e sua aparelhagem gênito-sexual, nem todos, também, desejam ou se pudessem fariam a cirurgia de redesignação sexual ou transgenitalização⁸ (ARÁN, MURTA & LIONÇO, 2009; ROCON et al, 2019).

Transexualismo, por sua vez, é a modificação, ou desejo de alterações morfofisiológicas que tornem o sujeito transexual mais idêntico às características físicas e sociais que atendam a sua concepção de feminino ou masculino, ou seja, a sua identidade de gênero.

A própria terminologia adotada ao tratar das questões da disforia de gênero é de fundamental importância para o tratamento e ação de cuidado oferecida às pessoas transgêneras. Segundo Whitbourne & Halgin (2015, p.281), a “psicologia da experiência transgênérica” tem retirado o cunho de “transtorno” ou a concepção de que há algo de “errado” com as pessoas que se autoidentificam socialmente com as identidades de gênero diferentes das atribuídas ao seu padrão biológico.

⁶ A referida resolução foi revogada e substituída pela Resolução 1.652/2002, e posteriormente pela 1.955/2010 do CFM. Considerando a primeira, suas principais deliberações, nas seguintes: a ampliação dos serviços específicos para outras instâncias de prestação de serviço à saúde, além dos hospitais universitários, a formalização das intervenções cirúrgicas de transgenitalização frente ao Código Penal Brasileiro e a inclusão do profissional endocrinologista à equipe multiprofissional.

⁷ Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, edição nº5.

⁸ Há distintos procedimentos transsexualizadores, dentre eles as intervenções cirúrgicas, psicoterapêuticas e endocrinológicas, tais como neofaloplastia, faloplastia, metoidioplastia, aplicação de próteses de silicone.

Essa posição frente à transgeneridade reflete potencialmente sobre os desenhos de políticas e recursos destinados à população transexual, como nos é dito pela autora ao relatar o caso da World Professional Association for Transgender Health – WPATH (Associação Profissional Mundial para a Saúde dos Transgêneros), onde os profissionais de saúde são convocados à realização de avaliações clínicas que promovam “relacionamentos terapêuticos saudáveis” (CORNEIL et al, 2010, apud WHITBOURNE & HALGIN, 2015, p. 281), ignorando por vezes a perspectiva nosológica.

Segundo Nagoshi & Brzuzy (2010, apud WHITBOURNE & HALGIN, 2015), novas abordagens referidas na teoria transgênera vêm propondo a superação da visão dicotômica e binária de masculino-feminino, ressaltando que a escolha do gênero pode se distanciar da adoção conceitual de que “as motivações, os comportamentos e as atitudes das pessoas se baseiam em suas identidades definidas pela sociedade [...] podem reconhecer que essas categorias são condicionais” (WHITBOURNE & HALGIN, 2015, p. 281).

No Brasil, o caminho a ser percorrido por uma pessoa transexual até a transgenitalização é longo e envolve muitas etapas, dentre elas a que instrumentaliza a fundamentação diagnóstica. Conforme o CFM (1997, p. 1-2), o sujeito transexual é convocado à submissão de

avaliação de equipe multidisciplinar constituída por médico-psiquiatra, cirurgião, psicólogo e assistente social, obedecendo aos critérios abaixo definidos, após dois anos de acompanhamento conjunto: diagnóstico médico de transexualismo; maior de 21 (vinte e um) anos; ausência de características físicas inapropriadas para a cirurgia.

Ou seja, o sujeito transexual será submetido à psicoterapia, acompanhamento psiquiátrico, tratamento hormonal, avaliação genética e, por fim, caso o diagnóstico se confirme nos dois últimos anos, à redesignação do órgão genitor (ARÁN et al, 2009).

A transexualidade, sendo mais bem compreendida, ainda é vinculada a perspectivas patologizantes, fruto notório da heterossexualidade compulsória. Concebe-se por heterossexualidade compulsória a visão biopsicossocial, científica, jurídica, educacional, moral, política etc. cuja norma seja centrada, voltada ou atenda à matriz cisgênero (RICH, 2010; BUTLER, 2003 apud IRINEU & OLIVEIRA, 2020).

Nesta perspectiva, Arán et al (2009) afirmam que o primeiro registro na literatura acerca do transexualismo deu-se com o psiquiatra Von Krafft-Ebing (2000, apud idem), o caracterizando como desviante da norma, sendo a primeira cirurgia de redesignação sexual realizada em 1952 (BENTO, 2006, apud idem). Ainda conforme os autores, alguns estudos foram fundamentais para a apreensão do fenômeno.

Os estudos de Harry Benjamin contribuíram bastante ao relacionar a transexualidade e a embriologia. Já na perspectiva psicossocial, o psicólogo John Money acrescentou significativamente ao explicar a transmissão de padrões sexuais às crianças. E por fim, os estudos

de Roberto Stoller, psiquiatra e psicanalista responsável pelas seguintes formulações acerca do transexualismo: o sujeito transexual apresenta identidade constante, atrelada a uma concepção essencial ao sexo oposto à sua formação genitália; apresenta sentimento de horror ou sensação inapropriada frente à genitália de origem; e assume uma posição simbiótica⁹ frente ao genitor que mais se identifica quanto ao seu gênero.

Segundo Whitbourne & Halgin (2015, p. 262) o atual DSM-V não considera a transgeneridade uma psicopatologia, embora as pessoas transexuais “continuam a enfrentar a transfobia, a estereotipagem negativa e o medo das pessoas transgêneras”. As referidas autoras propõem, inclusive, que:

em vez de recomendar cirurgia de resignação sexual [...], os terapeutas podem deixá-los criar suas próprias identidades de gênero”, resultando em “uma sensação melhorada de bem-estar à medida que lhes é permitido explorar mais abertamente e sem preconceitos suas identidades múltiplas, cruzadas (WHITBOURNE & HALGIN, 2015, p. 262).

Não podemos negar a relevância da proposta elaborada pela autora citada, mas antes mesmo de colocá-la à prática, precisamos refletir até que ponto encorajar a aceitação das suas múltiplas identidades, responsabilizar os sujeitos transexuais por sua identidade de gênero cruzada, nos desresponsabiliza pela construção de políticas mais respeitosas, mais igualitárias e equânimes.

Segundo Tucker et al (2018, apud RIOS et al, 2020), o termo transgênero compreende pessoas travestis e transexuais. Possivelmente a realidade brasileira para estas pessoas seja bem singular no contexto brasilis. Mesmo que as taxas de ideação suicida entre esta população se mantenha elevada, em vários lugares do mundo, o Brasil ocupa uma posição de destaque quanto a essa realidade e quanto aos crimes contra a população LGBTQ+, em que ocupa a posição de maior taxa de homicídios do mundo (RUSEN C et al, 2019, EISENBERG ME, et al, 2017 & CORREA FHM et al, 2020, apud RIOS et al, idem; GGB¹⁰, 2018 apud DE SOUZA et al, 2020).

Diante disso, o que podemos refletir a partir desta realidade? O que podemos refletir acerca da realidade brasileira transgênero e seu entorno? O que o direito de acesso às políticas de saúde já outorgadas sobre os direitos das pessoas transgêneros dizem acerca desses direitos? Quais são os direitos operados por essas políticas? Como tais direitos, quando efetivados, influem sobre a saúde mental e física das pessoas transgêneros?

⁹ A relação simbiótica tratada por Roberto Stoller diverge da proposta pela psicanálise lacaniana, nesta última o comportamento ou posição de simbiose é entendido como típico do funcionamento psicótico. Já para Stoller isso não corresponderia a uma verdade, tendo em vista o comportamento socialmente esperado, também identificado, em pessoas transexuais quando a interação psicossocial.

¹⁰ Grupo Gay da Bahia.

O encontro entre políticas públicas LGBTQ+ e SUS

Segundo Mello et al (2011, apud PEREIRA, 2016) as políticas públicas no setor da saúde são as mais consolidadas dentre as políticas voltadas para a população LGBT, quando comparadas aos setores da educação, segurança e direitos humanos, mesmo que estas ainda apresentem déficit na sua efetiva aplicação, sendo, por vezes, os sujeitos usuários dessas políticas os mais afetados pela fragilidade e incipiente estrutura.

Na literatura consultada, seja de forma explícita ou não, podemos identificar que as políticas de saúde voltadas para a população LGBTQ+, especialmente o grupo de pessoas trans, possuem dois grandes marcos na reivindicação e avanços conquistados aos seus direitos, no setor da saúde. O primeiro deles é a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde, sendo, às vezes, discretamente apresentada na literatura pela Portaria do Ministério da Saúde – MS nº 1.820, de 13 de agosto de 2009. Já o seguinte refere-se à Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, institucionalmente amparada na Portaria MS nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011 (grifo nosso).

A Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde (BRASIL, 2012) trata dos direitos invioláveis aos usuários e usuárias ao requererem ou acessarem os serviços de saúde do SUS, estendendo-se também à saúde suplementar. Nesta, acerca dos direitos à população LGBTQ+, especialmente à parcela transgênero, se destacam os artigos 4º e 6º, pois são proeminentemente ressaltados na elaboração da Política Nacional de Saúde Integral LGBT, garantindo o direito ao uso do nome social e acesso as todas as condições imprescindíveis de direitos atrelados à saúde do SUS, de forma respeitosa e não negativamente discriminatória, inclusive àqueles que versam sobre o processo transexualizador. A referida política pública visa, com total relevância, à “inclusão da orientação sexual e da identidade de gênero na análise” dos Determinantes Sociais da Saúde - DSS (BRASIL, 2011, p. 01).

A Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde (BRASIL, 2012) trata dos direitos invioláveis aos usuários e usuárias ao requererem ou acessarem os serviços de saúde do SUS, estendendo-se também à saúde suplementar. Nesta, acerca dos direitos à população LGBTQ+, especialmente à parcela transgênero, se destacam os artigos 4º e 6º, pois são proeminentemente ressaltados na elaboração da Política Nacional de Saúde Integral LGBT, garantindo o direito ao uso do nome social e acesso as todas as condições imprescindíveis de direitos atrelados à saúde do SUS, de forma respeitosa e não negativamente discriminatória, inclusive àqueles que versam sobre o processo transexualizador. A referida política pública visa, com total relevância, à “inclusão da orientação sexual e da identidade de gênero na análise” dos Determinantes Sociais da Saúde - DSS (BRASIL, 2011, p. 01).

Conforme Fredriksen-Goldsen et al (2014, apud MERHI, 2021), ainda são escassas as pesquisas sobre a temática aqui proposta, mesmo que sejam reconhecidos os avanços dos direitos para as pessoas LGBTQ+ no âmbito da saúde. No entanto, são muitas as dificuldades encontradas

por essas pessoas ao acessarem o setor saúde, sendo as pessoas transsexuais “as que mais enfrentam dificuldades ao buscarem atendimentos nos serviços públicos de saúde”, seja pela necessidade de atenção especializada e sua pouca oferta, seja “pela enérgica trans/travestifobia que sofrem atrelada à discriminação por outros marcadores sociais – como pobreza, raça/cor, aparência” (MELLO et al, 2011 apud ROCON et al, 2016, p. 02).

Segundo Rogers et al, 2016 (MERHI, 2021), as demandas da referida população têm historicamente sido delegadas às Atenção Secundária e Terciária do SUS. Sendo que, quando conseguem acessar o SUS, manifestam: Despreparo da equipe de saúde e encaminhamentos não resolutivos, sem critérios de prescrição preconizados nas resoluções, com “situações de confusão, hesitação, nervosismo e irresolução do caso pela falta de experiência em lidar com demandas desse tipo” (MERHI, 2021, p. 03); Ações e atitudes negativamente discriminatórias, como expressão de hostilidade (RIOS et al, 2020), ausência de ações e insumos que promovam ou tratem integralmente a saúde da referida população, sem descontinuidades (ROCON et al, 2019), uso de pronomes inadequados e não utilização do uso do nome social no tratamento dos usuários e usuárias (PAULINO, RASERA & TEIXEIRA, 2019); e “barreira cultural” como uma “barreira de acesso” devido a inexistência de “acolhimento e tratamento adequado aos transexuais” (MERHI, 2021, p. 02-07), evidenciando “tratamento muitas vezes frio e ineficaz, principalmente em casos de violência e homofobia” (PAULINO et al, idem, apud MERHI, 2021, p. 07).

CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO E O RELATO DE EXPERIÊNCIA

Muitas vezes as pessoas trans, bem como toda a classe de pessoas LGBTQ+, são vistas, na grande maioria das vezes, como seres genéricos, ideias sobre pessoas ou comportamentos, principalmente por não serem os sujeitos protótipos de muitas pesquisas. A existência LGBTQ+ é naturalmente vista como invisível, geralmente invisibilizada, “reproduzindo seus indivíduos como se fossem uma população hipotética” ou sujeitos “irreais” (MERHI, 2021, p. 07), ou seja, “a via da heterossexualidade compulsória, por meio da qual a experiência [...] é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível” (RICH, 2010, p. 05).

Durante este primeiro ano do Programa Integrado de Residências da FESF/FIOCRUZ, alocado na cidade de Dias D’Ávila, região metropolitana de Salvador-BA, tive a oportunidade de atender duas mulheres transsexuais ou transgêneras, quando compunha a equipe do Núcleo Ampliado de Saúde da Família – NASF referente a uma Unidade de Saúde da Família. Uma dessas usuárias eu atendia cotidianamente na minha agenda de núcleo, especificamente nos atendimentos psicológicos. Esta chamarei de Lili, pelos motivos colocados no início do texto, e tentarei minimamente explicitar o caso e seu presente desfecho.

A abordagem metodológica utilizada é o relato de experiência, por ser, dentre as opções, a que mais poderia traduzir uma perspectiva de experiência vivida. O presente material é oriundo de um período de quase um ano de acompanhamento à referida usuária. E antes mesmo de falar desta, é o relato de um profissional da psicologia, residente e componente do NASF (antigo).

Quanto à usuária, a descrição do caso não apresentará aspectos veridicamente evidentes quanto a sua identidade étnico-racial, idade, nome, profissões, estatura, religião e demais aspectos, sendo estes não revelados. Caráter esse que torna dispensável a submissão para apreciação ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

Na perspectiva de melhor fundamentar o presente trabalho, se tentou identificar termos descritivos também na plataforma DeCS¹¹. Porém, sem encontrar as correspondências aqui abordadas, optei por buscar pesquisas em bancos de dados como SciELO, Google Acadêmico e demais fontes literárias sobre Atenção Primária à Saúde, políticas públicas, SUS, psicanálise, saúde e determinantes sociais de saúde, violência e direitos humanos, sempre correlacionados à transexualidade e população LGBTQ+, visando ao estabelecimento de diálogo com o já preconizado na literatura.

A partir disto, pontuo as seguintes questões: O que o caso da usuária se assemelha ou destoa do registrado na literatura? Quais os desafios ainda enfrentamos ao assistir usuários e usuárias, no sistema público de saúde, oriundos ou pertencentes à referida população? Quais as potências entre demandas e disposição ao cuidado ofertado pelas ações de saúde presentes na Estratégia de Saúde da Família? Com o que a psicanálise pode contribuir a tais questões?

O caso (relato de experiência)

Primeiramente, a usuária acessava a USF sempre que tinha necessidade de alguma assistência ou carecia de informações. A equipe de profissionais da medicina, enfermagem, odontologia e toda a equipe NASF, esta última composta por psicólogas, nutricionistas, profissionais da educação física e fisioterapeutas, além das Agentes Comunitárias de Saúde – ACS, do trabalhador da vigilância, equipe de higienização, recepção e farmácia, estavam todos disponíveis a escutar e orientar a inserção nas práticas de cuidado à saúde biopsicossocial à usuária.

Consta em prontuário que a usuária passou por um relativo período de acompanhamento por um colega psicólogo numa espécie de psicoterapia breve, na perspectiva da psicanálise. Era usuária do serviço, também com acompanhamento por parte de demais categorias profissionais, especialmente após o término do acompanhamento com o colega psicólogo. Porém, ainda frequentemente, usufruía do serviço, sendo devidamente atendida por uma dupla de profissionais, uma psicóloga e um dentista.

¹¹ Descritores em Ciência da Saúde.

Apresentando os mesmo sintomas e queixas, a usuária era cotidianamente demandante do serviço da USF. Os profissionais desta já não sabiam o que ofertar no manejo da condução do caso. A referida usuária era também, há anos, acompanhada no laboratório transexualizador do Hospital Universitário Professor Edgard Santos, da Universidade Federal da Bahia - UFBA vinculado à Rede Ebserh¹² (Hupes/UFBA-Ebserh).

Acessava também o Centro de Referência em Especialidades em Saúde – CRES de uma cidade adjunta, onde faria o acompanhamento da sua sorologia. O que fazer? Desistir então? Talvez verdades e perspectivas de uma saúde mental com gozo de plena identidade sexual já não seriam a saída que deveriam ser ditas ou apresentadas à usuária. O que ela não sabia sobre si? Qual aceitação ainda não aconteceu, em meio aos incentivos e estímulos para a autocompreensão e diante de larga acessibilidade aos dispositivos de saúde?

Logo nas primeiras semanas do primeiro ano da residência, em diálogo acerca das demandas comumente atendidas pela categoria profissional na qual pertença, a minha colega antecedente apresentou-me os casos mais complexos de seu cotidiano de trabalho. Recebi o convite da mesma para realizar uma escuta inicial com umas das usuárias, que compunha uma demanda quase que semanal e “mais complexa”, por assim dizer, caso esta concordasse em ser atendida por mim e a colega que comumente a atendia.

No primeiro encontro, Lili vestia-se, falava e apresentava sua feminilidade consoante o seu fenótipo. Ali estava uma mulher, porém apresentava um sofrimento singular e até aterrorizante. O que mesmo desejava aquela mulher?

Trinta e poucos anos de idade, pobre, negra, cabelos longos, olhos chorosos e o relato de sustentar uma existência insuportável. Semelhante adjetivo apresentavam meus colegas responsáveis pelo acompanhamento do referido caso/ usuária. Lili era um caso sem perspectivas de resolutividade, com demandas de psicoterapia, HIV+, usuária de psicotrópicos, com diagnóstico de depressão, apresentando ideação suicida, comportamento de isolamento social e automutilação, e ainda transexual.

Desde o primeiro contato, coloquei-me à disposição para atender a usuária Lili. Tive resistência de alguns colegas da equipe de saúde, que problematizavam os motivos pelos quais elegeria Lili, diante de tantas outras demandas, para um atendimento contínuo. Tive resistência da própria usuária, que, após alguns atendimentos, relatava aos colegas que a atendiam anteriormente, que eu era “meio maluquinho” e que por isso não gostaria de continuar os atendimentos comigo, apresentando posteriormente no término do processo de acompanhamento desculpas por isso. Outra resistência era a própria proposta de trabalho do NASF: como atender uma demanda de psicoterapia quando o modelo é saúde ampliada? Ainda mais, no meio de uma pandemia.

¹² Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares

Entre tantas demandas, o que fazia de Lili uma demanda para minha atuação enquanto profissional da psicologia? O fato de ser uma mulher transexual? O diagnóstico de depressão? A ideia suicida? O relato de automutilação e repugnância ao órgão genital de nascença? O fato de eu ser um profissional que se estima por demandas e desafios irresolvíveis? Por não ter instâncias ativamente implicadas na construção da perspectiva de RAPS¹³ que atendesse as demandas de Lili? Por resistência da usuária em ser matriculada num CAPS¹⁴? Por Lili não possuir recursos para atenção privativa? Apesar de todas estas questões, nossos atendimentos se estabeleceram após o início da Pandemia de Covid-19, em 2020, quando algumas situações se apresentaram veementemente, me alertando sobre a gravidade das demandas trazidas pela Lili.

O desenvolvimento do acompanhamento

Apresentarei agora um recorte panorâmico das intercessões experienciadas nos atendimentos, por mim e pela usuária, vividas nestes encontros, quase contínuos, quase anual, que se deram na atuação de um profissional da equipe NASF diante das várias demandas de assistência e cuidado em saúde mental.

São dois os fatos que explicitarei no breve relato. O primeiro, Lili em prantos, após dizer o quanto não admitia a sua existência incompleta, por ser uma mulher com um pênis, que não conseguia se relacionar social e sexualmente devido as várias discriminações a ela dirigidas, que não era capaz de ver-se nos espelhos que mantinha em sua casa, que não admitia a sua soropositividade para o HIV, que já não tinha mais forças para buscar a mudança de sua genitália, que não conseguia dormir, que só pensava mesmo em se matar, que há longos seis anos sua vida era aquele tormento. Que iria sair no meio de uma pandemia, cuja ordem e orientação era o isolamento social, para adquirir o vírus do Covid-19 e então assim adoecer e morrer.

O segundo episódio, não menos suicida quanto os relatos de tantas outras perspectivas de suicídio e mutilação, Lili adentrou a sala do atendimento, no dia e horário geralmente combinados, trazendo, sob os mistérios de sua roupa, um objeto dizendo-me “Doutor, trouxe algo para te mostrar”. Embora a usuária já houvesse sinalizado em outros atendimentos que iria me trazer algo para mostrar, não sabia que algo poderia ser esse.

Inicialmente, a usuária tirou o objeto enrolado numa pequena toalhinha branca e o colocou sobre a mesa. Em seguida, pediu para que eu visse. Temeroso e adotando uma posição de segurança comportamental, estendi as mãos sobre a toalha. Ali, bem à minha frente, e entre mim e a usuária, existia uma tesoura, possivelmente mais valiosa que as tesouras comumente vista, com detalhes e contornos elaborados para uma típica feminilidade. A tesoura servia como signo do desejo de Lili em não mais possuir o pênis como sua genitália. Relatava que a utilizava para tentar atirar seu órgão sexual fora de sua consistência corporal.

O choro fácil, a ideação suicida, as negações de seu corpo, da sua soropositividade, do seu interesse sexual, as queixas de que nada mudava, de que nada a fazia querer continuar existindo, de que ninguém a entendia, inclusive o profissional da psicologia que a atendia, de que não adiantava comparecer aos atendimentos, o seu domínio intelectual sobre discursos militantes, ativistas e acadêmicos acerca da transexualidade, o seu padrão heteronormativo de gênero feminino, sua criticidade elaborada e seu sofrimento singular, tornavam o acompanhamento um terrível e angustiante desafio no meu processo cotidiano de trabalho.

No entanto, algumas perguntas fundamentais faziam-me permanecer naqueles encontros. Perguntas que talvez a usuária precisasse mesmo se fazer algumas tantas vezes: O que é ser mulher? O que me faz mulher? Existem tipos, congruentes e divergentes, de ser mulher? Sou uma mulher? Se sou, quando passei ou passarei a ser a mulher que sou?

Estas e outras perguntas serviam como intervenções às demandas de cuidado, fala, interrupções, sonhos, medos, resistências, sentimentos e desejos de Lili. Aos poucos, as queixas foram dando margem aos pensamentos escondidos pelos sentimentos e emoções que angustiavam mais ainda Lili. Seus sonhos foram representando a sua concepção de feminilidade, o ver-se mulher, casada, mãe de um casal de filhos e o relato de ser perseguida pelas próprias elaborações oníricas. O discurso historicamente talhado foi cedendo às contradições de ser, especialmente ser mulher, mais ainda quando o seu desejo passou a ser admitido como constituintes de ser corpo e subjetividade. O que mesmo queria essa mulher?

Após idas e vindas, inclusive temporais, Lili cansada de debater-se consigo mesma, admitindo ser um “calvário” toda vez que adentrava aquele setting terapêutico, passou a relatar a sua condição sorológica como HIV, o termo utilizado para descrever seu órgão sexual tornou-se um pênis, sua feminilidade admitia a sua identidade social.

Homens passaram a contornar seus relatos, visitas à família ocuparam as lacunas das nossas consultas, o desejo manifesto de interromper o uso dos medicamentos a sua instabilidade emocional, a admissão de ereção e prazer sexual de um membro que buscava amputar de si mesma, a ousadia de viver espaços socioculturais plurais, o desejo de não mais esconde-se e viver uma vida trancafiada em si mesma, a concepção que do BPC – LOAS por ela recebido era como empecilho ao seu desenvolvimento pessoal foram umas das várias elaborações de Lili em se reconhecer mulher.

Já no término dos atendimentos, Lili já havia retirado a sua habilitação profissional a muito adiada, procurando algumas oportunidades de trabalho, revisitado fragmentos de sua feminilidade desde a terna infância, e admitido que a sua pior escolha foi isentar-se da vida que queria viver e que somente ela a impedia de ser e fazer escolhas que a tornassem a mulher de seus próprios sonhos.

Coincidentemente, os avanços de Lili coadunaram com a interrupção da minha locação como psicólogo e residente da USF que atendia a usuária Lili. Finalizei nossos atendimentos deixando-lhe uma breve mensagem acerca do processo de acompanhamento vivido e uma indicação de leitura, à continuidade de suas próprias elaborações.

Antes havia estabelecido duas condições importantes a ser mencionadas: a realização de interconsulta com colega da medicina, visando algum tipo de suporte ainda não vislumbrado sobre as suas demandas; o contato com o CAPS, realizado em reunião com a coordenação e uma das psicólogas da instituição, e pactuando uma possível admissão da usuária, visando ao seu manifesto desejo de interrupção das medicações, após acompanhamento profissional e avaliação do seu processo de desmame.

DISCUSSÃO

Início este tópico admitindo a legitimidade da crítica que fazem aos profissionais da psicologia em se adaptarem ao modelo de assistência à saúde defendido pela perspectiva da Clínica Ampliada (LIMA, 2005). Porém, o que poderíamos fazer num contexto de pandemia em que esta prática fora fatalmente ameaçada devido à orientação de distanciamento e isolamento social? O que fazemos com os usuários e usuárias que têm muita resistência às ações coletivas de prevenção e promoção da saúde? O que fazemos com as demandas não tão comuns às intervenções coletivas? O que fazemos com as demandas de psicoterapia que surgem a partir da implicação, queixas e vínculo das usuárias e usuários do SUS (JUCÁ, 2003, apud LIMA, 2005), especialmente quando surgem na Atenção Primária?

Então, como lidar com as demandas de uma mulher transexual como Lili? A usuária apresentou durante todo o período de quase um ano de acompanhamento que seu sofrimento era uma dificuldade à sua própria existência.

Primeiramente, acredito que a demanda da usuária pode não ter sido resolvida, mas também não ficou estagnada na ir-resolutividade de um caso sem perspectiva de mudança. Admito que a abordagem terapêutica que utilizo na minha atuação profissional me faz olhar a singularidade de cada caso ou pessoa como só resolvível pelo próprio sujeito. A psicanálise habilita, mesmo com suas múltiplas críticas, ao entendimento de que a subjetividade de cada pessoa opera sobre ditames muito pessoais, emaranhadas em concepções nem tão pessoais assim, mas cuja capacidade de alteração dá-se em lidar consigo mesmo, na relação entre eu e um sujeito outro.

Pensemos as teorias para retermos as nossas práticas, especialmente aquelas postas no cotidiano da assistência à saúde. Até que ponto o nosso fazer profissional não remete à manutenção de práticas que privatizem as pessoas dos seus reais direitos? Até que ponto o conhecimento cientificamente produzido não é só um dispositivo que torna as pessoas mais marginalizadas? Até que ponto estamos empenhados em “resolver charadas” (KUHN, 2018, p. 171) do nosso produzir ciência e fazer saúde?

A população LGBTQ+, especialmente o segmento transexual, tem a sua existência atrelada a distintas condições de vulnerabilidade, apresentando aspectos de prevalência dos dos transtornos biopsicossociais como depressão, bipolaridade, ideação suicida ou autoquiria, uso abusivo de substâncias psicoativas – SPA e automutilação (SOUZA, 2020; RIOS et al, 2020). Aspectos esses que podemos identificar nas falas e comportamentos apresentados nos relatos pela usuária Lili, exceto o uso abusivo de SPA. A usuária apresentava diagnósticos sugeridos de depressão e bipolaridade, fazia uso de medicações para estabilização dos referidos transtornos de humor e tanto tentava amputar o pênis presente em sua corporeidade feminina, quanto idealizava matar-se ou facilitar o processo de mortificação.

Tais aspectos agravam-se quando os dispomos ao alto índice de homicídios sofridos pela referida população no Brasil (MENDES & SILVA, 2020), as discriminações, estigmas e violações do direito de identidade de gênero, bem como determinantes sociais como raça/etnia¹³. A personagem da nossa história, Lili, trazia sempre, nos atendimentos, como familiares, profissionais de saúde e vizinhos a tratavam, como “um homem vestido de mulher”, sempre a questionavam acerca da permanência ou retirada do pênis ou se dirigiam à usuária fazendo usufruto dos pronomes masculinos.

Quando não isso, a usuária era procurada por homens para ato sexual por dinheiro ou violada quando tais homens desejavam tocar no seu órgão peniano, situações passadas que somente ao permitir atingir a consciência a deixavam muito triste, chorosa e com asco de si mesma. Afirmava também que, se fosse uma mulher “com cor de pele como o senhor doutor”, referindo-se a mim, sofreria mais ainda.

O que fazer com as suas demandas? Souza et al (2020) afirmam que sujeitos LGBTs apresentam maiores indicativos de vulnerabilidade física e social que o restante do lastro de contingente populacional, inclusive heterossexual. Demandam “uma compreensão mais integral e humana do sujeito na sua relação com os serviços e Sistema de Saúde” (PAULINO et al, 2019, apud DE SOUZA, 2020, p. 11).

Visando à integralidade da atenção aos usuários e usuárias oriundos ou pertencentes à população LGBTQ+, estudos apontam as seguintes necessidades/ obstáculos a sua concretização: Tratamento equânime, ou seja, iguais na universalidade¹⁴ e discriminado conforme as necessidades específicas de saúde; A oferta, disposição e importância das terapias hormonais, das cirurgias, do nome social e estratégias à manutenção do vínculo familiar e amoroso-sexual como ferramentas de cuidado aos usuários e usuárias em sofrimento; Rompimento do código moral, arcabouço cultural, apontado como o principal obstáculo para o estabelecimento de políticas de cuidado em saúde e,

¹³ “Ainda é importante expor que, dentro dessa parcela da população, os negros e indígenas estão mais propensos a terem pensamentos suicidas ou tentarem, realmente, o suicídio ou algum ato de autoflagelação ao longo da vida, ou seja, além da discriminação por sua identidade de gênero, ainda existe um paradigma em relação à sua raça” (RIOS et al, 2020, p. 05).

¹⁴ Referência ao princípio de universalidade, Lei 8.008/90.

por fim, o combate e desconstrução do estigma nas práticas e ações de saúde ofertados pelas equipes/ profissionais (ROCON et al, 2016; ALBUQUERQUE, BOTELHO & RODRIGUES, 2019, apud DE SOUZA, 2020; COSTA E LIONÇO, 2006 apud ARAN et al, 2009; IRINEU & OLIVEIRA, 2020; MERHI, 2021; RIOS et al, 2020; PEREIRA, 2016; MAGALHÃES, s.d. e ONU, 2019, apud MERHI, idem).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A garantia de direitos dá-se na construção de políticas de equidade, especialmente quando os sujeitos vulnerabilizados podem obter melhores condições de vida. Condições essas que perpassam a garantia de direitos à saúde que protagonizem a dignidade de sua existência enquanto pessoas, usuários do SUS, cidadãos, incidindo diretamente sobre a sua autonomia subjetiva e seus corpos, frentes às suas escolhas e identidades.

O presente trabalho aliena-se à ínfima produção de saberes e discursos de saúde voltados à população LGBTQ+, especialmente à população transexual, tendo em vista que são poucas as pesquisas e produções destinadas à referida categoria social, especificamente quando é abordada no âmbito da Atenção Primária à Saúde – APS/SUS.

O relato de experiência, na atenção e assistência às pessoas como a Lili, numa Unidade de Saúde da Família – USF, durante o primeiro ano de Programa Integrado de Residências da FESF/FIOCRUZ, destinou-se a promover a reflexão acerca das ações e políticas de saúde que possam eleger as usuárias e os profissionais de saúde como protagonistas de culturas mais equânimes, seja no campo moral e social, quanto político ou da saúde pública. Isso convoca o ensino-pesquisa, as políticas públicas e as abordagens teórico-práticas ao diálogo sobre as necessidades de saúde das pessoas e produções mais emancipadoras.

REFERÊNCIAS

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p. 1141-1149, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SBvq6LKYBTWNR8TLNsFdKkj/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 18 set. 2020.

BRASIL. **Carta dos direitos dos usuários da saúde / Ministério da Saúde**. 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/Carta5.pdf> Acesso em: 1 mar. 2021.

BRASIL. Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). **Diário Oficial da União. Ministério da Saúde**, 2011. Disponível em: bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836_01_12_2011.html. Acesso em: 01 mar. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução do Conselho Federal de Medicina nº 1.482 /97**. Brasília, DF: CFM, 1997. Disponível em: 1482_1997.htm - 1482_1997.pdf (cfm.org.br). Acesso em: 20 fev. 2021.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, Brasília**, p. 1-23, abril. 2012. Disponível em: <http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%A8NERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2022.

DE SOUZA, Alini Basso, et al. Os impactos do preconceito social e familiar na saúde mental das lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais. **Research, Society and Development**, v.9, n.4, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2760>. Acesso em: 20 fev. 2021.

IRINEU, Bruna Andrade; OLIVEIRA, Brendhon Andrade. Um balanço das políticas públicas de trabalho, emprego e renda para a população LGBT no Brasil e na Argentina (2004-2014). **Revista Direitos Humanos e Democracia**, v. 8, n.16, p. 40-55, 2020. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/direitoshumanosedemocracia/article/view/7298>. Acesso em: 23 fev. 2021.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 3 ed., Chicago and London: The University of Chicago Press, 1996. Tradução: Paulo Aukar, edição do tradutor, Santa Maria. 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/510697956/Thomas-Kuhn-A-Estrutura-das-Revolucoes-Cientificas-Edicao-do-Tradutor-2018>. Acesso em: 24 fev. 2021.

LIMA, Mônica. Atuação psicológica coletiva: uma trajetória profissional em unidade básica de saúde. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 431-440, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/PYYnWwpc5RJQjvR35s8VMVK/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 9 dez. 2018.

MENDES, Wallace Góes; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. Homicídios da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBT) no Brasil: uma análise espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 5, p. 1709-1722, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4947yK7K5JTN5sHJRKTfPvD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2021.

MERHI, Tâmara Elias Tamer Cunha. Transexualidade na atenção primária de saúde: um relato de experiência em uma unidade de uma cidade em Goiás. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 7074-7082, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/23404>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PAULINO, Danilo Borges; RASERA, Emerson Fernando; TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso. Discursos sobre o cuidado em saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (LGBT) entre médicas (os) da Estratégia Saúde da Família. **Interface-comunicação, saúde, educação**, n. 23, e. 180279, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180279>. Acesso em: 23 fev. 2021.

PEREIRA, Cleyton Feitosa. Notas sobre a trajetória das políticas públicas de direitos humanos LGBT no Brasil. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 4, n. 1, p. 115-137, 2016. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/307>. Acesso em: 25 fev. 2021.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs magazine*, 1980. Tradução: Carlos Guilherme do Valle, **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v.4, n.5, p. 17-44, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309> Acesso em: 22 fev. 2021.

RIOS, Amanda Rodrigues, et al. A influência dos aspectos biopsicossociais nas elevadas taxas de suicídio da população transgênero. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 15, e. 4863, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reac.e4863.2020>. Acesso em: 23 fev. 2021.

ROCON, Pablo Cardozo, et al. Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, e. 180633, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180633>. Acesso em: 1 mar. 2021.

ROCON, Pablo Cardozo, et al. Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 8, p. 2517-2526, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/zGJyVqQ6WGjyRzLqfd8vRD/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2021.

WHITBOURNE, Susan Krauss; HALGIN, Richard P. **Psicopatologia: perspectivas clínicas dos transtornos psicológicos**. 7ª ed., The McGraw-Hill Companies: New York, 2013. Tradução: Maria Cristina G. Monteiro; Revisão técnica: Francisco B. Assumpção Jr., Evelyn Kuczynski. 7ª ed., AMGH, Porto Alegre. 2015.

LITERATURA EM DIÁLOGO COM OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS): RELATO DE EXPERIÊNCIA

LITERATURE IN DIALOGUE WITH SUSTAINABLE DEVELOPMENT OBJECTIVES: EXPERIENCE REPORT

LITERATURA EN DIÁLOGO CON LOS OBJETIVOS DEL DESARROLLO SOSTENIBLE: RELATO DE EXPERIENCIA

ILDERLÂNDIO ASSIS DE ANDRADE NASCIMENTO¹, VERÔNICA MEDEIROS PEREIRA², ANA MARIA SANTOS DE ARAÚJO³, ANA CARLA DANTAS⁴

RESUMO

Este relato de experiência é resultado da atividade extensionista Estudo do texto literário em diálogo com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que faz parte das atividades do Projeto de Extensão O texto literário na sala de aula. A atividade extensionista contemplou 11 ODS, que foram discutidos em diálogo com sete textos literários. Constatamos que, em sua dinâmica de grupo de leitura, a atividade estimulou o pensamento crítico-reflexivo dos participantes, promoveu/incentivou a formação leitora e, a partir da fruição do texto literário, contribuiu para a formação humana dos participantes. Ademais, a atividade extensionista mostrou que é relevante a leitura integral do texto literário e que é preciso promover leituras que façam sentido para os participantes, numa perspectiva interdisciplinar, dialógica, democrática e crítica.

Palavras-chave: texto literário; ODS; relato de experiência; extensão; sociedade.

ABSTRACT

This account of experience is the result of the extensionist activity Study of the literary text in dialogue with the Sustainable Development Goals (SDG), which is part of the Extension Project The literary text in the classroom. The extensionist activity contemplated 11 SDG, which were discussed in dialogue with seven literary texts. We found that, in its dynamics of reading group, the activity stimulated the critical-reflective thinking of the participants, promoted/encouraged the reader training and, from the fruition of the literary text, contributed to the human formation of the participants. Besides, the extensionist activity showed that the full reading of the literary text is relevant and that it is necessary to promote readings that make sense to the participants, from an interdisciplinary, dialogical, democratic and critical perspectives.

Keywords: literary text; SDG; account of experience; extension; society.

¹Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN).

³Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN).

⁴Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN).

RESUMEN

Este relato de experiencia es el resultado de la actividad extensionista Estudio del texto literario en diálogo con los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS), que forma parte de las actividades del Proyecto de extensión El texto literario en el aula. La actividad extensionista contempló 11 ODS, que fueron discutidos en diálogo con siete textos literarios. Constatamos que, en su dinámica de grupo de lectura, la actividad estimuló el pensamiento crítico-reflexivo de los participantes, promovió/incentivó la formación lectora y, a partir del disfrute del texto literario, contribuyó para la formación humana de los participantes. Además, la actividad extensionista mostró que es relevante la lectura integral del texto literario y que es necesario promover lecturas que tengan sentido para los participantes, desde una perspectiva interdisciplinar, dialógica, democrática y crítica.

Palabras clave: texto literario; ODS; relato de experiencia; extensión; sociedad.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A PRÁTICA A SER RELATADA

Neste texto, relatamos a experiência exitosa vivenciada durante a realização das atividades do Projeto de Extensão O texto literário na sala de aula, que recebeu o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por meio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UFRN, Edital 2020-2021). Articulando práticas de linguagens, sociedade e educação, no âmbito do referido Projeto, com a finalidade de compartilhar e desenvolver estudos de textos literários com a comunidade interna e externa à UFRN, foi criado o curso intitulado Estudo do texto literário em diálogo com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, considerando as metas pautadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), na Agenda 2030, da qual o Brasil é signatário. A Agenda-2030 foi estabelecida na Conferência das Nações Unidas, em 2012, no Rio de Janeiro. Ela propõe 17 objetivos para as Nações (os ODS), com a intenção de “acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade”¹.

A articulação entre a/o leitura/estudo do texto literário e as questões sociais atuais tem se revelado uma prática exitosa, como constatamos na experiência relatada por Mota, Scorzoni e Alselmi (2019). Tal relato serviu de fonte inspiradora para nossa prática extensionista objeto deste trabalho, pois as autoras também selecionaram leituras literárias de acordo com objetivos traçados pela Organização das Nações Unidas (ONU), ou seja, leituras que suscitem temáticas estabelecidas pelos ODS.

A nossa atividade extensionista propôs trabalhar os ODS a partir da leitura e discussão de textos literários. Para isso, selecionamos sete obras literárias: um poema, três contos e três crônicas. Essas obras foram lidas e discutidas nos encontros virtuais. Seguindo o relato de Mota,

¹ OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Nações Unidas: Brasil. 2021. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em 20 out. de 2021.

Scorzoni e Alselmi (2019), levamos em conta o princípio de que os textos escolhidos não deveriam ser, em hipótese alguma, fragmentados e, por outro lado, precisariam ser significativos para os participantes.

Assim, nos encontros de leitura, as discussões partiram sempre da leitura integral dos textos, com o objetivo de despertar o interesse crítico-reflexivo dos participantes, promover/incentivar a formação leitora, além de priorizar a leitura do texto literário como ponto de partida (e de chegada), no desenvolvimento argumentativo de discussões de temas de interesse social. O curso (em formato de grupo de leitura) contemplou 11 dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os 11 ODS foram os seguintes: Erradicação da pobreza (ODS 1); Fome zero (ODS 2); Saúde e bem-estar (ODS 3); Educação de qualidade (ODS 4); Igualdade de gênero (ODS 5); Redução das desigualdades (ODS 10); Ação contra a mudança global do clima (ODS 11); Consumo e produção responsáveis (ODS 12); Cidades e comunidades sustentáveis (ODS 13); Vida terrestre (ODS 15); Paz, justiça e instituições eficazes (ODS 16).

Dito isso, cabe dizer que este texto, além desta introdução, que consiste em apresentar a prática a ser relatada, está estruturado em cinco seções. A próxima seção, contexto e fundamentação da ação, discute noções teóricas que embasaram a experiência do grupo de leitura e a relação existente entre o texto literário e a sociedade. A seção participantes/integrantes da ação relatada apresenta o público envolvido/alcançado pela ação extensionista. Logo depois, a seção metodologia apresenta informações metodológicas da ação. Já a seção resultados alcançados e aprendizagens com a experiência aborda os textos e os ODS discutidos em cada encontro e exemplifica a dinâmica utilizada. Por fim, a última seção, considerações finais, ressalta a relação da prática com os conceitos de extensão, mostrando a importância da utilização dos textos literários para a formação crítico-reflexiva do cidadão.

CONTEXTO E FUNDAMENTAÇÃO DA AÇÃO

A ação de extensão objeto deste relato ocorreu durante o período de atividades acadêmicas remotas, já que a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 (COVID-19) impactou significativamente todas as áreas e esferas da sociedade. Nesse cenário, as instituições de ensino precisaram elaborar planos que sanassem impactos causados em suas estruturas normais de funcionamento, mas principalmente que dirimissem os prejuízos no ensino e aprendizagem. Nesse sentido, nas práticas de ensino, pesquisa e extensão, docentes e discentes passaram a usar com mais intensidade as tecnologias digitais na realização de atividades acadêmicas. No caso específico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), as atividades de ensino, pesquisa e extensão precisaram ser adaptadas às exigências sanitárias.

Assim, as atividades da extensão foram possíveis com o uso de redes sociais, plataformas digitais, salas de videoconferência etc. O contexto de pandemia colocou a necessidade de novos meios de fazer extensão na universidade. Isso, por outro lado, possibilitou o encontro de pessoas que residem em lugares diferentes.

Para a realização das atividades extensionistas objeto deste relato, assumimos alguns pressupostos teórico-metodológicos, mais precisamente, a perspectiva dialógica da linguagem. Nessa perspectiva, o texto literário é concebido como um enunciado pleno, concreto, real, constituído por sentidos, estrutura composicional, significados, temas, ideologias, valorações axiológicas. Os textos literários, enquanto enunciados, “desempenham o papel essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 198). Isso permite compreender o texto literário enquanto lugar de encontro com o outro, lugar de interação tensa, de embates com outros pontos de vista, com outros discursos.

Nessa perspectiva, o texto literário “[...] se mostra um fenômeno muito complexo e multiplanar se não o examinarmos isoladamente e só na relação com o seu autor (o falante), mas como um elo na cadeia da comunicação discursiva e da relação com outros enunciados a ele vinculados” (BAKHTIN, 2016a, p. 59-60). Bakhtin (2016a, p. 11) aborda a natureza dialógica dos enunciados, ressaltando que “[...] o emprego da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Segundo Bakhtin (2016a, p. 12), “[...] os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo”. As ideias desse autor nos permitem abordar o texto literário enquanto lugar de diálogo, de interação, pois “[...] o acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos (BAKHTIN, 2016b, p. 76).

Ao considerarmos o texto literário um enunciado concreto, convém dizer que, conforme Volóchinov (2017, p. 184), “[...] ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais”. E, na relação com a sociedade, pois é produto dela, o texto literário é parte do mundo ideológico. Como tal, o texto pertence às relações sociais, conforme postula Medviédev (2016). Para esse pensador russo, por ser inseparável das relações sociais, os objetos ideológicos não pertencem à utilização, à contemplação, à vivência e ao deleite hedonista individuais (MEDVIÉDEV, 2016).

Voltando-se para a literatura, Medviédev (2016) diz o seguinte: “[...] a literatura insere-se na realidade ideológica circundante [...]. Ela, como qualquer estrutura ideológica, refrata à sua maneira a existência socioeconômica em formação” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 60). Medviédev (2016) apresenta algumas condições, uma cadeia de elos, para o estudo da obra literária. Segundo ele, uma obra literária não pode ser compreendida fora da unidade da literatura. Mas essa unidade não pode ser compreendida fora da unidade da vida ideológica. Por sua vez, essa unidade não pode ser estudada em sua totalidade, nem em seus elementos isolados, fora de uma única lei socioeconômica.

Além dessa perspectiva, na pertinente discussão que empreende acerca da relação entre literatura e sociedade, Antônio Candido (2006) mostra que somente podemos entender uma obra literária “[...] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (CANDIDO, 2006, p. 13). Nessa perspectiva, são válidos e importantes tanto o ponto de vista que explica o tex-

-to literário pelos fatores externos, quanto o outro, norteados pela convicção de que a estrutura do texto é virtualmente independente. Ou seja, para Candido (2006), fatores externos e internos se combinam como momentos necessários do processo interpretativo.

Argumentando em favor dessa relação de interdependência, Candido (2006, p. 14) ainda diz que “[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”. De forma mais específica, o autor menciona que “[...] os valores e ideologias contribuem principalmente para o conteúdo, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na forma” (CANDIDO, 2006, p. 40). Assim, na interpretação dialética proposta por Candido (2006), o meio social influencia a obra literária, mas, ao mesmo tempo, essa obra literária exerce influência sobre o meio. Desse modo, assumindo essa perspectiva, marcar a relação de interdependência entre o texto literário e a sociedade permitiu o desenvolvimento de leituras abertas, que fizessem sentido para os participantes durante os encontros de leitura.

PARTICIPANTES/INTEGRANTES DA AÇÃO RELATADA

A atividade extensionista objeto deste relato contou com a participação ativa de três bolsistas do curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES). Tais discentes, entre outras atividades, desenvolveram: leituras e discussões de textos teóricos; produção e divulgação de matérias das atividades da extensão, sendo, para isso, utilizada uma página no Instagram; e debates durante os encontros do grupo de leitura.

Além disso, a atividade extensionista certificou a participação de 46 participantes externos à UFRN, sem contar as participações que não somaram o percentual mínimo para o recebimento do certificado. O público externo incluiu, principalmente, alunos e professores da rede básica de ensino e estudantes de Institutos Federais. A ação também contou com a participação de discentes de vários cursos da UFRN, principalmente discentes do curso de Pedagogia.

METODOLOGIA

No âmbito do Projeto de Extensão O texto literário na sala de aula criamos um grupo de leitura, que nomeamos Leituras Literárias: Reflexões. Os encontros desse grupo ocorreram via plataforma Google Meet, sempre na última semana de cada mês. Os encontros, divulgados com antecedência em redes sociais, eram abertos aos interessados, internos e externos à UFRN, e aconteceram no período de junho a novembro de 2021. O link e o texto literário a ser lido, eram disponibilizados na plataforma Google Classroom, bem como divulgados no Instagram e enviados por e-mails para os inscritos.

Quanto à dinâmica dos encontros, inicialmente um participante realizava a leitura do texto literário. Antes dessa leitura, porém, materiais complementares eram apresentados, como vídeos,

imagens ou outro recurso que estabelecesse diálogo com a temática do texto. Após isso, na discussão os participantes faziam a exposição de seus posicionamentos e reflexões acerca das temáticas abordadas no texto literário, vinculando com experiências e fontes de seu cotidiano, como forma de complementar e enriquecer o debate.

Nesse sentido, metodologicamente a ação extensionista apresentou como principal característica o diálogo entre os participantes. Isso evitou o uso unilateral da palavra, ou seja, a centralidade da discussão na figura de um expositor. Desse modo, ao potencializar o diálogo, fazendo a palavra circular no círculo de leitura, os participantes faziam apontamentos, destacavam trechos da obra, relacionavam com outras leituras, teciam interpretações relacionadas ao contexto em que estavam inseridos, compartilhavam experiências de vida, memórias etc.

RESULTADOS ALCANÇADOS E APRENDIZAGENS COM A EXPERIÊNCIA

As ações da atividade extensionista ocorreram durante sete encontros. Os ODS colocados em cotejo com os textos literários foram os seguintes: Erradicação da pobreza (ODS 1); Fome zero (ODS 2); Saúde e bem-estar (ODS 3); Educação de qualidade (ODS 4); Igualdade de gênero (ODS 5); Redução das desigualdades (ODS 10); Ação contra a mudança global do clima (ODS 11); Consumo e produção responsáveis (ODS 12); Cidades e comunidades sustentáveis (ODS 13); Vida terrestre (ODS 15); Paz, justiça e instituições eficazes (ODS 16). Sem pretender uma discussão aprofundada, segue um breve comentário de alguns aspectos explorados.

Os ODS 1 e 2, que objetivam acabar até 2030 com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares (ODS 1) e acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável (ODS2), foram explorados em relação com a leitura e estudo da crônica *Debaixo da ponte*, de Carlos Drummond de Andrade. Essa crônica apresenta, de forma nua e crua, a dinâmica e a realidade de como a vida acontece debaixo da ponte. A crônica chama a uma reflexão crítica da situação de inúmeras pessoas em situação de pobreza e sem moradia. Também leva a uma reflexão referente aos direitos violados, ao papel do Estado e à cidadania plena.

O ODS 3, que tem como objetivo principal assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades, foi discutido em diálogo com o texto *Ato gratuito*, de Clarice Lispector. Assim, foi possível discutir questões como ressignificação da rotina, cansaço da sobrecarga de trabalho, liberdade, vida saudável, busca por novos ideais e experiências, contemplação do belo na natureza e relacionamento com a natureza.

O ODS 5 propõe alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. A igualdade de gênero foi explorada a partir da leitura e compreensão do conto *A moça tecelã*, escrito pela autora Marina Colasanti. O conto possibilitou explorar questões como: a luta por direitos, emancipação feminina, empoderamento feminino, formas de violência e discriminação contra mulheres, a participação plena e efetiva das mulheres nos espaços políticos e a igualdade de oportunidades.

Os ODS 4, 10 e 16 têm como objetivos principais, respectivamente, assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos (ODS 4); reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles (ODS 10); e promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis (ODS 16). A crônica História de um olhar, de Eliane Brum, forneceu a base para debater a temática da inclusão, desigualdades sociais, papel inclusivo da escola, a partir de um enfoque particular na vida da personagem Israel Pires: pobre, largado, esquecido, invisível, “a escória da escória” (BRUM, 2006). O cotejo entre os ODS e a crônica em questão suscitou um olhar direcionado à inclusão, à singularidade de cada ser, objetivando uma educação que acolhe o invisibilizado e esquecido, que abrange as diferentes realidades e pode assim reconhecer e fazer do outro parte integrante do todo, que é a comunidade.

Os ODS 11, 13 e 15, que objetivam, em síntese, respectivamente, tornar as cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11); tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos (ODS 13); e proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade, foram discutidos em diálogo com conto O homem que espalhou o deserto, do jornalista e escritor Ignácio Loyola Brandão. No debate, surgiram questões como: educação ambiental, redução de impacto e mudança do clima, a construção de uma cultura de preservação do meio ambiente.

O ODS 12, que objetiva assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis, foi posto em cotejo com a crônica Prioridades, de Lya Luft. O debate propiciou discussões referentes ao consumismo e ao consumo sustentável.

Para visualizarmos melhor os textos e as temáticas que foram discutidas nos encontros, elaboramos o quadro a seguir.

Quadro 1: Encontros de leituras literárias

Título e autor(a)	Principais tópicos discutidos	ODS	Leitura literária
A moça tecelã. (Marina Colasanti)	Empoderamento; Relações abusivas; Submissão; Independência e liberdade.	Igualdade de gênero (ODS 5)	COLASANTI, Marina. A moça tecelã . São Paulo: Global, 2004.

<p>O homem que espalhou o deserto. (Ignácio de Loyola Brandão)</p>	<p>Desmatamento; Capitalismo; Poluição; Educação ambiental</p>	<p>Ação contra a mudança global do clima (ODS 11). Cidades e comunidades sustentáveis (ODS 13). Vida terrestre (ODS 15)</p>	<p>BRANDÃO, Ignácio de Loyola. O homem que espalhou o deserto. 12. ed. São Paulo: Global, 2003.</p>
<p>Prioridades. (Lya Luft)</p>	<p>Consumismo; Consumo; Ter versus ser; Desperdício; Capitalismo; Liquidez; Consciência global.</p>	<p>Consumo e produção responsáveis (ODS 12).</p>	<p>LUFT, Lya. Prioridades. In: _____. Pensar é transgredir. Rio de Janeiro: Editora Record: 2004, p. 106-209.</p>
<p>Debaixo da ponte. (Carlos Drummond de Andrade)</p>	<p>Pobreza; Desigualdade social; Fome; Situação de rua.</p>	<p>Erradicação da pobreza (ODS 1). Fome zero (ODS 2)</p>	<p>ANDRADE, Carlos Drummond de. Debaixo da ponte. In: Obra Completa. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p. 896-897.</p>
<p>História de um olhar. (Eliane Brum)</p>	<p>Educação; Escola inclusiva; Profissão docente; Inclusão social; Desigualdade social; Papel social da escola.</p>	<p>Educação de qualidade (ODS 4). Redução das desigualdades (ODS 10). Paz, justiça e instituições eficazes (ODS 16).</p>	<p>BRUM, Eliane. História de um olhar. In: _____. A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006. p. 20-25.</p>

Ato gratuito (Clarice Lispector)	Rotina de trabalho; Busca por satisfação; Liberdade e felicidade; Saúde e bem-estar.	Saúde e bem-estar (ODS 3)	LISPECTOR, Clarice. Ato gratuito. In:_____. Aprendendo a Viver. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
-------------------------------------	--	------------------------------	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Para exemplificar a dinâmica dos encontros, tomemos o encontro que ocorreu no dia 30 de setembro de 2021, às 19h, via plataforma Google Meet. Nesse referido encontro, inicialmente a equipe do projeto apresentou dois pequenos vídeos, que estão disponíveis no canal do IBGE-Explica, no Youtube, (ODS #1: Erradicação da pobreza, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wLP6roH0XvU>>; e ODS #2: Erradicação da fome, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rvET4ADE8JQ>>). Esses vídeos apresentam um conteúdo explicativo, ou seja, comentam, didaticamente, o que são os objetivos 1 e 2 dos ODS.

Após a apresentação desses dois vídeos, uma bolsista do projeto realizou a leitura da crônica *Debaixo da ponte*, de autoria de Carlos Drummond de Andrade. Embora essa crônica tenha sido enviada para os participantes com uma semana de antecedência, sua leitura no início do encontro é fundamental, tendo em vista a ênfase na centralidade do texto durante o debate.

Realizada a leitura integral do texto, o coordenador do projeto teceu comentários no sentido de situar os leitores/participantes diante da leitura de uma crônica. Assim, comentou a natureza do gênero crônica, ressaltando o estilo, as possibilidades de estrutura, formas de interação e posicionamento diante de temáticas sociais, materialização de axiologias, ideologias (BAKHTIN, 2016a) e elementos da narrativa.

Na sequência, os participantes (praticamente todos) fizeram comentários interpretativos e críticos a partir do texto e considerando os ODS 1 e 2. Além de retomarem trechos da crônica, alguns participantes trouxeram dados sobre o déficit habitacional no Brasil. Por exemplo, dados do Ministério do Desenvolvimento Regional² informam que o déficit habitacional no Brasil está em 5,8 milhões de moradias. Esses dados foram relacionados com outros enunciados, como as notícias apresentadas por um dos participantes, mais precisamente, as manchetes: “Sem comida, população do Rio recorre a restos de ossos e carne”, do portal de notícias ISTOÉ, em publicação do dia 29 setembro de 2021; e “Fila para conseguir doação de ossos é flagrante da luta de famílias brasileiras contra a fome”, do Portal G1, em publicação do dia 25 de julho de 2021.

Ao trazer tais fontes/dados/notícias acerca da realidade de muitos brasileiros, os participantes relacionaram com a temática da crônica, já que esta aborda, de forma crítica, entre outras questões,

² MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdr/pt-br/noticias/dados-revisados-do-deficit-habitacional-e-inadecuacao-de-moradias-nortearao-politicas-publicas>> Acesso em 21 de out. de 2021.

a exclusão social, a pobreza, a miséria e o abandono histórico de uma parcela da sociedade (pessoas em situação de rua) por parte do Estado brasileiro.

Nesse debate, o coordenador do projeto leu o Artigo 6º da Constituição Federal (BRASIL, 1988)³, que versa sobre os direitos sociais: “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. Ele também leu o Artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU (2021)⁴, que diz: “toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade”.

Com isso, o cotejo com outros textos, outros enunciados, fez com que a leitura da crônica expandisse seus sentidos (fizesse sentido). Ao mesmo tempo, foi possível estimular a criticidade dos participantes, a partir da leitura compreensiva do texto, relacionando-o com outros, já que, conforme nos dizem Bakhtin (2016a) e Volóchinov (2017), um enunciado nunca está sozinho, mas é um elo na corrente da comunicação da vida, na cadeia ininterrupta de discursos verbais.

Esse caso relatado em maiores detalhes apenas exemplifica a dinâmica utilizada na realização da atividade extensionista. Assim, de maneira geral, os encontros renderam debates que possibilitaram um olhar mais crítico sobre as problemáticas abordadas. Embora alguns dos temas discutidos sejam recorrentes, as implicações que os envolvem não se esgotam, gerando sempre novos questionamentos, percepções e reflexões, o que enriquece e valoriza a atividade promovida.

Ademais, cabe dizer que a atividade extensionista promoveu o direito à literatura, que, nos termos de Candido (2011), pertence ao rol de bens incompreensíveis, juntamente com o direito à crença, à opinião, ao lazer, à saúde, à liberdade individual etc. A luta pelos direitos humanos, segundo Candido (2011), abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”, argumenta Candido (2011, p. 193).

Feito esse relato da dinâmica da experiência extensionista, apontamos alguns objetivos que foram cumpridos na realização da atividade e projetamos a possibilidade de essa experiência servir de inspiração para o trabalho com o texto literário na sala de aula.

Em linhas gerais, a ação relatada contribuiu com a formação humana dos participantes. Entre outros aspectos, essa formação implica a percepção, a análise, a leitura, a fruição e o estudo do

³ BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

⁴ ONU - Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em 30 de set. de 2021.

texto literário numa perspectiva interdisciplinar e crítica. Isso ganha relevância ao considerarmos as temáticas centrais trabalhadas nos encontros, ou seja, os ODS traçados pela Agenda-2030 da ONU.

Assim, foi possível promover reflexões críticas de temáticas atuais, de interesse mundial, despertando para questões sensíveis e urgentes, relacionando-as especificamente ao contexto brasileiro. Como exemplo, podemos citar igualdade de gênero (ODS 5); ações contra a mudança global do clima (ODS 11); consumo e produção responsáveis (ODS 12); erradicação da pobreza (ODS 1); fome zero (ODS 2); Educação de qualidade (ODS 4); e redução das desigualdades (ODS 10). Junte-se a isso o estímulo à leitura do texto literário, tendo em vista a ampliação do horizonte cultural de leituras dos participantes.

Ademais, entre outros objetivos alcançados, destacamos: (i) reflexão sobre os usos da literatura nas práticas sociais, destacando o papel do texto literário na compreensão das questões humanas; (ii) desenvolvimento de um olhar crítico sobre a realidade; (iii) aprimoramento do perfil leitor, considerando os hábitos de leituras do texto literário; (iv) ampliação do horizonte cultural de leituras, contribuindo, assim, com a formação humana dos participantes; (v) criação de um espaço dialógico e democrático, a partir da dinâmica dos encontros de estudo, onde todos os participantes tiveram oportunidade equânime de fala; (vi) promoção do direito à literatura, conforme perspectiva de Candido (2011), pois foram criados momentos de fruição da arte da palavra literária, da leitura e reflexão de um objeto artístico-estético (o texto literário).

Por fim, a dinâmica dos encontros em forma de grupo de leitura demonstrou que a proposta de criação de um grupo de leitura pode ser muito útil no espaço escolar. Este relato pode ser inspirador para isso. Assim, por exemplo, os encontros de estudo revelaram que é preciso priorizar o texto, relacioná-lo com a vida, com outros enunciados, pondo-o na corrente dialógica da comunicação humana (BAKHTIN, 2016a). Desse modo, no âmbito de um grupo de estudo do texto literário, o foco na leitura e discussão de textos integrais pode ser o primeiro passo para uma prática pedagógica transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação extensionista relatada foi pautada na participação da comunidade, mais precisamente a partir da interação entre os saberes produzidos na universidade com os saberes que circulam na sociedade. Assim, ao propormos uma ação que possibilitou a participação ativa de sujeitos diversos, que expressaram suas ideias, leituras, experiências nos encontros de leituras, promovemos a troca que é almejada por uma ação de extensão. De acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária, a produção do conhecimento, via extensão, se efetiva “[...] na troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, tendo como consequência a democratização do conhecimento, a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade e uma produção resultante do confronto com a realidade” (BRASIL, 2000/2001, p. 03).

Salientamos que a prática efetivada permitiu a compreensão crítica da realidade brasileira, considerando os ODS. Desse modo, a produção do conhecimento ocorreu a partir da troca de saberes (acadêmicos e populares). Assim, a ação efetivou a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade (BRASIL, 2000/2001).

Outro aspecto da extensão que merece ser destacado diz respeito ao caráter interdisciplinar das ações realizadas nos encontros. A dinâmica dos encontros de leitura propiciou a presença dialógica de conhecimentos advindos de várias áreas, já que todos os participantes tinham o mesmo direito de uso da palavra. Isso foi fundamental para a compreensão das questões humanas/sociais a partir de uma perspectiva interdisciplinar. E está em consonância com o Plano Nacional de Extensão Universitária. Segundo esse Plano, “a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social” (BRASIL, 2000/2001, p. 04).

A dinâmica da atividade extensionista permitiu o encontro de ideias, por vezes conflitantes, mas que é a essência do modo de construir o conhecimento acadêmico. Esse aspecto é fundamental quando pensamos a formação acadêmica, pois “[...] a formação deve ser concebida de forma crítica e plural, não podendo se restringir simplesmente à transmissão de ensinamentos em sala de aula” (BRASIL, 2006, p. 42). Ainda, conforme Santos, Rocha e Passaglio (2016, p. 24), “[...] a extensão, como um dos pilares desta formação, demonstra sua importância no processo de interação social junto à comunidade”.

Ainda, para os participantes, levando em conta as temáticas discutidas, a extensão possibilitou a vivência de experiências significativas, especialmente no que diz respeito às reflexões sobre as grandes questões da atualidade. Desse modo, a extensão representou “[...] a possibilidade da universidade interagir com a população e por consequência a possibilidade, parece que única, dos alunos terem contato com o mundo fora da universidade”, como pontua Castro (2004, p. 7).

Por fim, salientamos o enriquecimento curricular e o conhecimento técnico e humano que a atividade extensionista pode ter representado para os participantes, bem como para os organizadores dos encontros (coordenador e bolsistas). O desenvolvimento da atividade, na prática, potencializou competências e habilidades que contribuirão para a formação e atuação docente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016a, p. 11- 69.

BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016b, p. 71-107.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL – Ministério da Educação. Plano Nacional de Extensão Universitária. Brasília: **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC**, Edição Atualizada, 2000/2001.

BRASIL – Ministério da Educação. Indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC**. Porto Alegre: UFRGS. Brasília, 2006.

BRUM, Eliane. História de um olhar. In:_____. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006. p. 20-25.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 27, 2004, Caxambu. Textos... Caxambu: ANPED, 2004. p. 1-16.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2006.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MOTA, Elaine C.; SCORZONI, Marília F.; ALSEMI, Adré L. Projeto de extensão “Clube de Leitura nas Escolas”: uma experiência pautada no letramento literário. **Revista Iuminart**, n. 17, p. 227-138, 2019.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Nações Unidas: Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em 30 de setembro de 2021.

SANTOS, João Henrique de Sousa; ROCHA, Bianca Ferreira; PASSAGLIO, Kátia Tomagnini. Extensão Universitária e formação no Ensino Superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 23-28, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087/pdf>>. Acesso em 09 de nov. de 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017

QUALIPSI - CURSO PREPARATÓRIO PARA O MESTRADO EM PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

QUALIPSI - PREPARATORY COURSE FOR THE MASTER IN PSYCHOLOGY OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF MATO GROSSO

QUALIPSI - CURSO PREPARATORIO PARA EL MÁSTER EN PSICOLOGÍA DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE MATO GROSSO

RITA ELIANA MASARO¹, TATIANE LEBRE DIAS², EMERSON JOSÉ DA SILVA³, KELLY PELLIZARI⁴, JUAN FERREIRA FIORINI⁵

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência acerca do curso QualiPsi, que foi criado e, também, realizado por professores, alunos da pós-graduação e técnicos administrativos em educação e oferecido na modalidade presencial. O público-alvo foram os graduados e graduandos do último ano do ensino superior em Psicologia e áreas afins, abrangendo a comunidade interna e externa da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Compreender a vida acadêmica na pós-graduação e o processo de elaboração da pesquisa científica foi um diferencial metodológico que se utilizou para exposição de temas, vídeos exclusivos criados para o curso, leituras e exercícios práticos. O curso QualiPsi atingiu seu objetivo maior e preparou os candidatos e as candidatas para o ingresso no curso de pós-graduação em Psicologia stricto sensu (mestrado) da UFMT, no campus Cuiabá-MT, perfazendo 13 inscritos e 7 aprovados no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMT em 2020.

Palavras-chave: Pós-graduação; Psicologia; processo seletivo.

ABSTRACT

This is an experience report about the QualiPsi course, which was created and also carried out by professors, graduate students and administrative technicians in education and offered in the classroom mode. The target audience was the graduates and undergraduate students of the last year of higher education in psychology and related areas, covering the internal and external community of the Federal University of Mato Grosso (UFMT). Understanding academic life in graduate school and the process of preparing scientific research was a methodological differential that was used to expose themes, exclusive videos created for the course, readings and practical exercises. The QualiPsi course achieved its greatest objective and prepared the candidates for the postgraduate course in Psychology stricto sensu (master's degree) at UFMT, at campus Cuiabá-MT, making 13 enrolled and 7 approved in the selection process of the Program of Post-Graduation in Psychology at UFMT, in 2020.

Keywords: Postgraduate; Psychology; selection process.

¹Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo - USP.

²Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.

³Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

⁴Doutora em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

⁵Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

RESUMEN

Se trata de un relato de experiencia sobre el curso QualiPsi, el cual fue creado y también realizado por profesores, estudiantes de posgrado y técnicos administrativos en educación y ofrecido en la modalidad de aula. El público objetivo fueron graduados y licenciados en el último año de educación superior en psicología y áreas afines, abarcando la comunidad interna y externa de la Universidad Federal de Mato Grosso (UFMT). Comprender la vida académica en la escuela de posgrado y el proceso de elaboración de la investigación científica fue un diferencial metodológico que se aprovechó para exponer temas, videos exclusivos creados para el curso, lecturas y ejercicios prácticos. El curso QualiPsi alcanzó su objetivo principal y preparó a los candidatos y candidatas para el ingreso al Posgrado en Psicología stricto sensu (Maestría) de la UFMT, en el campus Cuiabá-MT, conformando 13 postulantes y 7 aprobados en el proceso de selección del Programa. Licenciada en Psicología por la UFMT, en 2020.

Palabras clave: Posgrado; Psicología; proceso de selección.

INTRODUÇÃO

Por meio deste relato de experiência, objetivou-se descrever a criação e a execução do QualiPsi, que se trata de um curso preparatório para o mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (QualiPsi-UFMT), no campus Cuiabá, em Mato Grosso. O curso é público e gratuito.

A situação-problema enfrentada na ocasião da criação do QualiPsi foi oportunizar o acesso à pós-graduação a um número maior de profissionais do estado, haja vista que o programa de pós-graduação stricto sensu é novo - foi implantado em 2017 - e é o único em Psicologia no estado. Desde a sua implantação, observaram-se no PPGPsi-UFMT inscrições indeferidas por falta de documentação ou por dificuldades de inserção da documentação exigida pelo edital na plataforma e, ainda, dificuldade dos candidatos de aprovação na prova escrita com a presença de um segundo edital para vagas remanescentes, no caso do ano de 2019.

O índice de aprovação manteve-se nos dois primeiros anos (2017 e 2018) e decresceu em 2019. A iniciativa da criação do QualiPsi em 2019 surgiu da intenção de motivar e instrumentalizar os usuários/cidadãos e servidores à continuidade no aperfeiçoamento profissional e acadêmico, bem como teve como objetivo o desenvolvimento de habilidades para o ensino e pesquisa em área específica, como forma de oportunizar aos usuários/cidadãos e servidores a aumentar a formação pessoal e a qualificação profissional e acadêmica.

O projeto foi realizado por uma equipe de professores e alunos mestrandos da UFMT e, em sua primeira edição, realizada presencialmente em setembro de 2019, ofereceu 60 vagas. A oferta de um curso para alunos e profissionais interessados em ingressar em algum dos programas de pós-graduação deu-se considerando o empenho de professores-pesquisadores no Brasil, em busca de melhoria da formação e qualidade da pesquisa científica no contexto atual da pós-graduação brasileira.

A participação brasileira na pesquisa é contraditória, pois ao mesmo tempo em que se apresenta com um percentual reduzido em algumas áreas aplicadas, tal como nas engenharias

apresenta mais que o dobro de produção com relação à média mundial em áreas como biologia, veterinária e agronomia. A pesquisa em pós-graduação no Brasil é formadora de profissionais para a geração, desenvolvimento e uso do conhecimento científico e tecnológico em que a educação e a preparação para a sociedade do conhecimento científico e tecnológico têm papel fundamental (SOARES, 2018).

Entretanto, Soares (2018) traça detalhadamente os conflitos e contradições na formação do pesquisador no Brasil. Em sua obra, constata que por trás de um bem-sucedido programa de pesquisa e pós-graduação no Brasil, nos últimos 15 anos, há um país de carências socioculturais cunhado pelo atraso cultural, científico e tecnológico. As contradições apontadas pelo autor demonstram uma qualidade de vida sofrível para a grande maioria da população (em torno do 50º lugar no mundo), juntamente com uma fatia significativa da economia mundial (6º ou 7º lugar) num cenário nacional de grande disponibilidade de recursos naturais.

Diante do exposto, é importante citar duas das três afirmações fundamentais propostas por Soares (2018, p. 300), que vêm ao encontro do tema para a reflexão neste ensejo do cenário nacional: “(1) a valorização e a utilização do conhecimento científico e tecnológico dependem de a sociedade ser preparada e receptiva a esta prática; (2) a educação efetiva depende fundamentalmente da preparação dos professores”. Soares (2018, p. 303) cita ainda a mais desconcertante, que é o analfabetismo, juntamente com a incapacidade de desenvolvimento pessoal, social e cultural dos nacionais e a evasão escolar. No Brasil, “[...] 88% da população é incapaz de conviver na sociedade do conhecimento, pois esse saber não a alcança [...]; o potencial de aproveitamento do conhecimento científico e técnico torna-se reduzido” (SOARES, 2018, p. 302).

Nessa perspectiva, cabe dimensionar a participação dos professores em programas de pós-graduação, diante da expansão destes no país. De acordo com Silva Júnior, Ferreira e Kato (2013, p. 454) a mudança no cenário da pós-graduação, implementando novos padrões de desempenho técnico e científico, pode produzir uma “[...] intensificação do trabalho do professor, da acentuação do processo de precarização das relações de trabalho e da degradação das relações humanas na instituição universitária”.

Com relação à pós-graduação em Psicologia, ainda existem desafios diante desse panorama; o primeiro deles refere-se à articulação entre graduação e pós-graduação: segundo Menandro et al. (2013), essa integração necessita ser feita por meio de disciplinas e atividades de modo a integrar o currículo. Outro desafio, de modo mais geral, diz respeito ao contexto nacional, como retrata Bastos et al. (2015); são programas de pequeno e médio porte que cumprem seus objetivos de qualificação profissional. Contudo ainda é pequeno o número de professores para atender a demanda crescente.

O Brasil está numa boa posição na produção de documentos científicos em relação aos países desenvolvidos. Entretanto, o que Soares (2018) denota são as grandes contradições. O autor ainda

cita que o número de programas de pós-graduação aumentou, mas não potencializou a melhora na qualidade de vida. Entre recursos, infraestrutura científica e retorno do avanço da atividade científica dignos de relevância, está um Brasil em desalinho, sem benefícios dessa evolução e com necessidades prementes.

Neste contexto atual da pós-graduação no Brasil, Soares (2018) destaca a grande contradição dos dois mundos dentro de um mesmo país: o mundo do Brasil primitivo, diante de tantas necessidades, e o mundo do Brasil promissor, diante de tantos esforços para estarmos no ranking internacional de produção científica. E nos convida à reflexão quando indaga: diante de tantos esforços, por que ainda não estamos convertendo a descoberta científica em benefício social e econômico em um ou dois anos?

São muitas as contradições e, desse modo, não nos cabe discutir todas elas neste momento, mas que de qualquer forma refletem o protagonismo da universidade. Dentro deste escopo, de perplexidade e pesar, acredita-se, como bem dito por Soares (2018, p. 292), que a “[...] dedicação integral à busca de conhecimento por parte de muitos cientistas, no passado e no presente, independentemente de sua aplicação, atesta o valor e o prazer da atividade investigativa e do saber”.

Em suma, Soares (2018) entende que a pesquisa no Brasil ainda não é um instrumento efetivo de políticas públicas. O autor descreve um cenário marcado por um romantismo fundado no academicismo e entende que a formação do professor líder-motivador, exigida para o enfrentamento dos desafios do mundo digital, não é contemplada pela formação na pós-graduação, ou seja, pelos formadores dos futuros professores.

PERCURSO METODOLÓGICO: A PROPOSTA DO QUALIPSI-UFMT

O curso QualiPsi, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), apresentou-se como um projeto de extensão e objetivou preparar os candidatos e as candidatas para o ingresso no curso de pós-graduação em Psicologia *stricto sensu* (mestrado) da UFMT, campus Cuiabá- MT.

Além da preparação para o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi), os objetivos específicos foram buscar compreender a vida acadêmica na pós-graduação e auxiliar no processo de elaboração da pesquisa científica, assim como no conhecimento do edital vigente do PPGpsi da UFMT, de tal forma que o processo de elaboração da pesquisa científica fosse desmistificado por meio de uma troca dialógica entre ministrantes, mestrandos e o público-alvo. E, além disso, que a interação dos participantes fosse contemplada, juntamente com a motivação para um possível ingresso no PPGpsi.

Em suma, o curso tem a intenção de oferecer à sociedade um projeto de qualidade, visando o benefício de todos os interessados na formação acadêmica. Dentre os muitos assuntos relativos à melhoria da qualidade do ensino superior brasileiro estão a cultura institucional interna de garantia de qualidade, a qualificação docente e o compromisso com o estudante.

A metodologia adotada pelo projeto QualiPsi-UFMT utilizou o curso preparatório como forma de ação. Houve, ainda, parceria entre a UFMT e as empresas privadas na área de educação e ensino superior das cidades de Cuiabá e Várzea Grande, ambas em Mato Grosso. Estas parcerias foram firmadas por meio de visita presencial aos coordenadores do curso de Psicologia e aos dirigentes das instituições, que aderiram ao convite feito via ligação telefônica e WhatsApp.

O curso foi efetivado na modalidade presencial em setembro de 2019 no Instituto de Educação (IE) da UFMT. Com carga horária de 20 horas, foi desenvolvido pela equipe do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMT (PPGpsi-UFMT), que na altura era formada por servidores professores e técnicos, pelos mestrandos regularmente matriculados e por uma estagiária.

O público-alvo consistia nos graduados e graduandos do último ano do ensino superior em Psicologia e áreas afins, abrangendo a comunidade interna da UFMT e a comunidade externa, incluindo todas as universidades e faculdades da região, que foram convidadas por meio de visitas agendadas pela coordenação do projeto.

Para a efetivação da inscrição, era necessário que o candidato encaminhasse, via e-mail, uma cópia dos documentos pessoais e um documento de escolaridade que comprovasse que o candidato era graduado ou graduando do último semestre.

A coordenação da equipe envolvida na execução convidou também palestrantes de outros cursos de graduação e pós-graduação. Dentre os convidados havia também mestrandos do PPGpsi, que trouxeram relatos de experiência dentro do PPGpsi/UFMT, e um servidor técnico em administração do Instituto de Linguagens (IL/UFMT), que trouxe orientações sobre o exame de proficiência oferecido pela instituição; além desses, uma aluna do curso de Saúde Coletiva palestrou sobre o objetivo da campanha “Setembro Amarelo”.

O conteúdo planejado para o curso abrangeu desde o conhecimento sobre a ciência, os tipos e abordagens de pesquisa, até alcançar a elaboração de um projeto, sem perder de vista as demais questões que envolvem a relevância de uma pesquisa científica. Houve também uma ênfase no preenchimento do currículo lattes, assim como na formatação dos projetos de pesquisa, por meio da norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), sendo estes os critérios que constam no edital de ingresso.

A avaliação do curso utilizou-se de um formulário impresso, aplicado presencialmente aos participantes presentes no último dia do curso. O seu conteúdo foi analisado de forma quantitativa e qualitativa. Para a análise quantitativa, os participantes avaliaram, por meio de escala de Likert, o curso, o instrutor, os convidados palestrantes e os serviços. Na seção “outras informações” os participantes assinalaram o meio de divulgação do curso e o motivo para participar.

Para a análise qualitativa do curso foram coletados os comentários e sugestões dos participantes, dentro do instrumento proposto de 12 itens. Este conteúdo foi analisado e categorizado, observando-se a frequência dos conteúdos descritos pelos participantes no formulário.

O CURSO QUALIPSI-UFMT E SEUS RESULTADOS

As inscrições para o curso aconteceram no período de 20 de agosto a 10 de setembro de 2019, exclusivamente pelo link disponibilizado online. Para que o participante tivesse direito ao certificado ao final do curso era necessário que obtivesse, no mínimo, 75% de frequência nas aulas e entregasse uma atividade orientada, ao final, determinada pela coordenação do curso. Sendo assim, ao final dos quatro dias de aula foram considerados aptos para o recebimento dos certificados 72 pessoas - das 118 que tiveram suas inscrições deferidas.

A maioria dos inscritos no curso é do sexo feminino, sendo 65 do total de 72 inscritos (90,27%). As pessoas do sexo masculino são 7 e somam 9,73% dos inscritos, desses 59,72% têm idades entre 22 e 31 anos (43 pessoas). Já 27,78% disseram ter idade entre 32 e 41 anos (20 pessoas) e apenas 12,50% possuíam idade entre 42 e 49 anos (9 pessoas). Quando considerada a escolaridade das pessoas que participaram do QualiPsi, identificamos que a maioria delas declarou ter curso de graduação completo. Foram 34 pessoas (47,22%) nesta categoria, 27 pessoas graduandas (37,51%) e 11 com curso de especialização completo (15,27%).

A maioria dos inscritos no QualiPsi possuía graduação em Psicologia (83,33%). Dos cursos de Enfermagem e Pedagogia inscreveram-se duas pessoas de cada (2,57% do total de inscritos). As outras vagas foram preenchidas por profissionais/alunos dos cursos de Saúde Coletiva, Engenharia Civil, Ciências Sociais, Jornalismo, Secretariado Executivo, Publicidade e Propaganda, Gestão Hospitalar e Letras, com um integrante cada.

Quando consideramos a instituição de ensino onde o candidato cursou a sua graduação, identificamos que 56 pessoas (77,8%) estudaram em universidades privadas e 16 (22,2%) fizeram seu curso em uma instituição pública. A maioria dos participantes é oriunda de universidades privadas, 26 (36%) eram à época ou foram alunos do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), 13 (18%) da Universidade de Cuiabá (UNIC), 5 (6,9%) da Faculdade Cuiabá (AUM/FAUC), 3 (4,2%) estudam ou estudaram na Faculdade do Pantanal (FAPAN) e os demais ficavam distribuídos nas outras instituições. Da UFMT, constaram 14 (21%) alunos graduandos ou graduados. A parceria firmada entre a UFMT e as empresas privadas na área de educação e ensino superior das cidades de Cuiabá e Várzea Grande foi muito exitosa e rendeu ao curso uma presença acima do esperado com relação às inscrições e aos cursistas.

A avaliação de como o participante ficou sabendo do curso apresentou os seguintes índices: 41% via WhatsApp, 24,6% via indicação, 13,1% via site da UFMT, 4,9% via coordenação do curso e 11,5% tomaram conhecimento por outros meios.

A avaliação do instrutor foi mensurada a partir dos seguintes aspectos: domínio dos conteúdos abordados; uso de técnicas de ensino: explicações, slides, vídeo, respostas e perguntas; adequação de recursos instrucionais: som, vídeo etc.; e interação do instrutor com a turma, contemplando esclarecimentos de dúvidas e feedbacks. Os participantes avaliaram o curso como “ótimo”, com o índice de 88,4% e “bom”, com o índice de 11,1%. A avaliação dos palestrantes convidados foi

mensurada considerando os seguintes aspectos: o domínio do conteúdo abordado; o uso de técnicas de ensino: explicações, slides, respostas e perguntas; utilização de recursos instrucionais: som, data show etc.; interação dos convidados com a turma: feedback e esclarecimento de dúvidas. Os participantes avaliaram como “ótimo”, com o índice de 83,3% e “bom”, com o índice de 16,2%.

Já a avaliação dos serviços foi calculada a partir dos seguintes aspectos: a infraestrutura e os equipamentos: cadeiras, mesas, projetores etc.; se houve comunicação entre a coordenação do curso e os participantes; condições de uso e limpeza das instalações: sala de aula, banheiros, etc.; e a comunicação por e-mail desde a sua inscrição. Os participantes avaliaram como “ótimo”, com o índice de 64,5%, como “bom”, com o índice de 33,2% e como “ruim”, com o índice de 1,4 %.

Em suma, a avaliação do curso foi analisada, considerando os seguintes aspectos: o conteúdo apresentado; a contribuição para a aquisição de novos conhecimentos; a atualização do material didático, se ele era atrativo e dinâmico e a adequação da linguagem utilizada, se era de fácil entendimento. Os participantes avaliaram como “ótimo”, com o índice de 81% e “bom”, com o índice de 18,1%. A avaliação da motivação do participante para realizar o curso concluiu que a maioria dos participantes se inscreveu por interesse próprio, com o índice de 66.7 %; já a avaliação dos candidatos que se inscreveram com o objetivo de atualização profissional, obteve-se o índice de 28,6%, seguido dos índices de 11,5 % para a opção “outros” e 4,9 % pela coordenação do curso e 3,2 % para a opção indicação profissional.

Da análise de conteúdo emergiram 12 categorias (coluna 1 do quadro 1), que foram os indicadores de avaliação da ação do projeto QualiPsi percebidos pelos 53 participantes. Foram 178 comentários no total. Os resultados foram considerados por categorias na ordem da frequência. Optou-se por colocar três excertos de cada categoria, conforme se demonstrou no quadro 1 (coluna 2).

Quadro 1 – Resultados da avaliação do curso QualiPsi-UFMT por categorias e frequência com três excertos dos participantes.

Categorias	Excertos dos participantes	f	%
1. Conteúdo dinâmico	<ul style="list-style-type: none"> • “A parte sobre o Lattes, o vídeo dos orientadores e a explicação sobre a questão das bolsas.” • “Gostei bastante de todas as partes, mas a que se sobressaiu foi sobre a pesquisa qualitativa e quantitativa e onde estava os livros da bibliografia.” • “Todas as partes foram importantes, e o que mais me tocou foram as falas de experiência da trajetória dos participantes do evento.” 	55	30,90

<p>2. Desenvolvimento pessoal</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Com o QualiPsi tive a coragem de enfrentar o meu medo sobre o mestrado.” • “Desejo sucesso para a equipe e parabéns pela iniciativa de realizar esse curso preparatório. Onde conseguiu realmente mostrar que minhas crenças são o que me limitavam a dar o primeiro passo.” • “Sempre desejei ingressar em mestrado, porém, por desconhecer o processo me sentia incapaz e tinha percepções distorcidas a respeito do processo. O QualiPsi me ajudou a enxergar que é possível. Talvez não 2019, mas eventualmente...” 	<p>21</p>	<p>11,90</p>
<p>3. Aprendizado valioso</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Obrigada!!! Me senti acolhida e pertencente ao local, mesmo que nunca estudei aqui.” • “O homeworking funcionou para mim como tradução do meu desejo de colocar em palavras o que o curso me levou a refletir.” • “Foi suficiente, um aprendizado valioso.” 	<p>20</p>	<p>11,23</p>
<p>4. Preparação para o mestrado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Já estava decidida a fazer o processo seletivo e o QualiPsi me ajudou a organizar meu tema e construir meu cronograma. Outro momento ímpar foi do currículo Lattes e as referências bibliográficas.” • “O curso foi ótimo, pois por vir de um ensino estadual em minha adolescência e minha formação na graduação ter ensino privado, acabei acreditando que o mestrado era algo fora do meu alcance. Hoje sei que não será fácil, mas é possível.” • “Sempre existe dúvidas em relação ao que você não tem total compreensão, eu já tentei o mestrado ano passado não passei, estava insegura em participar novamente e o curso me proporcionou uma nova perspectiva.” 	<p>16</p>	<p>9,00</p>
<p>5. Equipe organizadora</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “A equipe está de parabéns! Um curso inovador que irá proporcionar a oportunidade de muitas pessoas a entrar no mestrado. Que venham as próximas edições. Gratidão por tudo!” • “GRATIDÃO! É a palavra que melhor define todo empenho depositado no curso.” • “Parabéns pela iniciativa! Parabéns a toda coordenação, colaboradores e incentivadores. Esse momento foi essencial principalmente para as pessoas que são de fora para conhecerem a metodologia da UFMT e um pouco mais sobre os professores pesquisadores.” 	<p>13</p>	<p>7,30</p>

6. Aumento da carga horária	<ul style="list-style-type: none"> • “A carga horária do curso deveria ser maior, dois encontros a mais.” • “Abordar um assunto por dia; aumentar a carga horária do curso.” • Gostaria que fosse um mês de curso. 	12	6,74
7. Esclarecer dúvidas	<ul style="list-style-type: none"> • “A elucidação de como funciona o Programa de Mestrado, o investimento de tempo e de estudo. Primordial ter consciência daquilo que será enfrentado e superado.” • “Foi suficiente para entender melhor, esclarecendo algumas dúvidas e mostrar que um mestrado não está tão distante como imaginamos.” • “Sim, acredito que foi ideal, pois minhas principais dúvidas foram sanadas. O <i>homework</i> também foi incrível para dar um pequeno passo inicial.” 	11	6,12
8. Conhecer o programa	<ul style="list-style-type: none"> • “Acredito ser relevante ressaltar que o curso possibilita ao candidato uma visão clara sobre o funcionamento do programa.” • “O QualiPsi desmistificou muitos mitos relacionados ao mestrado.” • “Tenho participado de outros programas de mestrado em outras universidades. E este projeto foi inovador para comparação em outros programas.” 	9	5,02
9. Infraestrutura	<ul style="list-style-type: none"> • “A infraestrutura e equipamentos adequados.” • “Eu penso que se for em um mesmo local todos os dias facilitará para quem não conhece a universidade. Parabéns a toda equipe!” • “Momentos de interação entre os participantes; maior acesso a cantinas, água ou bebedouro.” 	7	3,93
10. Foco no orientador	<ul style="list-style-type: none"> • “O currículo do orientador me fez optar pelo mestrado da Quali.” • “O entusiasmo da R. é impagável. Os momentos de exposição foram bastante interessantes e a colaboração dos professores em gravar os vídeos.” • “Estava buscando uma pós em neuropsicologia, vim a convite de uma colega, e me entusiasmei por ter um orientador voltado para essa área.” 	7	3,93

11. Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • “A divulgação.” • “Mais divulgação ou outras áreas além da psicologia.” • “Ótimo acolhimento e comunicação.” 	4	2,24
12. Alteração de calendário	<ul style="list-style-type: none"> • “Minha sugestão é realizar o curso em quatro finais de semana, sendo no sábado, período matutino.” • “Se for possível um pouco menos próximo das inscrições para o mestrado.” • “Somente a questão dos dias de semana.” 	3	1,69
Total		178	100

Fonte: Dados desta pesquisa.

Diante desses resultados, as percepções referentes à avaliação do curso QualiPsi- UFMT demonstradas por doze categorias e frequência podem ser reagrupadas em dois grandes grupos: “foco no curso”, por meio das dez categorias que emergiram: 1) conteúdo dinâmico (maior frequência significativa), 4) preparação para o mestrado, 5) equipe organizadora, 6) aumento de carga horária, 7) esclarecimento de dúvidas, 8) conhecer o programa, 9) infraestrutura, 10) foco nos orientadores, 11) comunicação e 12) alteração de calendário. Este grupo de categorias atesta o valor e o prazer da atividade investigativa e do saber (SOARES, 2018).

E, a categoria “foco na pessoa”, por meio das duas categorias que emergiram com frequência significativa (segundo e terceiro lugares): 2) desenvolvimento pessoal e 3) aprendizado valioso. É a universidade pública sendo utilizada em favor da vida humana e da cidadania coletiva, ou seja, a produção de conhecimento do QualiPsi como inovação dentro de uma lógica emancipadora e a universidade pública contribuinte para uma sociedade mais justa e democrática (OLIVEIRA; MORAES, 2016).

A proposta de avaliação do projeto foi contínua e contemplou indicadores tangíveis e intangíveis. Os indicadores tangíveis mensurados foram: índice de absenteísmo; retorno das atividades homework; qualidade das atividades homework e a avaliação de reação dos participantes. Dos 52 participantes presentes no último sábado do curso, 17 deles figuraram entre as inscrições homologadas do edital seletivo de 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar e realizar um curso preparatório para o mestrado em Psicologia de uma universidade federal com vistas à qualidade da formação universitária parece algo pouco inovador, mas nunca havia sido realizado no referido curso da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá, uma vez que o Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) nesta universidade é recente.

A necessidade em se pensar na oferta de um curso para alunos e profissionais interessados em ingressar numa pós-graduação deu-se considerando que a comunidade em geral acredita que somente os egressos da universidade federal teriam competência para ingressar no mestrado. Outro fato interessante constatado ao dialogar com as coordenações de três das instituições privadas convidadas na cidade de Cuiabá foi que os alunos desconhecem o programa e a estrutura do curso (categoria “foco no curso”).

A situação-problema enfrentada na ocasião da criação do QualiPsi em 2019 foi minimizada por meio da aproximação da comunidade com a pós-graduação. O curso QualiPsi presencial atingiu seu objetivo e preparou os candidatos e as candidatas para o ingresso no PPGpsi perfazendo 6 aprovados: 1º, 3º, 5º, 11º, 13º e 15º lugares da lista final de 17 aprovados, de um total de 45 inscritos deferidos.

A equipe de professores do PPGpsi e a coordenação também foram muito atuantes e apoiaram a iniciativa. A equipe da Secretaria de Comunicação e da TV Universitária não mediram esforços para elaborar o material de vídeo com a chamada para divulgação e o vídeo das áreas de pesquisa realizado pelos professores-orientadores, momento esse de grande apreciação por parte dos participantes durante o curso.

A frequência foi surpreendente e os participantes estiveram muito atuantes, permanecendo após a aula para esclarecimentos espontaneamente, o que pode ser verificado na categoria “foco na pessoa”. Muitas alunas vieram de longe e notou-se o envolvimento dos esposos e familiares no cuidado com os filhos. Alguns cursistas relataram que ainda não estavam prontos para pleitearem uma vaga no edital do programa, à época, mas que iriam refletir sobre o “ser professor” e se prepararem para as próximas edições.

Assim como o pensamento de Soares (2018, p. 292) a criação do QualiPsi partiu da premissa de que grande parte da população está à margem da sociedade do conhecimento e de que “[...] a educação efetiva depende fundamentalmente da preparação dos professores”. Como melhoria da qualidade na formação universitária, esse projeto contribuiu com a preparação de egressos universitários para o ingresso na pós-graduação *stricto sensu* e desmitificou a vida do pós-graduando da UFMT.

Em 2020, por força do impacto psicológico e devido aos prejuízos funcionais causados pela pandemia da Covid-19, o QualiPsi não foi ofertado. Em setembro de 2021, o desafio de continuar o QualiPsi foi efetivado no formato on-line por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da UFMT. O formato on-line vem ao encontro das necessidades das universidades e de seus departamentos que buscaram adequar-se rapidamente para manter a oferta de educação com qualidade também na pós-graduação.

Os projetos de extensão, assim como os projetos de pesquisa e de ensino, atuaram em conjunto como forma de contribuir para a redução das limitações impostas pela situação emergencial decorrente da pandemia com vistas às condições inovadoras diante do novo. Foram necessárias adaptações, mas as atividades seguiram remotamente.

A segunda edição do curso QualiPsi (on-line) obteve 56 inscritos. Deste universo, 44,6% tinha, à época, graduação concluída, 28,6% curso de especialização concluído, 16,1% estava cursando graduação e 10,7% estava cursando especialização. Em 2021, 80,4% dos inscritos do QualiPsi (On-line) pretendiam participar do processo seletivo para o ingresso no PPGPsi-UFMT na seleção 2021-2022.

O QualiPsi foi desenvolvido como um incentivo ao avanço cultural e intelectual com foco na pessoa, proporcionando oportunidade de desenvolvimento, de ampliação da visão de mundo e exercício profissional para aqueles que possuem interesse, independente do ingresso imediato ou não na pós-graduação.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt et al. O Sistema de Pós-Graduação em Psicologia no Brasil: Características Atuais e Desafios da Área. **Psicol. Reflexo. Crit.**, Porto Alegre, v. 28, supl. 1, p. 23-33, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722015000600023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.2015284005>.

MENANDRO, Paulo Rogério Meira et al. Pós-graduação e graduação: Vizinhos sem afinidade? **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 55, p. 187-196, ago. de 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2013000200187&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-43272355201306>.

OLIVEIRA, João Ferreira de; MORAES, Karine Nunes de. Produção do conhecimento na universidade pública no Brasil: tensões, tendências e desafios. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 73-95, dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000400073&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/0102-4698161626>.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis; FERREIRA, Luciana Rodrigues; KATO, Fabíola Bouth Grello. Trabalho do professor pesquisador diante da expansão da pós-graduação no Brasil pós-LDB. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 53, p. 435-456, jun. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782013000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782013000200011>.

SOARES, Paulo César. Contradições na pesquisa e pós-graduação no Brasil. **Estud. av.**, São Paulo, v. 32, n. 92, pág. 289-313, abril de 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142018000100289&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 abr. de 2021.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E AUDIOVISUAL: OFICINA DE MÍDIAS DIGITAIS

UNIVERSITY EXTENSION AND AUDIOVISUAL: DIGITAL MEDIA WORKSHOP

EXTENSIÓN UNIVERSITÁRIA Y AUDIOVISUAL: TALLER SOBRE MEDIOS DIGITALES

LUIZ HENRIQUE COELHO DE SIQUEIRA TEIXEIRA¹, THIAGO VINÍCIUS DOS ANJOS²,
DAVI CHAVES DE SOUSA ALMEIDA SANTOS³, JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI⁴,
VANICE SELVA⁵

RESUMO

Este trabalho objetiva divulgar resultados obtidos de uma ação de extensão universitária promovida pelo Programa de Educação Tutorial Gestão Política-Pedagógica da Universidade Federal de Pernambuco, que por sua vez tem como objetivo dialogar com a comunidade estudantil sobre técnicas de edição de imagem e vídeo para mídias digitais e trabalhos acadêmicos. A extensão, um dos pilares universitários, é a estratégia de troca de saberes da universidade com a sociedade. Para isso, foi criada uma oficina sobre manejo audiovisual, no formato remoto, resultando em quatro módulos de ensino. Com base no retorno avaliativo providenciado pelas participantes da ação, conclui-se que a ação cumpriu com sua responsabilidade social e acadêmica. Além disso, visam-se novas edições no futuro.

Palavras-chave: extensão; oficina; audiovisual; mídias digitais; Programa de Educação Tutorial.

ABSTRACT

This paper aims to publicize the results obtained from a university extension action, promoted by the Tutorial Education Program Political-Pedagogical Management of the Federal University of Pernambuco, with the goal of dialoguing with the community about image and video editing techniques for digital media and academic work. Extension, one of the university pillars, is the strategy for exchanging knowledge between the university and society. Therefore, a workshop on audiovisual management was created, in a remote format, resulting in four teaching modules. Based on the evaluative feedback provided by the participants of the action, it can be concluded that the action has fulfilled its social and academic responsibility, besides aiming at new editions in the future.

Keywords: extension; workshop; audiovisual; digital media; Tutorial Education Program.

¹Graduando em Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

²Graduando em Ciências Sociais - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

³Graduando do Curso Superior do Audiovisual - Universidade de São Paulo (USP).

⁴Graduando em Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

⁵Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Docente Associada da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo difundir los resultados obtenidos a partir de una acción de extensión universitaria, promovida por el Programa de Educación Tutorial Gestión Político-Pedagógica de la Universidad Federal de Pernambuco, con el objetivo de dialogar con la comunidad sobre las técnicas de edición de imágenes y videos para medios digitales y trabajos académicos. La extensión, uno de los pilares universitarios, es la estrategia de intercambio de conocimientos entre la universidad y la sociedad. Para ello, se creó un taller de gestión audiovisual en formato a distancia, que dio lugar a cuatro módulos didácticos. A partir de los comentarios evaluativos de los participantes en la acción, se concluye que la acción cumplió con su responsabilidad social y académica, además de aspirar a nuevas ediciones en el futuro.

Palabras clave: extensión; taller; audiovisual; medios digitales; Programa de Educación Tutorial.

EM QUE CONSISTE A PRÁTICA A SER RELATADA

A oficina “Pixel by Pixel: Edição de Mídias Digitais para Redes Sociais e Trabalhos Acadêmicos” foi uma ação promovida pelo grupo do Programa de Educação Tutorial Gestão Política-Pedagógica (PET-GPP), vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e com o público acadêmico interno e externo. Esta prática se concretizou com o diálogo entre diferentes tipos de pessoas, com o intuito de compartilhar um conhecimento técnico a respeito de diversos programas de edição de vídeo e imagem, além de ter sido um momento próprio para entender melhor sobre gerenciamento de mídias digitais dentro do contexto tecnológico atual em que vivemos. Esta ação foi realizada durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2021, período este no qual foi constituído todo o processo de construção, discussão temática, divulgação, concretização e certificação das/os estudantes inscritas/os na oficina.

Entendendo esta prática dentro do contexto de extensão universitária, esta oficina não foi exclusiva, como já mencionado, para a comunidade do ensino superior; estendeu-se também para discentes e docentes de outras etapas de ensino, assim como para pessoas interessadas em geral. Ademais, foi objetivada, desde o início, uma troca eficiente com o público participante a fim de que este tipo de conhecimento pudesse ser dialogado e implementado em novos meios individuais, profissionais e, também, acadêmicos. Com isso, é cumprida a meta 12.7 do Plano Nacional de Educação (PNE), que discorre sobre a prática de extensão dentro do perfil curricular dos cursos de graduação no ensino superior (BRASIL, 2014).

CONTEXTO EM QUE OCORREU A AÇÃO

A ação aqui relatada está inserida dentro dos projetos e ações do Programa de Educação Tutorial (PET) Gestão Política-Pedagógica Conexão de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares da Universidade Federal de Pernambuco. O PET foi criado em 1979,

inicialmente conduzido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com o nome de Programa Especial de Treinamento. Nesse início, o objetivo era fortalecer as instituições e a formação no ensino superior brasileiro, porém desde 1999 o PET é de responsabilidade da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) e é regulamentado pela Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005, e pelas portarias MEC nº 3.385, de 29 de setembro de 2005, e nº 1.632, de 25 de setembro de 2006 (BRASIL, 2006). De acordo com o Manual de Orientações Básicas dos Grupos PET (BRASIL, 2006), o Programa de Educação Tutorial se constitui como:

Modalidade de investimento acadêmico em cursos de graduação que têm sérios compromissos epistemológicos, pedagógicos, éticos e sociais. Com uma concepção baseada nos moldes de grupos tutoriais de aprendizagem e orientado pelo objetivo de formar globalmente o aluno, o PET não visa apenas proporcionar aos bolsistas e aos alunos do curso uma gama nova e diversificada de conhecimento acadêmico, mas assume a responsabilidade de contribuir para sua melhor qualificação como pessoa humana e como membro da sociedade (BRASIL, 2006, p. 04-05).

A partir de 2010, foi incorporado ao PET o “Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares”, instituído em 2004 pelo Ministério da Educação e assegurado pela Portaria MEC nº 1, de 17 de maio de 2006 (BRASIL, 2006) através da Portaria MEC nº 976 (BRASIL, 2013), dando origem à modalidade de grupos PET intitulada Conexões de Saberes. Este novo formato busca assegurar a permanência e a manutenção de estudantes oriundos de comunidades populares (do campo, quilombola, indígena e em situação de vulnerabilidade social) no ensino superior, bem como suas formações como pesquisadores e extensionistas, além de estimular lideranças que unam o conhecimento acadêmico e o compromisso social.

Para Montalvão et al. (2020), essa união institucional é responsável por tornar os grupos PET Conexões de Saberes mais completos e comprometidos com a produção e a divulgação do saber científico com a sociedade. Espera-se com isso um grupo pautado na responsabilidade de formação acadêmica e pessoal crítica, “mas também a construir, a partir dessa produção, novas metodologias e diagnósticos que estudem e incentivem a permanência universitária” (MONTALVÃO et al., 2020, p. 69).

Com o isolamento social e a suspensão das aulas presenciais decorrentes da pandemia do novo Coronavírus desde o primeiro trimestre de 2020, as atividades de extensão promovidas nas universidades e, portanto, nos grupos PET tiveram que, na medida do possível, se reorganizar, a fim de manter o diálogo com a sociedade. Sendo assim, os recursos digitais foram inseridos na reorganização das ações para promover a manutenção e criação de atividades extensionistas a partir de novas metodologias de ensino, com características singulares e inerentes ao ensino remoto (ALVES et al., 2020), ocupando plataformas como Google Classroom, YouTube e salas de reuniões on-line, bem como gravações, formulários, entre outros.

Ainda assim, conforme ressaltam Rondini, Pedro e Duarte (2020), a mudança em caráter emergencial traz consigo os entraves nas diversas realidades escolares no Brasil para a adaptação ao uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), que muitas vezes perpassam a falta de preparação ou uma imersão superficial em sua incorporação. Dessa forma,

faz-se necessária a apropriação destes recursos metodológicos, a fim de propiciar uma melhor prática docente, produção acadêmica e melhor rendimento pessoal e profissional (NASCIMENTO, 2021).

PARTICIPANTES/INTEGRANTES DA AÇÃO RELATADA

Para que a oficina Pixel By Pixel ocorresse, foi necessário criar uma coordenação de membros do grupo PET-GPP, a fim de que esta pudesse estar diretamente relacionada à temática do projeto. Sendo assim, um membro do grupo PET, criador do projeto, ficou responsável pela direção geral da oficina e, a partir de sua rede de contatos e amigos interna e externa à UFPE, elencou possíveis candidatos para coordenar a ação, ou seja, pessoas com experiência nos temas abordados na oficina, além de serem instrutores dos módulos. Com o intuito de que as devidas relações temáticas com o projeto pudessem ocorrer, estes instrutores do projeto devem ser descritos dentro de suas competências.

O primeiro instrutor elencado vem da área da Psicologia e possui experiência em edição de vídeos e imagens para mídias digitais há mais de 10 anos, com o foco na utilização do software Sony Vegas PRO para a formulação de projetos acadêmicos e pessoais. O segundo, especializado em computação gráfica e credenciado pela Adobe, Pixologic, AutoDesk e Unreal, além de ser estudante de Audiovisual e atuar no mercado de trabalho como designer e editor. Por fim, a última instrutora é diretora geral de uma assessoria de marketing digital e se especializou em criar conteúdo para este público, assim como posicionar e planejar marcas no ambiente on-line de forma que impacte o público-alvo. O projeto também contou com a supervisão da tutora do grupo PET ao qual ele está vinculado e com um outro membro deste grupo como monitor.

Diante do quantitativo de pessoas participantes da oficina que se identificam com o gênero feminino, dados demonstrados a seguir, optou-se por utilizar o gênero feminino na descrição deste público no decorrer do texto deste artigo. Sendo assim, com relação às participantes da oficina, tem-se um total de 218 inscrições, das quais 143 se efetivaram para a participação direta no projeto. A descrição a seguir destas participantes se refere a dados do número total de inscrições, ou seja, das 218 pessoas. Deste número, portanto, no formulário de inscrição 57,8% se declararam enquanto “mulher cisgênero”, 32,6% como “homem cisgênero”, 1,8% como gênero “fluido” e 1,4% como “não-binário”. Mesmo com uma instrução prévia, sistemática e detalhada no formulário de inscrição, pensada para o público que não tem acesso por diferentes razões a essas definições, foi deixada a opção de “outros” nesta categoria de “gênero”. As respostas dadas nesta opção foram: “masculino”, “feminino”, “hétero”, “mulher” e “homem”.

A maioria absoluta destas participantes são do estado de Pernambuco e 73,9%, do total de inscritas são estudantes do ensino superior; 7,8% são profissionais externas ao campo das mídias digitais; 2,8%, estudantes do ensino médio; 2,3%, professoras do ensino superior; 1,8%, profissional da área de mídia digital; e 11,4% responderam classificações diversas assistemáticas.

Dentro do quantitativo de pessoas que se declararam dentro do contexto universitário, tanto como estudante, quanto como docente, 87,3% não participam de algum grupo PET; 9% participam; e 3,7% afirmam que já participaram. Das pessoas que participam de algum grupo PET, 70% são discentes bolsistas; 25%, discentes não bolsistas; e 5% na função de tutor/a.

METODOLOGIA

Para a realização prática, como já mencionado no tópico anterior, ocorreu o interesse de um dos membros do grupo PET-GPP em querer divulgar o conhecimento técnico referente à edição de vídeo e de imagens. A partir disso, foi realizado um planejamento de ação no início de 2021 e este foi revisado e aprovado pela tutora do PET-GPP. Neste documento foi necessário descrever e estipular os seguintes quesitos: (1) carga horária total prevista para a construção e realização da atividade; (2) previsão de início e de término; (3) descrição e justificativa; (4) objetivos e metodologia; (5) resultados esperados e método avaliativo acerca do produto final.

Após a construção deste planejamento, ocorreu a seleção dos instrutores para a formulação das aulas e dos temas que seriam abordados. Como já mencionado anteriormente, esta seletiva aconteceu a partir da ativação de uma rede de amigos do diretor geral da ação e, conseqüentemente, a escolha definitiva com base nas competências individuais do/a instrutor/a para com a temática. Ademais, houve o remanejamento de data para a execução da atividade. Tais mudanças se deram por conta do momento pandêmico vivenciado por todos os envolvidos no projeto, situação esta que promoveu uma exaustão individual e coletiva multifatorial. A construção da oficina foi prevista para maio de 2021 e sua efetivação com o público-alvo para junho deste mesmo ano, porém foi adiada para os meses de outubro, novembro e dezembro de 2021.

Após a etapa do planejamento do projeto foi realizado o encontro da equipe de trabalho, a fim de traçar um caminho em conjunto e, assim, entender em qual função cada competência individual poderia ser melhor aproveitada no todo e no resultado final. Neste momento, foram elencados os principais tópicos a serem abordados durante a oficina e a divisão ficou em: módulo de Sony Vegas PRO; módulo de Adobe Photoshop e Premiere; e módulo de fechamento com gerenciamento de mídias digitais. A partir disso, cada instrutor ficou responsável por desenvolver a narrativa teórico-prática de sua respectiva categoria e, ao final, dialogar com os outros instrutores para analisar se o todo estava fazendo sentido dentro do objetivo geral e específico. Antes da realização da oficina, pensou-se em acontecer de forma híbrida, com a maior parte em aulas assíncronas (vídeos gravados) e outra de forma síncrona (vídeos ao vivo). Entretanto, após reflexões a respeito da temática da ação, levando em consideração pequenos detalhes técnicos que poderiam ser melhores aproveitados no modelo assíncrono, permitindo uma nova visualização do conteúdo, optou-se pelo formato 100% gravado.

Os responsáveis por cada módulo começaram, então, as gravações das aulas, ficando livres

em relação ao tempo de duração. Essa liberdade tem como base a proposta técnica que o conteúdo da oficina possui, pois um vídeo inicial de abertura do programa e o entendimento de todas as suas funcionalidades-base pode demorar mais do que um outro que tem como propósito apenas uma exemplificação de uma determinada função. Sendo assim, em média, os vídeos ficaram entre 20-30 minutos de duração. Ademais, também foi responsabilidade de cada instrutor dos módulos a edição e o envio dos vídeos gravados para a direção geral do projeto e esta ficou responsável por organizar e sistematizar os arquivos recebidos dentro de uma nuvem de armazenamento de dados. Com esse montante de arquivos gerados, foi necessário se pensar em algum recurso que suportasse a quantidade de usuários que seriam recebidos, assim como a proposta pedagógica da oficina.

O passo seguinte, portanto, foi utilizar a ferramenta do Google Sala de Aula como portal de interação projeto-professor/a-aluna dentro da ação. Este recurso proporcionou a organização dos módulos de forma visual e a preparação de um ambiente acolhedor para quem nunca teve um contato prévio com as tecnologias abordadas nas aulas, público este que era o nosso foco de atuação e diálogo. Utilizou-se uma linguagem que abarcasse desde os gêneros apresentados no formulário de inscrição (feminino, masculino e neutro), até o modo de comunicação com esta pessoa inscrita em um modelo mais informalizado diante de toda a proposta estética, que será melhor detalhada a seguir.

Para a inserção das alunas na plataforma Google Sala de Aula, foi solicitado, durante o formulário de inscrição, o e-mail com o provedor preferencialmente sendo do Google (Gmail), pois sua integração com o sistema é perfeitamente automatizada. Ou seja, para quem disponibilizou dentro deste parâmetro, foi feito um envio direto com o convite para ingressar na plataforma. Para quem não tinha e-mail deste provedor, enviamos uma mensagem personalizada com instruções detalhadas de como realizar o acesso e garantir sua participação na oficina.

Como medida de precaução, também foi criado um grupo de mensagens, com a ferramenta Whatsapp, com todas as alunas inscritas no formulário de participação e foi permitida a possibilidade de contato direto e pessoal com a coordenação do projeto via mensagem de texto. Com essas estratégias de inserção, das 218 alunas inscritas, 143 efetivaram o seu acesso ao Google Sala de Aula, resultando em aproximadamente 65,6% de efetivação de inscrição. Vale ressaltar que como o conteúdo da oficina foi disponibilizado gratuitamente nas plataformas digitais do grupo PET-GPP, com acesso livre, pessoas que não efetivaram a inscrição têm a possibilidade de utilizar o material criado para o projeto.

Para a divulgação da oficina, alguns tópicos foram levados em consideração: (1) público-alvo; (2) conceito temático se relacionando com a proposta da ação; (3) canais de comunicação possíveis; e (4) tráfego pago (impulsioneamento de publicação nas redes sociais). Dentro do tópico de público-alvo, anterior à divulgação e, conseqüentemente, à obtenção sistemática do perfil de usuária inscrita, entendeu-se que o público seria majoritariamente: jovem, de 18 a 25 anos, por conta da temática; pernambucano/a, por conta do local em que a ação está vinculada (PET-GPP/UFPE); pessoa que gosta de tecnologia e do universo midiático digital. Assim sendo, foi escolhido um nome, "Pixel

By Pixel”, que pudesse tanto representar esse aspecto jovial e digital do projeto, mas que também refletisse a prática.

Seguindo o direcionamento do primeiro tópico, a escolha do conceito temático foi nítida nas artes geradas para divulgação (Figura 1), para a edição dos vídeos e para a certificação final do projeto. Foram utilizados símbolos e imagens da cultura pop digital que fizessem referência ao nome “pixel”, além de cores que não apenas fizessem referência àquelas da logomarca do grupo PET-GPP, mas que também demonstrassem um caminho tranquilo e acolhedor. Para a elaboração do certificado (Figura 2), a ousadia dominou a arte de criar. Fomos para um modelo, em geral, oposto daqueles que tipicamente são fornecidos em eventos e congressos científicos, ou seja, um que fechasse a oficina de forma coesa e coerente com a temática e com o público.

Figura 1 - Arte promocional



Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Os canais de comunicação para a divulgação da oficina foram elencados em conformidade ao público-alvo. Primeiramente, foi feita a divulgação na Agência de Notícias da UFPE (ASCOM) e esta encaminhou para as redes sociais vinculadas à universidade e aos endereços de e-mail cadastrados na agência. Em seguida, foram elencados os cursos, não apenas da UFPE, mas também de universidades de outras regiões do país, que possivelmente pudessem ter interesse na

temática e, assim, o envio do pedido de divulgação para as respectivas coordenações/departamentos.

Figura 2 - Certificado da oficina



Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Ademais, também foi utilizada a plataforma Instagram para divulgação na página do grupo PET-GPP, assim como foi feito pedido de divulgação em outros grupos PET. Por fim, o tráfego pago também se tornou uma possibilidade com o objetivo de dialogar com esses potenciais usuários de maneira mais eficiente. Foi utilizada a plataforma Instagram e o mesmo perfil de público-alvo já listado anteriormente. O investimento utilizado para esta estratégia, impulsionamento digital, foi de apenas R\$35,00 durante sete dias de promoção de publicação.

Por fim, foi disponibilizado um formulário final optativo para a solicitação do certificado e, ao mesmo tempo, uma autoavaliação de desempenho e uma avaliação geral do projeto. Os dados relatados no próximo tópico referem-se a 76 alunas (aproximadamente, 53% das 144 inscrições efetivadas) que solicitaram o certificado e que promoveram esse retorno avaliativo para o grupo PET-GPP por meio da plataforma Google Forms.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Com a construção da oficina foram elaborados, portanto, quatro módulos. Estes estão listados no Quadro 1, assim como os respectivos temas abordados.

Quadro 1 - Módulos

MÓDULO	TEMAS ABORDADOS
1. Sony Vegas PRO	Funções básicas/introdutórias; Timeline; Slowmotion; Transições; Mask; Media Generators; Video FX; Tratamento de imagem; Render Settings.
2. Adobe Photoshop	Funções básicas/introdutórias; Tratamento e correção de cores; Mask; Conceito de PNG/JPEG; Recorte de elementos; Mesclagem.
3. Adobe Premiere	Funções básicas/introdutórias; Formatos de vídeo; Lumetri; Mask; Efeitos e transições de vídeo; Ajuste de áudio; Render Settings.
4. Gerenciamento de Mídias	Experiências profissionais dentro da área de Marketing; engajamento e comunicação com o público-alvo; mudanças nas redes sociais.

Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

No Quadro 2 estão listados os critérios e a avaliação, por parte das alunas, dos módulos da oficina. Vale ressaltar as perguntas referentes a cada critério, sendo elas: (1) qualidade: “considero o módulo de ... como”; (2) relevância: “a relevância que eu dou para a utilização do ... em meus trabalhos, particulares e/ou acadêmicos, é”; (3) desempenho: “meu desempenho no ... foi”; (4) professor/a: “o desempenho do professor/a no módulo de ... foi”. também foi questionado o desempenho geral relacionado à oficina. O Quadro 3 demonstra esta avaliação nos seguintes critérios: (1) desempenho: “meu desempenho assistindo as aulas, no geral, foi ...”; (2) prática: “a minha prática do conteúdo aprendido, no geral, foi ...”; (3) usabilidade: “a usabilidade/importância do conteúdo apresentado na oficina é de ...”; (4) geral: “no geral, avalio a oficina Pixel By Pixel como ...”.

Destaca-se, com base no retorno avaliativo por módulo (Quadro 2), a alta qualidade do conteúdo abordado na oficina, cumprindo os parâmetros de relevância e desempenho dentro do objetivo-base do projeto. Ademais, nota-se a boa pontuação no critério de didática dos professores dentro de todos os módulos.

Quadro 2 - Retorno avaliativo por módulo

MÓDULO	CRITÉRIOS			
	QUALIDADE	RELEVÂNCIA	DESEMPENHO	PROFESSOR/A
1. Sony Vegas PRO	Muito bom: 65,8% Bom: 31,6% Médio: 1,3% Ruim: 0% Muito ruim: 1,3%	Muito relevante: 31,6% Relevante: 40,8% Média relevância: 17,1% Pouca relevância: 7,9% Pouquíssima relevância: 2,6%	Muito suficiente: 18,4% Suficiente: 38,2% Regular: 38,2% Insuficiente: 3,9% Muito insuficiente: 1,3%	Excelente: 82,9% Bom: 15,8% Médio: 1,3% Ruim: 0% Péssimo: 0%
2. Adobe Photoshop	Muito bom: 77,6% Bom: 22,4% Médio: 0% Ruim: 0% Muito ruim: 0%	Muito relevante: 67,1% Relevante: 25% Média relevância: 5,3% Pouca relevância: 2,6% Pouquíssima relevância: 0%	Muito suficiente: 39,5% Suficiente: 38,2% Regular: 21,1% Insuficiente: 1,3% Muito insuficiente: 0%	Excelente: 80,3% Bom: 19,7% Médio: 0% Ruim: 0% Péssimo: 0%
3. Adobe Premiere	Muito bom: 69,7% Bom: 28,9% Médio: 1,3% Ruim: 0% Muito ruim: 0%	Muito relevante: 47,4% Relevante: 31,6% Média relevância: 15,8% Pouca relevância: 3,9% Pouquíssima relevância: 1,3%	Muito suficiente: 23,7% Suficiente: 42,1% Regular: 30,3% Insuficiente: 3,9% Muito insuficiente: 0%	Excelente: 72,4% Bom: 26,3% Médio: 1,3% Ruim: 0% Péssimo: 0%
4. Gerenciamento de mídias	Muito bom: 71,1% Bom: 22,4% Médio: 5,3% Ruim: 1,3% Muito ruim: 0%	Muito relevante: 63,2% Relevante: 21,1% Média relevância: 10,5% Pouca relevância: 3,9% Pouquíssima relevância: 1,3%	Muito suficiente: 47,4% Suficiente: 36,8% Regular: 10,5% Insuficiente: 5,3% Muito insuficiente: 0%	Excelente: 73,7% Bom: 21,1% Médio: 3,9% Ruim: 1,3% Péssimo: 0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Em relação ao resultado avaliativo referente à oficina geral, apresentada no Quadro 3, tem-se que as pessoas que participaram da oficina apontam o desempenho individual e a prática do conteúdo considerados como, em sua maioria, suficiente. Ao mesmo tempo, a usabilidade e a avaliação geral da oficina foram pontos de destaque e que refletem a importância deste conteúdo para as atividades pessoais e laborais das participantes.

Quadro 3 - Retorno avaliativo geral da oficina - Resultado do formulário final de autoavaliação e desempenho da oficina

CRITÉRIOS			
DESEMPENHO	PRÁTICA	USABILIDADE	GERAL
Muito suficiente: 26,3%	Muito suficiente: 19,7%	Altíssima: 65,8%	Muito suficiente: 81,6%
Suficiente: 52,6%	Suficiente: 43,4%	Alta: 30,3%	Suficiente: 18,4%
Regular: 21,1%	Regular: 27,6%	Média: 3,9%	Regular: 0%
Insuficiente: 0%	Insuficiente: 6,6%	Baixa: 0%	Insuficiente: 0%
Muito insuficiente: 0%	Muito insuficiente: 2,6%	Baixíssima: 0%	Muito Insuficiente: 0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

O QUE SE APRENDEU COM A EXPERIÊNCIA

A partir da prática da oficina, foi possível perceber que ela cumpriu seu propósito em todos os quesitos: (1) planejamento; (2) construção e elaboração do conteúdo audiovisual; (3) comunicação e divulgação interna e externa à universidade; (4) retorno avaliativo das alunas do curso; (5) cumprimento dos objetivos e direcionamentos de base do PET. O caminho percorrido durante todo este projeto fez com que todas as pessoas envolvidas pudessem (re)aprender sobre as temáticas da oficina e, para além disso, criar uma oficina do zero e efetivá-la na prática dentro do contexto remoto em que vivemos e de todas as incertezas que ele acarreta.

Enquanto “petianos” foi possível criar novos vínculos, internos e externos ao grupo PET-GPP, que auxiliassem na concretização da oficina, como na intermediação com os/as professores/as e com a nova rede de pessoas inscritas no projeto, que passaram a conhecer o PET-GPP. Isso fez com que futuras ações do grupo possam impactar também essas pessoas de outras formas, a depender de seus interesses. Ademais, há também a possibilidade de criação de uma nova versão do curso a partir de sugestões dadas pelas participantes.

Algumas destas sugestões estão listadas a seguir: (1) colocar um módulo sobre tratamento de áudio como complemento ao que já foi exposto nesta primeira versão da oficina, tendo em vista o aumento de podcasts nas redes digitais; (2) inserir mais exemplos práticos durante o curso; (3) criar mapas mentais para guiar a usuária durante e após a oficina; (4) formular uma nova edição do projeto, com aprofundamento nos assuntos anteriormente abordados e discutindo sobre técnicas mais avançadas; e (5) aumentar o tempo entre a liberação de um módulo para o outro.

RELAÇÃO DA PRÁTICA COM OS CONCEITOS DE EXTENSÃO

No Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, a meta 12.7 prevê, dentro do perfil curricular dos cursos de graduação no ensino superior brasileiro, a prática extensionista (BRASIL, 2014). Esta disposição está explicitamente vinculada aos contextos sociais com o intuito de promover o compartilhamento de ideias para além dos limites acadêmicos, ir de encontro com o elitismo científico e construir um conhecimento emancipatório em conjunto com a sociedade (GADOTTI, 2017).

Como bem aponta Silva (2020), não basta a prática da extensão estar presente nas leis e diretrizes que regem a educação brasileira. É necessário um empenho das universidades e, conseqüentemente, de seus cursos e programas de educação no que diz respeito à inserção do ideal extensionista no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, o PET, como já pontuado anteriormente, está diretamente vinculado à prática de extensão e a oficina Pixel By Pixel se estrutura na Portaria nº 976, em seus objetivos:

I - desenvolver atividades acadêmicas em padrões de qualidade de excelência, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar; II - contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação; III - estimular a formação de profissionais e docentes de elevada qualificação técnica, científica, tecnológica e acadêmica; IV - formular novas estratégias de desenvolvimento e modernização do ensino superior no país; V - estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior; VI - introduzir novas práticas pedagógicas na graduação (BRASIL, 2013, p. 40).

Desde a sua formulação e concretização, a oficina aqui disposta abarcou os objetivos supracitados e cumpre sua função extensionista universitária a partir da promoção de um diálogo para além do campo acadêmico, relacionando-se com a comunidade externa e cumprindo o caráter e responsabilidade social da universidade (SILVA, 2020). Rodrigues et al. (2013) relatam a importância da extensão pensando nos ganhos para a sociedade a partir da troca de saberes, dentro do caráter interdisciplinar, melhorando, assim, a qualidade de vida diária e laboral dos cidadãos.

O projeto Pixel By Pixel foi em busca de proporcionar uma melhor qualidade na construção de trabalhos, no campo audiovisual, tanto para trabalhos pessoais, quanto acadêmicos, a fim de tornar acessíveis as técnicas de edição de vídeo e imagem. É possível, por fim, ir além e postular esta busca, mesmo que inicialmente, de troca de saberes entre a universidade e o público vinculado à prática aqui relatada.

Como menciona Gadotti (2017), a extensão pode ir ao encontro do pensamento de Paulo Freire e colocar o conhecimento popular no mesmo patamar do conhecimento universitário. Com isso, tivemos essa preocupação desde a formulação da oficina, respeitando as participantes que estavam sendo inseridas neste contexto e deixando um espaço sempre aberto de diálogo para produção de novos conhecimentos e alterações. Isso pôde ser visto no retorno final pelas candidatas, pois elas conseguiram avaliar todos os pontos da oficina, influenciando nas mudanças dos pilares de funcionamento e, conseqüentemente, em uma nova edição desta ação.

AGRADECIMENTOS

Os autores deste trabalho agradecem ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e à Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) pela disponibilização de bolsas para o Programa de Educação Tutorial. O PET Conexões Gestão Política-Pedagógica (re)afirma a importância desse incentivo à ciência como forma de viabilizar ações e estratégias de diálogo com a comunidade, circunvizinha à universidade, partindo da manutenção e estabilidade acadêmica dentro da graduação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovana Rodrigues et al. O ensino remoto em tempos da pandemia do Covid-19: uma adequação metodológica do Curso de Línguas Popular Aberto à Comunidade. **Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial**, Três Lagoas/MS, v. 2, n. 2, p. 238-250, outubro, 2020. Disponível em: <<https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/REPET-TL/article/view/10226>> Acesso em: 29 de jan. de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Portaria MEC nº 1, de 17 de maio de 2006**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10092-portaria-01-2006-conexoes-de-saberes&Itemid=30192> Acesso em: 05 de jan. de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Portaria MEC nº 976, de 27 de julho de 2010**. Republicada em função das alterações implementadas pela Portaria MEC nº 343, de 24 de abril de 2013. Diário Oficial da União, nº 212, seção 1, p. 40, 2013. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2013/10/porMEC_n976_27_07.pdf> Acesso em: 04 de jan. de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, 2014. Disponível em: <<https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>> Acesso em: 21 de jan. de 2022.

GADOTTI, Moacir. Extensão Universitária: para quê? **Instituto Paulo Freire**, 2017. Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-universitaria-para-que>> Acesso em: 04 de jan. de 2022.

MONTALVÃO, Camila Sobral Leite Lyra et al. Grupos PET Conexões de Saberes como instrumento de permanência no ensino superior. **Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial**, Três Lagoas/MS, v. 2, n. 2, p. 59-83, 2020. Disponível em: <<https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/REPET-TL/article/view/10230>> Acesso em: 04 de jan. de 2022.

NASCIMENTO, Francisleile Lima. Ensino Remoto: o uso do Google Meet na pandemia da Covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 7, n. 19, p. 44-61, 2021. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/5028436#.YfTAtqbMK3A>> Acesso em: 29 de jan. de 2022.

RODRIGUES, Andréia Lilian Lima et al. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Caderno De Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, UNIT - Sergipe, v. 1, n. 2, p. 141-148, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/494>> Acesso em: 04 de jan. de 2022.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Revista Interfaces Científicas - Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085>> Acesso em: 29 de jan. de 2022.

SILVA, Wagner Pires da. Extensão Universitária: um conceito em construção. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 11, n. 2, p. 21-32, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/22491/14110>> Acesso em: 04 de janeiro de 2022.

EDUCAÇÃO SEXUAL DE JOVENS NA PANDEMIA COVID-19: REDE SOCIAL INSTAGRAM NAS AÇÕES EXTENSIONISTAS

YOUTH SEXUAL EDUCATION IN THE COVID-19 PANDEMIC: SOCIAL NETWORK
INSERT IN EXTENSIONIST ACTIONS

EDUCACIÓN SEXUAL DE LOS JÓVENES EN LA PANDEMIA DEL COVID-19: LA RED
SOCIAL INSTAGRAM EN LAS ACCIONES EXTENSIONISTAS

CAROLINE SANTOS OLIVEIRA¹, DIEGO GABRIEL SANTOS DE OLIVEIRA², MONALISA
BATATINHA DE CASTRO SILVA³, AILTON DE OLIVEIRA DANTAS⁴, JULIARA POLLYANA DA
SILVA ROCHA⁵, MAIANE PEREIRA DOS SANTOS⁶, RAQUEL DE ALCÂNTARA⁷, CLEUMA SUELI
SANTOS SUTO⁸

RESUMO

O estudo tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre as ações desenvolvidas pelo projeto de extensão de uma universidade pública, que tem o propósito de disseminar e compartilhar saberes a respeito da educação sexual de jovens. Foram utilizadas ações produzidas pelo projeto e publicadas na rede social do Instagram, nas formas de posts, reels e IGTV, no período de 03/06/2021 até 08/09/2021. As atividades foram gradativamente alcançando novos públicos, de acordo com a intensificação das postagens no perfil. As/Os monitoras/es perceberam que a alimentação de espaços virtuais se apresenta como facilitador da comunicação e acolhimento em educação sexual e que as ações extensionistas podem abordar temas sensíveis e imprescindíveis à sociedade, utilizando-se de tecnologias ativas e acessíveis à população jovem.

Palavras-chave: educação sexual; preservativos; sexualidade; rede social; universidades.

ABSTRACT

The study aims to present an experience report on the actions developed by the extension project of a public university, which has the purpose of disseminating and sharing knowledge about sex education for young people. We used actions produced by the project and published in the social network Instagram, in the form of posts, reels and IGTV, in the period from 06/03/2021 to 09/08/2021. The activities were gradually reaching new audiences, according to the intensification of the posts on the profile. The monitors realized that the feeding of virtual spaces presents itself as a facilitator of communication and welcoming in sexual education and that extensionist actions can address sensitive and essential themes to society, using active and accessible technologies to the young population.

Keywords: sexual education; condoms; sexuality; social network; universities.

¹Graduanda em Enfermagem, Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

²Graduando em Enfermagem, Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

³Graduanda em Enfermagem, Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

⁴Graduando em Enfermagem, Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

⁵Graduanda em Enfermagem, Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

⁶Graduanda em Enfermagem, Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

⁷Enfermeira, Universidade Federal da Bahia - UFBA.

⁸Professora, Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo presentar un informe de experiencia sobre las acciones desarrolladas por el proyecto de extensión de una universidad pública, que tiene el propósito de difundir y compartir el conocimiento sobre la educación sexual de los jóvenes. Se utilizaron acciones producidas por el proyecto y publicadas en la red social Instagram, en forma de posts, reels e IGTV, en el periodo comprendido entre el 03/06/2021 y el 08/09/2021. Las actividades fueron llegando poco a poco a nuevas audiencias, según la intensificación de las publicaciones en el perfil. Los monitores se dieron cuenta de que la alimentación de los espacios virtuales se presenta como un facilitador de la comunicación y la acogida en la educación sexual y que las acciones extensionistas pueden abordar temas sensibles y esenciales para la sociedad, utilizando tecnologías activas y accesibles a la población joven.

Keywords: educación sexual; preservativos; sexualidad; red social; universidades.

EM QUE CONSISTE A PRÁTICA A SER RELATADA

O trabalho apresentado neste artigo foi gerado durante as experiências do Grupo de Extensão Sexualidade, gênero e HIV: desafios da prevenção entre os jovens e uso do preservativo feminino, no ano de 2021, a partir das atividades desenvolvidas com jovens do sertão baiano. Frente ao que vem sendo vivenciado no contexto da pandemia do Coronavírus, é perceptível que outras doenças saíram de cena. Por meio do projeto de extensão foi possível pensar estratégias de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) no âmbito da educação sexual com jovens.

Ao longo de todo processo de desenvolvimento humano, a sexualidade se faz presente em nossas vidas, tendo bastante influência no crescimento e amadurecimento do corpo físico, nas práticas sexuais e reprodutivas, na orientação sexual e erotismo, nos vínculos amorosos e demais mudanças. Todas as ações vivenciadas durante o processo de desenvolvimento a partir do nascimento irão influenciar na construção da sexualidade, desde a forma como as mensagens são entendidas, até a construção de relações amorosas e/ou amizade, satisfatórias ou não. Assim, a vivência de uma educação sexual repressora e conservadora na família, a presença ou apagamento de discussões sobre a temática, irão influenciar na construção da nossa sexualidade (MAIA, 2014).

A Sexualidade é um importante aspecto humano e representa a interação de diversos componentes, incluindo o erotismo, identidade, intimidade, orientação sexual, papéis de gênero, prazer, reprodução e sexo. As pessoas experienciam e manifestam a sexualidade por meio de atitudes, comportamentos, pensamentos e relacionamentos. Em decorrência dos diversos componentes e maneiras de expressá-la, torna-se um assunto complexo e, muitas vezes, alvo de discussão por envolver ações e condutas preconceituosas, no que diz respeito ao interesse sexual das pessoas (AGUIAR, 2020).

Os trabalhos relacionados à educação sexual, inicialmente, tinham apenas o objetivo de ensinar aspectos relacionados aos fatores biológicos, mas hoje em dia tem-se o entendimento de que para além do aspecto biológico é importante discutir aspectos emocionais, socioculturais, histórico, entre outros, por se considerar que a educação sexual exerce um papel importante na construção da sexualidade do indivíduo (RIBEIRO; REIS, 2020). No

entanto, é necessário considerar que no cotidiano das escolas, professores e profissionais de saúde têm dificuldade em abordar o conteúdo.

Nesse sentido, historicamente, foi a partir da necessidade de se discutir a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), que as portas foram entreabertas facultando o debate e a tradução de questões importantes como a educação sexual. De início, as questões voltadas a educação sexual eram de cunho biologicista contudo, ocorre a superação dos aspectos biológicos ampliando o olhar sobre o ser humano que, deve ser visto em sua totalidade para a construção da sexualidade do indivíduo, assim, aspectos emocionais, históricos e socioculturais, entre outros, tornam-se indispensáveis (RIBEIRO; REIS, 2020).

A educação sexual é considerada um problema a ser trabalhado no campo da saúde pública. As ações de prevenção contra as IST são eficazes e podem desencadear bem-estar, empoderamento e uma corresponsabilidade entre jovens, em especial, no público feminino que tem esse olhar mais sensível diante da saúde íntima. O perfil epidemiológico das IST modificou-se gradativamente durante os últimos anos, com aumento expressivo do número de casos, tendo como consequência a dificuldade no enfrentamento em virtude do preconceito ainda enraizado nas pessoas (MOURA et al., 2021).

Evidências científicas comprovam o benefício do ensino da educação sexual nas escolas e universidades, ao verificar a necessidade de um maior esclarecimento acerca das IST/HIV/AIDS e maior compreensão no que concerne ao início das atividades sexuais e no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens. Mas, lamentavelmente, ainda existem lacunas a respeito dos conteúdos a serem desenvolvidos, pois a abordagem permanece restrita a grade curricular, coexistindo uma dispersão entre o propósito e o modo como realmente são executados (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

O presente artigo traz como objetivo apresentar ações desenvolvidas pelo projeto de extensão de uma universidade pública, que tem o propósito de disseminar e compartilhar saberes a respeito da educação sexual de jovens, utilizando a rede social Instagram como principal ferramenta de disseminação de conteúdo.

CONTEXTO EM QUE OCORRE A AÇÃO

O relato produzido ocorreu durante a pandemia COVID-19, no formato online, em decorrência das atividades educacionais também terem adotado essa modalidade de ensino. Com isto as atividades do projeto de extensão Sexualidade, gênero e HIV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que inicialmente foram planejadas para serem realizadas em escolas públicas municipais e/ou estaduais de forma presencial do Município de Senhor do Bonfim-BA, foram modificadas para o modelo online, utilizando a rede social Instagram para divulgação de conteúdos relacionados com a sexualidade.

No intuito de contribuir para o esclarecimento e problematização da sexualidade, visando a atualização e implementação de novas políticas, que tenham enfoque na promoção da saúde humana, a educação sexual tem encontrado no âmbito do Programa de Saúde na Escola (PSE) um espaço favorável no ambiente educacional (SILVA et al., 2020). Assim, implementar projetos de educação sexual pode contribuir para que jovens e adultos compreendam as transformações dos paradigmas da sexualidade e assim obtenham uma vida mais saudável, autoestima elevada, maior conhecimento sobre o corpo e identidade de gênero, além de desenvolver hábitos sobre modos de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis. Nesse sentido, projetos de extensão com vistas a desenvolver atividades de educação sexual em escolas, em decorrência da pandemia da COVID-19, têm utilizado ferramentas de rede social como o Instagram.

É possível perceber a citação das redes sociais, em especial o Instagram, como uma importante ferramenta na construção do saber e na comunicação interativa com a comunidade, principalmente no que diz respeito à saúde da população em tempos de crise. Essa plataforma além de ser didática-pedagógica, divulga material educativo, científico e informativo, combatendo fake news e promovendo lives com participação de professores e especialistas em áreas específicas do saber (MONTEIRO et al., 2020). Ferramentas como o Instagram ganharam ainda mais visibilidade entre jovens, que as vivenciam e exploram suas possibilidades para além do uso convencional. Nesse momento de pandemia, essa rede social possibilita uma maior probabilidade de alcance do público em geral, em especial, de jovens.

Diante disso, compreender a importância da utilização da rede social Instagram e sua influência no que diz respeito a divulgação de material educativo sobre a temática da sexualidade, é premente. Assim, esse estudo tem como relevância a utilização de recursos disponibilizados pelas mídias sociais em atividades educativas, pois propiciam espaços para o desenvolvimento de pensamento crítico, autonomia e cuidado de si.

PARTICIPANTES/INTEGRANTES DA AÇÃO RELATADA

Participaram ativamente desta ação alunas/os do curso de Enfermagem na condição de monitores do projeto de extensão, sendo uma bolsista e os demais voluntários, sob a orientação de uma professora do Colegiado de Enfermagem da UNEB, com a colaboração de uma Enfermeira e mestrandas da Universidade Federal da Bahia que desenvolve projeto que envolve redes sociais e sexualidade de jovens.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência que é uma narrativa moderna, cuja finalidade é descrever uma experiência que contribua de forma significativa para a sua área de formação (GROLLMUS; TARRÉS, 2015). O relato de experiência foi desenvolvido pelas/os monitoras/es bolsistas e voluntárias/os do projeto de extensão denominado “Sexualidade, Gênero e HIV: desafios da prevenção entre os jovens e uso do preservativo feminino”, através da rede social Instagram, utilizando um perfil público @projextsexualidade.

O projeto de extensão é vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no Campus VII através do Colegiado de Enfermagem. O Departamento de Educação-Campus VII oferta seis cursos de graduação, um curso de Pós-graduação lato sensu em Enfermagem em Emergência e Unidade de Terapia Intensiva e dois cursos de Pós-graduação stricto sensu: Biodiversidade Vegetal e em Ecologia Humana (PORTAL UNEB, 2021).

O projeto inicial foi pensado para ser desenvolvido no formato presencial, especificamente junto às escolas do município, todavia, devido a pandemia de COVID-19 sofreu adaptações. A utilização das redes sociais foi uma medida adotada no intuito de manter a característica de extensão universitária e garantir que a disseminação de informações produzidas chegaria ao público alvo.

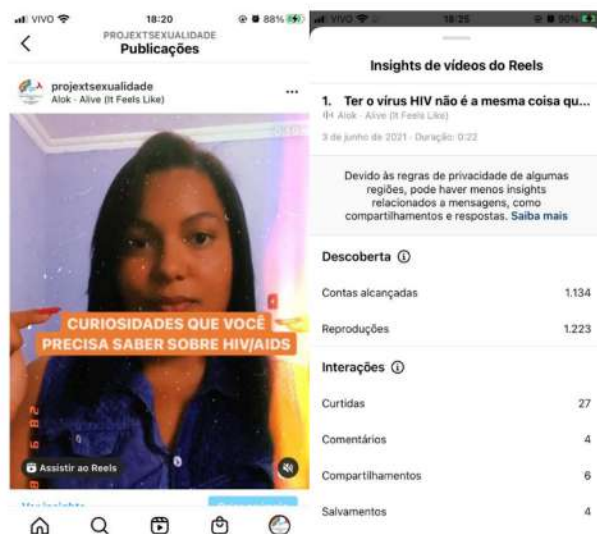
A escolha do Instagram como um ambiente virtual é justificado por ser um dos aplicativos mais importantes na atualidade no âmbito das redes sociais utilizadas por adolescentes e jovens. O estudo de Aprobato (2018) afirma que o Instagram é imprescindível para aquisição das melhores formas de promoção e prevenção das IST, e do conhecimento no que diz respeito ao autocuidado e a mudança de comportamento favorável à saúde psicofisiológica.

Para esse relato de experiência foram utilizadas algumas ações produzidas pelo projeto por meio de conteúdos digitais publicados nas formas de posts, reels e IGTV nas temáticas: educação sexual, prevenção às IST, identidade de gênero e orientação sexual. Foram priorizadas as atividades desenvolvidas e que obtiveram maior alcance, compartilhamento, curtidas e impressões/reproduções, no período de 03/06/2021 até 08/09/2021. Os resultados aqui abordados foram discutidos com base na literatura.

RESULTADOS ALCANÇADOS

A página do projeto foi criada no Instagram no dia 04/05/2021 com o objetivo de informar a seu público-alvo (jovens) sobre temas inerentes à educação sexual. As publicações iniciais versaram sobre o projeto e seus membros. Dentre as publicações que obtiveram maior interação, no período de 03/06/2021 até 08/09/2021, o reels “Curiosidades que você precisa saber sobre sobre HIV/AIDS” obteve destaque (Figura 1).

Figura 1- Print do reels intitulado: Curiosidades que você precisa saber sobre HIV/Aids e seu engajamento. Senhor do Bonfim-BA, 2021.

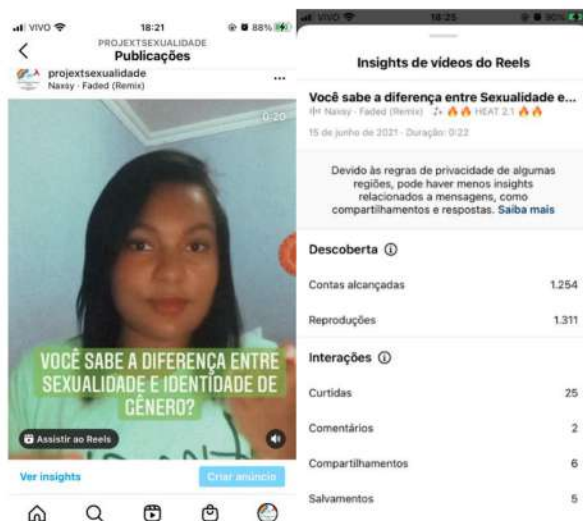


Fonte: Instagram @projextsexualidade.

Essa publicação data de 03/06/2021 e obteve alcance de 1.129 pessoas, 06 compartilhamentos, 27 curtidas e 1.208 reproduções. Seu conteúdo aborda as principais dúvidas relacionadas ao HIV/AIDS.

Em seguida, o reels “Você sabe a diferença entre sexualidade e identidade de gênero?“, publicada no dia 15/06/2021, com alcance de 1.253 pessoas, 06 compartilhamentos, 25 curtidas, 1.291 reproduções (Figura 2). Esse reels buscou explicar, em linguagem coloquial, a diferença entre sexualidade e identidade de gênero e chamou atenção dos seguidores.

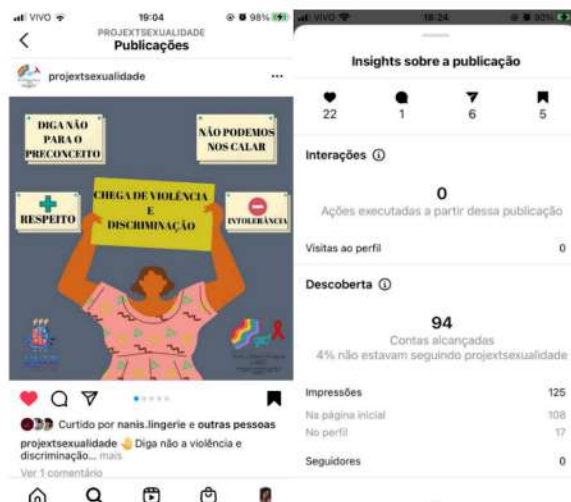
Figura 2 - Print do reels intitulado: Você sabe a diferença entre sexualidade e identidade de gênero? Senhor do Bonfim-BA, 2021.



Fonte: Instagram @projextsexualidade.

O post denominado “Chega de violência e discriminação”, publicado no dia 20/07/2021, obteve o alcance de 90 pessoas, 06 compartilhamentos, 22 curtidas e 110 impressões. Aborda a violência e discriminação no Brasil, conforme figura 3.

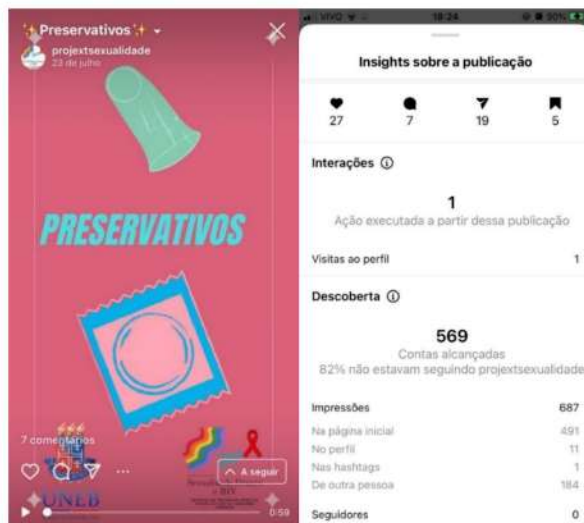
Figura 3 - Print do post intitulado: Chega de violência e discriminação. Senhor do Bonfim-BA,2021.



Fonte: Instagram @projextsexualidade.

O IGTV “Preservativos” (Figura 4), publicado no dia 23/07/2021, também foi selecionado devido ao alcance de 565 pessoas, 19 compartilhamentos, 27 curtidas e 677 impressões. Trata sobre o uso correto dos preservativos interno e externo.

Figura 4 - Print do IGTV intitulado: Preservativos. Senhor do Bonfim-BA, 2021.



Fonte: Instagram @projextsexualidade.

E por último, o IGTV “Aprenda utilizar o preservativo interno e o preservativo externo” publicado no dia 10/09/2021, com alcance de 348 pessoas, 0 compartilhamentos, 19 curtidas e 415 impressões (Figura 5).

Figura 5 - Print do IGTV intitulado “Aprenda utilizar o preservativo interno e o preservativo externo”. Senhor do Bonfim-BA, 2021.



Fonte: Instagram @projextsexualidade.

As postagens do perfil @projextsexualidade também foram repostadas em perfis individuais das/os monitoras/as obtendo, assim, maiores repercussões. Ao expandir para outros perfis no Instagram, novos grupos foram alcançados. A utilização dessa estratégia pelo grupo tem propiciado trocas de opiniões e saberes além de estimular, entre indivíduos não seguidores do perfil, sua adesão ao projeto.

Algumas monitoras receberam, em seus perfis, directos buscando um maior aprofundamento sobre determinadas temáticas. Em especial, a postagem sobre o tema “saúde da população trans” mobilizou a procura por apoio das/os monitoras/es para falar em “particular” sobre inquietações e vivências de transgeneridade.

O QUE SE APRENDEU COM A EXPERIÊNCIA

A utilização de mídias sociais para o início das ações do projeto se deu, principalmente, pela impossibilidade de realização de encontros presenciais nas escolas. As atividades desenvolvidas foram gradativamente alcançando jovens que acessavam a rede social e também novos públicos, de acordo com a frequência das postagens no perfil.

As/Os monitoras/es perceberam que a manutenção de espaços virtuais, para a divulgação de conteúdos sensíveis tornou-se um espaço facilitador para a comunicação e acolhimento em educação sexual para jovens durante a pandemia. Um estudo publicado em 2019 aponta que as

mídias sociais propiciam maior interação em tempo real, acolhimento a grupos específicos, espaços de (auto)aceitação de pessoas com identidades de gênero contrárias ao que é imposto pela sociedade, sendo um ambiente saudável para expor suas opiniões (WANDERLEY, 2019).

Para tornar a nova versão do projeto um espaço de comunicação e acolhimento, o uso de uma linguagem acessível foi de extrema importância. A escolha dos temas exigiu um planejamento constante, pois é imprescindível que se aborde de tudo um pouco no campo da sexualidade, sempre com informações científicas relevantes e cuidadosamente desenvolvidas para as especificidades do público-alvo.

Um projeto de extensão utilizou as mídias sociais inicialmente para sensibilização das/os participantes e, em seguida, distribuiu as máscaras de proteção no intuito de prover informações a pessoas em situação de extrema vulnerabilidade devido a pandemia ocasionada pela COVID-19, por meio de ações que buscaram informar e sensibilizar, o que resultou em maior adesão ao uso de máscaras (CHAGAS et al., 2021).

Com o uso do Instagram é sabido sobre a necessidade de monitorar o feedback das/os seguidoras/es na página através de curtidas, compartilhamentos e da visualização do material, levando sempre em consideração a importância de se trabalhar em equipe apesar da distância.

Nem sempre a facilidade de troca de informações proporcionada pelas redes sociais apresenta resultados positivos. A necessidade de comunicação e compartilhamento de momentos da vida privada é papel desempenhado pelas redes sociais, que surgiram e se aprimoraram para suprir essas necessidades. A rede social Instagram tornou-se uma das principais ferramentas de compartilhamento de fotos. No entanto, através disso criou-se uma “realidade utópica” onde pessoas famosas e influenciadores demonstram um estilo de vida perfeito, criando um padrão de beleza que em sua maioria, se torna prejudicial para muitos jovens que ficam infelizes por não conseguirem alcançar aquele padrão de vida e beleza que acompanham diariamente (SILVA et al., 2019; MONTEIRO, 2020).

As mídias sociais também possuem um grande papel na construção de ações que influenciam nas questões educacionais e comportamentais dos sujeitos. Desta forma é indubitável que haja cautela no processo de informar, para que não ocorra indução de poder midiático, como por exemplo a imposição de padrões (KRAVETZ et al., 2021; RODRIGUES; CORRÊA, 2016).

O período pandêmico acirrou o uso da linguagem de forma mais interativa e capaz de levar luz aos locais mais obscuros, promovendo uma visão mais ampla sobre o conhecimento a ser absorvido, além de promover ações que permitam conhecer os indivíduos e seus coletivos, facilitando assim a comunicação (FELICIANO, 2010). Baseado nisto e nos resultados obtidos através das postagens e engajamento de jovens, percebeu-se a importância de utilizar uma linguagem adaptada para o público-alvo e adequada às mídias sociais.

A forma com que as pessoas irão assimilar as informações disseminadas, não depende somente do que é publicado, mas também da forma com que o conteúdo é apresentado nessas mídias sociais (KRAVETZ et al., 2021). É necessário entender que a internet é uma das

principais ferramentas digitais que podem ser utilizadas nesse período de pandemia da COVID-19 para associar saúde à informação e assim funcionar como estratégia de ensino, promovendo mudanças sociais necessárias para a prestação de cuidado e prevenção de doenças (GONÇALVES; FERRAZ; OLIVEIRA; et al, 2021).

A desinibição das/os monitoras/es, com o uso das suas imagens por meio dos reels, ou seja, jovens falando para jovens, gerou engajamentos no perfil do projeto. Isto ficou evidenciado nos resultados pois, observou-se que essas ações obtiveram maior número de visualizações e impressões, já que o reels é “a febre” do momento na rede social Instagram.

Observou-se ainda, na experiência vivenciada pelas (os) monitoras (es), que os temas abordados que envolveram palavras-chave como: HIV, sexualidade e gênero, implicaram em maiores visualizações. Suscitando a ideia de que a escolha dos títulos para os cards devem ser refletidos pelo grupo cuidadosamente, antes das postagens, uma vez que temas específicos requerem maior número de postagem.

As discussões semanais para planejamentos das ações e discussão dos temas a serem abordados, propiciou o envolvimento das (os) monitoras, a ampliação das demandas de jovens que acessaram a mídia e a necessidade de discussões para embasamento teórico e didático para a construção dos cards e vídeos.

A extensão universitária possui um grande papel nesse processo de prover informação a comunidade, principalmente nesse período pandêmico. Segundo Gonçalves, Ferraz e Oliveira et al, (2021) o uso de ferramentas digitais como o Instagram são sem dúvida alguma, uma forma eficiente de disseminar e externar o conhecimento universitário para toda a comunidade via internet, corroborando diretamente com o que o presente trabalho desenvolveu em suas atividades, tendo atingido um público considerável e assim um alcance satisfatório das informações difundidas pelo projeto.

Observamos algumas limitações, dentre elas, a impossibilidade em conseguir avaliar a real satisfação das (os) seguidoras (es). A plataforma não disponibiliza o uso de ferramentas de análise de satisfação a respeito das postagens. Outra limitação percebida foi que nem todos (as) os(as) estudantes de escolas públicas, nosso público-alvo, possuem acesso a internet ou a ferramenta Instagram. Entretanto é necessário entender que este trabalho conseguiu atingir grande parte do público a qual as postagens foram direcionadas, sendo evidenciadas nos resultados deste trabalho levando em conta todo o engajamento alcançado.

RELAÇÃO DA PRÁTICA COM OS CONCEITOS DE EXTENSÃO

A produção de conteúdos e informações divulgados no Instagram do grupo de extensão, que geraram visualizações, alertam para a necessidade de estimular a discussão dos temas desenvolvidos, pois trouxeram resultados positivos e alcance significativo. Foi possível evidenciar

que a utilização de redes sociais, como ferramenta para a promoção da educação em saúde sexual de jovens, principalmente no que diz respeito aos estudantes, pode contribuir, significativamente, para viabilizar a disseminação do saber com engajamento e acolhimento de especificidades que perpassam a temática da sexualidade e prevenção às IST.

Ações extensionistas, mesmo no contexto da pandemia da COVID-19, podem abordar temas sensíveis e imprescindíveis à sociedade, ao dispor de tecnologias ativas e acessíveis à população jovem.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rosaline Bezerra; Leal; CAMPOS, Márcia Carréra; MARQUES, Ana Paula de Oliveira. Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em pessoas idosas com HIV. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2020, v. 25, n. 6, pp. 2051-2062.

APROBATO, Valéria C. Corpo digital e bem estar na rede Instagram: um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.** São Paulo , v. 38, n. 95, p. 157-164, 2018.

CHAGAS, Roginaldo de Brito, et al. Prevenção ao contágio por COVID-19 em bairros do distrito sanitário cabula-beiru: estratégias de ações que propiciaram isolamento social. **Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva**, v. 2, p. 10258, 10 jun. 2021.

FELICIANO, Katia Virginia de Oliveira. Aspectos da comunicação nas práticas avaliativas na Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**. 2010; 10(1):219-227.

GONÇALVES, Maria Isabel Almeida; FERRAZ, Maria Emília Ferraz Almeida de; OLIVEIRA, Taislândia Oliveira; BERNARDES, Marianna Bernardes. Tempos de pandemia: educação em saúde via redes sociais. **Revista de Extensão da UPE**, v. 6, n. 1, p. 38–45, 2021.

GROLLMUS, Nicolás Schöngut; TARRÉS, Joan Pujol. Relatos metodológicos: difractando experiências narrativas de investigación. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, v. 16, n. 2, 26 Apr.2015.

KRAVETZ, Patrícia Louise et al. Representações Sociais do Suicídio para adolescentes de uma Escola Pública de Curitiba, Paraná, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2021, v. 26, n. 4, pp. 1533-1542.

MAIA, Ana Clúdia Bortolozzi. Sexualidade e educação sexual. **Acervo digital UNESP**, p. 1-15, 10 jul. 2014.

MONTEIRO, Ítalo Vinícius Bezerra et al.. Uso da ferramenta de mídia social, instagram, como meio para contribuir na construção do conhecimento, difundir informações científicas e combater “fake news” durante a pandemia da COVID-19. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 12, n. 1, 4 set. 2020.

MOURA, Samy Loraynn Oliveira et al. Percepção de mulheres quanto à sua vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Esc Anna Nery**, v. 25, ed. 1, p. 1-8, 2021.

Portal Uneb. Disponível em: <https://portal.uneb.br/senhordobonfim/>. Acesso em: 05 out. 2021

PROJETO, Sexualidade, Gênero e HIV: desafios da prevenção entre jovens e uso de preservativo feminino. Senhor do Bonfim, 02.12.2021. **Instagram**: @projextsexualidade. Disponível em: <https://www.instagram.com/projextsexualidade/>.

RIBEIRO, Marcos; REIS, Wagner. Educação sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 18, n .2, 09 set. 2020.

RODRIGUES, Carlos Manoel Lopes; CORRÊA, Claudia Regina. O sofrimento é opcional: uma análise do uso do conceito de resiliência no trabalho na mídia para o grande público. **Outras Palavras**, v. 12, n. 1, p. 32-42, jun. 2016.

SILVA, Sílvia Manuela Dias Tavares et al. Diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade. **Acta Paulista de Enfermagem**. 2020, v. 33, 11 Maio 2020.

SILVA, Alana Vieira da; PINTO, Fernanda Sales; SILVA, Marta Lorena Bezerra da; TEIXEIRA, Juliana Fernandes. A Influência do Instagram no cotidiano: Possíveis Impactos do Aplicativo em seus usuários. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, São Luís - MA, p. 1-14, 2019.

VIEIRA, PRISCILA MUGNAI; MATSUKURA, THELMA SIMÕES. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**. 2017, v. 22, n. 69, pp. 453-474.

WANDERLEY, Anderson Dos Santos. A influência das redes sociais no processo de compreensão e aceitação da sexualidade e identidade de gênero por jovens lgbt+s, e o papel da escola nesse contexto. **Anais IV CONAPESC**. Campina Grande: Realize Editora, 2019.

SUPORTE BÁSICO DE VIDA PARA LEIGOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

BASIC LIFE SUPPORT FOR LAY PEOPLE: AN EXPERIENCE REPORT

SOPORTE VITAL BÁSICO PARA LAICOS: RELATO DE UNA EXPERIENCIA

ANA BEATRIZ DA SILVA¹, ALRIVÂNIA MOURA GUIMARÃES², FERNANDA LETÍCIA DA COSTA BEZERRA³, PEDRO VINÍCIUS SOUZA ALMEIDA⁴, LUIS FELIPE LOPES FERNANDES⁵, JOHNY CARLOS DE QUEIROZ⁶

RESUMO

O presente estudo visa relatar a experiência de discentes e docente do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) acerca de uma ação realizada pelo projeto de extensão Suporte Básico de vida em uma Escola Pública de Mossoró/RN sobre Suporte Básico de Vida (SBV) com servidores da Prefeitura Municipal de Mossoró-RN. O público-alvo foi composto por motoristas e os assuntos foram tratados de forma teórico/prática, assim elencados: conceitos e diretrizes do SBV, biossegurança, desmaios, convulsões, choque elétrico, hemorragias e queimaduras. Ao término da ação, os participantes descreveram a experiência, avaliando a metodologia utilizada. Os resultados foram positivos; as dúvidas foram sanadas, os conceitos repensados e as curiosidades esclarecidas.

Palavras-chave: Suporte Básico de Vida; Enfermagem; Extensão.

ABSTRACT

The present study aims to report the experience of students and professors of the Nursing course at the University of the State of Rio Grande do Norte (UERN) about an action carried out by the Basic Life Support extension project in a Public School in Mossoró/RN on Support Life Basics (SBV) with servers from the Municipality of Mossoró-RN. The target audience consisted of drivers and the subjects were treated in a theoretical/practical way, as follows: concepts and guidelines of the BLS, biosafety, fainting, convulsions, electric shock, hemorrhages and burns. At the end of the action, the participants described the experience, evaluating the methodology used. The results were positive; doubts were resolved, concepts rethought and curiosities clarified.

Keywords: Basic Life Support; Nursing; Extension.

¹ Graduanda do 6º período do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

² Graduanda do 6º período do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

³ Graduanda do 4º Período do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

⁴ Graduando do 2º período do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

⁵ Graduando do 2º Período do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

⁶ Mestre em Enfermagem. Docente do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo relatar la experiencia de estudiantes y profesores del curso de Enfermería de la Universidad del Estado de Rio Grande do Norte (UERN) sobre una acción realizada por el proyecto de extensión Soporte Vital Básico en una Escuela Pública de Mossoró/RN en Fundamentos de Vida de Apoyo (SBV) con servidores del Municipio de Mossoró-RN. El público objetivo fueron los conductores y los temas fueron tratados de forma teórico/práctica, así: conceptos y lineamientos del SVB, bioseguridad, desmayos, convulsiones, descargas eléctricas, hemorragias y quemaduras. Al final de la acción, los participantes describieron la experiencia, evaluando la metodología utilizada. Los resultados fueron positivos; se resolvieron dudas, se replantearon conceptos y se aclararon curiosidades.

Keywords: Soporte Vital Básico; Enfermería; Extensión.

EM QUE CONSISTE A PRÁTICA A SER RELATADA

O Suporte Básico de Vida (SBV) é o conjunto de medidas e procedimentos técnicos que objetivam o apoio à vítima. Segundo Bernoche et al. (2019), ele é composto por etapas a serem realizadas de forma sequencial. Sendo elas: segurança de cena, avaliação do paciente, acionamento de ajuda com solicitação de um desfibrilador externo automático, observação da respiração e do pulso, e se a Parada Cardiorrespiratória (PCR) for confirmada, início rápido das manobras de resgate com execução de compressões e ventilações. Conforme citam Silva et al. (2020), a delonga em se iniciar - ou mesmo a não realização - a ressuscitação cardiopulmonar (RCP) por parte de profissionais da saúde ou leigos diminui as chances de sobrevivida de vítimas de PCR, da mesma forma como a falta de preparo e treinamento são fatores prejudiciais no atendimento.

Diante disso, como mostram Silva et al. (2017), projetos de capacitações em SBV para desconhecedores são viáveis e necessários em diversos ambientes. Ademais, como é evidenciado por Landa e Ferreira (2020), alguns países, visando a redução de danos, vêm instruindo leigos em SBV; porém, no Brasil, as estatísticas permanecem inespecíficas. No entanto, identifica-se o carência de produzir e aprofundar conhecimento científico sobre o tema. O treinamento não deve ser direcionado somente aos profissionais de saúde, mas também para os inexperientes, a fim de gabaritar o maior número de pessoas na sociedade para prestar um socorro veloz e eficiente, melhorando a sobrevivida da vítima (BRAVIN; SOBRINHO; SEIXAS, 2018).

Verifica-se a importância de conhecimento na área de primeiros socorros, pois o domínio no assunto pode evitar complicações futuras e salvar vidas. O entendimento acerca das técnicas de atenção imediata é capaz de promover a diferença no momento de realizar atendimento de necessidade a um indivíduo em situação de emergência (AOYAMA; MAGALHÃES, 2020). Em muitos casos, Ferreira et al. (2017) relatam que essa falta de competência por parte da população causa inúmeros problemas, como o estado de pânico ao ver o acidentado, manipulação incorreta da vítima e ainda a solicitação excessiva e às vezes desnecessária do socorro especializado em emergência.

As primeiras horas após um acidente são as mais importantes para se garantir a recuperação ou a sobrevivência dos indivíduos feridos, bem como evitar sequelas e danos (COELHO, 2015). Dessa maneira, é imprescindível que os indivíduos tenham acesso às informações sobre primeiros socorros e o que fazer diante dessas situações (ARANHA et al., 2019). Conforme versa Pereira et al. (2015), os primeiros socorros podem ser realizados por qualquer cidadão que possua conhecimento das técnicas básicas.

Nessa perspectiva, nota-se a importância das ações de educação em saúde, sendo definidas como um conjunto de práticas do setor que contribuem para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os profissionais e gestores (BRASIL, 2006). Assim, percebe-se que a educação em saúde é considerada como um instrumento relevante para ampliação do conhecimento e das práticas relacionadas aos comportamentos saudáveis dos indivíduos.

Diante do exposto, o presente estudo objetiva relatar a experiência de discentes e docente do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) acerca de uma capacitação realizada com leigos sobre SBV na cidade de Mossoró-RN.

CONTEXTO EM QUE OCORRE A AÇÃO

Devido o despreparo em SBV, pessoas leigas, na maioria das vezes não conseguem socorrer vítimas de acidentes e isso aumenta ainda mais os índices de mortes evitáveis por engasgos, hemorragias, PCR e outras. Dessa forma, os primeiros socorros são agentes de suma importância na prestação de atendimento, no entanto, ainda são pouco expandidos para os cidadãos de modo geral (SALES et al., 2016). Nesse contexto, surge a necessidade de capacitar pessoas leigas em primeiros socorros, pois a prevenção, o conhecimento e a destreza para realizar os atendimentos é imprescindível e pode salvar uma vida (RIBEIRO et al., 2019).

Diante disso, os membros do projeto de extensão “Suporte Básico de Vida em uma Escola Pública de Mossoró/RN” realizaram uma capacitação com servidores públicos municipais da referida cidade, com o intuito de ensiná-los acerca do SBV e da prestação de primeiros socorros, para que eles soubesse agir em casos de acidentes, sejam na rua, em casa ou em outros ambientes. A ação aconteceu no auditório da Faculdade de Enfermagem (FAEN) da UERN, no campus central, Mossoró-RN.

PARTICIPANTES/INTEGRANTES DA AÇÃO RELATADA

Participaram da ação cinco estudantes e um docente do curso de Enfermagem da UERN, membros do projeto de extensão. Além desses, o público-alvo foi composto por motoristas da prefeitura municipal de Mossoró-RN, que foram informados sobre conceitos de SBV e primeiros socorros e como proceder em casos de acidentes.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência. O presente trabalho informa a vivência de discentes do curso de Enfermagem acerca de uma capacitação realizada junto aos trabalhadores da prefeitura de Mossoró-RN. A ação aconteceu após o convite de uma servidora da Secretaria Municipal de Saúde, que chamou os discentes do curso de Enfermagem para ministrar um treinamento para os motoristas da prefeitura. Posteriormente, os alunos se reuniram de forma online, pela plataforma Google Meet, para planejar essa atividade. Depois de uma semana de preparação do material, a intervenção foi realizada no dia 09/10/2021, das 8h30 às 11h, no auditório da Faculdade de Enfermagem da UERN, oportunidade na qual foram abordadas as principais temáticas relacionadas aos primeiros socorros e ao SBV.

O público-alvo foi composto por motoristas e os assuntos foram abordados de maneira teórica e prática, divididos em dois momentos. Primeiro momento: conceitos e diretrizes do SBV, biossegurança, desmaios, convulsões, choque elétrico, hemorragias e queimaduras. Segundo momento: após a exposição de conteúdo por meio de slides, foram desenvolvidas simulações enfatizando situações de PCR, engasgos, desmaios, convulsões e hemorragias. Além disso, foi explicado como proceder nesses casos, sempre enfatizando as medidas de biossegurança necessárias para a proteção dos socorristas no momento de ajudar a vítima.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Notou-se que o público-alvo adquiriu conhecimentos satisfatórios na área de SBV, pois estavam assíduos e interativos, respondendo às perguntas que lhes foram feitas de forma correta e mostrando como proceder em caso de acidentes. É importante ressaltar que desde o início até o final da ação os participantes demonstravam-se ávidos, assim foi possível perceber a relevância do assunto para a vida deles, uma vez que diversas dúvidas foram sanadas, conceitos repensados e esclarecidos.

Além disso, houve a possibilidade aos acadêmicos que promoveram a ação de uma aproximação com o público, bem como o desenvolvimento do ensinar/aprender de forma dinâmica e objetiva. Outrossim, verifica-se que a discussão com os motoristas foi de grande importância, principalmente porque com o conhecimento adequado em primeiros socorros é possível que esses indivíduos tenham segurança ao socorrer uma vítima de acidentes. Ademais, a metodologia utilizada propiciou a participação ativa de todos que estavam presentes na ação.

Ao final da capacitação, o público-alvo foi convidado a avaliar a intervenção, destacando os pontos positivos e negativos, bem como a atribuir sugestões para as próximas práticas educativas. Os motoristas relataram sobre a influência do assunto na vida deles e falaram como o encontro foi proveitoso, apesar das limitações, pois o contexto pandêmico impossibilitou a participação de mais

peessoas. Portanto, ao refletir sobre o percurso metodológico, percebe-se que, embora o grupo tenha enfrentado algumas dificuldades durante o processo, conseguiu cumprir os objetivos e obter bons resultados.

O QUE SE APRENDEU COM A EXPERIÊNCIA

As atividades de extensão possuem diversos benefícios e são de grande relevância acadêmica e social, pois essas ações proporcionam uma aproximação entre a universidade e a população em geral. Embora a pandemia da COVID-19 tenha impossibilitado a realização de mais intervenções educativas planejadas, nota-se a importância dessa capacitação com os motoristas, pois por meio dessa experiência foi possível promover informações pertinentes sobre SBV e primeiros socorros para os leigos.

Através da experiência foi permitido que os discentes repassassem os conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação acadêmica e fizessem uma aproximação com o público, dessa forma evidencia-se o valor e a magnitude das extensões universitárias. Ressalta-se também a contribuição deste trabalho para outras pesquisas que abordem a temática de primeiros socorros, com ênfase naquelas que se destinam ao ensino para leigos, pois é notório que ainda são poucas as publicações com foco nesta área.

REGISTROS FOTOGRÁFICOS DAS ATIVIDADES

Figura 1: Abordagem de choque elétrico.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2: Abordagem de convulsões.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 3: Abordagem de queimaduras.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4: Simulação massagem cardíaca.



Fonte: Arquivo pessoal.

RELAÇÃO DA PRÁTICA COM OS CONCEITOS DE EXTENSÃO

A extensão universitária apresenta papel importante na sociedade ao disseminar o aprendizado produzido dentro da faculdade para fora dela (DINIZ, et al. 2020). Dessa maneira, as atividades de extensão promovem resultados satisfatórios, pois como é citado por Silva et al. (2014), elas são meios estratégicos para possibilitar práticas integradas entre várias áreas do conhecimento.

Reforça-se a ideia de que as ações educativas são importantes para a promoção de informações relacionadas à saúde e qualidade de vida. Por meio dessas intervenções é possível instruir a população sobre as mais variadas temáticas. Dessa forma, faz-se necessária a constante capacitação para o desenvolvimento da habilidade prática. Com isso, evidencia-se a relevância das atividades de extensão na área de primeiros socorros, pois através dos conhecimentos adquiridos, pessoas leigas terão mais confiança no momento de socorrer uma vítima. Assim sendo, evidencia-se a significância da extensão dinâmica e viva, capaz de oxigenar a produção de conhecimento e de fazer valer a missão social da universidade.

As temáticas abordadas neste projeto de extensão podem ser discutidas com diversos grupos de indivíduos, pois a maioria das pessoas leigas em primeiros socorros já presenciou ou foi vítima de algum acidente. Por causa disso as suas experiências pessoais servirão como base para as ações, reformulando e modificando a sua forma de atuação em situações que necessitem das técnicas de SBV, com vista em um primeiro atendimento mais eficaz e seguro tanto para a vítima quanto para o socorrista.

REFERÊNCIAS

AOYAMA, E. A.; MAGALHÃES, K. R. M. A importância do conhecimento em primeiros socorros entre profissionais da área de educação no ambiente escolar. **Rev. Bras. Interdisciplinar de Saúde**, 9 out. 2020. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/129>. Acesso em: 05 jan. 2022.

ARANHA, A. L. B et al. Revisão integrativa: importância da orientação de técnicas de primeiros socorros para leigos. **Rev. Cient. Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 06, n. 05, p. 218–242, maio. 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/primeiros-socorros>. Acesso em: 05 jan. 2022.

BERNOCHE, C. et al. Atualização da Diretriz de Ressuscitação Cardiopulmonar e Cuidados de Emergência da Sociedade Brasileira de Cardiologia. **Arq. Bras. Cardiol**, v. 113, n. 3, p. 449-663, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc/a/7hYYNQk4XHWckmPbFcFD7kP/?lang=pt>. Acesso em: 03 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRAVIN, R. B. C.; SOBRINHO, A. L. P. C.; SEIXAS, M. M. S. E. A importância do Suporte Básico de Vida na Odontologia. **Rev. da Faculdade de Odontologia - UPF**, v. 23, n. 3, p. 371–376, 18 dez. 2018.

COELHO, J. P. S. L. Ensino de primeiros socorros nas escolas e sua eficácia. **Rev. Cient. do ITPAC**, Araguaína, v. 1, n. 4, p. 1-2, 2015. Disponível em: <https://assets.unitpac.com.br/arquivos/coppex/revista%20volume%208/artigo7.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2022.

DINIZ, E. G. M. A et al. A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela COVID-19. **Braz. J. of Develop.** Curitiba, v. 6, n. 9, p. 72999-73010. 2020. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:_H8VuJd1m7AJ:https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/17434/14151+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 28 fev. 2022.

FERREIRA, M. G. N et al. O leigo em primeiros socorros: uma revisão integrativa. **Rev. de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 15, n. 3, p. 12–20, 2017. Disponível em: <http://www.facene.com.br/wp-content/uploads/2010/11/Artigo-02.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2022.

LANDA, J.; FERREIRA, A. M. G. B. Transferência do Conhecimento de Suporte Básico de Vida para Leigos e Profissionais de Saúde: uma Revisão Integrativa. **Rev. Bras. Multidisciplinar**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 99-114, 2020. Disponível em: <https://revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/810>. Acesso em: 4 jan. 2022.

PEREIRA, K. C et al. A construção de conhecimentos sobre prevenção de acidentes e primeiros socorros por parte do público leigo. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, Minas Gerais, v. 05, n. 11, p. 1478-1485, jan/abr. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/456>. Acesso em: 05 jan. 2022.

RIBEIRO, T. L et al. Primeiros socorros: conhecimento dos professores de ensino fundamental do município de Quixadá em situações de emergência no ambiente escolar. **Revista Mostra Interdisciplinar do Curso de Enfermagem**, v. 3, n. 1, 2019.

SALES, J. S et al. Formação de professores e nível de conhecimento de professores de educação física escolar sobre os primeiros socorros na cidade do Natal/RN. **Rev. Humano Ser**, v. 1, n. 1, 2016.

SILVA, B. K. M et al. O conhecimento acerca do suporte básico de vida: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 72021–72039, 25 set. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/17273/14038>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SILVA, C. R. C et al. Extensão universitária e prática dos agentes comunitários de saúde: acolhimento e aprendizado cidadão. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 677-688, 2014.

SILVA, J. K et al. Suporte básico de vida para leigos: relato de atividades extensionistas. **Rev. Ciênc. Ext**, v. 13, n. 1, p. 190-203, 2017. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1383. Acesso em: 04 jan. 2022.

USO DA GAMIFICAÇÃO NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM DE AGRAVOS EM SAÚDE PÚBLICA COM ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

USE OF GAMIFICATION IN TEACHING-LEARNING PROCESS ABOUT PUBLIC HEALTH
PROBLEMS WITH ADOLESCENTS: AN EXPERIENCE REPORT

USO DE LA GAMIFICACIÓN EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA Y EL APRENDIZAJE DE
PROBLEMAS DE SALUD PÚBLICA CON ADOLESCENTES: UN RELATO DE EXPERIENCIA

SABRINA ALVES DA SILVA¹, NATANIAS MACSON DA SILVA², TASSIO DANILO REGO
DE QUEIROZ³, ELLANY GURGEL COSME DO NASCIMENTO⁴, ALLYSSANDRA MARIA
LIMA RODRIGUES MAIA⁵

RESUMO

As metodologias ativas têm se destacado no fortalecimento da educação básica, principalmente na educação em saúde de adolescentes. Trata-se de um relato vivencial na ótica dos extensionistas, baseado no uso da gamificação em uma ação do projeto FAASPE no município de Areia Branca/RN, objetivando identificar benefícios na aquisição de saberes sobre agravos em saúde pública. Nesse seguimento, 23 adolescentes secundaristas, com idades entre 15 e 18 anos, participaram da ação educativa mediada pela gamificação, a qual se mostrou positiva na construção de saberes anatômicos, fisiopatológicos e dos fatores de riscos das patologias abordadas, solidificando a Educação Popular em Saúde com os jovens e adensando a autonomia para o autocuidado na adolescência e redução de comportamentos de risco.

Palavras-chave: Saúde Pública; Educação em Saúde; Ensino; Adolescente; Jogos Recreativos.

ABSTRACT

Active methodologies have been highlighted in the strengthening of basic education, especially in health education for adolescents. This is an experiential report from the perspective of extensionistas, based on the use of gamification in an action of the FAASPE project in the municipality of Areia Branca/RN, aiming to identify benefits in the acquisition of knowledge about diseases in public health. In this follow-up, 23 adolescent high school students, aged 15 to 18 years, participated in the educational action mediated by gamification, which proved positive in building anatomical and pathophysiological knowledge and risk factors of the diseases addressed, solidifying Popular Health Education with young people and increasing autonomy for self-care in adolescence and reducing risk behaviors.

Keywords: Public Health; Health Education; Teaching; Adolescent; Recreation Games.

¹Graduanda em Medicina pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

²Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde e Sociedade (PPGSS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

³Graduando em Medicina pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

⁴Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

⁵Doutora em Ciência Animal pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

RESUMEN

Las metodologías activas se centran en el fortalecimiento de la educación básica, principalmente en la educación en salud de los adolescentes. Este es un informe experiencial desde la perspectiva de los extensionistas, basado en el uso de la gamificación en una acción del proyecto FAASPE en el municipio de Areia Branca/RN, con el objetivo de identificar los beneficios en la adquisición de conocimientos sobre los problemas de salud pública. En este seguimiento, 23 estudiantes adolescentes de secundaria de entre 15 y 18 años participaron en la acción educativa mediada por la gamificación, que resultó positiva para construir el conocimiento anatómico y fisiopatológico y los factores de riesgo de las enfermedades abordadas, solidificando la Educación Popular en Salud con los jóvenes y aumentando la autonomía para el autocuidado en la adolescencia y reduciendo las conductas de riesgo.

Palabras Clave: Salud Pública; Educación para la salud; Enseñando; Adolescente; Juegos recreativos.

INTRODUÇÃO

A gamificação é uma ferramenta pedagógica atrativa para os adolescentes durante o processo de ensino-aprendizagem. Isso porque o uso de jogos interativos possibilita o envolvimento dos alunos com a temática proposta, em um ambiente desafiador que agrega valor aos conhecimentos adquiridos no processo de aprendizagem (MACKAVEY; CRON, 2019). Além disso, fornece aos tutores um feedback em tempo real dos alunos ao longo da execução dos jogos, o que lhes permitem formular novas estratégias para aperfeiçoar a metodologia com jogos (ROCHE et al., 2018).

A partir do pensamento educacional conectado à saúde, a gamificação surge a partir do conceito de reunir objetivos de educação em saúde mediante jogos com abordagem pedagógica estratégica, como estímulo à participação efetiva dos envolvidos, o que pode encurtar distâncias socioeconômicas e relacionais vinculadas à vida dos participantes (FRAZÃO; NAKAMOTO, 2020).

Nesse enfoque, o aprendizado que se baseia em jogos digitais e na gamificação exemplificam metodologias que favorecem a incorporação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em sala de aula (COSTA et al., 2020). Tratando-se do educar em saúde, ação que busca o entendimento do entorno e a tomada de decisões, é oportuno inserir novas metodologias para o repasse de saberes nessa área do conhecimento, pois fomentam a discussão, a interação e a mudança de condutas, voltando-se para a promoção e a prevenção de doenças, além de tornar prazeroso o ato de aprender para o aluno e para o professor (ROMEIRO; DE LIMA PAULA; ROSA, 2019).

Baseado nesse pressuposto, este estudo buscou descrever a aplicação dos jogos educativos sobre agravos em saúde como ferramenta do processo ensino-aprendizagem de estudantes secundaristas de uma escola estadual do município de Areia Branca/RN.

Fisiopatologia e Anatomia de Agravos de Saúde Pública em Escolas (FAASPE): uma breve contextualização de sua concepção e objetivos

O projeto de extensão Fisiopatologia e Anatomia de Agravos de Saúde Pública em Escolas (FAASPE) iniciou suas atividades anuais desde o ano de 2019 e é sediado no município de Mossoró, situado na Mesorregião Oeste Potiguar do Estado do Rio Grande do Norte (MOP/RN). De modo inovador, esse projeto tem como público alvo os estudantes secundaristas do ensino médio de escolas públicas estaduais do RN.

O projeto FAASPE tem como fundamento proporcionar conhecimento, de maneira lúdica, sobre os seguintes agravos em saúde: Acidente Vascular Encefálico (AVE), Infarto Agudo do Miocárdio (IAM), Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), Diabetes Mellitus (DM) e Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) / Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Para alcançar esse propósito, o projeto concretizou o uso da gamificação para partilhar informações, democraticamente, a municípios de pequeno e médio porte.

Dentre os vieses existentes no processo ensino-aprendizagem dos principais agravos de saúde pública, o uso de jogos interativos ganhou destaque ao longo das três edições anuais do FAASPE, isto é, nos anos de 2019, 2020 e 2021. Durante as edições, o projeto atuou com 15 discentes extensionistas oriundos do curso de Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), sob orientação de uma docente especialista em psicopedagogia, vinculada à mesma instituição.

Em particular, na primeira edição (objeto deste relato), o projeto atuou em seis municípios, em parceria com a 12ª Diretoria Regional de Educação (DIRED) do Estado do Rio Grande do Norte (RN), Brasil. De modo a cumprir com esse propósito de descentralização, a equipe de extensionistas foi direcionada, pela Secretaria de Educação do Estado (RN), para abordar os alunos do segundo ano do ensino médio da Escola Estadual Desembargador Silvério Soares (EEDSS), no município de Areia Branca/RN, pertencendo à 12ª DIRED.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Esse estudo é do tipo relato de experiência, com análise subjetiva da ação do projeto de extensão FAASPE na EEDSS, no município de Areia Branca/RN. A ação teve uma duração de 9 horas e contou com a participação de 23 estudantes do segundo ano do ensino médio (público alvo), com idades entre 15 e 18 anos.

Inicialmente, os discentes extensionistas, tutores da ação, aplicaram um questionário pré-codificado com 20 perguntas de múltipla escolha sobre HIV/AIDS, IAM, AVE, DM e HAS. A coleta de dados, mediante a aplicação desse questionário, esteve vinculada à pesquisa de campo, aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, sob o número de parecer 3.145.023, 13/02/2019. Tais dados foram abordados em outro estudo. Essa

fase inicial teve a finalidade de captar as deficiências do aprendizado relacionado aos aspectos gerais e específicos desses agravos. Posteriormente, deu-se início a abordagem interativa por meio de um jogo de cartas, que serão relatados neste estudo.

O jogo consistiu em uma competição entre quatro grupos de alunos secundaristas. Após um sorteio, o primeiro grupo escolheu uma carta (dentre quatro diferentes) sobre um dos agravos supracitados. O jogo prosseguiu em formato de gincana, isto é, os grupos entraram em um rodízio até que as quatro cartas fossem desvendadas. Ao escolher uma carta, o primeiro grupo a respondeu e, após, iniciou-se uma discussão democrática e integrada. Posteriormente, a equipe de tutores revelou a resposta correta e prosseguiu com a explicação das alternativas falsas, utilizando recursos didáticos e interativos.

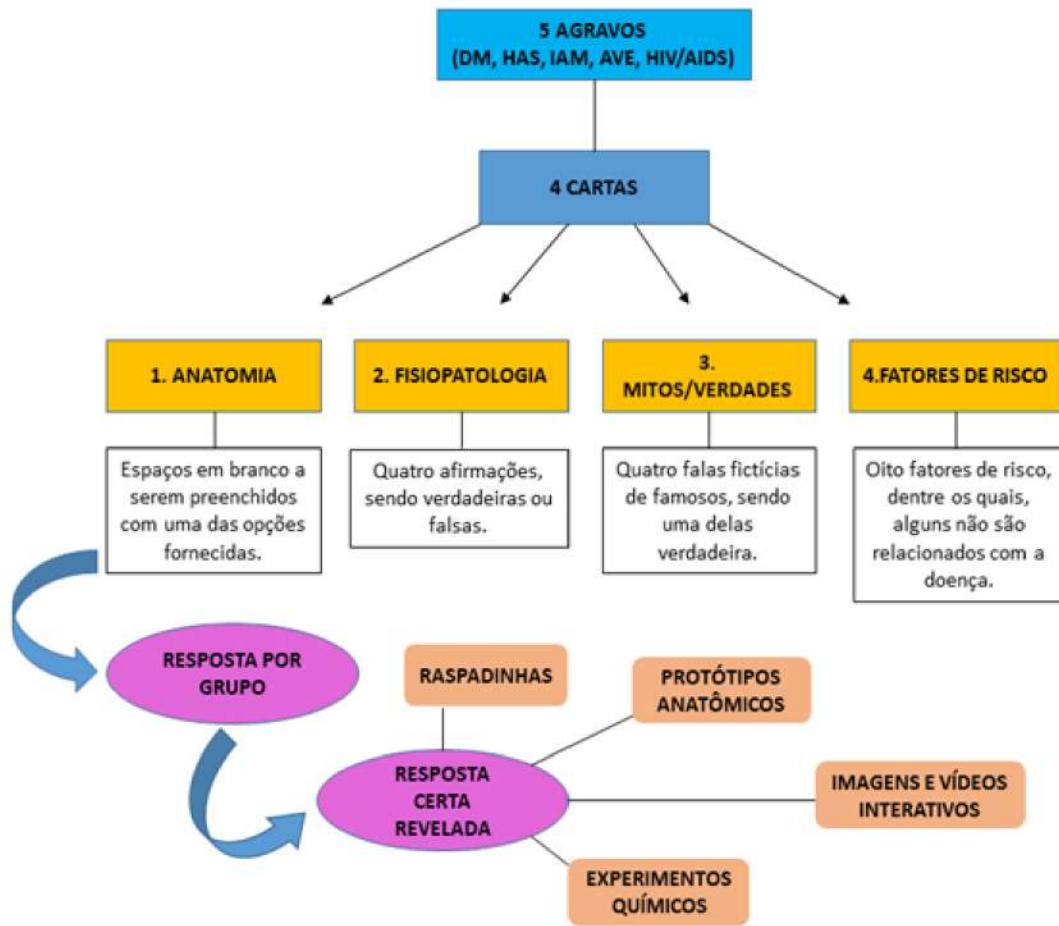
No momento da discussão da resposta de determinada carta, os tutores instigaram os alunos de outros grupos a se questionarem sobre a carta, o que permitiu a ampliação da discussão entre o grupo da rodada vigente e os demais que esperavam a vez de jogar. Ao final da competição, realizou-se a soma da pontuação dos grupos e premiações simbólicas ao grupo vencedor e demais participantes.

Após a fase da aplicação da gamificação, os tutores da ação aplicaram o mesmo questionário inicial, com a finalidade de avaliar a evolução da aquisição de conhecimento pelos alunos. Em relação aos resultados dos questionários, estes fazem parte de uma pesquisa quantitativa associada a este projeto de extensão; e, portanto, não serão apresentados neste estudo.

Partindo desse pressuposto e sob o ponto de vista dos discentes extensionistas, faz-se necessário expandir os relatos vivenciais inerentes à ação realizada no município de Areia Branca, bem como identificar os impactos da ação no processo ensino-aprendizagem dos alunos sobre os principais agravos de saúde pública por meio da análise atitudinal.

A ação extensionista, executada na EEDSS, seguiu o mesmo desenho metodológico das demais ações. A gincana ocorreu com cinco rodadas; e cada uma destas teve como tema central um dos agravos (DM, HAS, HIV/AIDS, AVE e IAM). Cada agravo contou com quatro quartas, totalizando 20 cartas a serem respondidas no jogo (Figura 1).

Figura 1. Dinâmica da Gamificação utilizada pelo projeto FAASPE.



Fonte: Acervo do projeto FAASPE (2022).

Durante a ação, o jogo começou com a separação dos quatro grupos. A primeira rodada teve como tema central o IAM. Em seguida, um dos quatro grupos foi sorteado. O primeiro grupo escolheu uma das quatro cartas, podendo abordar aspectos anatômicos (carta 01), fisiopatológicos (carta 02), mitos versus verdades (carta 03) ou fatores de risco (carta 04). Após a resposta e abordagem interativa entre os tutores e todos os alunos, o próximo grupo sorteado escolheu uma das três cartas restantes; e assim ocorreu, sucessivamente. As cartas inerentes ao IAM, apresentadas a seguir, servirão como parâmetro para o entendimento das demais cartas, uma vez que seguiram o mesmo padrão.

Nesse cenário, a resposta correta revelada pelos tutores deu-se através de imagens e vídeos interativos, protótipos anatômicos, raspadinhas e experimentos químicos. O modo de abordagem interativa se relacionou com o tipo da carta e, por isso, o relato a seguir trará um compilado vivencial da abordagem pelo tema da carta, uma vez que os recursos didáticos foram utilizados semelhantemente nos cinco agravos em saúde mencionados neste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecer a anatomia: o primeiro passo para o entendimento integral

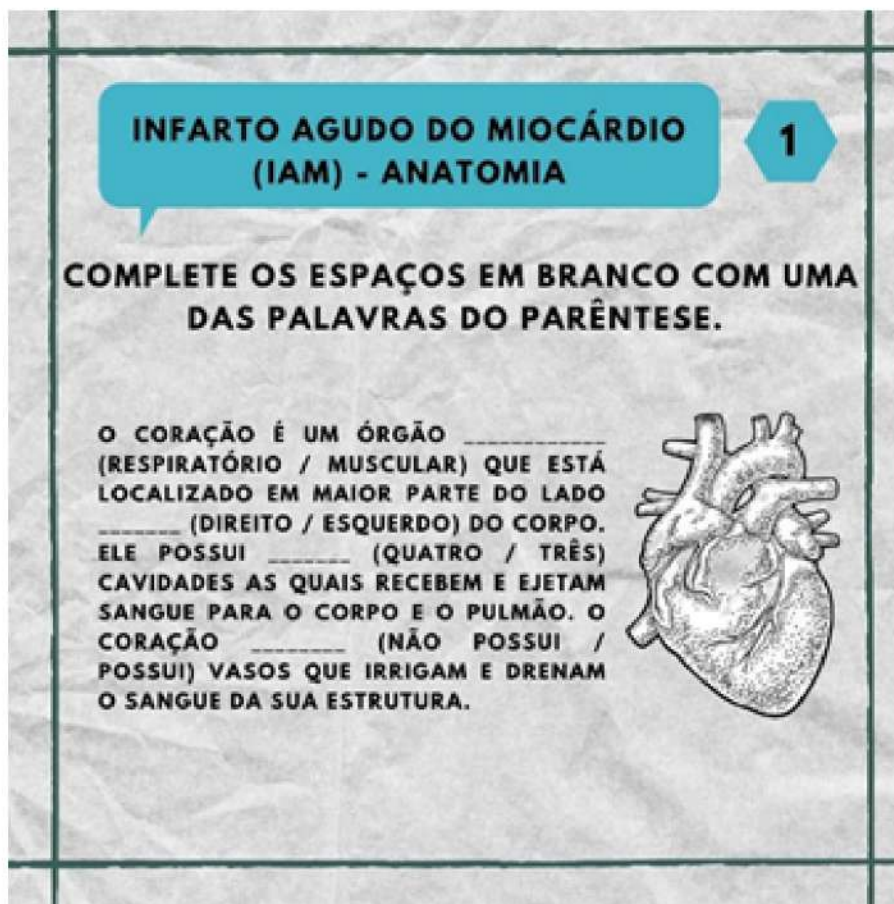
A Carta 01 teve como objetivo evocar os aspectos anatômicos de cada agravo, como apresentado na Figura 2. Dessa maneira, a carta seguiu um padrão, composto por afirmações textuais contendo aspectos inerentes à anatomia dos cinco agravos supracitados. Um pequeno texto foi exposto com espaços a serem preenchidos com uma das opções fornecidas. Após a resolução do grupo, os tutores explicaram a resposta correta da questão por meio de protótipos anatômicos e imagens didáticas.

Mediante análise atitudinal, evidenciou-se claramente o interesse dos alunos pelo conhecimento transmitido com o uso dos protótipos e demais recursos. Os mesmos manusearam os protótipos anatômicos do coração e do cérebro com olhares de curiosidade, demonstrando avidez por conhecimento. Prova disso, um dos estudantes mencionou o quão importante era aquela discussão sobre anatomia, pois eles apenas ouviram comentários sobre os agravos e, a partir dessa intervenção, conheceram os detalhes anatômicos dos agravos. Com isso, fica evidente a importância do uso da gamificação como ferramenta de mudança comportamental e social, nesse processo pedagógico.

Tal concepção traz à tona a carência de atividades práticas nas quais o sujeito jovem, portador de um conhecimento em construção contínua, possa ser ativo na elaboração de saberes, com a presença da descontração, diversão e resolução de problemas propostos. Nesse processo de construção holística na escola, a anatomia é fundamental para o entendimento dos agravos e este pode ser definidor da qualidade de vida desses adolescentes na vida adulta, desconstruindo a perspectiva decorativa da morfologia do corpo humano (DE CASTRO et al., 2021).

Nessa perspectiva, o método de ensino tradicional limita o aluno à memorização e, por isso, evoca-se uma transição das metodologias tradicionais para as metodologias ativas. De acordo com a intervenção relatada neste estudo, a gamificação mostrou-se como uma ferramenta eficaz nesse processo de transição pedagógica inerente ao ensino da anatomia humana (SANTOS et al., 2017).

Figura 2. Carta sobre a anatomia do Infarto Agudo do Miocárdio.



Fonte: Acervo do projeto FAASPE, 2022.

A abordagem interativa dos aspectos fisiopatológicos

A Carta 02 teve o propósito de esclarecer a fisiopatologia básica de cada doença ou processo infeccioso. Desse modo, foram construídas quatro afirmações a respeito do agravo, categorizadas como verdadeiras ou falsas (Figura 3). Depois da resposta do grupo, os tutores explicaram cada afirmativa com uso de vídeos interativos disponíveis em sites de livre acesso. Nesse tipo de carta, os alunos secundaristas mostraram dificuldades em responder e justificar suas respostas sobre os aspectos fisiopatológicos, o que pode representar lacunas de ensino.

Baseado nessa análise vivencial e na importância de reinventar o modelo de ensino tradicional, outros estudos mostraram importantes inovações no ensino da fisiopatologia de doenças. O uso de metodologias ativas torna os estudantes protagonistas na construção dos saberes. Assim, essa formação acadêmica diferenciada pode permitir ao estudante estabelecer correlações entre a teoria e a prática com o intuito de reconhecer, prevenir e auxiliar na resolução dos problemas de saúde presentes no cotidiano (MATTOS, 2017).

Os jogos educacionais no ensino da fisiopatologia fornecem um entendimento ampliado e específico sobre a doença, de maneira a expor fenômenos e etapas que explicam a sua origem.

Exemplo disso, o processo de ensino-aprendizagem foi facilitado no momento de apresentar, aos estudantes, os aspectos microscópicos e moleculares da interação entre o HIV e as células TCD4.

Figura 3. Carta sobre a fisiopatologia do Infarto Agudo do Miocárdio.

INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO (IAM) - FISIOPATOLOGIA **2**

QUAIS AS AFIRMATIVAS VERDADEIRAS E QUAIS AS FALSAS?

AO SOFRER UM INFARTO, TÍPICAMENTE, O INDIVÍDUO FICA COM UMA DOR EM APERTO NO LADO ESQUERDO DO PEITO QUE PODE SE ESPALHAR PARA O BRAÇO.	✓	✗
AS BATIDAS DO CORAÇÃO SÃO COMANDADAS PELO SISTEMA NERVOSO CENTRAL.	✓	✗
O SANGUE POBRE EM OXIGÊNIO E NUTRIENTES (SANGUE VENOSO) E O SANGUE RICO EM OXIGÊNIO E NUTRIENTES (SANGUE ARTERIAL) SE MISTURAM NO CORAÇÃO.	✓	✗
NO INFARTO, APÓS A MORTE DAS CÉLULAS DO CORAÇÃO, HÁ UMA FORMAÇÃO DE CÉLULAS COM FUNÇÕES IDÊNTICAS.	✓	✗

Fonte: Acervo do projeto FAASPE, 2022.

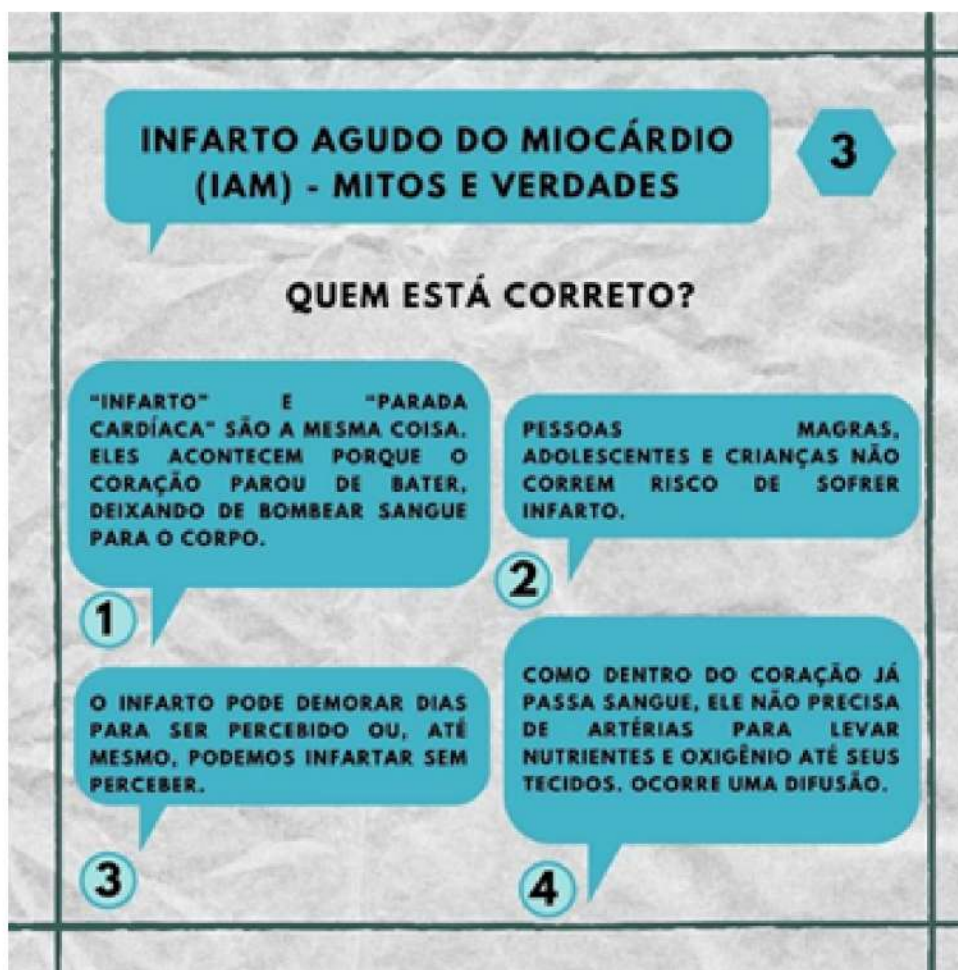
Sob o ponto de vista da efetivação do aprendizado, essas ferramentas inovadoras de ensino permitem a participação ativa dos estudantes, os quais podem fornecer um feedback em tempo real aos tutores extensionistas, profissionais de saúde e professores do meio escolar.

Desmistificação de senso comuns

A Carta 03 teve a função de desmistificar as informações errôneas difundidas no meio social em que o estudante está inserido. Dessa maneira, foram inseridas três afirmações falsas e uma verdadeira proferida por personagens de seriados, pessoas históricas ou celebridades (Figura 4). Nesse contexto, o grupo identificou qual sujeito falou a verdade e quais proferiram senso comum inverídicos.

Como descrito anteriormente, os tutores explicaram cada afirmativa resolvendo as dúvidas que surgiram. Para tanto, utilizaram materiais didáticos citados acima, incluindo imagens, vídeos e protótipos. Isso permitiu construir conexões com os conceitos anatômicos e fisiopatológicos apresentados anteriormente.

Figura 4. Carta sobre senso comum versus conhecimento científico do Infarto Agudo do Miocárdio.



Fonte: Acervo do Projeto FAASPE, 2022.

Legenda: Em razão dos direitos autorais, as imagens de famosos foram substituídas por numerações nesta carta.

Diferentemente do conhecimento científico, o senso comum está relacionado às crenças e às vivências de um determinado povo. Por outro lado, o conhecimento científico é baseado na experiência do fenômeno para a construção de uma verdade (CABRAL et al., 2016). E este último, quando ofertado aos adolescentes, pode modular positivamente o autocuidado e reduzir o risco de aquisição de agravos em saúde, como é o caso da infecção pelo HIV (CABRAL et al., 2016; TARKANG; LUTALA; DZAH, 2019).

Nesse contexto de diferenciação dessas duas formas de conhecimento, os adolescentes apresentaram, em ambiente escolar, ideias equivocadas que foram construídas com base em vivências do cotidiano e com o potencial de estimular comportamentos de risco. Exemplo disso ocorreu na terceira carta sobre HIV/AIDS, a qual desmistificou o pensamento de que o sexo oral sem camisinha não transmite o HIV. É notório que o vírus HIV necessita de fluidos corporais para sua transmissão e, dessa maneira, como há presença de fluidos no sexo oral, pode haver a transmissão do vírus HIV (EUZÉBIO, 2020).

Outro exemplo de equívoco, baseado no senso comum, ocorreu na terceira carta sobre IAM. Isso porque a maioria dos estudantes considerou como correta a fala do personagem que dizia “Pessoas magras, adolescentes e crianças não correm risco de sofrer infarto” (Figura 4). Evidentemente, trata-se de uma concepção ignorada no meio científico, já que os fatores de risco vão além da idade e do estereótipo de cada um.

Logo, faz-se necessário retomar o conhecimento já estabelecido na mentalidade dos alunos acerca do assunto abordado com a intenção de ser gerada uma interlocução contínua entre os sujeitos participantes e, a partir disso, inserir novos conhecimentos baseados em evidências científicas. Assim, o fomento de estratégias de ensino em saúde com ênfase na coletividade e emprego do conhecimento científico aperfeiçoa as práticas de autocuidado e reduzem os comportamentos de risco existentes na fase adolescente e, potencialmente, na vida adulta.

O reconhecimento dos fatores de risco de maneira lúdica

A Carta 04 teve o propósito de esclarecer os fatores de risco para cada agravo. Especialmente nesse momento, foram utilizados métodos interativos para além daqueles já citados anteriormente, como raspadinhas, experimentos químicos e materiais para o aprendizado interativo; ferramentas desenvolvidas de maneira criativa pelos extensionistas.

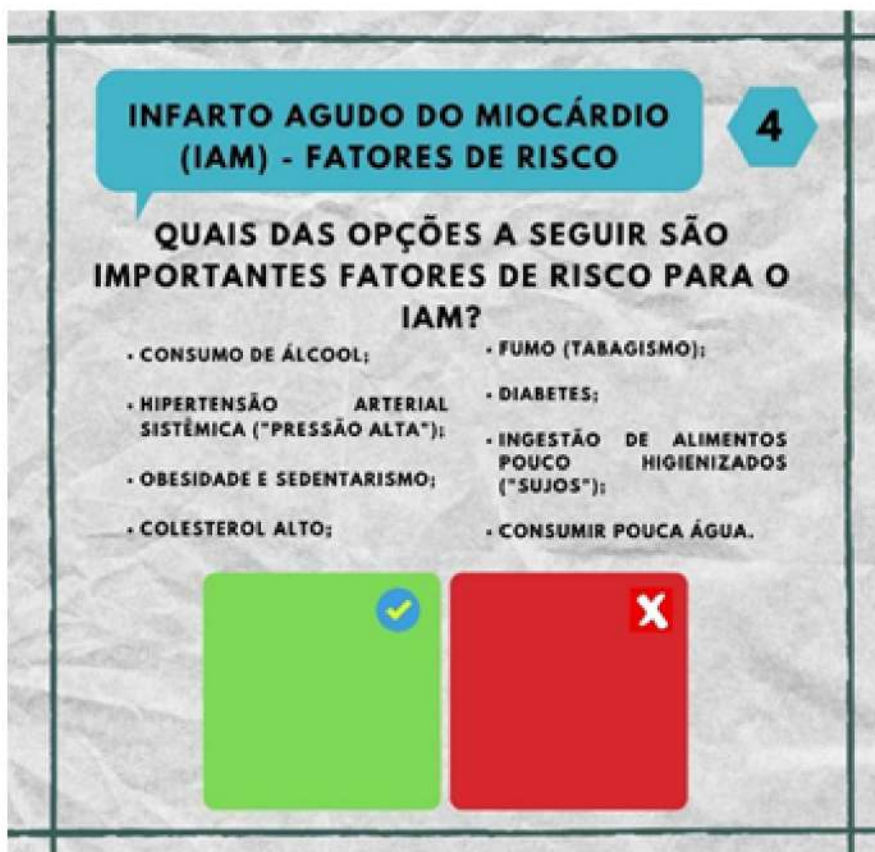
Primeiramente, para responder a carta sobre o IAM (Figura 5), foi construído um protótipo de papelão em formato de caixa, com uma abertura central em formato de coração. O seu interior abrigou uma bexiga vermelha inflada e a sua borda superior apresentou orifícios para acoplar plaquinhas com nomes dos fatores de risco, confeccionadas com papel e palitos de madeira (Figura 6 - B). As plaquinhas com fatores de riscos verdadeiros, com potencial para causar danos ao coração, foram confeccionadas com uma borda pontiaguda na porção de acoplamento, a fim de

estourar o balão presente dentro da caixa e, com isso, representar o dano cardíaco como desfecho final (Figura 6 - A). Os demais fatores que não eram de risco para a ocorrência do IAM, descritos nas demais plaquinhas, apresentaram uma porção de acoplagem romba e, portanto, não tinham o potencial para causar o desfecho esperado.

Para esclarecer os fatores causadores da HAS, foi utilizado um material em acetato-vinilo de etileno (EVA) enrolado em formato cilíndrico para representar um vaso sanguíneo; e bolinhas de isopor, simbolizando os fatores de risco. Quando as bolinhas foram coladas no cilindro de EVA (face interna – luz do vaso sanguíneo), o diâmetro do vaso diminuiu e, com isso, a pressão do sangue elevou-se, gerando cronicamente a Hipertensão Arterial Sistêmica.

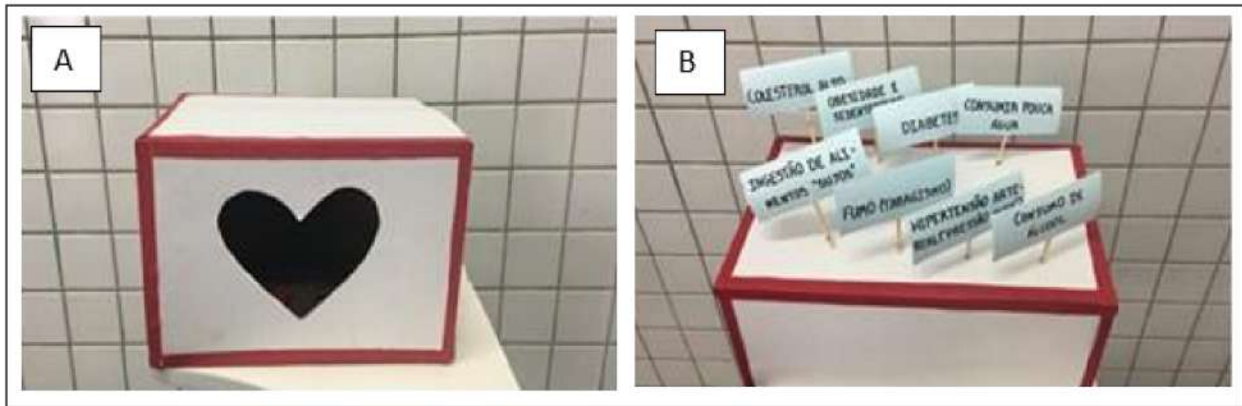
Para identificar os fatores de risco para a aquisição de DM, os extensionistas desenvolveram uma raspadinha com a imagem do pâncreas e numerações pintadas com tinta facilmente removível. As numerações indicavam os fatores de risco da DM na Carta 04 da rodada de DM – apresentada por projetor multimídia. O desafio do grupo foi indicar quais dos fatores causam DM. Quando os alunos raspavam a mancha de tinta correspondente ao fator de risco com potencial para causar DM, surgiu a imagem do pâncreas com manchas escuras, simbolizando a alteração do parênquima pancreático responsável pela produção de insulina. Por outro lado, quando raspavam uma área na qual o fator não era de risco, o parênquima surgiu com uma coloração habitual, simbolizando o órgão saudável.

Figura 5. Carta sobre os fatores de risco do Infarto Agudo do Miocárdio.



Fonte: Acervo do Projeto FAASPE, 2022.

Figura 6. Dinâmica sobre o Infarto Agudo do Miocárdio.



Fonte: Acervo do Projeto FAASPE, 2022.

Ao explicar os fatores de risco causadores do AVE e da infecção pelo HIV, utilizamos um experimento químico com os seguintes insumos: copos plásticos descartáveis, água, bicarbonato e fenolftaleína. Os copos foram dispostos em cima de um painel de isopor ilustrativo e identificados com nomes de fatores de risco (verdadeiros e falsos). Os copos identificados com nomes de fatores de risco verdadeiros armazenaram em seu interior água e bicarbonato, enquanto os demais continham apenas água. Assim, quando os tutores adicionaram a fenolftaleína, o líquido presente nos copos representantes dos fatores de risco verdadeiros mudou a sua cor (Figura 7), revelando aos alunos a resposta correta. Com o uso dessas dinâmicas, os alunos interagiram entre si e com os tutores.

Os trabalhos grupais solicitam do estudante, para além do protagonismo construtivo, a simulação de cenários possíveis de ocorrência real, o que aproxima a teoria e a prática e fomenta a inserção de outras informações disciplinares, culminando na interdisciplinaridade e aquisição de habilidades na fase adolescente e adulta (DE MORAES; CASTELLAR, 2018).

O engajamento do aluno secundarista em relação às novas aprendizagens, pautadas na compreensão, escolha e interesse, é uma condição essencial não apenas para o exercício do autocuidado e da qualidade de vida para si, mas, também, para o seu entorno. Além disso, reinventar o processo ensino-aprendizagem também estimula a mentalidade juvenil a refletir sobre comportamentos e hábitos de vida seguros durante a adolescência e que devem ser continuados na fase adulta (KIM, 2018).

Figura 7. Dinâmica sobre HIV/AIDS.



Fonte: Acervo do Projeto FAASPE, 2022.

É válido ressaltar que as metodologias pedagógicas interativas, quando bem empregadas, possuem o potencial de tornar o adolescente capaz de ser agente ativo do seu autocuidado, avaliar o panorama situacional da sua saúde, bem como da saúde dos sujeitos envolvidos em sua rede de relação social. Isso porque essas metodologias possuem o fundamento transformador, buscando capacitar uma nova geração a utilizar os conhecimentos adquiridos para modular os hábitos de vida, comportamento e autocuidado.

CONSIDERAÇÕES E PERSPECTIVAS FUTURAS

A utilização da gamificação inova o ambiente escolar e adensa o interesse dos estudantes pelo conhecimento. Nesse enfoque, os discentes se tornam coparticipes na edificação dos saberes e conectam o aprendizado teórico-prático de maneira a visualizarem as informações relevantes, aplicáveis e palpáveis na vida social em detrimento da memorização exacerbada e do decorativismo. Frente ao relato vivencial, constata-se a facilitação do processo ensino-aprendizagem dos agravos de saúde pública abordados nessa ação extensionista por meio desse método inovador.

Intervenções comunitárias, tal qual a relatada no presente trabalho, enriquecem o autoconhecimento e contribuem para a propagação da educação em saúde com o público adolescente. Isso porque o estudante torna-se capaz de identificar as ameaças à saúde presentes no seu meio e em sua faixa etária. Portanto, essas ações de educação em saúde, quando bem planejadas e executadas, podem guiar os adolescentes em tomadas de decisão durante toda a fase de desenvolvimento e na vida adulta.

Assim, é primordial a utilização ampliada, permanente e responsável da gamificação pelos professores de instituições de ensino e profissionais de saúde, paralelamente à diversificação de abordagens do público juvenil nas múltiplas esferas sociais, posta à vulnerabilidade desse segmento etário. À medida que o processo ensino-aprendizagem for gradativamente racionalizado e a autonomia discente preconizada, pavimentar-se-á uma Educação Permanente em Saúde que transpõe as barreiras escolares e as ferramentas tradicionalistas de ensino.

REFERÊNCIAS

CABRAL, João Victor Batista et al. A percepção de vulnerabilidade da população adolescente sobre o HIV/AIDS. **Espaço para a Saúde**, v. 17, n. 2, p. 212-219, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22421/15177130-2016v17n2p212>

CASTRO, Eneida Lazzarini de et al. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 1975-1984, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.00492015>

CASTRO, Karen Silva et al. O ensino da anatomia humana através de metodologias ativas de aprendizagem: um relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e6176-e6176, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e6176.2021>

COSTA, Darkson Fernandes et al. Gamificação de um percurso metodológico: o contributo de objetos de aprendizagem no ensino de eletrostática. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 15, n. 02, p. 424-435, 2020. Disponível em: <https://fisica.ufmt.br/eenciojs/index.php/eenci/article/view/732>

MORAES, Jerusa Vilhena; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018. Disponível em: http://reec.webs.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC_17_2_07_ex1324.pdf

EUZÉBIO, Rafael. A infecção pelo *Trichomonas vaginalis* e suas possíveis relações com a aquisição e transmissão do vírus HIV. **Revista Científica Faculdade Unimed**, v. 2, n. 1, p. 96-111, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37688/rcfu.v2i1.104>

FRAZÃO, Leide Vânia Vieira Duarte; NAKAMOTO, Paula Teixeira. Gamificação e sua aplicabilidade no Ensino Médio: uma revisão sistemática da literatura. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e141985235-e141985235, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5235>

KIM, Leila. Métodos ativos de ensino: coconstrução subjetiva da capacidade de pensar o próprio pensamento em sala de aula. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 26, n. 1, p. 31-40, 2018. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/46>

MACKAVEY, Carole; CRON, Stan. Innovative strategies: Increased engagement and synthesis in online advanced practice nursing education. **Nurse education today**, v. 76, p. 85-88, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2019.01.010>

MATTOS, Mússio Pirajá. Metodologias ativas auxiliando no aprendizado das ciências morfofuncionais numa perspectiva clínica: um relato de experiência. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 16, n. 2, p. 146-150, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/cmbio.v16i2.20159>

ROCHE, Cathy C. et al. Educational analytics: A new frontier for gamification? **Computers, informatics, nursing: CIN**, v. 36, n. 9, p. 458, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1097%2FCIN.0000000000000455>

ROMEIRO, Sinara Silva; PAULA, Patrícia de Lima; ROSA, Florence Mara. O Uso de Jogos Didáticos no Ensino de Doenças Intestinais Causadas por Protozoários Entamoeba histolytica e Giardia duodenalis. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 20, n. 2, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2596-3325.2019.v20.26105>

SANTOS, Leiza Sand Pereira et al. O ensino da anatomia através de metodologias ativas: relato de experiência. **Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia**, v. 4, n. 8, 2017. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/cadernos-educacao-saude-fisioter/article/view/1643>

TARKANG, Elvis E.; LUTALA, Prosper M.; DZAH, Seraphine M. Knowledge, attitudes and practices regarding HIV/AIDS among senior high school students in Sekondi-Takoradi metropolis, Ghana. **African Journal of Primary Health Care and Family Medicine**, v. 11, n. 1, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10520/EJC-1723f4e265>

AS FERRAMENTAS DIGITAIS APLICADAS AO PROGRAMA DE EXTENSÃO “APROXIME-SE” DO CAED/UFGM - EDIÇÃO 2021: RELATO DE EXPERIÊNCIA

THE DIGITAL TOOLS APPLIED TO THE “APROXIME-SE” DO CAED/UFGM EXTENSION PROGRAM - 2021 EDITION: EXPERIENCE REPORT

HERRAMIENTAS DIGITALES APLICADAS AL PROGRAMA DE EXTENSIÓN “APROXIME-SE” DEL CAED/UFGM - EDICIÓN 2021: RELATO DE EXPERIENCIA

ELIANE MARINA PALHARES GUIMARÃES¹, CRISTINA GONÇALVES FERREIRA DE SOUZA², ALESSANDRO JOSÉ DA SILVA³, ALICE RAYMUNDO SILVA⁴, EMILLY INGRID SILVA MARTINS⁵

RESUMO

A partir da história da extensão e dos conceitos de educação a distância, este relato de experiência analisa a aplicação das ferramentas digitais na edição de 2021 do Aproxime-se, programa de extensão do Centro de Apoio à Educação a Distância da UFGM. As atividades nesta edição foram realizadas de forma remota, com apoio de ferramentas digitais comuns e ferramentas digitais educacionais disponibilizadas na web e usadas na educação à distância. Os quatro projetos do programa foram desenvolvidos com a realização de pesquisas, reuniões, cursos, montagem de ambientes e organização de eventos online. Nossa análise ressalta a importância das ferramentas digitais para o desenvolvimento das ações, o que resultou em bons índices quantitativos e qualitativos e no impacto positivo nas comunidades atendidas e na comunidade acadêmica.

Palavras-chave: educação à distância; extensão; programa Aproxime-se.

ABSTRACT

Based on the history of Extension and the concepts of Distance Education, this experience report analyzes the application of digital tools in the 2021 edition of Aproxime-se, an extension program of the UFGM Distance Education Support Center. The activities in this edition were carried out remotely, with the support of common digital tools and educational digital tools available on the web used in distance education. The program's four projects were developed by conducting research, meetings, courses, setting up environments and organizing online events. Our analysis highlights the importance of digital tools for the development of actions, which resulted in good quantitative and qualitative indices and a positive impact on the communities served and on the academic community.

Keywords: distance education; extension; program Aproxime-se.

¹ Coordenadora do Programa "Aproxime-se" do Centro de Apoio à Educação a Distância (CAED) da UFGM.

² Assessora pedagógica do Centro de Apoio à Educação a Distância (CAED) da UFGM.

³ Bolsistas de extensão do Programa "Aproxime-se" do Centro de Apoio à Educação a Distância (CAED) da UFGM.

⁴ Bolsista de extensão do Programa "Aproxime-se" do Centro de Apoio à Educação a Distância (CAED) da UFGM.

⁵ Bolsista de extensão do Programa "Aproxime-se" do Centro de Apoio à Educação a Distância (CAED) da UFGM.

RESUMEN

Basado en la historia de la Extensión y los conceptos de Educación a Distancia, este relato de experiencia analiza la aplicación de herramientas digitales en la edición 2021 de Aproxime-se, un programa de extensión del Centro de Apoyo a la Educación a Distancia de la UFMG. Las actividades de esta edición se realizaron de forma remota, con el apoyo de herramientas digitales comunes y herramientas digitales educativas disponibles en la web utilizadas en la educación a distancia. Los cuatro proyectos del programa se desarrollaron mediante la realización de investigaciones, encuentros, cursos, montaje de ambientes y organización de eventos en línea. Nuestro análisis destaca la importancia de las herramientas digitales para el desarrollo de acciones, lo que resultó en buenos índices cuantitativos y cualitativos y un impacto positivo en las comunidades atendidas y en la comunidad académica.

Palavras-chave: educación a distancia; extensión; programa Aproxime-se.

APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

No âmbito das atividades acadêmicas, os projetos de extensão configuram-se como uma forma de aliar os interesses da universidade com os da sociedade no geral. De acordo com Paula (2013), a Extensão Universitária surgiu na segunda metade do século XIX, na Universidade de Cambridge, Inglaterra. Os primeiros projetos de extensão visavam reverter as consequências do capitalismo que deram origem às diferenças sociais.

(...) as universidades se voltaram, de fato, para a questão social, inicialmente, e, depois, para um amplo conjunto de campos e interesses, que vão da educação de jovens e adultos às políticas públicas de saúde e tecnologias à prestação de serviços, da produção cultural ao monitoramento, avaliação de políticas públicas, entre muitas outras atividades (PAULA, 2013, p. 09).

Apesar de se iniciar na Europa, a extensão difundiu-se rapidamente pela América. No território latino americano, sobretudo no Brasil, a extensão universitária foi implementada dentro de um contexto de resposta a uma mobilização política-estudantil de esquerda – já no século XX –, e as atividades repercutiram os princípios de sua base europeia, a saber, de acordo com Paula (2005 apud NOGUEIRA, 2013, p. 32), “educação continuada e educação voltada para as classes populares; extensão voltada para a prestação de serviços na área rural”.

Atualmente, o potencial de transformação social que as universidades possuem continua sendo a base dos princípios dos projetos de extensão, principalmente dentro das universidades públicas. Assim, de acordo com Cunha (2019), esses projetos buscam “difundir o conhecimento produzido dentro da universidade e, ao mesmo tempo, criar condições que possibilitem absorver o conhecimento e a cultura existentes nas comunidades selecionadas para a execução das propostas” (CUNHA, 2019, p. 11-15).

A Educação a Distância (EaD), modalidade educacional implementada nos séculos XVIII e XIX, passou por grandes avanços no mundo moderno em razão do desenvolvimento tecnológico e

possui abrangência cada vez maior também no Brasil. Segundo dados do Censo da Educação Superior 2019, 63,2% das vagas nas instituições de ensino superior foram ocupadas dentro dessa modalidade. Tal crescimento deve-se às vantagens que a EaD oferece – como a flexibilidade de horários e a ruptura de barreiras geográficas –, e, dessa maneira, a sua utilização vem gerando benefícios em diferentes áreas, inclusive na extensão.

Por outro lado, o Censo 2019/2020 EAD.BR, realizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED, 2021), informa que o número de instituições com polos de apoio presencial cresceu 3% em 2019, o que significou a criação de 2.538 novos polos nesse ano. Entre as funções dos polos estão, principalmente, o atendimento administrativo e pedagógico ao aluno, a interação social entre eles, a captação de novos estudantes e a realização de trabalhos colaborativos entre esses alunos. A atuação dos projetos de extensão em parceria com os polos EaD possibilita que os interesses sociais dos projetos – como a diminuição das barreiras que os limites geográficos impõem na educação superior – sejam cumpridos. Dessa forma, a EaD e a extensão aliadas possibilitam a construção de conhecimento e a troca de saberes entre a instituição de ensino e a comunidade em geral, sendo ambas beneficiadas.

Na UFMG, a indissociabilidade, garantida por lei, entre o ensino, a pesquisa e a extensão é conceito basilar e justifica o grande apoio dado às ações de extensão realizadas desde os anos 1980. Dentre os variados projetos de extensão que a universidade oferece, encontra-se o Programa Aproxime-se, criado pelo CAED em 2013. Tal programa, de acordo com o seu site¹,

(...) visa estabelecer um espaço para discussão de questões atuais, de elucidações à população de problemas por ela vividos e de fortalecimento da formação do aluno da graduação e da atividade docente. Seu objetivo geral é empreender a extensão universitária nestas comunidades para estabelecer a interlocução de saberes acadêmicos e locais. Suas concepções são perpassadas pelos conceitos de transdisciplinaridade e de interdisciplinaridade, os quais privilegiam o estabelecimento de diálogos entre as diversas áreas de formação (CAED, 2021, p. 01).

O programa é composto por quatro projetos interligados que visam beneficiar as comunidades parceiras ao compartilhar saberes de interesse, promover a socialização entre os membros da comunidade, possibilitar a discussão sobre temas atuais e ajudar na instrumentalização dos participantes em recursos digitais, a saber: 1) Saberes Transversais - visa oferecer para as comunidades parceiras, por meio de palestras, seminários, aulas, debates, os saberes necessários para a sociedade contemporânea; 2) Ficção e Realidade - busca discutir temas “culturalmente polêmicos” por meio de comentários sobre filmes apresentados; 3) Virtualidades - tem como

¹ <https://www.ufmg.br/ead/aproximese/>.

objetivo “instrumentalizar” a população das cidades-polo em relação ao uso de recursos digitais que possibilitam a pesquisa e o trabalho on-line; 4) Cidadania - oferece, a partir da integração entre a universidade e as prefeituras das cidades parceiras, a divulgação de campanhas educativas sobre assuntos que atendem às necessidades regionais.

Em virtude da pandemia da COVID-19, desde 2020 as ações do Programa Aproxime-se, antes realizadas presencialmente nos polos de EaD da universidade, nas cidades do interior de Minas Gerais, migraram para o ambiente virtual, sendo realizadas com suporte de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e empregando as principais ferramentas digitais da EaD, bem como suas metodologias e outras ferramentas digitais disponíveis.

OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

Este relato de experiência tem como objetivo principal apresentar as ações realizadas ao longo da edição de 2021 do Aproxime-se e refletir sobre como as ferramentas digitais contribuíram para a realização dessas ações. A escolha do tema justifica-se principalmente pela necessidade de refletir, de forma crítica, sobre as ações realizadas e sobre os benefícios da oferta das atividades para as comunidades. Justifica-se também pela necessidade de se refletir sobre os impactos que o contexto pandêmico trouxe para essa ação educacional extensionista: os prejuízos e os ganhos que o projeto obteve com a adoção de novas metodologias, novas ferramentas e novos espaços de atuação. Portanto, o presente trabalho busca contribuir para uma reflexão maior acerca da extensão em contexto pandêmico e a sua relação com a tecnologia e as modalidades de ensino.

RELATO DAS ATIVIDADES DA EDIÇÃO

Desde 2020 a UFMG ampliou o uso de recursos digitais a fim de garantir a manutenção das atividades educacionais durante a pandemia da COVID-19. Da mesma forma, suas atividades de extensão também precisaram adaptar-se para seguir as orientações dos órgãos de saúde pública no que se refere ao distanciamento social. Neste contexto, o Programa Aproxime-se passou a ser realizado de forma remota com apoio de recursos digitais da EaD e outros.

Segundo o Censo da ABED de 2019/2020 (ABED, 2021), as ferramentas ou recursos digitais mais empregados pelas instituições que ofertam cursos na modalidade EaD são: textos digitais, videoaulas, livros eletrônicos, vídeos de diferentes gêneros, ambientes virtuais, objetos de aprendizagem digitais, simulações on-line, recursos adaptativos, livros impressos, materiais impressos diferentes de livros e jogos eletrônicos. Além das ferramentas da EaD, foram empregadas nas ações do programa outras ferramentas comumente utilizadas na modalidade. Essas ferramentas são constituídas por softwares ou portais, tais como WhatsApp, MConf, e-mail, Facebook, Instagram, Google Docs, Google Forms, YouTube, dentre outras.

Em 2021 a realização de edição de forma remota permitiu a ampliação do atendimento de três para seis cidades-polo. As cidades contempladas foram: Lagoa Santa, Sabará, Confins, Bom Despacho, Jaboticatubas e Sete Lagoas. O público do programa é formado predominantemente por mulheres, na faixa entre 30 e 50 anos, professoras das redes municipais das cidades ou professoras da rede estadual de ensino. Algumas atividades aconteceram de forma concomitante, contudo para facilitar a organização do relato, as apresentaremos a seguir de forma sequencial.

Atividades iniciais

As atividades iniciaram-se no mês de fevereiro com a seleção de seis bolsistas do Programa de Fomento PBEXT da Proex para atuar no programa. Após a seleção, foram realizadas reuniões de planejamento da edição com toda equipe, composta por seis bolsistas, seis coordenadoras de polo-UAB, quatro assessores pedagógicos e a coordenadora do programa. O ambiente virtual do Aproxime-se foi organizado no AVA-Moodle CAED Virtual. A comunicação rápida foi realizada por meio do WhatsApp. Para atividades assíncronas foram utilizados recursos do Moodle, como os fóruns, envios de tarefas etc. As produções textuais foram realizadas conjuntamente no Google Docs. Para as atividades síncronas, como reuniões, foi utilizado o serviço de conferência da RNP, o ConferênciaWeb.

Imagem 1 - Ambiente do programa no AVA-Moodle CAED Virtual



Fonte: Elaborado pelos autores.

A primeira ação desenvolvida do programa foi a aplicação de pesquisas iniciais, composta por duas etapas. a) A primeira etapa ocorreu entre 05 e 27 de maio e consistiu na realização de pesquisas sobre as cidades focalizadas. Foi feito um levantamento, na Internet, de fatores sociais, econômicos, culturais e educacionais das cidades. Esses dados foram organizados em textos de apresentação das cidades que foram publicados no Blog do programa² e no grupo do programa no Facebook³, além de apresentados em reunião. b) Na segunda etapa realizou-se uma pesquisa de temas de interesse das cidades a serem trabalhados nos projetos. A comunidade foi consultada por meio de um questionário on-line do Google Forms e de entrevistas, via Google Meet e WhatsApp, com as coordenadoras de polo. Como resultado, foram apontados temas gerais relacionados à Educação, Psicologia e Tecnologia.

A segunda ação do programa foi oferecer à equipe uma capacitação em Educação a Distância por meio do curso de extensão Introdução à Educação a Distância, de 15h, ofertado no CAED Virtual, no período de 31 de maio a 05 de julho. Essa capacitação foi importante porque forneceu à equipe do Aproxime-se conhecimentos necessários sobre EaD, além de familiarizá-la com o ambiente virtual AVA-Moodle.

Abertura do programa

No dia 2 de julho realizou-se o evento oficial de abertura do programa, no qual foi apresentada, à comunidade acadêmica e às cidades contempladas, a programação das atividades que seriam oferecidas ao longo da edição. Durante o evento, que foi transmitido ao vivo pelo canal do CAED no YouTube, foram exibidos vídeos de apresentação das cidades desenvolvidos pelas coordenadoras de polo e pelas equipes de comunicação das prefeituras. 40 pessoas participaram do evento de forma síncrona. Até o dia 09 de maio de 2022 o vídeo do evento no YouTube⁴ contava com 702 visualizações.

Projeto Cidadania

As atividades do Projeto Cidadania ocorreram entre 07 de julho e 17 de dezembro. Neste projeto foram desenvolvidas duas campanhas educativas: “Cliques sobre Acessibilidade, Educação Especial e Educação Inclusiva”, que abordou temas como conceitos de acessibilidade, educação especial e inclusiva, barreiras que impedem a acessibilidade e inclusão, e tecnologias assistivas; e

² <https://programaaproximesecaed.blogspot.com/>.

³ <https://www.facebook.com/groups/199215643571839/>.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=xBG6zE0P-s0>.

“Apropriação e valorização da cultura popular nas cidades mineiras”, que abordou as manifestações culturais das cidades-polo focalizadas. Os temas das campanhas foram escolhidos a partir dos dados das pesquisas iniciais. As campanhas consistiram na elaboração de posts informativos para divulgação nas redes sociais (Instagram e Facebook) do CAED e das cidades focalizadas. As duas campanhas juntas alcançaram cerca de 400 pessoas.

Imagens 2 e 3 - Telas das campanhas de acessibilidade e cultura popular



Fonte: CAED-UFMG.

Projeto Saberes Transversais

No âmbito do Projeto Saberes Transversais, foi realizada, no dia 26 de agosto, a palestra “Finanças pessoais em Tempos de Crise”, ministrada pelo professor Juliano Lima Pinheiro, docente na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. A escolha do tema partiu das pesquisas iniciais e do contexto pandêmico. O evento foi transmitido no canal do CAED no YouTube. 61 pessoas participaram de forma síncrona. Até o dia 9 de maio de 2022, o vídeo do evento no YouTube⁵ contava com 576 visualizações.

⁵ <https://youtu.be/fQjmV-2dhzw>.

Imagem 4 - Banner de divulgação do Saberes Transversais



Fonte: CAED-UFMG.

Projeto Virtualidades

As atividades do Projeto Virtualidades consistiram na oferta, às comunidades das cidades focalizadas, de três oficinas on-line pelo CAED Virtual. As oficinas foram: “Objetos Digitais de Aprendizagem com Power Point”, “Objetos Digitais de Aprendizagem com Canva” e “Objetos Digitais de Aprendizagem com Audacity”. Cada oficina foi pensada a partir da metodologia da gamificação, organizada em um pequeno percurso, composto por etapas de conteúdos e atividades. Era necessário concluir uma etapa para desbloquear a etapa seguinte.

Ao final, havia um desafio que consistia em produzir um objeto digital de aprendizagem utilizando o recurso focalizado para obtenção da certificação. As oficinas ocorreram entre 22 de novembro e 13 de dezembro de 2021 e contaram com a mediação dos bolsistas do Aproxime-se que, após receberem capacitação dada pelo CAED, foram responsáveis por esclarecer dúvidas, avaliar atividades e motivar os alunos. As oficinas certificaram 35 participantes.

Projeto Ficção e Realidade

Por fim, no Projeto Ficção e Realidade foi realizada a mesa de conversa “Relações Étnico-Raciais na Educação”, que contou com a presença da professora Silvani Valentim, do CEFET-MG, da coordenadora do polo da cidade de Bom Despacho Denisse Sousa e das bolsistas Nathalia Costa e Maria Augusta Oliveira. O tema surgiu nas pesquisas iniciais. As discussões partiram da exibição do documentário “Amador, Zélia”⁶, que focaliza a trajetória da professora Zélia Amador, a primeira reitora negra de uma universidade brasileira. O evento, que ocorreu em 25 de novembro, foi transmitido pelo Canal do CAED no YouTube⁷. 30 pessoas participaram de forma síncrona. Até o dia 9 de maio de 2022 o vídeo do evento contava com 259 visualizações.

Imagem 5 - Banner do evento do Projeto Ficção e Realidade

Projeto Ficção e Realidade
Mesa de Conversa: Relações Étnico-raciais e Educação
25/11 (quinta-feira), das 17 às 18hs
 O evento será transmitido pelo link:
<https://www.youtube.com/eadufmg>

Profª Silvani Valentim - Dpto de Educação do CEFET-MG, Coordenadora de Gênero, Raça, Ações Afirmativas e Identidades (CGRAI) e líder do NEAB da mesma instituição.

Profª Denisse Aparecida dos Santos Sousa - Coordenadora do Polo UAB de Bom Despacho

Nathalia Oliveira Costa - Bolsista de Extensão do Programa Aproxime-se

Maria Augusta Rodrigues de Oliveira - Bolsista de Extensão do Programa Aproxime-se

Mediação:
Profª. Eliane Palhares - Diretora do CAED e Coordenadora do Programa Aproxime-se

Exibição do documentário "Amador, Zélia" da produtora Floresta Urbana

O programa Aproxime-se 2021 acontece em parceria com as cidades de Bom Despacho, Confins, Jaboticatubas, Lagoa Santa, Sabará e Sete Lagoas.

Saiba mais em:
<https://www.ufmg.br/ead/aproximese>

CAED | FAPES | FAPESP | UFMG

Fonte: CAED-UFMG.

⁶ <https://www.amadorzeliaocurta.com.br/>.

⁷ https://youtu.be/SXxbgSUR_-Q.

Eventos de terceiros e atividades finais do programa

Nos meses de maio e junho, participamos das atividades da 20ª edição da Jornada de Extensão da UFMG. Seguindo as orientações da organização do evento, a equipe buscou referências e elaborou, coletivamente no Google Drive, um texto relacionando o programa ao pensamento de Paulo Freire sobre a extensão. A partir do texto, foi produzido um vídeo⁸, que foi inscrito na mostra competitiva do evento. Houve apresentações dos projetos cujos vídeos foram mais votados pelos participantes no dia 16 de junho.

Imagem 6 - Tela de entrada do vídeo elaborado para a Jornada de Extensão



Fonte: Elaborado pelos autores.

Participamos, entre 04 e 10 de setembro, do Congresso Nacional Universidade, EaD e Software Livre (UEADSL), evento online organizado pela Faculdade de Letras da UFMG. A equipe foi dividida em dois grupos, que elaboraram trabalhos que foram apresentados durante o evento e mais tarde publicados nos anais, a saber: “Programa Aproxime-se: paralelo entre as edições de 2020 e 2021 a partir da experiência remota”⁹, que abordou as mudanças necessárias para que o Aproxime-se pudesse acontecer de forma remota e as contribuições da experiência de 2020 para a edição de 2021, e “Programa de extensão Aproxime-se 2021: conexões com Paulo Freire”¹⁰, que abordou a relação do programa com o pensamento do escritor Paulo Freire, sobretudo em relação ao pensamento crítico e intervencionista do sujeito no mundo.

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=hwtscDr7-8&t=2s>.

⁹ <https://nasnuv.com/ojs2/index.php/UEADSL/article/view/592>.

¹⁰ <https://nasnuv.com/ojs2/index.php/UEADSL/article/view/591>.

Durante a Semana do Conhecimento da UFMG¹¹, realizada em outubro, participamos do 24º Encontro de Extensão, atividade obrigatória organizada pela Proex, com trabalhos que abordaram especificamente o Projeto Cidadania, a saber: “Projeto Cidadania do Programa Aproxime-se: relato da produção da campanha sobre Cultura Popular” e “Projeto Cidadania do Programa ‘Aproxime-se’: relato da produção da campanha educativa ‘Clique sobre acessibilidade, Educação Especial e Educação Inclusiva’”. O segundo trabalho recebeu menção honrosa da comissão de avaliação do evento, sendo considerado de relevância acadêmica.

As atividades finais do programa consistiram em uma reunião da avaliação, na produção de textos acadêmicos para publicação em revistas e na elaboração conjunta do relatório geral da edição 2021 do programa. A edição foi encerrada no dia 28 de fevereiro de 2022.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do relato das atividades da edição 2021 do Aproxime-se, quisemos demonstrar que o emprego de ferramentas digitais não só permitiu que a edição 2021 do programa acontecesse, como tornou o programa mais amplo e dinâmico. As ferramentas comumente utilizadas na EaD foram fortemente empregadas para fornecer aos membros da equipe do programa o suporte necessário para a realização dos projetos e também na construção das próprias atividades oferecidas às comunidades atendidas, tornando-as acessíveis remotamente.

Por outro lado, o emprego de recursos disponíveis na rede que, a princípio, não possuem escopo puramente educacional, foi fundamental para a execução do programa, exercendo também a função dupla de permitir a comunicação da equipe e participando da realização das atividades oferecidas.

No quadro 01, temos o levantamento das principais ferramentas de EaD e outras empregadas durante a edição 2021 do programa. Nele, podemos perceber a mescla de recursos que permitiu a realização das ações previstas.

¹¹ <https://www.ufmg.br/semanadoconhecimento/anais/?resultado=Maria+Augusta#>
<https://www.ufmg.br/semanadoconhecimento/anais/?resultado=eliane+palhares#>.

Quadro 1 - Levantamento das ferramentas de EaD e outros recursos digitais utilizados durante a edição 2021, organizados por ação do programa

Ações	Ferramentas digitais empregadas
Pesquisas iniciais	AVA-Moodle, textos digitais, vídeos, imagens, sites, Google Forms, Blogger, Facebook, Excel, WhatsApp, E-mail, Google Meet.
Curso Introdução à EaD	AVA-Moodle, textos digitais, vídeos, áudios, infográficos, sites.
Jornada de Extensão	AVA-Moodle, sites, textos digitais, imagens, vídeos, Google Drive, YouTube, Movie Maker, Internet, WhatsApp.
Evento de Abertura	AVA-Moodle, sites, textos digitais, imagens, áudios, MovieMaker, YouTube, Mconf, WhatsApp, Google Forms.
UEADSL	AVA-Moodle, sites, textos digitais, Google Drive, WhatsApp.
Semana do Conhecimento da UFMG	AVA-Moodle, sites, textos digitais, Google Drive, WhatsApp.
Projeto Saberes Transversais	AVA-Moodle, sites, textos digitais, imagens, áudios, MovieMaker, YouTube, Mconf, WhatsApp, Google Forms.
Projeto Ficção e Realidade	AVA-Moodle, sites, textos digitais, imagens, áudios, YouTube, Mconf, WhatsApp, Google Forms.
Projeto Virtualidades	AVA-Moodle, textos digitais, vídeos, áudios, infográficos, sites.
Projeto Cidadania	AVA-Moodle, sites, textos digitais, imagens, YouTube, Google Forms, Instagram e Facebook.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O contexto da pandemia, que levou a equipe a optar pelo formato remoto, nos trouxe o desafio de repensar o escopo do programa, originalmente planejado para valorizar o contato pessoal com as comunidades do interior de Minas Gerais. A necessidade do isolamento social exigiu a busca de novos recursos e o aprofundamento do conhecimento que possuíamos acerca das ferramentas tradicionais da EaD, principalmente no que tange ao emprego do AVA-Moodle como ambiente de encontro e trabalho colaborativo.

Por outro lado, foi preciso descobrir um emprego educativo para recursos comunicativos tradicionais, como aqueles fornecidos pelo Google, e das redes sociais, como o Instagram e o Facebook, para a partir deles construir as atividades ofertadas. Todas as ferramentas empregadas foram fundamentais para o desenrolar dos eventos e da participação das comunidades, permitindo uma aproximação segura, mesmo que por trás de uma tela de computador ou celular, para que o compartilhamento do saber continuasse vivo e fosse entregue o melhor para cada cidadão.

Os principais resultados alcançados foram a manutenção do programa de extensão, apesar das restrições impostas pelo contexto pandêmico; a ampliação do número de cidades atendidas, devido principalmente ao alcance coletivo das ferramentas empregadas nas atividades remotas; e o aprofundamento do conhecimento da equipe acerca das possibilidades do ensino remoto, pautado nas ferramentas, tecnologias e metodologias da EaD e outras disponíveis.

Do ponto de vista quantitativo e qualitativo, ainda que virtualmente, os eventos propostos para a edição 2021 entregaram um resultado satisfatório e promissor, alcançando um número bem significativo de participantes. Os eventos propostos, por serem remotos e baseados em tecnologia, por outro lado, levaram a uma mudança no público atendido no programa que, obrigatoriamente, para as atividades propostas, necessitou dominar minimamente as tecnologias empregadas.

O não acesso a tais tecnologias levou, possivelmente, à exclusão de participantes que não teriam dificuldades em participar presencialmente das atividades desenvolvidas nos polos. Esse fato deixa evidente que, também nos eventos remotos da extensão, estão presentes problemas comuns ao emprego de tecnologias na Educação, tais como a falta de acesso de parte da população a recursos de informática e a pouca familiaridade com eles.

O principal aprendizado que a experiência da edição 2021 do Programa Aproxime-se trouxe à equipe foi a consciência do potencial do ensino, aprendizado e interações remotas apoiadas nas ferramentas digitais de comunicação e informação e também a consciência do poder de inclusão e exclusão dessas ferramentas. O desafio para edições futuras é encontrar um formato que equilibre o remoto e o presencial, preservando as qualidades de ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A edição 2021 do Programa Aproxime-se, segunda edição do programa de extensão em formato remoto, permitiu que a equipe refletisse e aprimorasse as ações propostas a partir do emprego mais consciente das ferramentas digitais da EaD e outras ferramentas digitais disponíveis na rede. O emprego de tais recursos permitiu a realização das ações bem planejadas, bem como a promoção de um ambiente de trabalho colaborativo e integrado, apesar da distância e do isolamento dos membros da equipe.

Como principais resultados da edição do programa, apontamos a manutenção das atividades durante a pandemia, a ampliação das cidades atendidas e o aprofundamento do conhecimento da equipe acerca do potencial das ferramentas digitais para a Educação. Logo, foi possível constatar que tais recursos, quando empregados dentro do contexto educacional correto e bem planejado, potencializam as ações da extensão.

REFERÊNCIAS

ABED – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Censo EAD.BR:** relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2019/2020. Curitiba: InterSaberes, 2021. Disponível em: http://abed.org.br/arquivos/CENSO_EAD_2019_PORTUGUES.pdf. Acesso em 09 de maio de 2022.

CAED UFMG. Aproxime-se, 2021. **Programa Aproxime-se.** Disponível em: <https://www.ufmg.br/ead/index.php/programa-aproxime-se/>. Acesso em 09 de maio de 2022.

CUNHA, E. J. L. O desenvolvimento das ações de extensão em educação a distância nas universidades públicas brasileiras. In: CORRADI, W. et al. (org). **Extensão universitária na EaD: desafios e experiências da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. p. 11-15. Disponível em: https://www.ufmg.br/ead/wp-content/uploads/Extens%C3%A3oEaD_comcapa.pdf. Acesso em 09 de maio de 2022.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas. In: NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.) **Avaliação da Extensão Universitária.** Belo Horizonte: UFMG, 2013. Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/renex/images/avalia%C3%A7%C3%A3o_da_extens%C3%A3o-_livro_8.pdf. Acesso em 09 de maio de 2022.

PAULA, João. Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 9, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em 09 de maio de 2022.

SEMANA DE DOAÇÃO DE LEITE HUMANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EVENTO DE EXTENSÃO NO FORMATO REMOTO

HUMAN MILK DONATION WEEK: REPORT OF EXTENSION EVENT EXPERIENCE IN REMOTE FORMATO

SEMANA DE DONACIÓN DE LECHE HUMANA: INFORME DE EXPERIENCIA DEL EVENTO DE EXTENSIÓN EN FORMATO REMOTO

AMANDA FERNANDES DO VALE¹, ISABELLE VITÓRIA DE ATAÍDE DA ROCHA², RAQUEL MEDEIROS DE OLIVEIRA³, LAYS PINHEIRO DE MEDEIROS⁴, SIMONE PEDROSA LIMA⁵

RESUMO

O objetivo deste estudo é relatar a experiência da promoção do evento de extensão da semana de doação de leite humano em formato remoto. O evento se desenvolveu de maneira satisfatória, durante todo o mês de maio de 2021, e propiciou momentos de união e trabalho entre os colaboradores. Realizou-se atividades itinerantes de educação em saúde com os profissionais da instituição, como também, uma gincana entre os mesmos para estimular a adesão à causa. Foram produzidos materiais educativos como podcasts, assim como vídeo do processo de doação e rotina dos Postos de Coletas. Ainda, as mães colaboradoras foram premiadas e homenageadas, como reconhecimento por suas contribuições. Contudo, reafirma-se a importância de compreender os benefícios associados à doação de leite humano e também estimular a participação ativa dos envolvidos na captação de doadoras.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Bancos de leite. Leite Humano. Promoção da Saúde. Saúde da Criança.

ABSTRACT

The aim of this study is to report the experience of promoting the event to extend the human milk donation week in a remote format. The event developed satisfactorily, throughout the month of May 2021, where it provided moments of union and work among employees. Itinerant health education activities were carried out with the institution's professionals, as well as a competition between them to encourage adherence to the cause. Educational materials such as podcasts were produced, as well as video of the donation process and routine of the Collection Points. Also, the collaborating mothers were awarded and honored, in recognition of their contributions. However, it reaffirms the importance of understanding the benefits associated with the donation of human milk and also encouraging the active participation of those involved in attracting donors.

Keywords: Breast Feeding. Milk Banks. Milk Human. Health Promotion. Child Health.

¹ Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - FACISA/UFRN.

² Graduanda em enfermagem Universidade Federal do Rio Grande do Norte - FACISA/UFRN.

³ Especialista em Urgência e Emergência e em Terapia Intensiva.

⁴ Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁵ Professora da Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es reportar la experiencia de promover el evento para extender la semana de donación de leche materna en formato remoto. El evento se desarrolló satisfactoriamente, durante todo el mes de mayo de 2021, donde brindó momentos de unión y trabajo entre los empleados. Se realizaron actividades itinerantes de educación en salud con los profesionales de la institución, así como una competencia entre ellos para incentivar la adhesión a la causa. Se produjeron materiales educativos como podcasts, así como video del proceso de donación y rutina de los Puestos de Recaudación. Asimismo, las madres colaboradoras fueron premiadas y homenajeadas, en reconocimiento a sus aportes. Sin embargo, reafirma la importancia de comprender los beneficios asociados a la donación de leche materna y también de fomentar la participación activa de los involucrados en la captación de donantes.

Palabras clave: Lactancia Materna. Bancos de Leche. Leche Humana. Promoción de la Salud. Salud del Niño.

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adesão ao aleitamento materno exclusivo tem diminuído consideravelmente as taxas de morbimortalidade infantil por causas preveníveis, sendo capaz de salvar vidas. É comprovado cientificamente que o leite materno apresenta propriedades que, em termos de saúde, o tornam superior aos leites de outras espécies. Por esse motivo, são necessários reforços quanto às orientações acerca da temática, seus respectivos benefícios e o incentivo e conscientização direcionado a mulheres que produzem leite humano em abundância a fazerem doações, outra vez que essa prática pode salvar cerca de 820 000 vidas por ano (OMS, 2018).

O leite humano é de valor imensurável para garantia da saúde da criança, considerando que oferece inúmeros benefícios para mãe e o bebê, sendo assim, o Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF), recomenda que a adesão ao aleitamento materno exclusivo (AME), isto é, sem introduzir qualquer outro alimento, como água, chás ou sucos, seja efetivada até os seis meses de vida, e complementado com outros alimentos até os dois anos de idade ou mais. A exclusividade é recomendada considerando que ele já supre as necessidades nutricionais que garantem o crescimento e desenvolvimento de forma adequada. Há também o benefício imunológico, tendo em vista que apresenta em sua composição diversas substâncias como imunoglobulinas que protegem a criança contra inúmeras patologias, de origem infecciosas, respiratórias, diarreias e otites (OMS, 2018).

Além das vantagens já mencionadas, o aleitamento materno ainda favorece o fortalecimento do vínculo natural entre o binômio, não possui custos financeiros, minimiza as chances da mulher de contrair um câncer de mama, é considerado um anticoncepcional eficaz nos primeiros seis meses, desde que esteja ocorrendo o aleitamento materno de forma exclusiva. Outro ponto relevante a ser levado em consideração, e que há evidências, é que a longo prazo o aleitamento materno diminui o risco de adquirir doenças crônicas não transmissíveis, na qual incluem

colesterol alto, hipertensão e diabetes, bem como, sobrepeso e obesidade. (OMS, 2018).

Nesse contexto, é imprescindível evidenciar que qualquer mulher pode amamentar. Quando existem fatores que impossibilitem a amamentação, se faz necessário suprir as necessidades nutricionais do lactente através de outros métodos, nessa conjuntura, se destacam estratégias de doações através dos Bancos de Leite Humano (BLH), pelas quais mães que produzem mais leite do que o lactente precisa podem contribuir na assistência de outras (SILVA, 2020).

Ainda que poucas, existem algumas condições em que se faz necessário a substituição parcial ou total do leite humano, mães portadoras do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), assim como pelo HTLV1 e HTLV2 não devem amamentar. A grande maioria das doenças infecciosas não acarreta descontinuidade no aleitamento, neste contexto, destaca-se a permissão com algumas restrições, a exemplo pode-se citar o sarampo, em que é orientado o isolamento materno nos quatro dias iniciais da doença e posterior a isso já pode haver o retorno da amamentação (SBP, 2019).

Alguns fármacos também são contraindicados na lactação, como por exemplo os quimioterápicos, no entanto, para a maioria dos medicamentos, não há restrições. Uma condição associada à criança que pode ser impeditivo para a amamentação é a galactosemia, doença rara em que não ocorre o metabolismo do açúcar contido no leite e em razão disso torna-se inviável a ingestão láctea. (Ministério da Saúde, 2015)

O Brasil é um país referência no que diz respeito ao estímulo ao aleitamento materno e doação de leite humano, tendo em vista o fato de que possui uma das maiores Redes de Banco de Leite Humano, é responsável pela criação da Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC), além do Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM), (FONSECA, 2021).

Os Bancos de Leite Humano consistem em serviços ligados a hospitais materno-infantis, e são encarregados de promover, proteger apoiar as práticas de aleitamento materno. No que se refere às Doações de Leite Humano, atuam diretamente em todo processo de coleta, seleção e processamento, assim, operam garantindo o controle rigoroso de qualidade, para certificar-se de que o conteúdo é realmente seguro para as crianças, para posteriormente serem disponibilizados de forma gratuita (FONSECA, 2021).

Os Bancos de Leite Humano atuam na assistência de bebês que atendam algumas indicações, como, ser prematuros e/ou de baixo peso (inferior a 2,5 kg) com ausência do reflexo de sucção, apresentar patologias do trato gastrointestinal, enteroinfecções, ou deficiências imunológicas. Ainda, é indicado em casos de lactentes gemelares e em casos excepcionais justificados (FONSECA, 2021).

Em partida dessa concepção, para garantir o controle de qualidade, são estabelecidos alguns requisitos que devem ser obedecidos pela nutriz doadora, tais como estar amamentando ou ordenhando leite para o próprio filho, ser saudável, apresentar todos os exames solicitados na

consulta de pré ou pós-natal, não fazer uso de mais de dez tabacos ao dia, álcool, drogas ilícitas ou medicamentos que sejam contraindicados durante a amamentação (BRASIL, 2006).

Para dar destaque a essa ação, no Brasil, há uma lei aprovada no últimos anos, a lei nº13.227, de 28 de dezembro de 2015, que institui o Dia Nacional de Doação de Leite Humano e Semana Nacional de Doação de Leite Humano, comemorado no mês de maio, mais especificamente no dia 19, e apresenta como finalidade engrandecer o estímulo ao aleitamento materno; promover debates sobre a importância do aleitamento materno e doação de Leite Humano, bem como, favorecer a divulgação dos bancos de leite humano, nos estados e municípios (BRASIL, 2015).

Sabe-se que a extensão universitária é um meio de interação entre a universidade e a comunidade, e tem se demonstrado eficaz para realizações de ações educativas que visem levar promoção da saúde para a população, construindo saberes e garantindo ainda a oferta de serviços de forma gratuita e de qualidade.

Diante do atual cenário de isolamento social, para o enfrentamento do novo coronavírus, foi necessário se reinventar e com isso diversos setores modificaram sua forma de executar suas ações. Para a educação a única forma viável de continuar seu desempenho foi por meio do formato remoto, do mesmo modo, com os eventos educacionais e as ações de extensão universitária, que retomaram suas atividades no modo online. Para a área da saúde em especial, ambos são importantíssimos, pois viabilizam o compartilhamento de informações de maneira mais acessível possibilitando a interação entre profissionais da área e acadêmicos, entre a universidade e a comunidade.

Isso posto, o objetivo deste relato de experiência é descrever a vivência de algumas integrantes do projeto de extensão intitulado Proteção, promoção e apoio a amamentação: fortalecendo a iniciativa hospital amigo da criança no Hospital Universitário Ana Bezerra (HUAB), frente à promoção do evento de extensão da semana de doação do leite humano, ofertado em formato remoto.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, da promoção do evento da semana de doação de leite humano do Hospital Universitário Ana Bezerra (HUAB), na cidade de Santa Cruz, Rio Grande do Norte, realizado pelos membros da Comissão de Aleitamento Materno (CAM) da referida instituição, em parceria com os integrantes do projeto de extensão intitulado “Proteção, promoção e apoio a amamentação: fortalecendo a iniciativa hospital amigo da criança no HUAB”, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O desenvolvimento da organização do evento se deu inicialmente através de discussões dos membros do CAM do HUAB, nas reuniões ordinárias, com a colaboração dos discentes dos cursos de

graduação de Enfermagem e Nutrição vinculados a Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA- UFRN) na continuidade da organização do evento.

Em virtude do atual contexto pandêmico ocasionado pela COVID-19, e a adoção de medidas preventivas como o isolamento social, para evitar a disseminação do vírus, houveram diversas modificações no formato do evento, que antes era concretizado de forma presencial, o qual foi reconfigurado para ocorrer de forma remota. Sendo assim, foram necessárias diversas adaptações, quanto ao uso de diversas ferramentas tecnológicas de informação e comunicação, para tornar acessível ao público e produzir materiais.

Assim, foram produzidos diversos materiais, tais como: podcasts educativos para os profissionais de saúde, com informações voltadas para a temática da doação de leite humano em consonância com o cenário da covid-19, construção de designs para a logo do evento, bottons e canetas utilizadas para premiação, homenagens e cartas personalizadas para as mães doadoras, além de postagens e storys com conteúdo voltado para educação em saúde no aplicativo de rede social Instagram. Esses elementos foram estratégias essenciais para a divulgação do evento e alcance de grande parte do público, disseminação do conteúdo e causa, e tinha como objetivo despertar o interesse em participar e contribuir com as doações.

Quadro 1. Planejamento do evento.

PLANEJAMENTO – SEMANA DA DOAÇÃO DE LEITE HUMANO EM FORMATO REMOTO			
DATA	ATIVIDADE REALIZADA	CARGA HORÁRIA	FERRAMENTAS UTILIZADAS
26/04 a 30/04	Discussão e estabelecimento de atividades que seriam realizadas, assim como seus respectivos responsáveis.	2 horas	Plataforma Google Meet
03/05 a 07/05	Elaboração do design da logo do evento, bottons, canetas e cartas para premiações.	2 horas	Ferramenta Canva.
03/05 a 07/05	Produção de materiais, podcasts e vídeos acerca da temática.	2 horas	Plataforma SoundCloud; Rede social Instagram.
17/05 a 21/05	Divulgação do evento e de materiais produzidos.	2 horas	Rede social Instagram.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

RESULTADOS

Diante do que foi exposto, deu-se início a articulação para o desenvolvimento do que seria trabalhado nesse respectivo ano, que apesar das limitações provocadas pela pandemia do novo coronavírus, o evento iria ocorrer, com algumas adaptações.

No momento da discussão referente ao planejamento do evento, houveram algumas sugestões do que poderia ser desempenhado no que diz respeito às atividades, destacando assim, a gincana de captação de doadoras, pensada com o propósito de gerar interesse, entre os colaboradores da instituição em auxiliar no processo de captação de novas doadoras de leite humano; a realização de atividades itinerantes realizadas pelo equipe do Posto de Coleta de Leite Humano (PCLH), em parceria com os membros do CAM, ainda foi idealizada a produção e lançamento de podcasts sobre a temática da doação de leite humano, o lançamento de vídeo demonstrativo do passo a passo sobre a rotina do PCLH, a campanha de doação de potes de vidros, e a viabilização de premiações e homenagens às mães doadoras.

Após levantamento das propostas iniciais foi realizada reunião, com membros do CAM e Projeto de Extensão, através da Plataforma “Google Meet”, discutindo a proposta inicial de programação e realizando a distribuição de tarefas, dentre os membros. Cada uma dessas propostas iniciais foi analisada minuciosamente, na tentativa de obter bons resultados com a execução do evento.

Dessa forma os membros do CAM, assumiram parte da coordenação do evento, tendo o apoio do projeto de extensão da UFRN/FACISA, para a produção e divulgação de alguns materiais do evento da semana de doação de leite humano, com o intuito de unir forças para promover um evento de qualidade. A distribuição e debate das atribuições, se deram através de reuniões na plataforma Google Meet, e grupos de WhatsApp, objetivando o acesso a comunicação de forma ágil e prática.

Dando início ao andamento do evento da semana de Doação de Leite Humano do HUAB, que ocorreu durante o mês de maio, todo o conteúdo programático planejado inicialmente, foi posto em prática. A princípio, foram confeccionadas pelos discentes que faziam parte do projeto de extensão citado anteriormente, os “designs” para logo do evento, bottons e canetas para premiação (Figura 1) e (Figura 2). De posse da logo do evento e programação, iniciamos as divulgações do evento na rede social denominada como Instagram (Figura 3). Em seguida, a mesma equipe iniciou o desenvolvimento de cartas personalizadas para as mães doadoras, contendo uma mensagem de agradecimento e volume de leite doado (Figura 4). Para construção dos materiais e publicação da programação, de acordo com o tema proposto, foram utilizadas algumas ferramentas, destacando o “Canva” para criar os designs.

Figura 1. Logo do evento.



Fonte: Arquivo do projeto (2021).

Figura 2. Bottons e canetas para premiação.



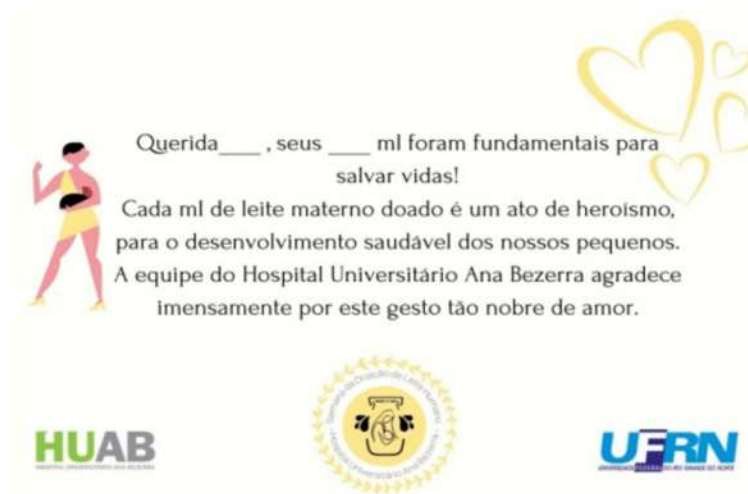
Fonte: Arquivo do projeto (2021).

Figura 3. Programação da “Semana de Doação de Leite Humano”.



Fonte: Arquivo do projeto (2021).

Figura 4. Carta de agradecimento às mães pelo volume de leite doado.



Fonte: Arquivo do projeto (2021).

Realizada a divulgação inicial, foi iniciado o desenvolvimento de ações direcionadas aos profissionais, com a intenção de disseminar conhecimentos atuais acerca de assuntos relacionados à área materno-infantil, para isso, a ideia da produção de podcasts foi implementada, e intitulado como “Fortalece aí”, os mesmos foram produzidos, gravados e divulgados via Instagram, com o apoio do projeto de extensão. Durante o evento foram divulgados 3 “Podcasts”, com duração média de 5 minutos, cada um, com a participação de convidados especiais, funcionários do HUAB. Foram abordados as seguintes temáticas: “Aumento da demanda de leite humano: partos

prematturos no contexto da covid-19 e aumento do risco da gestação”, apresentado pela Pediatra Dra Amanda Brilhante; “Tendência das publicações sobre a temática do covid e aleitamento materno”, apresentado pela Enfª Drª Lays Pinheiro de Medeiros; e “Experiência dos colaboradores da ala covid na promoção do aleitamento materno em um hospital amigo da criança”, apresentado pela Técnica em Enfermagem Sergilene Fonseca (Figura 5).

Figura 5. Podcasts.



Fonte: Arquivo do projeto (2021).

Prosseguindo com as atividades, foi realizado a produção e gravação de um vídeo, pelos colaboradores do Posto de coleta de leite humano (PCLH), membros do CAM, e com a participação de colaboradores e doadoras envolvidas no processo, retratando o passo a passo para Doação de Leite Humano e rotina do PCLH, contemplando desde o contato com as doadoras até a distribuição do leite materno. O referido vídeo, tinha como destino ser outro instrumento instrutivo de divulgação via Instagram. (Figura 6).

Figura 6. Vídeo “Passo a passo da Doação de Leite Humano”.



Fonte: Arquivo do projeto (2021).

Com relação a campanha de doação de potes de vidro, para que as informações sobre chegassem a toda comunidade, foi necessário a produção de posts para publicação no instagram, e para isso, os discentes colaboraram com a criação da arte, que abarcava informes como o tipo de pote específico e o local para fazer a doação (Figura 7).

Figura 7. Campanha de doação de potes de vidro.



Fonte: Arquivo do projeto (2021).

Atividades itinerantes organizadas pela equipe do posto de coleta em parceria com os membros do CAM, também ocorreram nesse período, nos setores assistenciais do HUAB, com temáticas que incluíram a divulgação da programação da semana de doação, dando ênfase a gincana dos colaboradores e a campanha de doação dos frascos de vidro (Figura 8), durante o período evento participaram das atividades itinerantes um total de 42 colaboradores.

Nessa perspectiva, a gincana já citada foi realizada, e tratava-se de uma estratégia para estimular ainda mais os colaboradores do HUAB a captar doadoras de leite humano, tendo em vista que, que os dez colaboradores que mais captassem doadoras de leite humano no período do evento, receberiam premiações, as quais consistiam em bottons e canetas personalizadas com a logo do evento (Figura 8). A equipe do posto de coleta de leite humano, havia ficado responsável por realizar a contabilização da pontuação através da alimentação do quadro branco com o ranking, após a identificação do frasco com a etiqueta de doação (Figura 9).

Figura 8. Gincana.



Fonte: Arquivo do projeto (2021).

Figura 9. Atividades itinerantes nos setores assistenciais do HUAB.



Fonte: Arquivo do projeto (2021).

DISCUSSÃO

Diversos eventos alusivos à semana de doação de leite humano foram realizados em todo o Brasil e em outros países da América Latina, sendo o maior evento o nacional, promovido pela Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, intitulado Fórum de Cooperação Técnica Internacional. Esse evento foi realizado nos dias 17, 18 e 19 de maio e mostrou a capacidade de superação da Rede Global de Bancos de Leite Humano frente aos desafios impostos pela pandemia de Covid-19 e obteve mais de sete mil acessos durante a transmissão ao vivo pelo canal rBLH no Youtube. A experiência descrita no presente estudo, bem como de outros componentes da rede, foi divulgada nesta oportunidade (FIOCRUZ, 2021).

Como descrito nos resultados, foram utilizadas diversas estratégias de promoção da educação em saúde e na saúde. Esse achado corrobora com as atividades que já são desempenhadas por outros BLHs e PCLHs, conforme apresentado em uma revisão sistemática que compilou o papel destes na promoção da saúde materno-infantil. (FONSECA et al., 2021)

Apesar da importância do tema, há evidências na literatura que ainda apontam um déficit no conhecimento dos profissionais da saúde. Um estudo realizado no cenário da Estratégia Saúde da Família demonstrou que, apesar de reconhecerem a importância do leite humano para o crescimento e desenvolvimento das crianças, pouco sabem sobre a doação deste. O estudo demonstrou que a maioria dos profissionais acredita que o leite doado é alternativa para crianças que não estão sendo amamentadas, desconhecendo a ordem de prioridade para a prescrição de leite humano àqueles recém-nascidos hospitalizados, prematuros e/ou com baixo peso e com a saúde frágil. (FREITAS et al., 2019)

Além disso, os discursos dos profissionais evidenciam lacunas de conhecimento no que se refere ao processo de pasteurização e sua segurança, sendo esse um aspecto fundamental pois reforça a segurança do produto leite humano pasteurizado para as crianças que necessitam dele. (FREITAS et al., 2019). Durante o evento relatado nesta pesquisa, os podcasts realizados ratificam o processo de pasteurização como um procedimento que torna o leite seguro, até mesmo no contexto da pandemia por COVID-19.

Soma-se a isso, ainda nos discursos dos profissionais, a ideia de que a doadora de leite humano é mulher especial, dotada de um dom e que ocupa um lugar privilegiado na sociedade. Tal pensamento, somado ao fato do aconselhamento para doação ser realizado apenas quando é observada produção láctea excessiva, restringem as informações para o público-alvo, que são todas as mulheres que amamentam seus filhos, estejam saudáveis e que desejam doar. A amplitude desse público aumenta as possibilidades de captação de doadoras e são a base das campanhas ministeriais, apoiadas nas normas técnicas. (FREITAS et al., 2019)

O conhecimento dos profissionais reflete diretamente nas suas práticas profissionais e no quesito doação de leite humano não seria diferente. O papel deles é tamanho que estudos que identificaram, dentre os fatores que influenciaram as mulheres para doar leite humano para banco,

o “encorajamento de um profissional da saúde” foi o mais citado, mostrando que os profissionais da saúde desempenham um papel indispensável na motivação das mães e consequente manutenção desse processo (FONSECA et al., 2021). Sabendo disso, como parte do evento, tivemos a gincana de doação, que, como já descrito, encorajava todos os colaboradores a atuarem na orientação assertiva sobre a temática com as puérperas internadas nas unidades.

Além de buscar divulgar da maneira mais ampla possível os aspectos básicos da doação de leite humano, o evento trouxe como incremento o fortalecimento das informações sobre a doação no contexto de pandemia. Diante de todo o cenário, foi observada uma queda importante no volume de doações e, em contrapartida, o aumento da demanda, devido aos partos prematuros decorrentes de complicações da COVID-19. Baseando-se em normas técnicas específicas, os três Podcasts divulgados no evento que trata esse relato refletem a importância dessa temática, auxiliando na propagação de informações que protejam o aleitamento materno e a doação, mesmo nesse contexto de risco.

Por fim, sobre o uso das redes sociais, estas ganharam destaque nos últimos anos. Há estudos internacionais que já descreveram experiências exitosas na promoção do aleitamento materno (WILSON, 2020). A opção pelo aplicativo Instagram não é inédita, pois já há a descrição dela em outros estudos com outros objetivos, como por exemplo, a promoção de atividade física, dieta e qualidade de vida durante a pandemia (GOODYEAR et al., 2021).

A descrição desse relato demonstra a integração da tríade universidade, serviços de saúde e comunidade através de diversas intervenções e estratégias, as quais corroboram com as realizadas por escolas e departamentos de Enfermagem. Eles elegeram comitês para respostas à comunidade, com ações de ensino remotos, sem paralisação das atividades; informações divulgadas em diferentes mídias; cursos online e engajamento dos professores no desenvolvimento de pesquisas sobre COVID-19 (CUNHA et al., 2020). Assim, essas atitudes, bem como a descrita neste relato, ratificam o compromisso social da tríade com a promoção da saúde nos mais diversos contextos.

CONCLUSÃO

Com base no que foi vivenciado, foi possível analisar que apesar das limitações acarretadas pela pandemia, a interação entre a universidade e a comunidade externa, bem como o trabalho em equipe tem se demonstrado eficaz no que se refere a ações de promoção da saúde. Observou-se que o evento da semana de Doação de Leite Humano veio em um momento oportuno, considerando o cenário de desafios enfrentados, trazendo consigo novas oportunidades em diversos aspectos. Conseguiu mobilizar o público-alvo em defesa da causa, de forma que a pandemia do novo coronavírus não impactasse negativamente nos estoques.

Um aspecto positivo que é válido destacar é o envolvimento dos colaboradores em todo o processo, desde a idealização das atividades como da execução desta, indo além dos muros acadêmicos e serviço de saúde, através das intensas divulgações em mídias sociais, alcançando a população e promovendo a captação de novas doadoras. A valorização da mãe doadoras também é notória e imensamente importante, reconhecer o valor deste ato é uma maneira de estimular a participação de outras mães e com toda certeza aumentará o vínculo entre a instituição e a sociedade.

A doação de leite humano é essencial para a assistência de mães impossibilitadas de realizarem o aleitamento e dada a importância deste, é crucial buscar e adotar medidas que visem o fortalecimento desta contribuição. Em tempos de Covid-19, ações voltadas para a disseminação de informações por intermédio de ferramentas sociais têm se expandido cada vez mais, o que acelera o acesso à informação e ainda permite o alcance de um público maior.

Dado o exposto, o evento se desenvolveu de maneira satisfatória e propiciou momentos singulares de união e trabalho entre os colaboradores em prol do objetivo maior que é suprir as necessidades dos lactentes assistidos e ampliar os estoques. Contudo, reafirma-se a importância de compreender os benefícios associados à doação de leite humano e também estimular a participação ativa dos envolvidos na captação de doadoras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.227 de 28 de dezembro de 2015**. Institui o Dia Nacional de Doação de Leite Humano e a Semana de Doação de Leite Humano a serem comemorados anualmente. Brasília: Presidência da República.[2015]Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13227.ht; m. Acesso em:06 de agosto de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança : aleitamento materno e alimentação complementar / Ministério da Saúde**, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. 2. ed. Brasília : Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/biblioteca/visualizar/MTE5OQ==>. Acesso em: 06 de agosto de 2021.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC nº 171, de 4 de setembro de 2006**. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para o Funcionamento de Bancos de Leite Humano. Brasília, DF, 5 set. 2006.

BRASIL. Ministério da saúde. Organização Mundial de Saúde, **Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC)**. p. 1-2, 25 jun. 2017. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/artigos/41186-iniciativa-hospital-amigo-da-crianca-ihac>. Acesso em: 8 ago. 2021.

BUGES, N. M.; PEREIRA, R. J. fatores que influenciam o processo de doação de leite humano: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Contexto & Saúde**, [S. l.], v. 20, n. 38, p. 122–130, 2020. DOI: 10.21527/2176-7114.2020.38.122-130. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/10163>. Acesso em: 6 ago. 2021.

CUNHA et al. Ações e estratégias de escolas e departamentos de enfermagem de universidades federais frente à covid-19. **Rev. Enferm. Foco**. v. 11, n. 1, p. 48-57. 2020. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4115/802>>. Acesso em 10 ago. 2021.

FREITAS, Maria Imaculada de Fátima; MIRANDA, Wanessa Debôrtoli de; PASSOS, Maria Cristina; BONOLO, Palmira de Fátima. Doação de leite humano na perspectiva de profissionais da atenção primária à saúde. **Cadernos Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 27, n. 3, p. 301-306, set. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x201900030408>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/JGDPvRYV7RhJwpp6nKqkLdc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FONSECA, Rafaela Mara Silva; MILAGRES, Luana Cupertino; FRANCESCHINI, Sylvia do Carmo Castro; HENRIQUES, Bruno David. O papel do banco de leite humano na promoção da saúde materno infantil: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 309-318, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020261.24362018>. Disponível em: <https://scielosp.org/article/csc/2021.v26n1/309-318/>. Acesso em: 06 ago. 2021.

Organização Mundial da Saúde e Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) . (2018). **Diretrizes para implementação: proteger, promover e apoiar a amamentação em unidades que oferecem serviços de maternidade e recém-nascidos: a iniciativa revisada do hospital amigo da criança**. Organização Mundial da Saúde.

GOODYEAR, V.A., Boardley, I., Chiou, S.Y. et al. Uso da mídia social informando comportamentos relacionados à atividade física, dieta e qualidade de vida durante o COVID-19: um estudo de métodos mistos. **BMC Public Health** **21**, 1333 (2021). <https://doi.org/10.1186/s12889-021-11398-0>. Disponível em: <https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-021-11398-0> Acesso em: 10 ago. 2021.

PEREIRA, Andressa de Oliveira Rios; FERREIRA, Raquel de Menezes; SILVA, Fernanda Marcelino de Rezende e; QUADROS, Karla Amaral Nogueira; SANTOS, Regina Consolação dos; ANDRADE, Silmara Nunes. Fatores que interferem na realização do aleitamento materno exclusivo. **Nursing** (São Paulo), [S.L.], v. 24, n. 274, p. 5401-5418, 1 mar. 2021. Disponível em: <http://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/1325/1525> Acesso em: 10 ago. 2021.

SILVA, Renata Kelly dos Santos e; MOURA, Maria Sauanna Sany de; CARVALHO, Maynara de Lima; BRAZ, Zeila Ribeiro; MOURA, Nadya dos Santos; MENDES, Anderson Nogueira; RODRIGUES, Malvina Pacheco. Desejo de doar leite: relação com características maternas. **Avances En Enfermería**, [S.L.], v. 38, n. 2, p. 216-225, 1 maio 2020. Universidad Nacional de Colombia. <http://dx.doi.org/10.15446/av.enferm.v38n2.82838>. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/08/1114691/desejo-de-doar-leite-relacao-com-caracteristicas-maternas.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2021.

Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Departamento Científico de Aleitamento Materno. **Guia Prático de Atualização**. Doenças maternas infecciosas e amamentação. Nº2. Novembro, 2019.

SILVA, W. P. Extensão Universitária: um conceito em construção. **Rev. Extensão & Sociedade**, v. 11, n. 2, p. 21–32, 2020.

WILSON, Jane C.. Using Social Media for Breastfeeding Support. **Nursing For Women's Health**, [S.L.], v. 24, n. 5, p. 332-343, out. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.nwh.2020.07.003>. Disponível em: <<https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-021-11398-0>>. Acesso 08 de agos de 2021.

QUALIFICAÇÃO PARA O CUIDADO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM RELATO DE CURSO REMOTO DE EXTENSÃO

QUALIFICATION FOR THE CARE OF CHILDREN AND ADOLESCENTS: A REPORT OF A REMOTE EXTENSION COURSE

CALIFICACIÓN PARA EL CUIDADO DE NIÑOS Y ADOLESCENTES: INFORME DE UN CURSO DE EXTENSIÓN A DISTANCIA

LUCAS BARROSO REGO¹, ROSANA MORGADO PAIVA², MARIA MAGDALA SILVA³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência de um curso remoto de extensão ofertado por um projeto vinculado à Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ). A ação envolveu 75 alunos, entre inscritos e ouvintes. Inserido no contexto de virtualização da Educação, o curso, entre abril e dezembro de 2021, foi pensado para estimular que os educandos refletissem sobre a arte do cuidado e os conceitos próprios de uma cidadania ativa. A partir da metodologia de relato de experiência, buscar-se-á entender o curso como um espaço de acolhimento e de reflexão em tempos de pandemia. Com o relato dessa experiência, espera-se que profissionais da Educação se sintam engajados e motivados a empreender mudanças sociais a partir da Extensão.

Palavras-chave: curso de extensão; educação à distância; cuidados com a criança; serviço social.

ABSTRACT

The objective of this work is to report the experience of a distance extension course offered by a project linked to the School of Social Service (ESS/UFRJ). The action involved 75 students, including subscribers and listeners. Inserted in the context of the Virtualization of Education, or course, between April and December 2021, it was designed to encourage students to reflect on the art of caring and the concepts of active citizenship. Based on the case study methodology, the course is sought to be understood as a space for monitoring and reflection in times of pandemic. With the report of this experience, it is expected that education professionals are attracted and motivated to undertake social changes from the Extension.

Keywords: extension course; distance education; child care; social service.

¹ Bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e licenciando em História pela Universidade Cândido Mendes (UCAM).

² Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

³ Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es relatar la experiencia de un curso de extensión a distancia ofrecido por un proyecto vinculado a la Escuela de Servicio Social (ESS/UFRJ). En la acción participaron 75 estudiantes, entre suscriptores y oyentes. Insertado en el contexto de la Virtualización de la Educación, el curso, entre abril y diciembre de 2021, fue diseñado para incentivar a los estudiantes a reflexionar sobre el arte de cuidar y los conceptos de ciudadanía activa. A partir de la metodología de estudio de caso, se busca que el curso sea entendido como un espacio de seguimiento y reflexión en tiempos de pandemia. Con el relato de esta experiencia, se espera que los profesionales de la educación se sientan atraídos y motivados para emprender cambios sociales desde la Extensión.

Palabras clave: curso de extensión; educación a distancia; cuidado de los niños; servicio social.

INTRODUÇÃO

Desde o final de 2019, a humanidade, de uma forma geral, vem sofrendo os impactos decorrentes da rápida disseminação da COVID-19, enfermidade causada pelo novo coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2). Com a decretação oficial do aparecimento pandêmico do vírus, por determinação da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, políticas públicas necessárias de incentivo ao distanciamento e ao isolamento físico foram implementadas e as diversas formas de relacionamento interpessoal foram se adaptando ao processo de interação virtual e aos desafios a ele inerentes, como foi o caso da Educação (ALMEIDA; ALVES, 2020).

Em decorrência da decretação de suspensão de atividades presenciais em instituições acadêmicas e escolares, como resposta efetiva à rápida propagação do vírus, a Educação, nos mais variados níveis, foi uma das grandes afetadas pelas medidas urgentes de isolamento e distanciamento físicos. Como uma tentativa de recuperar a dinamização perdida nos processos presenciais de ensino e aprendizagem, o ensino remoto foi implementado como uma alternativa emergencial própria para esse período pandêmico (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

É nesse contexto que a Extensão Universitária é reivindicada e colocada em ação como a dimensão social da própria universidade (JEZINE, 2001) capaz de promover interações entre a comunidade científica e a sociedade civil (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018), propiciando contribuições mútuas mesmo em tempos remotos de pandemia.

Nesse contexto de virtualização da Educação, o projeto de extensão “Centro de Cidadania da Praia Vermelha”¹, vinculado à Escola de Serviço Social (ESS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), iniciou a oferta de seu primeiro curso de extensão completamente remoto, intitulado “Qualificação para o Cuidado de Crianças e Adolescentes”². A ação iniciou em abril de 2021 e encerrou-se em dezembro do mesmo ano.

¹ Para saber mais sobre o projeto de extensão “Centro de Cidadania da Praia Vermelha” da Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ), responsável pela oferta remota do curso de qualificação, cf. Silva & Acosta (2010).

² Para visualizar a ementa completa do curso de extensão, que contém o conteúdo programático de todas as aulas, acesse: <https://bit.ly/EmentaDoCurso>.

O curso teve como objetivo qualificar profissionais inseridos nas políticas públicas, privadas e do terceiro setor e futuros profissionais no cuidado voltado à população infantojuvenil, na perspectiva biopsicossocial. Para isso, centrou-se nos contextos atuais e conceitos de sociedade, família, cuidados em saúde e políticas públicas. A orientação da ação de extensão se deu a partir de uma leitura construtivista da arte do cuidado em saúde, o que possibilitou relacioná-lo como expressão dos valores e das normas da sociedade contemporânea, as quais são influenciados por determinações biológicas, psicológicas, sociais, políticas, econômicas, científicas e culturais.

Partindo dos preceitos éticos e pedagógicos contidos na ideia de educação popular de Freire (1991), o legítimo patrono da educação brasileira, a ação de extensão, ao longo de suas 29 (vinte e nove) sessões remotas sincrônicas, abordou diversas temáticas relacionadas às interações entre o cuidador, a família e as crianças, bem como seus papéis e ações. A relevância de sua abordagem diz respeito à necessidade de se refletir sobre o estado da arte do cuidado e os conceitos próprios de uma cidadania ativa.

Neste presente relato, portanto, teremos como objetivo descrever a experiência do curso remoto de extensão “Qualificação para o Cuidado de Crianças e Adolescentes”, entendido como um espaço (cri)ativo de acolhimento e de suscitação de reflexões em tempos pandêmicos de virtualização e isolacionismo.

Para isso, apresentaremos: i) o perfil dos alunos participantes do curso, mapeando a diversidade do amplo corpo discente; ii) o perfil interdisciplinar e multidisciplinar dos docentes envolvidos, articulando as temáticas abordadas nas aulas às suas formações acadêmicas e experiências profissionais; iii) os conteúdos ministrados em cada sessão síncrona; e, por fim, iv) as exposições das diversas indicações de materiais complementares por parte dos professores convidados.

METODOLOGIA

Aspectos metodológicos

O presente trabalho trata-se de um estudo essencialmente descritivo, do tipo relato de experiência, que analisa a atuação de colaboradores e participantes na realização à distância do curso de extensão intitulado “Qualificação para o Cuidado de Crianças e Adolescentes”, o primeiro inteiramente remoto ofertado pelo projeto de extensão “Centro de Cidadania da Praia Vermelha” da Escola de Serviço Social (ESS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Para tal iniciativa, analisaremos cada conteúdo ministrado nas 29 (vinte e nove) sessões síncronas do curso, como contido em sua ementa e na experiência observada nas 4 (quatro) plataformas de ambientes virtuais do ensino remoto, a saber: Zoom, Google Drive, e-mail e WhatsApp. Além disso, como uma forma de democratizar ainda mais todo o conhecimento

exposto gratuitamente pelos docentes convidados, também traremos as exposições das diversas indicações de materiais complementares por parte dos professores convidados e como elas estão diretamente relacionadas às discussões propostas na grande área do Serviço Social.

Colaboradores e participantes da ação de extensão

O curso remoto contou com a coordenação de 2 (duas) professoras doutoras e associadas da Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ), sendo, uma do quadro ativo da instituição e uma já aposentada. Além disso, para auxiliar no acompanhamento pedagógico, no apoio técnico e na comunicação entre discentes e docentes, a ação também contou com a colaboração de 2 (dois) monitores, sendo, uma voluntária e um bolsista.

Além da mediação de uma das coordenadoras e do apoio técnico dos 2 (dois) monitores, cada aula, com exceção das duas primeiras, da quinta e da sexta sessões, ainda contou com a presença de 1 (um) professor convidado, especializado e atuante na temática abordada. Ao todo, dentre graduandos e doutores formados por instituições federais e estaduais do Rio de Janeiro (RJ), a ação de extensão contou com a contribuição colaborativa de 17 (dezesete) profissionais. Os docentes, inseridos em uma arena pedagógica dialógica, trabalharam os conceitos inerentes à temática abordada, o resultado de suas pesquisas e experiências profissionais, fomentando trocas de conhecimento e de experiências e a construção de uma rede multiprofissional, interdisciplinar e integral de cuidados à saúde da criança e do adolescente.

Com o objetivo geral de qualificar profissionais no cuidado às crianças e adolescentes em seus aspectos biopsicossociais, o curso remoto foi direcionado, de forma prioritária, à população residente no município de Nova Iguaçu (Rio de Janeiro), enquanto público-alvo que pretendia se qualificar para se (re)inserir, por meio da atividade do cuidado, no concorrido mercado atual de trabalho. No entanto, superando as expectativas para além dos moradores iguaçuanos, o curso de qualificação ultrapassou os limites geográficos e recebeu diversas inscrições interestaduais das cinco macrorregiões brasileiras, com um destaque especial para aquelas vindas dos municípios de Baturité (Ceará), Belém (Pará), Boa Vista (Roraima), Cabo de Santo Agostinho (Pernambuco), Macapá (Amapá), Muriaé (Minas Gerais), Rosário do Catete (Sergipe), Santa Maria (Rio Grande do Sul) e São João dos Patos (Maranhão).

Ao total, o curso remoto recebeu mais de 280 (duzentas e oitenta) inscrições para o seu processo seletivo, que poderiam ser realizadas tanto de forma on-line via um formulário digital³ quanto de forma presencial no espaço físico da Casa de Renato⁴. Em relação a esse último,

³ Para visualizar o formulário original utilizado no processo de inscrição on-line no curso de extensão, acesse: <https://bit.ly/FormulárioDoCurso>.

⁴ A Casa de Renato é uma organização que atua na promoção de práticas socioeducativas de orientação, acompanhamento e suporte às famílias, especialmente às monoparentais. A Casa está localizada na Avenida dos Inconfidentes, 1105, em Austin, distrito de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

o processo presencial de inscrição seguiu todos os protocolos sanitários orientados por instâncias formais e legais de saúde e evitando, assim, a aglomeração. As inscrições presenciais aconteceram nas segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras, das oito horas ao meio dia, no período de 05 a 20 de abril de 2021.

Com o resultado da seleção divulgado no dia 22 de abril de 2021, foram selecionados 50 (cinquenta) alunos para preencherem a totalidade das vagas disponibilizadas. Os que não foram selecionados inicialmente compuseram a lista de espera. O curso selecionou ainda algumas alunas de outras localidades, com um destaque para os municípios de Angra dos Reis (Rio de Janeiro), Cajazeiras (Paraíba), João Pessoa (Paraíba), São Luís (Maranhão), São Paulo (São Paulo) e Teresina (Piauí).

Passadas as 2 (duas) primeiras sessões síncronas do curso, os alunos ausentes e/ou desistentes deram lugar aos primeiros componentes da lista de espera. Em consonância a isso, também foi aberta a possibilidade de haver ouvintes esporádicos, isto é, inscritos ou não-inscritos que assistiam às aulas de acordo com as suas próprias demandas, sendo elas, pessoais, acadêmicas e/ou profissionais. Assim, para além do preenchimento mínimo das 50 (cinquenta) vagas disponibilizadas inicialmente, o curso contou com a participação total de 75 (setenta e cinco) alunos, entre inscritos e ouvintes que participaram de, pelo menos, 1 (uma) sessão síncrona.

De forma majoritária, o corpo discente inscrito ou ouvinte do curso de qualificação foi formado por: i) graduandos e pós-graduandos dos cursos de Psicologia e Serviço Social, mas também das Licenciaturas em História e Geografia, em Universidades Brasileiras, como é o caso das Federais do Rio de Janeiro (UFRJ) e de Santa Maria (UFSM), a Estadual de Londrina (UEL), a Paulista (UNIP), a de Pernambuco (UPE) e a Veiga de Almeida (UVA); ii) cuidadores, conselheiros tutelares e assistentes sociais voluntários ou empregados em abrigos, programas, centros, associações, cooperativas, prefeituras, secretarias e subsecretarias municipais; e iii) profissionais autônomos engajados no cuidado às crianças e adolescentes, sem vínculos empregatícios oficialmente definidos e nem acadêmicos ou escolares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curso de extensão intitulado “Qualificação para o Cuidado de Crianças e Adolescentes” foi oferecido gratuitamente à distância na modalidade de ensino remoto, com suas sessões síncronas acontecendo na plataforma Zoom e suas atividades assíncronas e gravações restritas das aulas disponibilizadas no Google Drive do curso. A comunicação entre discentes e docentes era feita formalmente por e-mail e descontraidamente via um grupo no WhatsApp intitulado “ESS | CURSO DE EXTENSÃO” que, em seu ápice, contou com 94 (noventa e quatro) participantes. Além dos preparativos e da avaliação do curso, a ação ocorreu quinzenalmente aos sábados, sendo iniciada no dia 24 de abril de 2021 e encerrada no dia 04 de dezembro de 2021, com um recesso entre os dias 19 de junho e 07 de agosto de 2021.

Com um intervalo intercalado de 1 (uma) hora, cada aula do curso, na teoria, foi dividida em 2 (duas) sessões síncronas, sendo: a 1ª) uma aula teórica sobre uma temática previamente determinada na ementa do curso, ocorrendo pela manhã, entre 9h e 12h; e a 2ª) um debate geral sobre os conceitos abordados previamente na parte da manhã, relato e troca de experiências pessoais e também um discussão acerca dos materiais complementares disponibilizados antecipadamente para estudo e reflexão extraclasse, como filmes, vídeos, reportagens e textos, por exemplo, acontecendo pela tarde, a partir das 13h até às 16h.

Realizada em 24 de abril de 2021, a primeira aula do curso foi ministrada por uma das coordenadoras do curso. Com a temática “o cuidador, a família, crianças e adolescentes: construindo novas interações sociais”, a aula foi dividida em duas sessões síncronas: a primeira, além da apresentação do curso, contou com uma exposição teórica dos conceitos caros à temática e transcorreu no sentido de abordar a relação entre o cuidador e a família na perspectiva do cuidado integral; e já a segunda parte da aula foi composta por uma exibição crítica do filme *Escritores da Liberdade* (2007), produção cinematográfica ficcional que analisa a educação e as desigualdades sociais a partir da escola Woodrow Wilson (Califórnia/Estados Unidos).

Ministrada por uma das coordenadoras do curso, a segunda aula foi intitulada “família e diversidade sexual: novas configurações contemporâneas”. Sendo realizada em 08 de maio de 2021, a aula abordou os conceitos de família, em sua definição de instituição social, e as evoluções históricas em suas conceituações e relações de poder, além de se propor a pensar nos diversos arranjos familiares e em possíveis políticas públicas para evitar preconceitos. Ademais, também foi abordado a questão da violência doméstica de gênero, um processo “macro e micro político que se desenvolve em escala societal e interpessoal”, em que “não há lugar para a polarização entre violência estrutural e interpessoal” (ALMEIDA, 2007, p. 28). Para incrementar esse debate, foi escolhido, como material complementar, o filme *Preciosa: uma história de esperança* (2009), produção cinematográfica que analisa os variados níveis de violência e negligência sofridas por Claireece Preciosa Jones em seus núcleos social e familiar. Por meio do filme, é possível observar a importância da Assistência Social, da Educação e do Estado como um todo e como a falha de um destes pode fomentar o risco e as vulnerabilidades sociais.

A terceira aula, ocorrida em 22 de maio de 2021, também foi ministrada por uma das coordenadoras do curso. Com o tema “sexualidade ao longo do ciclo vital”, a aula foi dividida em duas sessões síncronas: a primeira foi composta por uma apresentação teórica dos conceitos fundamentais à temática, como sexualidade e reprodução, e abordou sobre direitos sexuais e reprodutivos, gravidez na adolescência e trabalhos de prevenção; e já a segunda parte da aula foi um debate sobre o filme *Juno* (2007), produção cinematográfica ficcional cuja temática gira em torno da gravidez na adolescência.

Ministrada por uma doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a quarta aula do curso foi intitulada “sexualidade e adolescência: prevenção às IST”. Sendo

realizada em 05 de junho de 2021, a aula abordou a definição e as formas de transmissão e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Como forma de instrumentalizar o debate, foi escolhido a exibição integral de um vídeo informativo complementar sobre o uso do preservativo feminino⁵, como uma forma de instruir a prevenção da contaminação de infecções e de evitar uma possível gravidez indesejada.

A quinta aula do curso, realizada em 19 de junho de 2021, foi ministrada por um doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor substituto da Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ). Com o tema “Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a garantia de direitos – principais demandas da sociedade e medidas preventivas e protetivas”, a aula transcorreu no sentido de ser uma apresentação teórica dos conceitos fundamentais caros à discussão. Nesse sentido, foram abordados as bases conceituais, princípios e direitos inerentes ao ECA, além das contribuições do cuidador e da importância de conselheiros e atores do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e Adolescente.

Após o fim do recesso iniciado em 19 de junho de 2021, a sexta aula do curso foi ministrada por uma doutoranda em Saúde da Criança e da Mulher pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Ocorrida em 07 de agosto de 2021, a aula teve o título “parto natural: assistência humanizada à família no nascimento” e abordou questões relacionadas aos conceitos de maternidade, paternidade, parto natural e humanização, além de pensar na abordagem das experiências em curso e da urgência de políticas públicas na área. Como uma forma de exemplificar práticas exitosas em relação a experiências de parto e nascimento humanizados no Brasil, a professora convidada indicou a visualização do documentário nacional SUS que dá certo⁶, produção documental que narra as experiências de usuários e trabalhadores no Hospital Sofia Feldman (MG) sobre o tema da humanização da saúde.

Ministrada por uma doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), a sétima aula do curso foi intitulada “violência contra crianças e adolescentes”. Sendo realizada em 21 de agosto de 2021, a aula abordou o conceito de violência pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a tipologia da violência e a importância das ações interdisciplinares e multiprofissionais da saúde no combate a violência a crianças e adolescentes. Além disso, também foram abordadas temáticas relacionadas a violações sexuais; a ocultação e o silenciamento da violência; e a urgência de criação de canais de acolhimento e escuta afetiva voltados para crianças e adolescentes. Como uma forma de instrumentalizar o aparato teórico exposto em aula, a

⁵ Para visualizar o vídeo complementar utilizado no curso sobre como usar o preservativo feminino, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=o1w9fh8o0lY>.

⁶ Para assistir ao documentário SUS que dá certo, utilizado pela professora em sua aula, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=II1rAfmdkG0>.

professora indicou a visualização de dois filmes: *A Cor Púrpura* (1985), que narra a história de Celie, uma jovem vítima de discriminação, agressões e violências físicas e simbólicas; e *Anjos do Sol* (2006)⁷, filme nacional que conta a vida de Maria, uma menina de 12 anos do interior do nordeste brasileiro que foi vendida pela família a um recrutador de prostitutas e passa a ser mais uma vítima da violência sexual.

Realizada em 04 de setembro de 2021, a oitava aula do curso foi ministrada por uma mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e assistente social da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro. Com o tema “aborto: aspectos biopsicossocial e legal”, a aula, para além dos aspectos contidos no título, transcorreu no sentido de abordar a questão do abortamento; os fatores de risco; a vulnerabilidade e a clandestinidade como questão de saúde pública; a garantia do cumprimento de Direitos Humanos; e a prevenção ao aborto na infância e na adolescência, além de pensar em ciclos históricos, informar e propor políticas públicas na área. Como materiais complementares, a docente convidada indicou a visualização de dois vídeos: o documentário brasileiro *Clandestinas*⁸, que narra a experiência de mulheres no interrompimento de gravidezes; e o trailer do documentário *Direito & Saúde: o caso de Alagoinha*⁹, longa-metragem sobre o aborto legal realizado em uma menina de apenas 9 (nove) anos, residente do município de Alagoinha (PE), que engravidou de gêmeos após ser violentada recorrentemente pelo padrasto e que, portanto, lhe cabia o direito legal ao abortamento assistido pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Em virtude de uma alteração pontual no cronograma, a nona aula do curso, realizada em 18 de setembro de 2021, teve apenas uma sessão matutina, de 9h às 12h, e foi ministrada por uma doutora em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Condensando uma exposição teórica de conceitos e debates, a aula foi intitulada “alienação parental e mediação de conflito” e abordou temáticas transversais ao assunto, propondo abordagens das experiências em curso e políticas públicas na área. Como uma forma de ilustração do tema, a docente convidada indicou a visualização crítica do documentário brasileiro *A Morte Inventada*¹⁰, que aborda os efeitos prejudiciais nas áreas pedagógica, familiar e social da prática da alienação parental.

Realizada em 02 de outubro de 2021, a décima aula do curso foi ministrada por uma doutora em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e foi dividida em duas sessões síncronas complementares, com temáticas diferentes. A primeira foi intitulada “abuso digital on-line nos relacionamentos afetivo-sexuais juvenis” e abordou os conceitos emergentes de sociabilidade

⁷ Para assistir ao filme *Anjos do Sol* (2006), indicado pela professora em sua aula, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=2U4PHZJI434>.

⁸ Para assistir ao trailer do documentário *Direito & Saúde: o caso de Alagoinha*, reproduzido pela professora em sua aula, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=vd9uhXH9nnM>.

⁹ Para assistir ao documentário *Clandestinas*, utilizado pela professora em sua aula, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=AXuKe0W3ZOU>.

¹⁰ Para assistir ao documentário *A Morte Inventada*, utilizado pela professora em sua aula, acesse: https://www.youtube.com/watch?v=Qk7V0_R106Q.

digital, ciberespaço (espaço não físico ou territorial) e cibercultura planetária, que atraem os adolescentes, faixa etária identificada como a de maior vulnerabilidade para a ocorrência de violências nas relações afetivos-sexuais (HEILBORN, 2006), de forma particular, íntima e específica. Além disso, também tratou de pensar as dinâmicas relacionais e culturais mediadas pelo uso da Internet; o cyberbullying; a hipervisibilidade das redes sociais (KEEN, 2012); a vigilância, o controle, e o monitoramento nessa nova realidade digital; os problemas sociais e psíquicos que emergem dessas situações, como isolamento, sedentarismo, depressão, ansiedade, baixo desempenho escolar e uso de drogas; e, por conseguinte, as contribuições do cuidador na mitigação dessas problemáticas sociais. Já a segunda sessão síncrona, em complemento à primeira, foi intitulada “suicídio e adolescência: o desafio da prevenção” e teve como objetivo sensibilizar o grupo com estratégias de identificação, avaliação de riscos e encaminhamento com vistas ao enfrentamento do fenômeno do suicídio em jovens e adolescentes.

A décima primeira aula do curso, ocorrida em 09 de outubro de 2021, foi dividida em duas sessões síncronas com temáticas e docentes diferentes, sendo uma matutina e outra vespertina. A primeira foi ministrada por uma doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), e teve como título “a detecção precoce do câncer infantojuvenil na rede pública e o manejo e cuidados”. Esse momento de debate teve o objetivo de abordar quantificações, projeções, estimativas, tipificações, epidemiologia, sinais, sintomas, fatores de risco e vulnerabilidades do câncer infantojuvenil, além de suas prevenções e programas de detecção precoce, visando orientar os cuidadores de crianças e adolescentes sobre doenças oncológicas.

Já a segunda sessão síncrona da aula do dia 09 de outubro de 2021, intitulada “bullying na escola: o desafio inerente às ações integradas de cuidado em saúde”, foi ministrada por uma socióloga da Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ) e doutoranda de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Partindo do arcabouço teórico pioneiro de Cleo Fante (2005), a sessão síncrona tratou de apresentar conceituações, perfis, abordagens, prevenções e tratamentos sobre a questão do bullying, cyberbullying e assédio moral em ambientes escolares, familiares e sociais, visando pensar, a partir do Serviço e da Assistência Social, em políticas públicas efetivas na área do cuidado.

Realizada em 23 de outubro de 2021, a décima segunda aula foi ministrada pela professora por uma doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e docente associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com o tema “cuidados relacionados aos acidentes que ocorrem na comunidade, com crianças e adolescentes”, a aula, partindo do fato de que as lesões não intencionais e preveníveis são consideradas um grave problema de saúde pública, abordou os dados da temática; as principais intercorrências; os fatores que interferem na ocorrência dos acidentes; as medidas preventivas primárias, secundárias e terciárias; as ações

estratégicas para prevenção; os primeiros socorros; as formas adequadas de cuidar; e as políticas públicas existentes de redução da morbimortalidade, bem como o incentivo para as possibilidades de novas proposições.

A décima terceira aula do curso, ocorrida em 06 de novembro de 2021, foi dividida em duas sessões síncronas com temáticas e docentes diferentes. A primeira sessão matutina foi ministrada por uma mestra em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Intitulada “demandas psicológicas do adolescente no acompanhamento e cuidado de Saúde Mental, no Serviço Público”, a aula abordou o fluxo de acolhimento e acompanhamento, as queixas prevalentes, os sinais e os sintomas característicos dos transtornos mentais, bem como a urgência do acompanhamento com os responsáveis, a história familiar, o compartilhamento dos casos com atores profissionais envolvidos e a atual rede de saúde mental no município do Rio de Janeiro (RJ).

Já a segunda sessão vespertina do dia 06 de novembro de 2021 foi ministrada por uma especialista em Dependência Química pela Universidade Federal do Estado de São Paulo (UNIFESP), com um enfoque para as questões teórico-práticas, relativas à compulsão e impulsividade no uso e abuso de substâncias psicoativas. Intitulada “álcool e outras drogas na adolescência”, a aula abordou as definições, as classificações, as abordagens, os efeitos, as consequências e o panorama histórico das drogas e de seus tratamentos, visando pensar sobre a importância das contribuições do cuidador e das atuais políticas públicas de enfrentamento a esse problema social de saúde pública.

A décima quarta aula, ocorrida em 13 de novembro de 2021, foi dividida em duas sessões síncronas com temáticas e docentes diferentes. A primeira sessão da aula foi ministrada por um dos monitores do curso. Partindo do arcabouço teórico de Ariès (1978), a aula, intitulada “a criança como sujeito histórico”, teve o objetivo de apresentar um panorama histórico da representação social da infância e da adolescência desde as sociedades tradicionais até as sociedades industriais e pós-industriais. Também foram abordadas as temáticas transversais de privação, violência simbólica e o tabu da transexualidade na infância e na adolescência. Logo em seguida, a segunda sessão foi ministrada pelo professor da penúltima aula e foi uma continuação das discussões suscitadas sobre álcool e outras drogas na adolescência, ocorridas inicialmente na sessão vespertina anterior do dia 06 de novembro de 2021.

Por fim, a décima quinta e última aula do curso ocorreu na primeira semana de dezembro, sendo adiada para o dia 04 de dezembro de 2021, em virtude de mais uma alteração no cronograma. A aula foi ministrada por um psiquiatra especialista em psiquiatria da infância e adolescência pelo Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenador do serviço de saúde mental, no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG/UFRJ), do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ. Tendo como título “saúde mental no cuidado a crianças e adolescentes: principais transtornos”, a aula abordou a neurodiversidade, os principais transtornos mentais iniciados nessa faixa etária, suas conceituações

Prescindindo faltas devidamente justificadas com atestados de saúde e/ou de trabalho, para aqueles participantes que frequentaram 90% (noventa por cento) das aulas ministradas, isto é, 26 (vinte e seis) das 29 (vinte e nove) sessões sincrônicas, e preencheram o formulário de avaliação do curso¹¹ de forma adequada, receberam uma certificação oficial de horas de extensão universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), solicitada pela coordenadoria do projeto de extensão “Centro de Cidadania da Praia Vermelha”, vinculado à Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ). Nesse sentido, foram emitidos 34 (trinta e quatro) certificados oficiais. Além disso, como uma forma alternativa de certificar o desempenho de alunos que não atingiram a frequência mínima para certificação, também foram oferecidas declarações oficiais de horas complementares para quem assim as solicitasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da descrição detalhada da experiência supracitada, concluímos que a urgência da ação de extensão está latente em sua própria atualidade e factualidade. Por estarmos inseridos em tempos de segregação, isolacionismo e individualizações, potencializadas pela própria pandemia do novo coronavírus, emergiu a necessidade de mecanismos civis que, mesmo à distância, (re)ligassem vínculos sociais e (re)pensassem as novas modalidades do diálogo interpessoal e da troca de experiências, afetados pela virtualização da comunicação. Nesse contexto, desponta-se a urgência de um espaço (cri)ativo de acolhimento e de suscitação de reflexões entre sujeitos, cidadãos, trabalhadores, investigadores e educadores. Justamente nessa realidade, insere-se o curso de qualificação que analisamos neste breve relato.

O curso remoto de extensão “Qualificação para o Cuidado de Crianças e Adolescentes”, ofertado pelo projeto de extensão “Centro de Cidadania da Praia Vermelha” da Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ), reuniu, no total, 75 (setenta e cinco) graduandos e profissionais experientes em seu corpo estudantil, propiciando trocas positivas de experiências teóricas e práticas entre eles a partir do diálogo e da troca interpessoal. Os debates contribuíram para a autoformação e para o aperfeiçoamento técnico e teórico de ambos, qualificando atuais e futuros profissionais da área do cuidado, do Serviço, da Assistência Social e áreas afins – cada vez mais – reflexivos conscientes dos riscos e das vulnerabilidades sociais em que os sujeitos sociais estão inseridos.

Além disso, a diversidade e a multidisciplinaridade do corpo docente do curso permitiram ainda que fosse possível pensar em temáticas amplas e transversais à ocupação do cuidado voltado à população infantojuvenil. As áreas abrangidas pelas formações e atuações profissionais dos

¹¹ Para visualizar o formulário original utilizado no processo de avaliação do curso de extensão, acesse: <https://forms.gle/3jbGFb9fnVdk6MoA7>.

dos professores convidados pela ação de extensão foram: o Serviço Social, as Ciências Sociais, as Ciências Biológicas, a Saúde Pública e Coletiva, a Enfermagem, a Psiquiatria, a Dependência Química, a Sociologia, o Direito, a Medicina, a Psicologia e a História. Partindo da experiência nos ambientes virtuais do ensino remoto, a interdisciplinaridade do curso incentivou a apreensão crítica da realidade social, o debate e o diálogo interpessoal entre os sujeitos, contribuindo, portanto, para apresentar novos olhares às temáticas urgentes referentes ao cuidado. Assim, destaca-se o enfoque em uma prática multiprofissional, interdisciplinar e em rede, com uma concepção crítica e propositiva da questão social, contribuindo para sua própria transformação. Priorizou-se, ainda, o foco na percepção de riscos e vulnerabilidade social a que crianças e adolescentes se encontram expostos, em medidas de promoção e prevenção se façam presentes, no cerne das políticas sociais.

A partir da ação relatada e da sua instrumentalização pedagógica a partir da ideia de educação popular, foi possível estimular que os discentes inscritos e os ouvintes do curso participassem ativamente do curso e refletissem sobre os conceitos próprios de uma cidadania ativa alicerçada na prática da alteridade, como, por exemplo, o respeito, a inclusão, a ética, a autonomia, a colaboração, a liberdade, a solidariedade, a justiça social e a democracia. Dessa forma, a partir desse espaço (cri)ativo de aprendizagem, mesmo que remoto, e da possibilidade de pensar sobre a urgência social da ocupação do cuidado, conseguimos almejar futuros mais equânimes, justos e democráticos para a totalidade dos sujeitos sociais, a partir da instrumentalização teórico-prática e da formação educacional e sociopolítica de sujeitos para atuarem, de forma engajada, nas demandas reais que emergem seus espaços de atuação e na transformação social. Com o relato dessa experiência, espera-se que profissionais da Educação se sintam engajados e motivados a empreender mudanças sociais a partir da Extensão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suely de Souza. **Violência de gênero e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

ALMEIDA, Beatriz Oliveira de; ALVES, Lynn Rosalina Gama. Lives, Educação e Covid-19: estratégias de interação na pandemia. **Educação**, v. 10, n. 1, p. 149–163, 2020.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: Verus, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

HEILBORN, Maria. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, p. 43-59, 2006.

JEZINE, Edineide Mesquita. “Multiversidade e Extensão Universitária”. In: FARIA, Doris Santos de (Org). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: Editora UNB, 2001.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014 e aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia do Covid-19 e o Ensino Remoto Emergencial: Mudanças na Práxis Docente. **Educação**, v. 10, n. 1, p. 41–57, 2020.

PROJETO DE HUMANIZAÇÃO EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE DISCENTES DE GESTÃO HOSPITALAR

HUMANIZATION PROJECT IN A UNIVERSITY HOSPITAL: EXPERIENCE REPORT OF
HOSPITAL MANAGEMENT STUDENTS

PROYECTO DE HUMANIZACIÓN EN UN HOSPITAL UNIVERSITARIO: INFORME DE
EXPERIENCIA DE ESTUDIANTES DE GESTIÓN HOSPITALARIA

TAYANA CABRAL FIGUEIREDO¹, ANA CRISTINA DE MACEDO SANTOS², ROSIRES
MAGALI BEZERRA DE BARROS³, PÉTALA TUANI CANDIDO DE OLIVEIRA
SALVADOR⁴, LANNUZYA VERÍSSIMO E OLIVEIRA⁵

RESUMO

Este artigo objetiva relatar a experiência do projeto de extensão “Humanizarte UFRN: promovendo Humanização no Hospital Universitário Onofre Lopes”, desenvolvido entre os meses de abril a dezembro de 2019, por quatro docentes e 48 discentes do curso de Gestão Hospitalar da Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. As atividades foram realizadas em quatro etapas: 1) Seleção dos colaboradores; 2) Treinamento dos colaboradores; 3) Realização das intervenções; e 4) Avaliação das intervenções. Conclui-se que as práticas de intervenção com ênfase na humanização, que utilizam estratégias lúdicas e artísticas, além de trazer benefícios para usuários e profissionais dos serviços de saúde contemplados, contribuem com a formação técnica e ética dos discentes envolvidos.

Palavras-chave: humanização. serviços de saúde. ensino. projeto de extensão.

ABSTRACT

This is an experience report of the extension project "Humanizarte UFRN: promoting Humanization at the Onofre Lopes University Hospital", developed between April and December 2019, by four professors and 48 students of the Hospital Management course of the School of Health of the Federal University of Rio Grande do Norte. The activities were carried out in four stages: 1) Selection of participants; 2) Training of volunteers and monitors; 3) Carrying out the interventions; and 4) Evaluation of interventions. It is concluded that intervention practices with emphasis on humanization, which use playful and artistic strategies, in addition to bringing benefits to users and professionals of the health services contemplated, contribute to the technical and ethical training of the students involved.

Keywords: humanization; health services; teaching; extension design.

¹ Graduada em Gestão Hospitalar pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² Graduada em Gestão Hospitalar pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Doutora em Saúde Coletiva. Docente da Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁴ Doutora em Enfermagem. Docente da Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁵ Graduanda na Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo relatar la experiencia del proyecto de extensión “Humanizarte UFRN: promoviendo la Humanización en el Hospital Universitario Onofre Lopes”, desarrollado entre abril y diciembre de 2019, por cuatro profesores y 48 alumnos del curso de Gestión Hospitalaria de la Escola de Saúde da Saúde Universidad Federal de Rio Grande do Norte. Las actividades se realizaron en cuatro etapas: 1) Selección de colaboradores; 2) Capacitación de empleados; 3) Implementación de intervenciones; y 4) Evaluación de intervenciones. Se concluye que las prácticas de intervención con énfasis en la humanización, que utilizan estrategias lúdicas y artísticas, además de traer beneficios a los usuarios y profesionales de los servicios de salud contemplados, contribuyen a la formación técnica y ética de los estudiantes involucrados.

Palabras clave: humanización. servicios de salud. enseñando. proyecto de extensión.

INTRODUÇÃO

A Humanização em saúde é fundamentada no respeito e valorização da pessoa humana e se constitui em um processo que visa à transformação da cultura institucional por meio da construção coletiva de compromissos éticos e de métodos para as ações de atenção à saúde e gestão dos serviços (RIOS, 2009; MONGIOVI et al., 2014). Nessa perspectiva, visa assegurar os direitos dos pacientes e usuários, garantir-lhes a integridade física e psíquica e combater a violência nas instituições de saúde (AZEREDO; SCHRAIBER, 2021).

No âmbito dos serviços de saúde, compreende-se a humanização como um espaço para permitir aos atores envolvidos nos processos de saúde trocas, protagonismo e resolutividade quanto às demandas, em consonância com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2003).

Com esta finalidade surge, em 2003, o então Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH), que posteriormente originou a Política Nacional de Humanização (PNH), a qual deve estar inserida de forma transversal em todas as políticas e programas do SUS (BRASIL, 2003).

Realça-se que a humanização extrapola ações isoladas, mas refere-se a um conjunto de princípios (transversalidade; indissociabilidade entre atenção e gestão; protagonismo, corresponsabilidade e autonomia dos sujeitos e coletivos) e diretrizes (acolhimento; gestão participativa e cogestão; ambiência; clínica ampliada e compartilhada; valorização do trabalhador; defesa dos direitos dos usuários) a fim de produzir mudanças nos modos de gerir e cuidar em saúde (BRASIL, 2003).

Nesse contexto, destaca-se a ambiência como a criação de espaços saudáveis, acolhedores e confortáveis, capazes de favorecer o encontro entre as pessoas. Pois compreende-se que os ambientes dos serviços de saúde possam permitir trocas potentes entre os profissionais da assistência, da gestão e usuários, capazes de potencializar a assistência à saúde (BITTENCOURT et al., 2021).

Ainda que de forma incipiente e pontual, algumas estratégias são utilizadas, em distintos cenários de saúde, com o propósito de consolidar os princípios e objetivos da PNH, a exemplo dos Médicos da Alegria, baseado no programa internacional Doutores da Alegria (TONETE; SANTOS; PARADA, 2008).

Acredita-se que quando um profissional de saúde entra em contato com projetos ancorados na PNH, há melhoria no acolhimento e comunicação com os demais profissionais de saúde, pacientes e seus acompanhantes. Além disso, destaca-se que experiências com este foco, durante a formação profissional, corroboram com a formação profissional- técnica/ética e estética- de qualidade (OLIVEIRA et al., 2017).

Nesse contexto, se insere o projeto de extensão “Humanizarte UFRN: promovendo Humanização no Hospital Universitário Onofre Lopes”. Este projeto surgiu com o propósito de, através de intervenções artísticas realizadas no âmbito hospitalar, promover um ambiente mais humanizado para profissionais, usuários e acompanhantes.

Acredita-se que compartilhar experiências e estratégias de humanização nos serviços de saúde podem subsidiar a replicação de tais experiências. Deste modo, justifica-se o estudo em tela, o qual tem por objetivo relatar a experiência da atuação de alunos de gestão hospitalar em um projeto de humanização desenvolvido em um hospital universitário.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência do projeto de extensão “Humanizarte UFRN: promovendo Humanização no Hospital Universitário Onofre Lopes”, desenvolvido entre os meses de abril a dezembro de 2019, por quatro docentes e 48 discentes do curso de Gestão Hospitalar da Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Salienta-se que o período de execução das ações seguiu o calendário acadêmico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 2019, com previsão de retorno das ações para o início de 2020. Porém, em virtude das mudanças no contexto sanitário pela pandemia de Covid-19, não foi possível, até o presente momento, a retomada das ações no contexto hospitalar.

A ideia deste projeto surgiu a partir do componente de Bioética na Gestão em Saúde, ofertado no primeiro semestre do curso de Gestão Hospitalar da Escola de Saúde da UFRN (ESUFRN), ministrado por uma das docentes colaboradoras deste projeto. Na ocasião, a partir de vivências e reflexões em sala de aula, quatro discentes da turma supracitada, que posteriormente se tornaram monitores deste projeto, viabilizaram a construção desta extensão, ao mobilizar os demais alunos e docentes do curso.

A formação da equipe de docentes se deu por meio de convites a quatro professores com experiência teórico-prática no ensino, pesquisa e /ou extensão na área da Humanização em Saúde.

Com relação aos discentes colaboradores do projeto, quatro eram monitores (responsáveis pelo delineamento do projeto, interlocução com os professores e serviços, bem como organização das ações) e 44 colaboradores, previamente selecionados e treinados pelos monitores. Ademais, todos estavam sob coordenação e supervisão dos professores envolvidos no projeto.

Ressalta-se que o projeto de extensão foi construído pelos discentes monitores, sob supervisão docente, a partir de estudos acerca da PNH, musicalização, teatro e gestão, e posteriormente submetido e aprovado junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFRN.

A autorização para realização das ações nas instalações no Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL) ocorreu após reunião realizada entre a coordenadora do projeto, monitores e diretor clínico da instituição. Nesta ocasião foram realizadas as pactuações quanto aos horários, normas de biossegurança e demais regimentos do serviço e recebida a anuência para início das atividades. Posteriormente, a cópia do projeto foi entregue à direção do hospital para maiores esclarecimentos.

É válido destacar que a equipe executora do projeto cumpriu os preceitos éticos no tocante a preservação da imagem dos pacientes, bem como cumpriram criteriosamente as orientações de biossegurança, a saber: lavagem das mãos antes e depois de entrar no âmbito hospitalar; e não participação das ações quando estivessem com quaisquer manifestações clínicas que sinalizassem adoecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seleção dos colaboradores

O processo seletivo para colaboradores foi divulgado nas redes sociais da Escola de Saúde da UFRN, bem como na rede social do projeto, a saber: @humanizarteufrn. Os interessados responderam a um formulário eletrônico contendo questões sobre a disponibilidade de horário e habilidades para atuar no projeto. O resultado do processo seletivo foi publicado nas redes sociais supracitadas.

Dentro do período de vigência do projeto, 48 discentes participaram do projeto, os quais foram em sua maioria mulheres (44; 91,6%), entre 18 a 25 anos de idade (39; 81,3%) e que cursaram o primeiro período do curso (20; 41,6%).

Com relação aos motivos elencados como motivação para participação do projeto destacou-se o caráter de solidariedade a que se propõe, conforme disposto no quadro 1.

Quadro 1- Motivação para participação do projeto “Humanizarte UFRN: promovendo Humanização no Hospital Universitário Onofre Lopes”, Natal, RN, 2021.

Motivação para participação no projeto	Quantidade de respostas	Porcentagem
Por se tratar de um projeto de humanização, visando ajudar ao próximo	27	56,2 %
Para agregar conhecimentos e experiências	8	16,6 %
Pelo desejo de participar de um projeto de extensão	6	12,5 %
Não responderam	7	14,5 %
Total	48	100 %

Fonte: Arquivos dos autores.

Treinamento dos colaboradores

Após a seleção, iniciou-se as oficinas de treinamento dos colaboradores e monitores, as quais ocorriam às quintas-feiras, com duração média de 1,5 horas. Antecedendo a realização das intervenções no ambiente hospitalar ocorreram seis oficinas preparatórias, as quais foram organizadas pelos monitores, por vezes com a participação de convidados externos em que foram abordados os seguintes temas: I- Humanização em Saúde; II- Noções de Biossegurança; III- Musicalização; IV- Expressão corporal; V- Canto; e VI- Expressão corporal e artística (Figura 1).

Sabe-se que as várias expressões artísticas são excelentes instrumentos de promoção à saúde, favorecem a socialização e diminuem barreiras entre grupos com diferenças etárias, socioeconômica, portanto, profissionais de saúde com habilidades artísticas podem utilizá-las no exercício profissional (WALD, 2015).

É válido salientar que, mesmo após a realização das oficinas preparatórias e início da realização das intervenções, os encontros semanais foram efetuados durante todo o desenvolvimento do projeto, em que o grupo ensaiava as intervenções (músicas e demais mediações artísticas) que seriam apresentadas.

Figura 1- Oficina de expressão corporal e artística.



Fonte: Arquivos dos autores.

Intervenções Realizadas

Foram realizadas 12 intervenções no HUOL, as quais ocorriam aos sábados entre as 9:00 e 11:40 horas da manhã. O início e término das intervenções cumpriu as recomendações da gestão institucional, a fim de respeitar os horários das refeições e medicações dos pacientes e permitir a maior participação destes, bem como dos profissionais de saúde do serviço.

Em virtude do grande quantitativo de colaboradores no projeto, para cada intervenção era selecionado um grupo de 15 a 20 discentes, entre colaboradores e monitores, os quais participavam das intervenções subsequentes em forma de rodízio (Figura 2).

Figura 2- Registro de uma das intervenções realizadas no HUOL



Fonte: Arquivos dos autores.

Ressalta-se que para a realização das intervenções era necessário utilizar calçados fechados, calça jeans, camisa com a identificação do projeto e jaleco. Ademais, todos os adornos eram retirados em cumprimento às normas de biossegurança, estipuladas pela Norma Regulamentadora (NR) 32 (BRASIL, 2008).

Durante as intervenções os colaboradores do projeto ocupavam os corredores das enfermarias da instituição com apresentações de músicas e/ou peças de teatro. As músicas eram escolhidas levando em consideração a mensagem contida na letra e melodia (em respeito ao ambiente hospitalar. Todavia, era comum a ocorrência de pacientes e seus acompanhantes solicitarem músicas que estavam fora do nosso roteiro, pedidos esses que eram atendidos.

Sabe-se que a musicoterapia é uma ferramenta potente para evocar sentimentos, promover mudanças físicas e psicológicas positivas, favorecer a interação e socialização em distintos cenários (FERREIRA; VILELA, 2016; MEDEIROS et al., 2021), além de melhorar a autopercepção de saúde entre pessoas com quadro de adoecimento físico e/ou mental (FRANCO et al., 2021).

Os roteiros das peças de teatro apresentadas abordaram, de forma lúdica e atrativa, temas que emergiram das demandas dos pacientes ou em cumprimento a comemorações específicas, a exemplo do setembro amarelo. Semelhante a experiência de Soares, Silva e Silva (2011), o uso do teatro como estratégia pedagógica se mostrou eficaz para a aquisição de conhecimentos no âmbito da saúde, além de ser recurso de lazer e interação social.

É mister mencionar que durante as intervenções os profissionais de saúde, pacientes e seus acompanhantes relataram os benefícios da intervenção no tocante a “quebrar” a rotina hospitalar e animar o ambiente. Resultados semelhantes ao estudo desenvolvido por Batista et al. (2008) com idosos hospitalizados, em que foi identificado o benefício do uso da conversa, música e teatro para todos os atores envolvidos no ambiente hospitalar.

Avaliação das intervenções

Ao final das intervenções os colaboradores avaliaram, por meio de roda de conversa, o êxito e/ou lacunas da intervenção, compartilhando suas percepções, o que subsidiava o planejamento das intervenções futuras.

Além disso, ao final dos semestres- 2019.1 e 2019.2- realizou-se encontros com todos os colaboradores e monitores, em que foram compartilhadas as opiniões e sugestões acerca do projeto (Figura 3).

Sabe-se que a avaliação, no contexto de quaisquer ações de saúde, favorece a participação e o debate de todos os atores envolvidos no processo, sendo fundamental para o diagnóstico e planejamento contínuo (HARTZ; 1997)

Figura 3- Encontro de avaliação do projeto



Fonte: Arquivos dos autores.

Acrescenta-se que, nesses encontros, os colaboradores mencionavam a relevância e aprendizado, profissional e pessoal, permeado pela participação no projeto. Seja pelo aprofundamento teórico-prático no tocante a PNH, seja pelo aprendizado acerca dos processos para organizar, desenvolver e avaliar as intervenções, mas sobretudo pela possibilidade de amadurecimento através do contato com os profissionais, pacientes e acompanhantes no serviço de saúde.

A experiência deste projeto de extensão foi apresentada pelos discentes na II Jornada Acadêmica de Gestão Hospitalar (pelo qual foi premiado em primeiro lugar na categoria relato de experiência) e no II Simpósio de Empreendedorismo da Gestão em Saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as práticas de intervenção com ênfase na humanização, que utilizam estratégias lúdicas e artísticas, além de trazer benefícios para usuários e profissionais dos serviços de saúde contemplados, contribuem com a formação técnica e ética dos discentes envolvidos.

A escassez de registros quanto às etapas do projeto e o lapso temporal entre sua execução e a escrita deste relato são as limitações deste trabalho. Todavia, espera-se que este relato possa contribuir com a continuação deste projeto posterior a pandemia e retorno das atividades presenciais das universidades, bem como possa subsidiar o surgimento de futuros trabalhos na área da temática abordada.

Por fim, é válido ressaltar que o presente relato de experiência traz uma visão de que é possível realizar a aproximação da gestão com a humanização através de ações baseadas na PNH.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Y.N.; SCHRAIBER, L.B. Autoridade, poder e violência: um estudo sobre humanização em saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. 2021, v. 25, e190838, 2021.

BATISTA, C.L.et al. **O trabalho do clown voluntário: uma investigação sobre intervenções lúdicas por meio da arte em um hospital filantrópico de Florianópolis (SC)**. Licere, Belo Horizonte, v.22, n.2, 2019.

BITTENCOURT, S.D.A et al. Atenção ao parto e nascimento em Maternidades da Rede Cegonha/Brasil: avaliação do grau de implantação das ações. **Ciênc. Saúde Colet** v. 26, n. 3, 801-821, mar. 2021.

BRASIL. **Política Nacional de Humanização**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

_____. **Riscos Biológicos Guia Técnico: Os riscos biológicos no âmbito da Norma Regulamentadora Nº. 32**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

FRANCO, J.H.M. et al. A musicoterapia em oncologia: percepções de crianças e adolescentes em cuidados paliativos. **Escola Anna Nery** , v. 25, n. 5, e20210012, 2021.

FERREIRA, L. VILELA, M. Efeitos da Utilização da Música no Ambiente Hospitalar: revisão sistemática. **Revista Sonora**, v. 6, n. 11, 2016.

HARTZ, ZMA., org. **Avaliação em Saúde: dos modelos conceituais à prática na análise da implantação de programas**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 132 p.

MEDEIROS, J.S.S. et al. Efeito da música como recurso terapêutico em grupo de convivência para pessoas idosas. **Rev Rene**. v.22, e60048, 2021.

MONGIOVI V.G et. al. Reflexões conceituais sobre humanização da saúde: Concepção de enfermeiros de unidades de terapia intensiva. **Revista Brasileira Enfermagem**, v. 67, n. 2, p. 306-311, Março-Abril, 2014.

OLIVEIRA, L.V. Educação em saúde na perspectiva da redução de danos: um relato de experiência. **Rev. Saúde Públ.** Santa Cat., Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 56-68, jan./abr. 2017.

RIOS, I.C. Humanização: a essência da ação técnica e ética nas práticas de saúde. **Rev. bras. educ. med.**v.33, n.2, p. 253-261, 2009.

SOARES, S.M.; SILVA, L.B.; SILVA, P.A.B. O teatro em foco: estratégia lúdica para o trabalho educativo na saúde da família. **Escola Anna Nery**, v. 15, n. 4, p. 818-824, 2011.

TONETE, V.L.P.; SANTOS; R.M.E.; PARADA, C.M.G.E. Percepções da equipe de enfermagem sobre os Médicos da Alegria e a hospitalização de crianças. **Rev. Min. Enferm.**v. 12, n. 2, p. 173-181, 2008.

WALD, G. Arte y Salud: algunas reflexiones para profundizar las potencialidades de análisis del campo. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação.** 2015, v. 19, n. 55, p. 1051-1062, 2015.

